



LAPSO

UM ROMANCE

DENNIS BATCHELDER



LAPSO Copyright © 2023 por Dennis Batchelder.

Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida sem a permissão por escrito do autor, salvo no caso de breves citações em artigos críticos ou resenhas literárias.

Esta é uma obra fictícia. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.

A digitalização, o envio e a distribuição deste livro pela Internet ou através de qualquer outro meio sem a permissão do proprietário de direitos autorais são atos ilegais e, portanto, puníveis por lei.

Traduzido por Virgínia Grangeiro
Publicado em 2023 pela NetLeaves

E-book: ISBN: 978-0-9798056-9-1

Dedicatória

*Para meus três netos perfeitos. Que vocês tenham muitos
primos.*

Prólogo

Cinco anos atrás

- As pessoas morrem nessa história? - a menina de cabelo castanho encaracolado perguntou em um sussurro.

O homem de cabelos grisalhos ponderou antes de responder:

- É uma narrativa sobre o medo de morrer muito cedo, Srta. Zelly.

- Só espero que haja um dragão nela - o garoto disse.

- Eu me certificarei de incluir um dragão, Sr. Simon - ele olhou para as três crianças que estavam em frente à sua cadeira, então, pigarreou. - Era uma vez...

- É um conto de fadas - Simon falou para as duas garotas. - Todos eles começam assim.

- Talvez na Inglaterra, mas não no Brasil - Zelly disse.

A outra menina, alta e esbelta, acrescentou:

- Eles também não começam assim na China. Quer dizer, nenhum que eu já tenha ouvido começa.

O homem sorriu para cada um deles.

- Obrigado, Srta. Zelly e Srta. Ying. Devo continuar? - quando os três balançaram a cabeça, ele falou - Era uma vez um rei que estava muito triste.

- Por que um rei ficaria triste? - Ying perguntou.

- Ele deve ter perdido seu dragão - Simon disse.

- Será que podemos deixar o Sr. Morgan contar a história? - Zelly pediu.

O Sr. Morgan falou:

- Seu jardim mágico estava morrendo e, por isso, ele corria contra o tempo para tentar salvá-lo.

- Um jardim mágico? Sério? - Ying cruzou os braços. - Fomos sequestrados. Nossas famílias foram assassinadas. Desculpe, Sr. Morgan, mas não temos tempo para isso.

- Não podemos mudar o que já aconteceu conosco - Zelly disse -, porém, seria legal ouvir sobre um pouco de magia.

O homem limpou seus óculos, observando-os por algum tempo. Então, contou-lhes a seguinte história:

Era uma vez um rei que estava muito triste. Seu jardim mágico estava morrendo e, por isso, ele corria contra o tempo para tentar salvá-lo.

O jardim era um lugar muito especial. Era onde germinavam as flores mais bonitas e cresciam as frutas, as nozes e os legumes deliciosos que alimentavam os necessitados e não podiam ser encontrados em nenhum outro lugar. As pessoas viajavam até mesmo das terras mais distantes apenas para vê-lo e provar seus frutos mágicos. Ele trouxera paz e prosperidade ao povo do rei. O mundo inteiro estava melhor por conta de sua existência.

Todavia, apenas algumas pessoas especiais podiam cuidar do jardim mágico, já que ele não obedecia a qualquer um. Todos os seus cuidadores nasciam com olhos especiais capazes de ver o que o jardim precisava. O rei tinha esses olhos, motivo pelo qual era um dos cuidadores do lugar desde sua juventude. Ele servira o jardim mágico durante a maior parte de sua vida, cultivando, podando e regando-o à perfeição. Infelizmente, com o tempo, os outros cuidadores haviam envelhecido e falecido, sem que nenhum novo aparecesse para substituí-los. O rei era o último deles, mas também estava morrendo. Fora predito que o jardim desapareceria se, algum dia, perdesse seus cuidadores. Era por isso que o monarca estava triste.

Suspeitando que um rival invejoso estivesse capturando os novos cuidadores, o rei enviou seu dragão em uma missão para resgatá-los. Depois de procurar por toda parte com a ajuda de uma esfera que conseguia detectar os olhos especiais dos cuidadores, o dragão

encontrou o rival e libertou seus prisioneiros. Então, ele voltou ao rei trazendo consigo os últimos três cuidadores do mundo: uma menina de catorze anos do leste, outra de doze anos do sul e um menino de nove anos do norte.

O rei sabia que os três poderiam trabalhar juntos para cuidar do jardim mágico, contudo, eles ainda eram crianças e seus olhos precisavam de tempo – mais tempo do que o monarca possuía – para que pudessem ver o que o jardim precisava.

Ao considerar o que poderia fazer para prolongar o que restava de seus dias, o rei percebeu que só havia uma maneira de salvar o jardim. Decidido, ele fez os preparativos para ser colocado em um sono encantado que o permitiria viver até que os olhos das crianças amadurecessem. O rei falou com sua assistente e ela concordou em governar em seu nome enquanto ele dormia. Em seguida, encontrou tutores que pudessem ensinar às crianças como cuidar do jardim, de modo que, em apenas alguns anos, eles estariam prontos para governar como o príncipe e as princesas da terra.

Quando, por fim, terminou tudo o que tinha planejado, o monarca percebeu que não estava mais triste. Ele se deitou em sua cama e entrou em seu sono encantado, sabendo que o jardim mágico e o mundo viveriam felizes para sempre.

Assim que o Sr. Morgan terminou, permaneceu sentado, enxugando as lágrimas nos cantos de seus olhos. Então, ele disse:

– Hoje, tirarei minha licença. Meu maior desejo é que esta história permaneça com vocês e os ajudem a entender.

Ele se levantou e puxou as três crianças em um abraço apertado. Em seguida, pegou Simon pela mão e o levou para a porta.

Enquanto os seguiam, Zelly sussurrou para Ying:

- É uma metáfora. Ele é o rei e nós somos os novos cuidadores.

- Seremos feitores - Ying falou. - O Sr. Morgan tem um tumor na cabeça. Ele pediu aos médicos que tirassem o tumor e o mantivessem vivo, mesmo sabendo que a cirurgia acabará com o seu cérebro.

- Será que ele sobreviverá até que todos nós tenhamos dezenove anos?

- Eu sou a mais velha - Ying disse. - O Sr. Morgan só precisa viver o suficiente por mim.

Um *Presente*

Ying quer me matar antes que eu complete dezenove anos.

Obviamente, seus desejos e os meus não estão alinhados. Minha necessidade de impedi-la me obriga a me dirigir até nossa sala de aula do campo de treinamento uma hora mais cedo do que o esperado. Não são nem sete horas da manhã, o que realmente acaba com o meu espírito brasileiro, mas preciso da ajuda de Val para sobreviver.

Eu paro na porta da sala e faço uma verificação rápida. Tenho minha redação e meus dados comigo. Minha camisa vermelha com decote em V contrastando com minha pele morena clara define o tom de luta certo. A camisa em V deixa muito do decote à mostra, o que certamente não vai me fazer ganhar pontos com Val. Enfio a barra da camisa na minha calça jeans. Puxo meu cabelo para baixo, como se, de alguma forma, isso fosse convencer meus cachos a se soltarem e caírem sobre meus ombros.

Val está sentada na mesa da professora, digitando em seu notebook. Ela está usando uma blusa verde fresca, calças soltas, sandálias e um delicado colar prateado. Verde, a cor tradicional usada pelos funcionários da Soul Identity, que fica ótimo com seu cabelo castanho-avermelhado na altura dos ombros e sua pele clara.

Val é a CEO interina da Soul Identity. Somos uma organização antiga com nosso próprio vocabulário. CEO é apenas seu título externo. Nós a conhecemos como administradora do último feitor sobrevivente da Soul Identity.

Nossos feitores dirigem o banco mais antigo e rico do mundo. Suas mãos gerenciam os trilhões de dólares que nossos depositários nos confiaram com o intuito de

repassá-los às versões futuras e reencarnadas de si mesmos.

Pilhas de dinheiro simplesmente não podem ficar paradas. Elas devem ser investidas. Você quer minerar asteroides? Acabar com a fome mundial? Conquistar, incorporar ou aterrorizar os países vizinhos ao seu? É só convencer um feitor da Soul Identity de que sua ideia gerará um grande rendimento em algum momento durante as próximas décadas, então, terá todos os fundos de que precisa para obter sucesso.

Por sermos tão antigos, as pessoas tendem a nos confundir com muitas das sociedades secretas que surgiram ao longo da história. Contudo, não fazemos parte dos Illuminati, dos Cavaleiros Templários, do Opus Dei, dos Maçons, do Rosacruzianismo ou mesmo do Fórum Econômico Mundial. Esses caras foram – e continuam a ser – alguns dos nossos maiores mutuários. A verdade é que deixamos que os teóricos da conspiração se concentrem neles, assim, podemos manter um perfil discreto.

Os fatores da Soul Identity aprovam todas as decisões estratégicas de investimento, dirigem a agenda do mundo como se não houvesse ninguém mais sábio do que eles e não respondem a nenhuma autoridade além de si mesmos. Ser um feitor é o melhor trabalho do mundo, e acontece que eu pertencço a uma das trinta e cinco linhagens de almas antigas da Soul Identity. Poderei tomar o meu lugar de direito em cerca de dezoito meses, assim que eu completar dezenove anos.

Isto é, se Ying não me matar primeiro. Ela vai fazer dezenove anos amanhã.

Ao entrar na sala, confiro se Val e eu estamos sozinhas, então, entrego-lhe minha redação. Não se trata de um texto qualquer, mas, sim, da minha última tentativa de convencê-la a tomar medidas imediatas.

– Será que pode ler isso antes da aula? – pergunto. – Só levará um minuto.

Val passa seus olhos pela primeira página.

- O que quer que eu veja, Zelly? - ela pergunta com seu leve sotaque russo.

- Os últimos cinco parágrafos são os que realmente importam.

Ela pula para o fim do texto. Observo seus olhos se moverem de um lado para o outro, assimilando as informações. Suas sobrancelhas se levantam e, em seguida, ela olha por cima do papel, fitando-me brevemente.

Val vira uma página, então, abaixa a redação com uma carranca no rosto e me estuda com firmeza. É o mesmo olhar que ela sempre usa em mim desde que eu, Ying e Simon chegamos ali, há cinco anos; o tipo de olhar que me deixa inquieta e me impele a contar mais do que desejo.

Estragarei tudo se falar algo errado, portanto, pela primeira vez em minha vida, fico de boca fechada.

Ela pigarreia antes de ler em voz alta:

- A exigência de que devemos ter dezenove anos antes de podermos servir é estúpida. Nossa administradora afirma que não pode alterá-la, porém, não é verdade. Ela não está considerando o risco de que o próximo feitor possa eliminar seus futuros colegas.

Permaneço parada, esperando que minha redação seja persuasiva o suficiente.

- Passamos o ano inteiro discutindo sobre isso - Val diz. - Você sabe que eu não tenho autoridade para torná-la feitora antes do esperado e, ainda assim, continua me pedindo. Por que tem tanto medo de Ying?

- Ela bloqueará tanto Simon quanto eu. Depois, provavelmente nos matará - tento esconder minha exasperação, mas acabo falhando. - Isso já aconteceu diversas vezes no passado.

Ela estuda minha redação, em seguida, volta seu olhar para mim.

- Você trata Ying e Simon como se eles fossem seus rivais, mas eu passei os últimos cinco anos os incentivando

para que concluíssem o campo de treinamento, trabalhando em uma cultura colaborativa e os ensinando a serem colegas. Está me dizendo que perdi meu tempo?

Não é isso o que quero dizer. O que desejo que ela entenda é que, sempre que estamos acompanhando os visitantes da Soul Identity em tours – visitantes estes que não têm ideia de que nós seremos seus futuros feitores –, Ying nunca perde a oportunidade de me corrigir e me desmerecer. Quero que Val saiba que todos os dias a pego me encarando com uma expressão inescrutável no rosto; que Ying sempre tenta fazer com que Simon se junte a ela e fique contra mim; e que nunca faz nada disso quando Val e Scott estão por perto.

Todavia, não posso dizer nada disso, pois tudo o que fará é me fazer soar mesquinha.

Forço-me a deixar meus braços caírem ao meu lado.

– Você disse que eu deveria falar com ela e foi isso o que fiz.

Val coloca as mãos sob o queixo, apoiando seus cotovelos na mesa.

– Tudo o que pedi foi uma promessa de não obstrução, mas Ying sequer me concedeu isso – digo. – Ela não é minha colega.

– Ela é praticamente sua irmã. Nunca a machucaria. E, dentro de dezoito meses, você estará servindo ao seu lado.

Encaro o chão, respirando fundo antes de erguer o olhar.

– O que acontecerá se você estiver errada? – pergunto.

Ela cruza os braços.

– Não estou. Ying é uma boa pessoa.

– Porém, se não for, como a Soul Identity se recuperará? Ela estará no comando e todo o trabalho que você teve para mudar nossa cultura... – abro minhas mãos – simplesmente desaparecerá. Poof!

Val se levanta, caminha até a janela e olha para a vista do Puget Sound, em meio às Montanhas Olímpicas,

brilhando friamente sob o sol da manhã de verão.

- Isso é loucura, Zelly.

- Só se não fizer nada. Você precisa tornar todos nós feitores. Agora.

Noto um vislumbre do que espero ser hesitação se formando em seus olhos. Diante disso, digo:

- Realmente quer que eu e Simon sejamos prejudicados e não recebamos nossa herança?

- Claro que não, mas estou fazendo o que o Sr. Morgan queria.

- O Sr. Morgan queria que nós três geríssemos a Soul Identity. Não apenas Ying.

- É verdade - ela diz. - E ele poderia ter mudado o requisito de idade antes de sua cirurgia cerebral, contudo, não o fez.

Cinco anos atrás, logo após um grupo de pessoas terríveis terem nos sequestrado e assassinado todos os atuais e futuros feitores, Archibald Morgan foi diagnosticado com um tumor cerebral inoperável. Percebendo que morreria antes que Ying, Simon e eu tivéssemos idade suficiente para assumir a organização, ele nomeou Val como sua administradora e forçou os médicos a tirarem o tumor, mesmo sabendo que isto acabaria com parte das áreas de pensamento de seu cérebro.

O sacrifício dele deu à Soul Identity e a nós o tempo necessário para crescermos. Fora um plano heroico, embora falho, já que, agora, essencialmente estava dando uma licença para Ying cometer assassinato.

- Simon e eu tivemos tanto treinamento quanto Ying. Estamos prontos - eu digo.

Ela suspira.

- Sinto muito, Zelly. A resposta ainda é não.

Até aquele momento, nossa discussão não se desviara do que já havíamos discutido em outras ocasiões. Contudo, desta vez, eu possuía dados.

- Quero que veja minha última análise - falo, pegando meu celular e projetando uma exibição na tela pendurada na parede atrás dela.

Val se vira para observar a projeção enquanto eu lhe mostro um gráfico da linha do tempo.

- Esses dados dizem respeito aos últimos mil anos - falo.
- Cada linha representa o tempo de serviço de um feitor.

Val se levanta e caminha até a tela, examinando-a.

- Essa é uma maneira interessante de visualizar o trabalho dos feitores.

- Obrigada. Agora, vou sobrepor tais informações com o momento em que novos feitores foram colocados no comando.

Pressiono meu celular e arrasto outra tabela de dados para parte superior do gráfico, fazendo com que pontos azuis apareçam ao longo da linha do tempo.

Ela coloca suas duas mãos nos quadris.

- São muitos feitores executivos.

- Nem tanto - digo. - Lembre-se de que estamos falando de dez séculos. Foram vinte e cinco feitores executivos, cada um servindo uma média de quarenta anos - insiro outra tabela na linha do tempo. - Estes são os últimos dados. Veja o que acontece com os feitores anteriores.

Flechas laranjas brilhantes aparecem, apontando para o fim da linha de cada um dos antecessores. Amplio a imagem.

- Um fato curioso: logo após um novo feitor executivo ser nomeado, oitenta por cento de seus colegas morrem no primeiro ano de sua gestão.

Val estuda o gráfico por alguns minutos.

- Oitenta por cento - digo. - E sequer contabilizei aqueles que nunca chegaram a servir.

Ela esfrega o queixo ao passo que eu me forço a esperar.

- O objetivo do campo de treinamento é quebrar esse padrão - Val diz. - Vocês são diferentes de seus

antecessores. Eu os eduquei para que colaborassem entre si.

- Oitenta por cento - falo. - Está disposta a arriscar nossas vidas na esperança de que seu treinamento irá sobrepôr a capacidade de corrupção do poder?

Nós duas continuamos olhando para a tela sem dizer nada.

Então, Val suspira.

- Tem certeza sobre essa informação?

- Você sabe como eu sou com dados - digo.

Olhamos para a janela. Uma foca coloca a cabeça para fora da enseada. Seus bigodes brilham com gotículas de água. Ela solta um grunhido, tosse e, em seguida, desliza de volta, desaparecendo sob as ondas.

É melhor que Val não aja da mesma forma que aquele animal. Preciso que ela se comprometa.

- Pode me enviar os números brutos?

Eu balanço a cabeça.

- Não podemos esperar até que mais análises sejam feitas. Está na hora de você agir.

Ela aperta a mandíbula.

- Por favor, Val. Não estrague tudo.

Ela estreita os olhos na minha direção. Seguro o seu olhar, querendo fazê-la entender e esperando que eu não tenha ido longe demais.

- Para o seu próprio bem, Zelly - ela diz em um tom comedido -, vou fingir que você nunca esteve aqui.

- Mas...

Val entrega minha redação de volta.

- Apague os últimos parágrafos e entregue o texto novamente.

Eu não pisco, não assinto, apenas seguro as lágrimas por tempo suficiente para dizer as seguintes palavras antes de virar as costas:

- Sim, senhora.

Saio da sala de aula antes de passar vergonha na frente dela. Fecho a porta, resistindo a vontade de chutá-la.

Ying está tentando me matar e Val não me ajudará. Estou por conta própria.

Dois

Saio do campo de treinamento e informo à segurança que estou indo para o parque. Ao vê-la assentir, sigo para o sul, descendo a Beach Drive.

Moramos do outro lado do país, relativamente longe da sede principal da Soul Identity, e como Val passa metade do tempo aqui, comigo, com Simon e com Ying, precisa de guardas em tempo integral para proteger tanto ela quanto a instalação.

Todavia, poucas pessoas sabem quem somos. Faço minhas caminhadas a sós. Meu anonimato me mantém livre da presença sufocante dos guardas.

Amanhã, o manto do anonimato terminará para Ying. Suponho que, assim que ela for revelada, grande parte das pessoas descobrirá que Simon e eu também somos feitores em treinamento.

Porém, isso é só amanhã. Hoje, ainda posso desfrutar da minha liberdade.

Os sábados pela manhã em West Seattle sempre fazem com que as calçadas fiquem lotadas com corredores e passeadores de cães, motivo pelo qual tenho que abrir caminho para chegar ao parque.

Sento-me no meu banco habitual, que fica empoleirado logo acima da praia rochosa. Meu olhar vaga pela água. Evito remoer minha conversa com Val. Em vez disso, deixo minha mente cair no abismo de uma memória de cinco anos atrás.

A cabeça de minha mãe surgiu através da fresta da porta do meu quarto.

- Desça para ver sua avó - mamãe disse ao meu eu de doze anos de idade. - Ela fez pastéis só para você.

- Vou depois que eu consertar este bug - respondi sem desviar os olhos do meu teclado.

Ela entrou e virou minha cadeira, encarando-me.

- Desça. Diga oi para a vovó. Você pode lidar com seu bug depois.

- Só preciso de dez minutos - falei sem realmente vê-la, sem apreciar sua presença.

Ela suspirou, beijou o topo da minha cabeça e saiu.

Nunca tive a chance de me despedir de mamãe, de papai ou de vovó.

Meia hora depois, após ter ignorado os pedidos cada vez mais incisivos de minha mãe para descer, um homem mascarado atravessou minha janela e usou o que eu agora conheço como um leitor de identidade de almas para escanear meus olhos.

O invasor fora contratado por uma organização inimiga: a Fundação Alerta. Ele enfiara uma mordaca na minha boca e prendera meus pulsos e tornozelos com laços zip. O homem me arrastara pela janela enquanto eu ainda tentava lutar. Lá, seu cúmplice pegara meu corpo e me levou para a rua, enfiando-me no banco de trás de uma caminhonete que os aguardava.

Assim que o veículo se afastara, minha infância tranquila chegara ao fim. Através da janela da caminhonete, testemunhei minha casa e minha família explodirem em uma bola de fogo gigante.

De volta ao presente, sentada no banco do parque com vista para a praia, encho meus pulmões com uma inspiração profunda e purificadora, deixando a memória retornar para o fundo da minha mente.

Mesmo que os culpados tivessem sido derrotados após sua tentativa fracassada de assumir a Soul Identity, minha família perecera naquela explosão. Portanto, a melhor maneira de honrar a memória de meus pais e exigir minha vingança é me tornar uma feitora e usar meu poder para garantir a erradicação desses tipos de grupos criminosos.

Infelizmente, Ying e eu estamos em rota de colisão. Val poderia pará-la, mas não o fará por temer ultrapassar seu papel como administradora. Se eu sobreviver pelo próximo

ano e meio, definitivamente não será por ter dependido dela.

Meus olhos seguem uma barça que está sendo puxada para Tacoma. O rebocador está a alguns metros à frente, com seu cabo mergulhado na água. Se eu não visse barças todos os dias, não pensaria que o rebocador está no comando.

Alguns diriam que o fato de eu ter sido uma feitora em minhas vidas passadas faz de mim uma pessoa sortuda, mas aqui vai a verdade: eu sou apenas uma barça. Meu passado é o rebocador, a força que me puxa em qualquer direção que deseje. Foi ele que me tirou dos braços de minha família e, agora, está roubando o meu futuro.

Meu passado é uma faca de dois gumes: um deles é a oportunidade e, o outro, a obrigação. Preciso descobrir o máximo que puder sobre ele, só assim estarei pronta quando sentir seu puxão.

Se não fizer isso, morrerei.

Três

Volto para a sala de aula com apenas oito minutos de atraso.

Simon roubou meu lugar. De novo. Ele sabe que o assento é meu, mas aos catorze anos, ainda se acha no direito de me ensinar uma lição.

- Dormiu, perdeu, Zelly. - Seu sotaque britânico ainda pode ser notado, embora esteja mais fraco do que costumava ser.

Ao passar por trás da cadeira dele, bagunço seu cabelo loiro. Depois, endireito a gravata borboleta que ele sempre usa no campo de treinamento.

Ele agarra meu pulso. Quando se inclina para sussurrar no meu ouvido, noto o aroma de sua colônia:

- Seu professor favorito está chegando.

Sorrio e belisco sua bochecha.

- Você é o meu favorito. Não há mais ninguém.

Jogo minha mochila na mesa do centro e aceno para Ying, que está, como de costume, sentada em sua carteira perto da janela. Ela não nota o cumprimento porque seu nariz está enterrado em um livro de bolso de *O Príncipe de Maquiavel*.

Sua obsessão nos últimos três meses pela obra é um dos sinais de que ela tem algo planejado para mim.

Levanto minha mesa e enfio minha cadeira embaixo.

- Que bom que conseguiu chegar, Zelly - Val diz.

- Desculpe, estou atrasada. Devo ter dormido demais - falo.

Ela balança a cabeça, entrando no jogo e não mencionando nosso encontro anterior.

- Qual é a programação de hoje? - eu pergunto.

- Scott vai nos levar para uma excursão - Val diz. - Ele soube a respeito de uma invenção que afirma ser capaz de mudar completamente a Soul Identity.

Scott Waverly é o namorado de Val. Eles se conheceram há doze anos na Soul Identity. Os bandidos que nos atacaram usaram a tecnologia que ele possuía para nos localizar e matar nossas famílias, mas Scott e Val conseguiram nos resgatar. Isso o transformou em meu herói.

- A parte do “completamente” soa ameaçadora - digo.

- Talvez - ela fala. - Pensei que seria um bom momento de aprendizagem, portanto, hoje vamos visitar a empresa que possui a invenção. Assim, podemos chegar às nossas próprias conclusões.

- Mudar a Soul Identity é uma coisa boa - Ying diz.

Ela está usando um terno com listras verdes, uma blusa branca e saltos pretos baixos. A parte de cima tem ombreiras grandes e as calças boca de sino emolduram seu corpo esbelto. Seu cabelo preto, liso e brilhante está puxado para trás em um coque apertado. Ela parece pronta para tomar seu papel de feitora.

- Qual será a primeira coisa que você mudará amanhã? - pergunto.

Ying sorri.

- Quero fazer algo grande, Zelly. Algo que trará uma nova energia à Soul Identity. Faz cinco anos desde que tivemos um feitor na ativa. Precisamos disso - ela olha para Val. - Digo isso com todo o respeito. Não quero ofendê-la.

- Não me ofendi - Val diz com um sorriso que parece um pouco tenso.

- Talvez essa invenção que Scott encontrou possa ser o que você está procurando - digo à Ying.

Ela esfrega o nariz, mas não responde.

- Vamos lá, garota. Só falta mais um dia. Está animada?

- Deveria parar de me chamar assim, Giselle. Considere uma prática para a nova realidade - Ying coloca seu livro em sua mochila antes de lançar um olhar para Val. - Espero estar pronta.

Uma típica deflexão de Ying com uma enorme dose de humildade falsa. Ela é muito melhor nisso do que eu.

- Você se preparou por quase cinco anos - Val fala. - Está pronta. Amanhã, você se tornará nossa feitora executiva e eu sua apoiadora número um.

Ying sorri.

- Ficarei feliz em ter sua ajuda.

Eu quero vomitar, porém, em vez disso, digo:

- E eu vou ficar feliz em participar da excursão com Scott. Espero que vejamos alguma tecnologia legal.

Assim como Val e seu namorado - e ao contrário de Ying e de Simon -, sou completamente fanática pela tecnologia. Quando morava no Rio, meus pais me deram um PC de presente no meu décimo aniversário. Antes de completar onze anos, eu já tinha criado meu primeiro *mod* para o Minecraft. Então, se tiver silício dentro, pode acreditar que eu estou interessada.

- Scott deve chegar em meia hora - Val fala. - Temos tempo para uma pequena lição.

Simon solta um gemido, mas Val mantém sua atenção em mim.

- Essa é importante - ela diz. - Vocês precisam prestar muita atenção.

Encaro-a de volta.

Ela se levanta.

- Escutem esta declaração: "Interpretamos nossas próprias ações com base em nossas melhores intenções, mas julgamos as ações dos outros com base em nossas piores suspeitas." - Val estuda cada um de nós por algum tempo. - Quem pode me dar um exemplo real desta discrepância?

Pergunto-me se Val escolheu tal lição depois da conversa que tivemos mais cedo e se está tentando me enviar uma mensagem.

Levanto minha mão.

- Se eu critico Ying, acredito que estou ajudando-a a melhorar. Contudo, se ela me critica, acho que está tentando melhorar sua imagem enquanto prejudica a minha.

- Minha imagem muda porque me esforcei para ser a melhor - Ying fala. - Além disso, não preciso colocar seus defeitos em uma bandeja para que eles sejam notados.

Ai.

- Não acha que, às vezes, você assume que eu estou tentando feri-la? - pergunto.

- Eu nunca admitiria algo assim.

- Você não precisa admitir - Val diz. - Todos nós assumimos o pior dos outros em ao menos algum momento de nossas vidas. É por isso que, hoje, aprenderemos como aplicar a IMR, interpretação mais respeitosa, às ações de outras pessoas.

Ela tinha, de fato, escolhido o tópico por minha causa.

Val nos faz praticar como chegar a interpretações mais respeitosas. Simon fala sobre sua supervisora no banco. Ela não sabe que ele é um feitor, é claro, e é extremamente rude com o garoto, jogando insultos, ignorando perguntas importantes e fazendo piadas às suas custas. Chegamos à seguinte IMR: ela está frustrada com seus próprios filhos adolescentes e, por isso, revida lançando sua irritação sobre Simon. Esta é uma visão muito mais respeitosa do que interpretar suas ações como as de uma gerente cruel e incompetente.

Ying levanta a mão e pergunta a Val:

- Qual poderia ser a interpretação mais respeitosa para o fato de Zelly lhe implorar para promovê-la mais cedo?

Como ela sabe disso?

Val aponta para mim.

- Acho que você deve responder essa pergunta, Zelly.

Ying e Val devem ter conversado depois que eu saí da sala do campo de treinamento.

Abro um sorriso falso.

- Estou mais interessada em descobrir como Ying sabe disso. Qual é a interpretação mais respeitosa nesse caso?

Passado alguns minutos em um silêncio desconfortável, Simon diz:

- Eu só quero evidenciar a ironia de que vocês três estão agindo desrespeitosamente durante uma aula de IMR.

Será que Val previu que transformaríamos o conceito em uma arma passiva-agressiva? Ela parece distraída, portanto, é difícil dizer. Em vez de mediar a situação como normalmente costuma fazer, ela informa:

- Vou atrás de Scott. Voltarei logo - Val fecha seu notebook, saindo da sala.

Assim que a porta se fecha, Ying vai até minha mesa.

- Realmente acha que eu quero matá-la?

Encaro-a.

- A carapuça lhe serve? Does the shoe fit? - pergunto em inglês.

Ela levanta as sobrancelhas, suspira e me observa com aquela expressão inescrutável de que parece gostar tanto. Então, um sorriso brilhante surge em seus lábios.

- Tudo o que posso dizer, Zelly, é obrigada.

Eu balanço a cabeça.

- Agora, sabemos de uma vez por todas que você e Simon têm que esperar sua vez.

- É por isso que está me agradecendo?

O sorriso de Ying fica ainda maior.

- Agora, podemos superar isso e descobrir como trabalhar juntas. Você não tem nada a temer de mim.

Que tipo de pessoa sorri para seu acusador?

Apenas as culpadas. Está claro que ela está mentindo, todavia, antes que eu possa confrontá-la, Scott e Val entram na sala com um ar de quem acabou de ter uma discussão.

Quatro

- Antes de trazer vocês três para Seattle - Val diz -, eu prometi ao Sr. Morgan que os envolveria em nossos negócios e que sempre tentaria explicar os princípios que utilizo para tomar minhas decisões. Contudo, há tanto a se aprender que nós não conseguimos ver tudo - ela fala. - Eu gostaria de ter passado mais tempo lhes mostrando exemplos de empresas que tentam nos enganar com informações falsas sobre a linhagem de almas.

Scott está encostado na parede da frente, com a cabeça baixa e os polegares se movendo sobre seu celular. Ele fala:

- Você disse que não faria isso.
- Faria o quê?
- Dizer que é uma enganação. Você não sabe se é ou não
- ele diz, olhando para seu celular.

Val cruza os braços.

- Sempre é. A informação sempre é falsa.

Scott ergue o olhar.

- Dessa vez, parece ser diferente.

Val se dirige a nós:

- Muitas startups alegam possuir informações sobre a linhagem de almas dos ancestrais de nossos membros.

- Elas estão tentando ganhar em cima da grande e não atendida demanda vinda deles - Scott diz. - Eu entendo. Meu único ancestral de alma registrado acabou não sendo do tipo que gosta de falar. Porém, mesmo que ele tivesse me deixado várias cartas, eu iria querer saber ainda mais.

- É uma pena que não haja uma forma de satisfazer esse desejo - Val fala.

- Talvez haja.

Ela suspira.

- Acho que está na hora de você compartilhar o que descobriu com eles.

Hora da tecnologia.

Scott guarda seu celular, dá um passo à frente e enfia as mãos nos bolsos de trás de sua calça, como se estivesse recitando algo de cabeça.

- Um dos meus amigos da segurança, Jeremy, me ligou - ele diz. - No ano passado, ele estava tentando usar o entrelaçamento quântico como um meio de comunicação, para que as pessoas pudessem se comunicar sem que fossem espionadas.

- Entrelaçamento o quê? - Simon pergunta.

- Quântico. É quando duas partículas ficam em harmonia. Contudo, isso não importa. Jeremy se convenceu de que não valia a pena o esforço.

Scott nos conta que Jeremy estava flertando on-line com uma astróloga e que, quando ele se gabou de seu projeto, ela perguntou se o entrelaçamento quântico poderia ajudá-la a fazer a leitura de vidas passadas. Isso fez com que Jeremy se perguntasse se a identidade de alma continuava ligada aos seus portadores ao longo do tempo. Ele disse à astróloga que ela poderia estar à beira de uma descoberta.

- Ela percebeu que ele só estava tentando ir para cama com ela? - eu pergunto.

Scott sorri.

- Se era boa no que fazia, percebeu. Ela o trocou por um viúvo rico do Texas.

Ele diz que Jeremy continuou explorando a ideia e que criou uma tecnologia capaz de ajudar as pessoas a observarem a linhagem ancestral de suas almas através de um processo chamado xanazo, o termo grego para "reviver". Scott pronuncia a palavra como KSAH-nah-zoh e a soletra para nós.

Então, fala que Jeremy ofereceu vender sua empresa e que deveríamos considerar a proposta com seriedade.

- As observações vicárias mostram o passado de uma forma que não podemos propiciar aos nossos depositários. É uma tecnologia que pode atrapalhar os negócios.

- Espera aí - digo. - Observação vicária? Mostrar o passado?

Scott esfrega as mãos.

- Imagine que está dentro da cabeça de um dos ancestrais da linhagem de sua alma. Você não pode mudar nada, mas consegue ver, escutar e sentir tudo o que ele vê, escuta e sente. Uma experiência completamente imersiva. Isso é o xanazo.

Não temos nada parecido, apenas diários antigos e alguns artefatos que exigem que nossos clientes usem suas imaginações para vislumbrarem como as vidas de seus ancestrais eram.

Poder observar a linhagem de sua alma e experimentar em primeira mão tudo o que seus ancestrais viveram seria incrível. Eu amaria fazer isso.

- Parece que pode ser nojento - Simon diz. - Eu não quero sentir tudo que alguém sente ao vomitar, ir ao banheiro, comer comida envenenada ou se machucar.

- Você poderia experimentar a sensação de vencer uma corrida - Ying fala - ou de realizar algo significativo.

- Se for possível escolher quem e o que observar, talvez - Simon diz.

- Quais são as chances disso realmente funcionar? - pergunto.

Scott sorri.

- Não precisamos especular. Nós vamos visitar o laboratório de Jeremy. Vocês poderão ver como o xanazo funciona em primeira mão.

Se eu puder observar a linhagem ancestral da minha alma, posso descobrir formas de me defender e, assim, proteger-me de Ying.

Se bem que, com a tecnologia, ela também pode encontrar formas de me atacar.

Val está mordendo o lábio. Ela provavelmente está pensando o mesmo que eu e percebendo que nós, futuros feitores, poderíamos usar o xanazo de modos nocivos.

Feitores têm essa propensão. Realmente é um bom motivo para se preocupar.

Cinco

Faltam dez minutos para partirmos e Simon está no meu quarto, ajudando-me a consertar meus óculos.

Antes do sequestro, meu sonho era fundar uma empresa de jogos de computador e tirar minha família da classe média. Esse sonho já não existe mais. Eu nunca serei vista como uma feitora se passar todos os dias desenvolvendo jogos; o que é mais um exemplo de como meu passado é capaz de ditar meu futuro.

Porém, consegui lidar com a decepção. Eu já vou ser podre de rica e, querendo ou não, minha família se foi. Hoje em dia, só dou uma de nerd com os dispositivos e apetrechos eletrônicos que podem ajudar a Soul Identity.

O dispositivo em que estou trabalhando no momento é um par de óculos modificado. Se eu olhar para Simon quando os estou usando, duas câmeras minúsculas escaneiam seus olhos. A diferença entre suas duas íris - o que nós chamamos de identidade de alma - é única e exclusivamente dele. Os ancestrais de sua linhagem de alma a possuíam antes de Simon nascer e seus descendentes também a possuirão após ele morrer.

As pessoas nutrem todos os tipos de sentimentos piegas pelos descendentes de sua linhagem de alma. Elas fazem o máximo que podem para ajudá-los a serem bem-sucedidos, motivo pelo qual a Soul Identity continua a prosperar. Estamos há cerca de 2.600 anos guardando o dinheiro e as memórias de nossos depositários, prometendo passá-los para sua linhagem de alma descendente; o que significa que não só temos muito dinheiro para investir, como também possuímos uma grande base de dados com todas as identidades de alma que coletamos ao longo dos tempos.

Enfim, meu código analisa a identidade de alma e recupera o nome da pessoa e seu *status* de nossa base de dados. Se soubermos algo sobre ela, os óculos projetam as

informações nas lentes, como se fosse um monitor de alertas.

Scott diz que, quando eu tiver concluído o projeto, divulgará meus óculos inteligentes para os clientes que usam os aplicativos da Soul Identity. Ele acredita que tanto os buscadores de almas quanto os recrutadores de linhagem de alma os amarão.

Quero lhe mostrar meu progresso, mas, primeiro, preciso exterminar todos os bugs. Um deles faz com que as informações apareçam bem no meio do rosto das pessoas, o que acaba sendo uma distração quando se está querendo falar com elas. Encontrei uma solução na noite anterior e preciso testá-la. Conecto o cabo nos óculos e em meu notebook, abro o depurador e transfiro o código.

Coloco os óculos e encaro Simon, que me fita com os olhos arregalados.

- Não precisa mais fazer isso - falo. - Consertei esse bug na noite passada.

- Finalmente - ele relaxa o rosto. - O que está fazendo agora?

- Ajeitando o local das informações.

Em menos de um segundo, o nome de Simon e os ícones de status aparecem. Infelizmente, eles ainda cobrem seu rosto.

Faço uma careta ao analisar meu código. Ele parece estar certo. Tiro os óculos e verifico o mini monitor de alertas. Está solto e descalibrado. Uso uma microchave de fenda para apertá-lo.

Coloco os óculos de volta. Desta vez, as informações aparecem flutuando acima da cabeça de Simon, onde pertencem.

- Sou um gênio - digo.

- Você é, Zelly - ele diz, olhando para seu celular. - Se não nos apressarmos, vamos nos atrasar para a excursão.

#

O amigo de Scott mora na Ilha Vashon, em Puget Sound, cujo topo fica a quase oito quilômetros ao sul de onde residimos. Para chegar lá, precisamos pegar uma balsa.

Entramos em um dos carros da empresa e Val dirige até o terminal Fauntleroy, entrando com o veículo no barco.

Durante o curto trajeto pela enseada, Scott e eu nos encostamos no parapeito ao lado do carro.

Fecho meus olhos, apreciando a brisa e o movimento da balsa sobre as ondas.

- Deveríamos fazer isso com mais frequência - falo. - Amo estar sobre a água.

Observamos dois corvos-marinheiros, empoleirados sobre um tronco flutuante, tentando secar suas asas. Quando a balsa adentra seu espaço, eles alçam voo.

- Você andava de balsa no Rio? - Scott pergunta.

- Sim, quase todos os finais de semana. Era meu passeio favorito.

Após mais alguns minutos assistindo a brisa mover a espuma branca do topo das ondas, entrego-lhe os óculos modificados.

- Olha só. Acho que finalmente estão prontos.

Ele passa o dedo pelas bordas e por cima das câmeras.

- Conseguiu fazê-los funcionar?

- Coloque-os e veja por si mesmo.

Scott faz como pedido.

Tento não piscar enquanto ele olha para mim, embora saiba que meu software consegue lidar com isso.

- Muito legal - Scott diz. - Eles dizem que você é Giselle Oliveira. Bom trabalho - ele se aproxima do carro e enfia a cabeça pela janela. - Apesar da baixa luminosidade, também posso ver Valentina Nikolskaya e Ouyang Ying. E mais um... Aí está ele, Simon Green.

Ele tira os óculos.

- Incrível, Zelly. O que vem a seguir?

Repito o elogio algumas vezes em minha mente.

- Quero fazer cem pares - eu digo. - Assim, poderemos fazer um teste beta com nossos clientes.

- Você precisará escolher uma fábrica. Posso ajudá-la a solicitar orçamentos.

Voltamos para o parapeito. Ele vira os óculos, estudando-os.

- Pergunto-me se eles poderiam me ajudar a testar nossos novos pontos de acesso de leitura.

Scott encontrara vulnerabilidades nos pontos de acesso que havíamos recentemente instalado em nossos escritórios. Eles exigem um crachá de identificação e a verificação de sua identidade de alma para deixar você passar.

Ao fazer o pedido, Scott especificara que os acessos precisavam confirmar que uma pessoa real os estava usando. Para fazer isso, eles iluminam os olhos do usuário e verificam se suas pupilas se contraem. Assim, não é possível que alguém tente barrar o sistema utilizando uma imagem dos olhos de alguém.

- Faz sentido - digo. - Qual é a vulnerabilidade?

- Vou lhe mostrar - ele fala.

Scott tira um ponto de acesso de sua bolsa, mostra o crachá e aproxima as lentes de seus olhos. Luzes verdes piscam, permitindo seu acesso, exatamente como deveriam.

Em seguida, ele usa uma imagem de seus olhos e a coloca em frente às lentes. Scott mostra seu crachá e luzes vermelhas aparecem, negando o acesso.

- Por enquanto, tudo certo - eu falo.

- Veja isso.

Scott usa seu olho esquerdo em conjunto com uma foto do direito. As luzes verdes aparecem, permitindo o acesso.

- O aparelho verificou apenas que o olho esquerdo é real?

Ele assente.

- É uma grande vulnerabilidade.

Sem dúvida. Se eu quisesse me passar por Scott, poderia criar uma íris direita falsa que, quando combinada com minha própria íris esquerda, resultaria na identidade de alma dele.

Os novos pontos de acesso de leitura parecem ser uma tecnologia de alto nível, contudo, para um hacker sofisticado, eles seriam um sistema de segurança tão simples quanto os antigos leitores de crachá.

Considero o que seria necessário para fazer um ataque aos pontos de acesso com meus óculos. Eu teria que fazer uma análise da íris direita falsa e, então, projetá-la diretamente no acesso, em vez de projetá-la nas lentes do óculos.

Parece divertido.

- Eu adoraria criar uma prova de conceito para você.
- Seria maravilhoso - ele diz. - Com ela, poderei mostrar que eles precisam ser substituídos.
- Vou bolar um código e testá-lo - falo. - Não deve levar muito tempo.

Scott me entrega o aparelho.

- Avise-me quando estiver funcionando.

Seis

Assim que a balsa chega à Ilha Vashton, Scott direciona Val até uma estrada pequena e esburacada que segue pela costa. Ela vira em uma entrada pavimentada e estaciona ao lado de uma van prata convertida.

Nós cinco paramos em frente a uma cabana verde-floresta. Ela tem bordas brancas e uma porta vermelha-brilhante. Uma rampa íngreme, do lado esquerdo, leva até uma varanda no segundo andar. Todas as cortinas deste lado da casa estão fechadas.

Scott vai até a porta e bate. Escuto um clique. Ele vira a maçaneta, entra e gesticula para que o sigamos.

- Desculpe pelo atraso - ele diz enquanto nós adentramos a casa e nos direcionamos para a cozinha.

A sala de estar à frente tem uma vista do chão ao teto do Puget Sound. Scott nos leva pela cozinha e aponta para dois sofás na sala.

- Acomodem-se enquanto vou atrás de Jeremy. - Ele sobe as escadas.

Ying e Simon se sentam, mas eu opto por caminhar pelo chão de madeira, indo até as portas de correr. Abro a do meio e dou um passo em direção ao pátio.

Abaixo, vejo uma praia estreita e rochosa, cheia de troncos de madeira trazidos pela maré. Uma gaivota e um corvo estão brigando por um caranguejo meio comido. A gaivota o pega em seu bico e sai voando. O corvo a persegue e dá um mergulho no ar. Quando a gaivota solta o caranguejo, o corvo o rouba e retorna para a praia.

Val se aproxima, parando ao meu lado.

- Esses pássaros sempre encontrarão um motivo para brigarem entre si, independentemente da quantidade de comida disponível.

- Como eu e Ying - digo. - Embora eu não saiba se sou a gaivota ou o corvo.

- Às vezes, você é o corvo. Outras vezes, como hoje, você é a gaivota. Só tente evitar ser o caranguejo.

Bom conselho.

Olho de esquelha para ela.

- Posso perguntar algo?

- Sempre.

- Como pode ter certeza de que o xanazo é falso?

Val suspira.

- Toda vez que alguém nos mostra algo assim acaba não sendo real. E informações falsas tendem a levar a ações prejudiciais ou até mesmo perigosas. Nosso trabalho é acabar com esquemas como esse antes que eles sejam divulgados e causem uma confusão.

Parecia ser uma questão pessoal para Val. Talvez ela estava recordando o episódio que acontecera há quarenta anos, quando uma de nossos membros fora enganada e passara a acreditar que a bebê Val era a reencarnação de seu falecido marido. Eles tinham coagido a pobre mulher a se matar na esperança de que, assim, marido e mulher seriam reunidos.

- Temo que a tecnologia viralize antes que possamos controlar a situação - ela fala.

- O que não será um problema se ela funcionar, certo?

- Não vai. Coisas assim nunca funcionam.

Observamos o corvo bicar o caranguejo.

- E mesmo que funcione - Val diz -, temos que nos certificar de que a tecnologia não seja abusada.

Duvido que ela realmente esteja preocupada com abusos. É mais provável que Val tema que a Soul Identity perca seu monopólio sobre as informações ligadas às linhagens de alma; o que significa que a insistência de Scott em interromper as aulas de hoje teve como objetivo ajudar Val a lidar com essa mudança.

Ouçõ alguém pigarrear e me viro. Scott está na pequena varanda, parado atrás de nós enquanto protege os olhos da luz solar.

- Jeremy está quase pronto - ele diz. - Vamos para o andar superior.

Nós quatro subimos a escada, que nos leva até um cômodo com uma enorme mesa no centro. Nos cantos, encontram-se duas impressoras 3D, três estações de trabalho - cada uma com duas grandes telas - e um sofá de dois lugares voltado para a janela.

É meu tipo de lugar. Contudo, algo está faltando.

O barulho de uma descarga vem do fundo. A água de uma torneira é fechada e uma porta range ao se abrir.

Jeremy é um homem bonito de pele morena. Ele não deve ter mais do que vinte e cinco anos, possui um peito forte e ombros poderosos que esticam o tecido de sua camisa. Seu sorriso amplo é delineado por um cavanhaque bem-aparado. Jeremy anda em uma cadeira de rodas.

- Bem-vindos ao Chez, Jeremy - ele diz.

Cadeiras. É isso o que está faltando.

Depois de Scott fazer as apresentações, Jeremy e nós nos aproximamos da mesa de trabalho.

Ele fica ao lado da janela.

- Agora, vocês podem desfrutar da vista.

- Obrigado por nos receber mesmo em cima da hora - Scott fala.

Jeremy balança a mão, então, pergunta a Simon:

- Está pronto para a vike, rapaz?

- Vike? - eu pergunto.

- É muito melhor do que chamá-la de observação vicária ou de xanazo - ele diz. - O termo vike é tanto um substantivo quanto um verbo. É versátil.

- Esse não é o nome que ouvimos, Jeremy - Scott fala.

- Um bom nome pode transformar um bom produto em algo notável - Jeremy diz.

Scott põe uma mão sobre o ombro de Val.

- Convença-a de que sua tecnologia é real.

- Vikar é tão real quanto qualquer outra coisa. É incrível. Talvez, até melhor do que transar.

O silêncio que se segue faz Jeremy fazer uma careta.

- Hum, peço desculpas. Eu não recebo a visita de jovens com frequência. Quem está pronto para a vike?

Começo a erguer minha mão, mas, então, Scott diz para Val:

- É você que precisa ser convencida. Que tal ser a primeira?

Ela fita Jeremy com os olhos semicerrados.

- Antes disso, você deveria nos mostrar mais - Val fala.

- Pode deixar - Jeremy leva sua cadeira de rodas até uma estação de trabalho. Ele enfia a mão em uma caixa e tira um gorro preto de esqui coberto por luzes natalinas vermelhas e piscantes. - Isto, meus amigos, é um portal para o espaço vike - diz. - Uma interface de computação cerebral independente.

Jeremy vira o gorro do avesso, mostrando os sensores e transmissores que ficam pressionados contra a parte de trás da cabeça do usuário. Uma grande bateria recarregável permanece acoplada à base do pescoço.

- Qual é a função do gorro? - Val pergunta.

- Já usou fones com cancelamento de ruído? Esta maravilha aqui cancela seus sentidos. Todos eles. Os sensores leem os sinais que vão para o seu cérebro e os transmissores emitem sinais antifase. Aí, ativamos seu PCC e seu cérebro passa a gerar a vike sozinho.

- O que é um PCC? - Simon pergunta.

- Vou lhe mostrar.

Seguimos Jeremy até outra estação de trabalho, onde ele pega um modelo 3D de plástico e em tamanho real de um cérebro. Ele o separa e aponta para uma pequena parte em formato de feijão que se encontra no meio.

- Seu córtex cingulado posterior é mais ativo quando você está sonhando acordado. É ele que permite que possa reviver suas próprias memórias.

- Qual é a parte mágica? - Val pergunta.

- Mágica? - Jeremy pergunta.

- A parte que torna sua empresa especial o bastante para valer a pena ser adquirida.

- Ah - ele diz -, a magia vem de você.

- De mim?

- Bem, para ser mais preciso, vem da Soul Identity. Pode parecer loucura, mas se você se imaginar desenhando o logotipo da Soul Identity antes do gorro ativar seu PCC, será capaz de acessar as memórias dos ancestrais de sua linhagem de alma.

- O nosso logotipo? - Ying pergunta.

Ele sorri.

- Estranho, não é?

- Como é que algo assim poderia funcionar? - Val pergunta.

- É um mistério. Estou certo de que o logotipo é a chave que ativa uma parte primitiva da rede padrão do nosso cérebro, porém, não sei o que acontece depois. Seria uma ressonância quântica através do tempo? Partículas de matéria escura? Ou estaria ligado à alma da pessoa? - Jeremy levanta os braços, em seguida, deixa-os cair.

- Você não sabe como sua invenção funciona - Val fala.

- Não tenho a mínima ideia - ele diz. - Contudo, quando você vika, não se importará em ter uma explicação.

Ying pergunta a Scott:

- O que aconteceu quando você vikou?

- Eu imaginei o logotipo e, em seguida, vi-me em um cômodo escuro cheio de fitas de luz. Cada uma delas era uma linha do tempo que mostrava as memórias dos meus ancestrais de alma.

- É isso o que a experiência é? - Val pergunta. - Sentar-se em um cômodo escuro cheio de fitas feitas de luz?

- Não, ela começou quando eu entrei em uma delas e me tornei Ned Callaghan.

- Ned Callaghan?

- O mineiro de opalas - ele fala. - Meu ancestral de alma. Lembra-se do crânio que encontramos naquela caverna

eslovaca?

Ela assente.

- Você se tornou ele?

- E eu não era mais eu mesmo - Scott diz. - O termo "observação" não faz jus à experiência. Assim como acontece com um sonho, não tenho como descrevê-la, Val. Apenas vike e você verá.

Ela franze o rosto como se tivesse chupado um maracujá azedo.

Eu, contudo, estou mais do que pronta para colocar o gorro, incorporar um dos meus ancestrais de alma e finalmente descobrir como é ser uma feitora. Antes que Val saia de seu surto analítico, levanto minha mão e digo:

- Eu vou primeiro.

Sete

- Gostei da animação, Zelly! - Jeremy diz. Ele aponta para Ying e para Simon. - Vocês devem prestar atenção para que possam vingar depois dela. - Jeremy abre uma pasta e a coloca na mesa de trabalho à sua frente. - Há apenas três coisas das quais devem se lembrar. Primeiro, analisem bem o logotipo para que possam criar sua própria imagem mental.

Ele entrega uma folha de papel laminado com uma imagem: triângulos desenhados ao redor dos Olhos de Hórus.

Contudo, a figura não é exatamente igual ao nosso logotipo. Uso meu celular para acessar nosso website. Comparo a imagem com a do papel. Na nossa, ambos os olhos estão em um único triângulo. Já na de Jeremy, cada um deles é emoldurado por um triângulo; ambos compondo lados diferentes de uma pirâmide.

- Esse não é nosso logotipo - digo.

- Você é perceptiva - Jeremy fala. - Este é o Psychen Euporos original. Encontrei-o em um dos primeiros registros; um que data de quando Thales deu início à organização em Mileto. Seu logotipo atual não permitirá que vike. É necessário usar este. Com os olhos fechados, imagine-se desenhando-o.

Estudo a versão dele. A pirâmide é mais parecida com um diamante, já que a base é quase plana e o topo se alonga. Examino as sobrancelhas, as linhas sinuosas em forma de lágrimas que se encontram penduradas nas pálpebras e os traços que se estendem a partir dos cantos externos. Fecho meus olhos e me imagino os desenhando.

- Segundo - ele diz -, lembrem-se de que Scott mencionou um cômodo escuro com fitas de luz? Ele é o espaço vike. Pode-se ter uma ideia do que está acontecendo em uma linha do tempo ao tocá-la com as costas de sua mão. Quando tiverem escolhido uma delas, pulem sobre a

fita com os dois pés e se segurem firme, porque ela se contorcerá, tentando impedi-los de entrar.

Ying aponta para a cadeira de rodas de Jeremy.

- Como conseguiu pular nela?

- Minhas pernas funcionam normalmente no espaço vike
- ele fala. - Lá, não há paralisia ou cadeiras de rodas. Tudo o que existe é meu verdadeiro eu.

O espaço vike parecia ótimo.

- Por último, lembrem-se de nunca ir até o final de uma fita, pois ele representa o momento em que seu ancestral de alma morreu. Vocês não vão querer vivenciar isso.

- O que acontece se você continuar até lá? - Simon pergunta.

- Alguma vez já teve um sonho em que pula de um penhasco? - Jeremy pergunta.

- Sim, de vez em quando.

- Já chegou a atingir o chão?

- Nunca.

Jeremy arregala os olhos.

- Porque, se tivesse, você morreria instantaneamente.

- Isso é besteira - Ying fala. - Não passa de um mito.

- Tá, você não morrerá se for até o final de uma fita, mas definitivamente sofrerá, já que o tempo é completamente diferente - Jeremy aponta para o meu celular. - Vamos marcar um minuto no seu temporizador. Isso lhe dará cerca de um dia no espaço vike. Se chegar até o final da fita antes que seu PCC seja desativado, ficará presa em uma zona atemporal - ele me encara. - Ou seja, em um local onde o tempo não existe. Imagine estar presa sem qualquer percepção sensorial durante o que parece ser uma eternidade.

Caramba.

Val se volta para Scott.

- Você me disse que era seguro.

- E é - ele encara Jeremy. - Por que os está assustando?

- Não se preocupe - Jeremy fala. - Não vai acontecer. E mesmo que acontecesse, isso não os mataria. Só não seria divertido. É por isso que os estou alertando.

Val se vira na minha direção.

- Tem certeza de que quer fazer isso, Zelly?

- Positivo - olho para Jeremy. - Quanto mais cedo, melhor. É só ficar longe do final das fitas. Pode deixar comigo.

Será mesmo que eles podiam?

Jeremy manda eu me sentar no sofá e colocar meus pés em cima de um banquinho. Ele gira sua cadeira de rodas, ficando na minha frente. Sob suas orientações, coloco o gorro na minha cabeça. Meus cachos espiam por baixo do tecido.

Ele faz com que eu abaixe minha cabeça para que meu pescoço fique apoiado na parte de trás do sofá. Jeremy pega uma folha com um QR code e pede para eu escaneá-lo com meu celular. Sigo as instruções, instalando um aplicativo. Quando a ferramenta solicita a identificação do gorro, Jeremy diz a série de números que devo inserir.

- Agora, clique em *calibrar* - ele fala.

Várias imagens com formatos e cores diferentes surgem na tela. Ouço fragmentos da Abertura 1821, de Tchaikovsky. Então, o celular vibra em pulsos longos e curtos. Pouco depois, uma mensagem com os dizeres *calibração bem-sucedida* aparece.

- E quanto aos meus sentidos? - pergunto.

- Se calibrarmos sua visão, sua audição e seu tato, saberemos o bastante para autocalibrar seu paladar e seu olfato.

- Impressionante - digo.

- Se acha que isso é impressionante, vikar a deixará completamente em choque. Clique em *teste de tato*.

Faço como instruído, deixando, logo em seguida, de sentir meu celular. Vejo-o deslizar das minhas mãos e cair

no meu colo, mas não sinto o baque. Sequer consigo sentir o sofá que está embaixo de mim. É como se eu não pesasse nada.

Concentro-me e guio minha mão esquerda dormente até meu colo. Uso meus dedos como uma garra, pegando o celular. Giro meu pulso para ver a tela e forço minha mão direita a clicar no botão *parar*.

- Continuou sentindo algo? - ele pergunta.

Faço uma análise rápida e balanço a cabeça. Tento me impedir de lançar um olhar para as pernas de Jeremy, mas meus olhos me traem.

Ele nota e sorri.

- Vê-la tentando pegar seu celular fez com que eu me lembrasse dos meus primeiros dias sobre uma cadeira de rodas.

Não consigo me imaginar vivendo sem meu tato.

Clico em *teste de audição* enquanto ele está falando e sinto como se tivesse tocado em um botão de mutar. Os lábios de Jeremy continuam se movendo, contudo, não escuto nada. Tento dizer algo, mas também não consigo me ouvir. Todos os barulhos que sequer percebi que estava ouvindo tinham desaparecido.

Talvez houvesse benefícios em se ter um botão como aquele, só não para mim. Fico feliz ao clicar em *parar* e voltar a escutar até mesmo os menores sons, como o ruído das ondas, o canto dos pássaros, a mão de Simon coçando seu braço, Val sussurrando para si mesma, Scott ajustando sua postura, Ying tamborilando em sua perna e Jeremy respirando.

- Mutou tudo? - ele pergunta.

- Não havia nada além do silêncio.

- Ótimo - Jeremy diz. - O teste de visão para automaticamente após dez segundos.

Clico em *teste de visão* e, subitamente, sinto como se alguém tivesse colocado uma venda sobre meus olhos.

Coloco uma mão no meu rosto para verificar se meus olhos ainda estão abertos e descubro que estão. Assustador.

Após o que parece ser uma hora, volto a ver.

- É isso - Jeremy diz. - Você está pronta para vikar.

Scott pergunta à Val:

- Ainda não está impressionada?

- Só tenho interesse em uma coisa: saber se qualquer informação sobre a linhagem de alma é transferida - Val diz.

- Entendido - Jeremy fala. - Vamos dar início à experiência de Zelly.

Sinto um calafrio ao imaginar o que acontecerá quando meus sentidos desaparecerem. Será que vou surtar?

Mesmo que isso aconteça, não posso desistir; não quando todos estão me observando.

- Manda ver - digo.

- Não se esqueça de desenhar o logotipo - ele fala.

Espero que eu me lembre de como fazer isso corretamente.

- Quando estiver pronta, clique em *vikar* e defina o tempo para um minuto. Ele começará a contar automaticamente assim que você o confirmar.

Clico, defino o temporizador e tudo escurece. Deixo de sentir meu peso. Só o que me resta é o silêncio.

Oito

Nada. Não há som, não há luz. Nenhum sentido de direção ou de temperatura.

Não é tão ruim quanto pensei que seria. Perder todos os meus sentidos de uma só vez permitiu que meu cérebro se adaptasse em vez de tentar compensar a falta deles.

Eufórica e empoderada, percebo que preciso me imaginar desenhando o logotipo da Soul Identity. Contudo, com o que devo desenhá-lo? Um lápis parece simples demais, assim como um pincel.

Armo-me com uma espada. Com três cortes rápidos, esculpo um grande triângulo na escuridão à minha frente. Linhas ardentes de ouro derretido preenchem os cortes que minha espada deixa para trás. Com mais dois movimentos, acoplo um segundo triângulo à imagem.

Minha espada esculpe as sobrelanceias em cada lado da pirâmide e uma luz branca surge no local. Acrescento os dois olhos, desenhando também cada lágrima. Então, passo a esculpir íris azuis no centro. Será que esqueci de algo? Ah, as linhas sinuosas nos cantos. Uso a ponta da lâmina para formá-las.

Assim que termino, a pirâmide se inclina e se move em minha direção rapidamente. Não consigo desviar. Eu grito quando o ouro derretido e a ponta da imagem estão prestes a me atingir no peito.

No momento seguinte, a pirâmide e minha espada desaparecem. Permaneço sozinha no espaço escuro e cavernoso. Começo a me perguntar o que fiz de errado. Será que meu logotipo não estava certo? Será que eu não deveria ter usado uma espada? Será que deveria ter usado apenas uma cor? E acima de tudo: será que estou presa aqui? O temporizador foi definido para parar assim que um minuto tivesse se passado, mas Jeremy também não havia dito que poderia parecer uma eternidade se eu tivesse estragado tudo?

Todos sabem que sou impulsiva e precipitada. Por que me deixaram ir primeiro?

Espera aí.

À minha esquerda, fitas de luz passam a brilhar em várias cores diferentes. O ar quente ao meu redor tem cheiro de canela. Há também um canto fraco, profundo e melódico ao fundo. Sinto um gosto picante na minha boca, bem como a sensação de uma leve brisa tocar em meus braços.

Ela faz cócegas. Olho para baixo e percebo que minhas roupas não vieram comigo para... como era mesmo que Jeremy nomeara este lugar? Espaço vike. Isso mesmo.

Estou sobre um disco plano de um metro e cinquenta de largura. Não consigo ver o chão embaixo dele. Olho para minha esquerda e o disco gira, fazendo-me encarar as fitas.

Deve haver ao menos cinquenta delas. A maioria é curta, possuindo cerca de três metros de comprimento. Scott dissera que elas representavam a linha do tempo dos meus ancestrais de alma, o que significa que apenas alguns dos meus predecessores foram abençoados com vidas longas.

Inclino-me em direção às fitas e o disco avança como um hoverboard futurista. Movimento-me em várias direções, testando-o. Também consigo ir para cima e para baixo ao ficar sobre a ponta dos dedos dos meus pés.

Quero ter um desses discos em casa, não só no espaço vike. É uma pena que ninguém os tenha inventado ainda.

Ziguezagueio ao redor das fitas, descobrindo o que mais posso fazer com o disco. Amo o fato de que ele é capaz de acelerar. Levo apenas alguns segundos para chegar à extremidade de uma das linhas do tempo mais longa.

Retorno para onde estava e encaro as fitas. Está na hora de escolher uma. Lembro-me do aviso de Jeremy sobre evitar o final delas, portanto, elimino todas as que são curtas, ficando com o restante. Ergo-me para poder tocar na que está mais próxima de mim e deslizo cerca de um

terço para o lado, parando no ponto onde ela parece mais grossa e larga.

Estou pronta. Levanto o braço e deixo as costas da minha mão roçarem na fita laranja. Sinto cheiro de enxofre, ouço armas disparando e o som de pessoas gritando. Vejo soldados uniformizados saindo de uma trincheira e seguindo para uma ponte.

Não quero que minha primeira experiência vike seja a de um soldado que está lutando em uma guerra, portanto, afasto a mão. Fico na ponta dos pés para que o disco suba até outra fita comprida, imaginando que ela me levará até um ancestral de alma que veio antes daquele. De preferência, um que tenha vivido em uma época anterior à invenção das armas.

Imagino que devo optar por algo que seja mais calmo. Encontro um ponto plácido que brilha mais em tons de verde e azul do que de laranja e vermelho. Quando minha mão roça na fita, sinto o cheiro de água, ouço gaivotas e vejo ondas se movendo na frente da proa de um pequeno navio. A silhueta de uma ilha pode ser vista à distância.

Como amo o mar, penso que ter uma experiência vike dentro de um navio é perfeita. Só preciso descobrir como começar. Jeremy dissera que a fita tentaria impedir que eu a adentrasse. Faço o disco parar trinta centímetros abaixo da linha do tempo, assim, não cairei muito longe.

A fita flui à minha frente, indo da esquerda para a direita. Pulo e aterrizo com minhas pernas afastadas. Sinto como se estivesse me balançando em uma corda bamba à medida que ela se contorce de um lado para o outro e, em seguida, move-se de cima para baixo. Perco o equilíbrio, aterrissando de bunda no disco.

Ai. Será que meus pés precisam estar sobre o mesmo ponto na linha do tempo? Giro o disco, posicionando-me com a fita à minha esquerda, e uso minha perna esquerda para me impulsionar.

Pulo no ar e junto meus pés, certificando-me de que eles permaneçam paralelos. Levanto os braços com o intuito de me equilibrar e aterrizo com o centro dos meus pés sobre a fita. Flexiono meus joelhos, evitando uma possível queda.

Dessa vez, os movimentos da linha do tempo não são tão repentinos. Meus pés afundam como se eu estivesse pisando sobre a areia de uma praia. Vejo a luz subir pelas minhas canelas. Quando ela chega aos meus joelhos, percebo que meus pés não atingiram o disco. De alguma forma, a luz os absorveu, assim como agora está absorvendo as minhas pernas e minha cintura. Levanto os braços ao passo que ela continua a subir até meu peito, meu pescoço e meus olhos, sobrecarregando-me com um brilho ofuscante. Eu tento...

Nove

- ... coma - você diz com um rosnado. - Agora.

A mulher cruza os braços sobre o grande rasgo em sua blusa. Ela chuta a tigela de barro. Pedacos rançosos de carne e de legumes se espalham no chão, fora da cela.

Você se esquivava dos respingos e volta a se aproximar das barras de madeira.

- O capitão disse que irá me chicotear se algo acontecer com você.

O sorriso dela só mostra alguns dentes amarelos, o resto é gengiva.

- Não importa, tolinha. Eles estão vindo atrás dele. Ele já está morto, só é burro demais para compreender.

Está quente e a cela cheira a urina.

- Tanto faz. Se é o que quer, pode morrer de fome.

Você sai, sobe a escada íngreme que leva ao convés principal e enrola seu cachecol em torno de sua testa, protegendo seus olhos do sol escaldante.

- Ela comeu algo? - pergunta um homem usando apenas um pano ao redor de sua cintura. Seu peito e seus braços estão cobertos por tatuagens grosseiras. Ele pigarreja e cospe por cima do parapeito, atingindo a água azul abaixo.

Você balança a cabeça.

- Ela disse que será resgatada.

O homem gesticula para a vastidão atrás de si.

- Vê alguém se aproximando?

Você observa os três ou quatro quilômetros de água que levam até a montanha de pedra que se ergue no meio da ilha.

- Ninguém.

- Provavelmente estão agradecendo aos deuses por eu tê-la tirado de suas mãos. Devem ter bebido todo o vinho e lutado entre si. Agora, devem estar roncando na praia.

- Provavelmente - você diz -, mas uma boa brisa faria com que desaparecêssemos antes que eles acordem e

percebam.

- Teremos uma à noite - o homem fala. - Enquanto isso, os peixes precisam ser limpos.

Você arrasta os pés até a popa, parando próximo a uma pilha de peixes. Então, pega um bastão robusto e enfia em um deles. O peixe tem cerca de sessenta centímetros de comprimento. Você pega a cabeça, tira uma faca do bolso e se ajoelha no convés. Com movimentos rápidos, remove as barbatanas, corta a barriga e tira as entranhas. Em seguida, separa as ovas do resto, corta a cabeça e a cauda e joga as vísceras e tudo que não utilizará no mar. Você repete o processo uma vez atrás da outra até terminar a pilha e encher uma cesta.

Ao se levantar e sentir seus joelhos estalarem, geme. Você limpa suas mãos em sua túnica e tira as escamas que grudaram em seus braços. As gaivotas estão se banquetecendo com as entranhas. Você vê as barbatanas dos tubarões girando ao redor das últimas cabeças restantes, então, pega a cesta e a leva até a escada traseira. Descendo com ela na mão, seus pés descalços escorregam em uma poça oleosa.

- Por que demorou tanto, garota? - A grande barriga do homem estica o tecido de sua túnica suja. Ele joga seu rabo de cavalo gorduroso para trás, apontando para uma mesa. - Deixe-os ali e saia da minha cozinha.

Você sobe as escadas e caminha até a proa, onde o homem com o pano na cintura está franzindo o cenho para o céu azul.

- Terminou? - ele pergunta.

Você assente.

- Tente alimentá-la novamente.

- Só vai acabar desperdiçando comida - você diz.

- Faça o que eu estou dizendo.

Você desce até a cozinha.

- O capitão quer que ela coma - fala.

O cozinheiro corta cinco pedaços de peixe cru e os coloca em uma tigela de barro com um pouco de vinagre. Ele a entrega.

Você vai para baixo do convés, abaixando-se para evitar as vigas. No caminho, coloca dois pedaços em sua boca. O vinagre arde em sua língua.

A mulher está deitada sobre trapos, encarando a parede.

– Já está com fome? – você pergunta. – Eu trouxe peixe. Está fresco.

Nenhuma resposta.

Você suspira, coloca a tigela no chão e enfia uma mão em sua túnica. Então, pega a chave que balança entre seus seios. Você destranca a porta, apanha a tigela e se agacha ao lado dela.

– Ei. Você está viva?

Nenhuma resposta.

Você ergue a mão e balança o ombro da mulher.

Em questão de segundos, ela agarra seu pulso e o puxa, encarando-a. Ela leva sua mão até a boca e morde seu dedo mindinho.

Você grita à medida que a mulher move a cabeça para frente e para trás. Os dentes dela rasgam sua pele e moem os ossos de seu dedo. A dor atravessa sua mão, vai até seu braço e atinge seu peito. Você joga a tigela na orelha dela, fazendo-a se afastar depois de dar uma última mordida. O sangue escorre pelo queixo da mulher.

Você segura sua mão. Dois terços do seu mindinho desapareceram. Fios pegajosos de sangue e saliva balançam do ferimento.

– Você é um monstro!

Ela lança um olhar feio na sua direção, mastigando lentamente. O osso se quebra. A mulher engole e sorri.

– Pronto, eu comi. Está feliz agora?

Você solta um uivo, lutando para ficar em pé enquanto ainda segura o toco do seu mindinho. Em seguida, fecha a porta, chuta as grades e volta para a cozinha.

- Ela arrancou parte do meu dedo!
- Deixe-me ver. - A verificação do cozinheiro faz lágrimas surgirem em seus olhos. - Não parece ruim. Você ainda tem um toco.

- Aquela selvagem comeu o resto. Ela mastigou e o engoliu enquanto me encarava.

- Ela é agressiva, exatamente o que o capitão precisa. - Ele pega um pano, torce-o e o amarra no toco do mindinho.

- Suba e lave sua mão no mar. Esfregue até o ferimento ficar limpo. Cuidado com os tubarões.

O capitão está no topo da escada.

- O que foi esses gritos? Você a alimentou?

Você mostra o que restou de seu mindinho.

- Levei peixe, porém, em vez dele, ela decidiu comer meu dedo.

Ele ruge, rindo. Em seguida, bate em um dos lados da sua cabeça.

- Isso a ensinará a sempre ficar desconfiada.

Você segue para a popa. Um pequeno barco a remo flutua ao lado do leme. Você desce a escada de corda e entra nele. Inclinando-se sobre a borda, coloca o toco na água. Uma pontada de dor atravessa seu braço, fazendo-a ofegar. Você aperta o mindinho e cutuca o ferimento. Ao ver um rastro de sangue fluindo na água clara e uma barbatana aparecendo, tira sua mão.

Assim que volta para o convés, ouve a risada do capitão vir do andar inferior. Você caminha até a proa e se senta com as pernas penduradas para fora. O sol começa a se pôr, fazendo o céu brilhar em tons de rosa e laranja. Você tira uma harpa de boca de sua túnica e toca melodias à medida que o sol desaparece no horizonte. Com o tempo, o latejar em sua mão diminui.

Quando a escuridão cai, você se levanta, xingando ao bater seu mindinho no parapeito. Você caminha pela popa e...

Dez

Acordo com um solavanco. Meu coração está a mil. Preciso esterilizar meu mindinho antes que fique infeccionado. Tento agarrar minha mão esquerda, fazendo meu celular cair no chão com um baque.

- Zelly - Scott diz.
- Preciso de antibióticos.
- Zelly - ele fala novamente.

Fito-o, em seguida, olho para Jeremy, que está em sua cadeira de rodas. Quando eles embarcaram no navio?

- Dê-lhe um momento - Jeremy diz. - Zelly, você está bem?

A confusão me atinge. Lembro-me da calibração, do logotipo, do espaço vike e de saltar na linha do tempo da minha ancestral de alma.

- Eu... eu estava em um navio, em algum lugar quente. O capitão tinha sequestrado uma mulher e a trancado em uma cela. - Seguro minha mão esquerda. - Meu trabalho era alimentá-la, mas ela rasgou meu dedo com a boca e o comeu.

Simon sorri.

- Zelly foi comida por uma canibal.

Ying senta-se no sofá, ficando ao meu lado. Ela pergunta:

- Como era o espaço vike?

- Exatamente como Scott disse. Estava cheio de fitas de luz. Eu estava sobre um hoverboard que permitia que eu flutuasse até elas.

- Quantas fitas? - ela pergunta.

- Ao menos cinquenta. A maioria era curta. Suponho que estas pertenciam aos meus ancestrais que não viveram por muito tempo.

- Você sabia o que aconteceria antes de entrar na fita? - Ying pergunta.

Assinto.

- Toquei em algumas com as costas da minha mão antes de escolher uma.

- É como ver um trailer? - Simon pergunta.

- Mais ou menos. Fazer isso permitiu que eu tivesse algumas sensações.

Ying diz para Jeremy:

- Quero ser a próxima.

- Ei, eu também quero - Simon fala.

- Vocês podem vikar ao mesmo tempo - Jeremy diz.

Simon acomoda-se no meu lugar, próximo a Ying, que desfaz seu coque para que os sensores do gorro possam se encaixar.

Enquanto os dois instalam o aplicativo e o calibram, pondero sobre a minha experiência vike.

Não me lembro de nenhuma menção sobre velejar nos registros públicos dos ancestrais da minha linhagem de alma. Terei que pesquisar para tentar identificar quem ela era e para onde eu vikei. Posso até tentar rastrear que feitora - se é que ela era uma - não possuía parte do mindinho esquerdo.

Quanto da minha confusão inicial fora causada pela falta de contexto? Se eu soubesse mais sobre ela antes de vikar, será que teria sido capaz de compreender melhor o que minha ancestral de alma estava fazendo?

Não sei quem era a mulher cativa, por que o capitão a queria, como minha ancestral de alma tinha parado lá ou mesmo quando e onde tudo estava acontecendo.

Pensando bem, as chances de que a mulher e a tripulação falassem inglês ou português eram muito baixas. Então, como consegui entender o que eles estavam dizendo? A vike devia estar mostrando percepções e não apenas sinais de sentidos brutos.

Havia muito o que explorar mais tarde.

Ando até a janela e Val me segue.

- Descobriu algo novo? - ela pergunta.

- Tudo era novo.

- Refiro-me a alguma informação que não está documentada na coleção de sua linhagem de alma.

- Eu era uma serviçal a bordo de um navio. Isso foi novo para mim - levanto minhas sobrancelhas. - Você sabe que ainda não posso acessar minha coleção.

- É só vikar e ver por si mesma, Val - Scott diz. - Você não possui ancestrais de alma conhecidos, então, qualquer informação será nova.

- Isso não serve de nada - ela fala. - Não posso verificar se a informação é verdadeira sem registros. Ela poderia não passar de uma invenção e eu nunca saberia.

- Entendo - ele diz. - Você quer obter informações que estejam ligadas a um dos ancestrais conhecidos de sua linhagem de alma, mas que não esteja em nossas coleções, portanto, não saberíamos sobre elas de antemão.

- Isso pode ser verificado de forma independente - Val fala. - Zelly?

Talvez os arquivos tenham registrado que uma das minhas predecessoras não tinha o mindinho. Talvez eles não mencionem que ela trabalhou em um navio, mas eu posso encontrar provas disso em outro lugar.

Ainda assim, são muitos "talvez" a se considerar. Balanço a cabeça.

- Eu também não - Scott diz. - Vikei para o momento em que Ned estava lutando em Galípoli, porém, eu já sabia que ele tinha estado lá.

Jeremy ajuda Ying e Simon a darem início a suas experiências vike. As luzes em seus gorros mudam de vermelho para azul. Ambos estão com as costas apoiadas no encosto do sofá. Seus olhos estão meio abertos e desfocados. De vez em quando, um deles contrai um de seus membros.

- Eu também fiz isso? - pergunto a Jeremy.

- Todos se movem e tem contrações, igual aos cachorros quando estão dormindo - ele fala. - Você soltou um grito

alto logo depois de começar.

Devia ter sido quando pensei que o logotipo que eu esculpira ia perfurar meu peito.

- Só seria preocupante se eles parassem de se mover - Jeremy diz. - Isso indicaria que eles vikaram para o final de uma fita.

As luzes do gorro de Simon ficam vermelhas. Ele se sobressalta, encarando-nos com os olhos arregalados.

- Sua experiência vike terminou, Sy - digo. - Bem-vindo de volta.

Simon fica olhando para mim por um minuto. Ele esfrega os olhos com ambas as mãos.

- Ele está bem? - eu pergunto.

- As experiências de reentrada variam - Jeremy fala. - Ele ficará bem.

- Sy, consegue me ouvir?

- Sim - ele diz. Em seguida, sorri. - Isso foi incrível.

- Para onde você vikou?

- Eu pilotei um avião! Sozinho. Inspecionei a aeronave e decolei. Voei sobre uma cidade, pelo campo e por montanhas altas.

- Você sabia onde estava? - pergunto.

- Em algum lugar na Ásia. Avistei pagodas quando passei pela cidade. E dragões também.

- Dragões de verdade? - pergunto.

- Estátuas de dragões.

Lanço um olhar para Ying. As luzes de seu gorro ainda estão azuis. Ela continua a ter contrações involuntárias.

- Por que ela ainda não voltou? - pergunto a Jeremy.

Ele aproxima sua cadeira de rodas, pega o celular dela e arregala os olhos.

- Algum problema? - eu pergunto.

- Ela definiu o temporizador para seis horas - ele morde seu lábio inferior.

- Não podemos esperar aqui por tanto tempo - Val diz. - Por favor, traga-a de volta.

Jeremy franze o cenho.

- O problema é que eu não posso parar a experiência vike enquanto ela está acontecendo.

- Tirar o gorro da cabeça dela não fará tudo parar? - pergunto.

- Não. Tudo o que ele está fazendo é manter os sentidos dela cancelados. Tirá-lo fará com que a realidade se misture com o que Ying está vendo no espaço vike. Recomendo que não façamos isso.

- Então, para a vike - digo. - Desative... como era o nome mesmo? O PCC?

- Esse é o problema. Eu só sei como ativá-lo.

Val se dirige a Scott:

- Você me disse que isso era seguro.

- Se não consegue parar a vike, é completamente perigoso - Scott fala. - Você deveria alertar as pessoas antes de elas começarem a experiência.

- Pode parar aí - Jeremy diz. - Eu faço questão de informar todos os pontos da minha lista de avisos. Digo às pessoas que elas devem vikar por um minuto e que esse é o tempo padrão. Ying mudou o temporizador por si mesma, teve que marcar que tinha certeza disso e, depois, teve que confirmar o tempo novamente. Ela sabia o que estava fazendo.

- Porém, por mais que você tenha recebido seu consentimento, ela não sabia sobre as consequências - Scott fala.

Jeremy parece estar prestes a argumentar, contudo, em vez disso, suspira.

- Esse é um bom ponto.

Scott acena para Val. Eles vão até a janela, trocando sussurros. Eu peço a Simon para se levantar e tomo seu lugar ao lado de Ying.

Pergunto-me por que ela mudou o tempo. Será que estava competindo comigo e com Simon ou tentando

escavar seu passado como feitora para encontrar uma forma de se livrar de nós?

De qualquer forma, estamos presos aqui até que ela acorde. Sua atitude não é nem um pouco atenciosa e certamente não é um bom presságio acerca da cultura que será implantada na Soul Identity sob sua liderança.

- Ela vai continuar deitada aí por seis horas? - pergunto a Jeremy.

- Basicamente - ele vai até um armário e o vasculha à procura de algo. - Ela vai precisar de uma fralda, só por precaução. Será que poderia colocá-la nela?

- Mas Simon e eu não precisamos de fraldas.

- Vikar é como dormir. Seu corpo continua funcionando normalmente. Contudo, digamos que você se esqueça de ir ao banheiro antes de dormir. Você teria que se levantar no meio da noite.

- E Ying não pode fazer isso enquanto está no espaço vike.

- Exato - ele fala. - Certa vez, vikei por duas horas. Quando acordei, vi que tinha feito xixi nas calças.

Jeremy me entrega uma fralda tamanho adulto com elástico na cintura. Era parecida com as que eu costumava colocar na minha bisavó.

Ele diz:

- Uso-as durante vikes longas, assim, não tenho que limpar a bagunça depois.

- Qual foi sua experiência mais longa?

- Seis horas, porque esse é o tempo máximo que meu aplicativo permite.

Jeremy me entrega um cobertor e eu o coloco sobre a cintura de Ying. Passando minhas mãos por baixo, tiro as botas, as calças e a calcinha dela, então, deslizo a fralda por suas pernas. Coloco as calças de volta e calço seus pés. Dobro a calcinha e a coloco no bolso de sua jaqueta.

- Por quanto tempo a bateria durará? - Val pergunta.

- Por cerca de vinte quatro horas de uso contínuo.

- Vamos levá-la para casa - digo.
Val assente e se dirige a Jeremy:
- Podemos devolver o gorro depois que ela acordar.
- Espera aí - Jeremy diz. - O portal vike é minha propriedade intelectual. Vocês não podem levá-lo.
Ninguém diz nada por algum tempo.
- Veja bem, Jeremy, a Soul Identity está interessada - Scott diz. - Porém, não vamos esperar aqui. Vamos levar Ying para casa.

Onze

Jeremy encara Scott, porém, eventualmente, diz:

- Tudo bem, mas eu quero ter meu portal de volta até amanhã.

- Certo - Scott pega Ying em seus braços e a carrega pela escada.

Quando chegamos à porta da frente, Jeremy já tinha descido pela rampa externa. Ele nos intercepta na van.

- Quando ela acordar - ele diz -, certifique-se de que se alimente. Um PCC ativo consome muita energia. Ela perderá cerca de um quilo durante as próximas seis horas.

Permanecemos em silêncio durante o caminho de volta ao terminal da balsa. Assim que o veículo entra na embarcação e começamos a nos mover, Scott sai do carro. Ele gesticula para que eu o acompanhe.

- Prefiro não - digo. - Sempre me sinto nervosa quando estou a bordo de um barco.

Ele me lança um olhar estranho.

- Você acabou de dizer que está nervosa?

- Sim. Fico assim desde que me lembro.

- No caminho até aqui, você disse que amava andar de balsa.

- Por que eu diria algo assim?

- Eu devo ter entendido mal. Sem problema.

Scott se afasta e eu saio do veículo, indo atrás dele enquanto me mantenho longe do parapeito.

- O que exatamente eu disse hoje de manhã? - pergunto.

Ele conta que falei sobre as ocasiões em que pegava a balsa durante minha infância no Rio e o quanto eu gostava disso.

Quando Scott volta para o carro, observo a água, sentindo meu coração retumbar em meu peito e uma vontade instintiva de retornar para o veículo.

Forço-me a pensar sobre minha cidade natal e sobre as balsas que peguei. Fecho meus olhos e me lembro do

tempo que passei em um barco de pesca com o meu avô, perto da praia de Ipanema e de Copacabana. Recordo do trajeto de balsa até ali, pela manhã.

Espero até meu ritmo cardíaco diminuir. Ainda tenho medo de olhar diretamente para baixo, mas acredito que conseguirei fazer isso após algumas horas de treino.

#

Ao voltarmos para casa, Scott carrega Ying até seu quarto e a coloca na cama. Posiciono dois travesseiros atrás da cabeça e dos ombros dela.

- Vou ficar de olho e avisar quando ela acordar - digo.

- Obrigado. Vejo-as durante o jantar.

Scott sai e eu olho para Ying, perguntando-me novamente por que ela havia definido o temporizador para seis horas.

Talvez Ying sentisse que precisava encontrar uma maneira rápida de ganhar um ano de experiência. Eu também deveria ter feito isso.

Defino meu alarme para o horário em que ela deve acordar. Pelas duas horas seguintes, acomodo-me na mesa dela e trabalho nos meus óculos modificados.

A ideia de Scott de usá-los para burlar os pontos de acesso de leitura parece divertida. Levo uma hora para criar o código. Agora, se eu pressionar o botão de resetar, os olhos da próxima pessoa que eu ver serão usados para gerar a imagem de uma íris direita falsa que, quando combinada com minha própria íris esquerda, corresponderá à sua identidade de alma. Assim, quando eu estiver em frente ao ponto de acesso, poderei pressionar o botão duas vezes para burlá-lo.

Ying ainda está no espaço vike, portanto, ela se torna a cobaia perfeita. Coloco os óculos, pressiono o botão de resetar e uso meus dedos para abrir os olhos dela para poder gerar a íris direita falsa e me passar por sua pessoa. Em seguida, pego o crachá de identificação que está na bolsa dela.

Levanto o ponto de acesso que Scott me deu e mostro o crachá. Pressiono o botão de resetar duas vezes, olhando diretamente para as lentes do leitor.

Infelizmente, as luzes ficam vermelhas.

Penso por um momento. O acesso deve ter ficado confuso ao ver tanto meu olho direito quanto a imagem projetada.

Tento novamente. Dessa vez, fechando meu olho direito.

As luzes ficam verdes. O leitor pensa que eu sou Ying.

Funcionou! Scott vai adorar essa prova de conceito.

#

Uma hora mais tarde, ainda estou aguardando no quarto dela enquanto observo o gorro em sua cabeça.

Quero descobrir qual é o código de Jeremy.

A maioria das placas de protótipos de sistemas embarcados – como a dos meus óculos – permite que o desenvolvedor as atualize e depure através de suas portas de carregamento. Encontro uma entrada USB-C próxima à bateria do gorro.

Posso conectar um cabo à interface do meu computador e dar uma olhada.

O problema com portas como essa é que o sistema para de executar e entra em depuração assim que você insere um cabo. Se isso acontecer quando eu o conectar, o gorro deixará de bloquear os sentidos de Ying, o que, consequentemente, afetará a experiência vike dela.

Contudo, agora que encontrei a porta, meu cérebro não consegue focar em mais nada. Tento me distrair com o código dos meus óculos, mas é como se o gorro na cabeça de Ying fosse uma sereia chamando o meu nome.

Se o portal vike de Jeremy entrar no modo de depuração, posso reiniciá-lo. Eu levaria apenas alguns segundos para fazer isso. Faço as contas. Cinco segundos correspondem a cerca de duas horas no espaço vike.

Será que a necessidade de satisfazer minha curiosidade vale o preço de duas horas de confusão para Ying?

Esse é o tipo de dilema ético que eu gostaria que Val tivesse nos ensinado a resolver durante as aulas do campo de treinamento.

Formo minha própria equação moral. A decisão unilateral de Ying de permanecer mais tempo no espaço vike fez com que eu passasse seis horas como sua babá; por outro lado, meu impacto em analisar o sistema do gorro resultaria, no máximo, em duas horas de confusão para ela.

Parece uma troca justa para mim. Na verdade, Ying deveria me agradecer por ter que lidar com algo tão leve.

Val ficaria impressionada com minhas habilidades éticas de tomada de decisão.

Ainda quero limitar o tempo de confusão de Ying, portanto, pondero o que posso fazer para bloquear seus sentidos. Sigo para o meu quarto e pego meus fones com cancelamento de ruído e minha máscara para dormir. Coloco-as em Ying e tampo suas narinas.

Conecto o cabo. As luzes do gorro ficam vermelhas e o depurador surge na minha tela. Faço o código voltar a rodar em menos de dois segundos.

Ying sofreu cerca de meia hora de confusão sensorial. Ela pode me agradecer depois, quando eu decidir lhe contar a respeito.

Analiso o sistema e descubro que Jeremy codificou o portal vike em Python - uma linguagem de programação - o que me dá acesso à fonte do seu código. Baixo-o no meu notebook, desconecto o cabo e começo a vasculhá-lo.

O código dele é limpo com vários comentários. Ele é dividido em três módulos. A ferramenta housekeeping troca informações com o aplicativo de celular e o gerenciamento de energia. O bloqueio dos sentidos lida com o cancelamento de sinais e a ativação envia comandos ao PCC.

Ignoro as partes chatas da housekeeping e leio os módulos de bloqueio de sentidos. O gorro tem sensores e

transmissores emparelhados com cada um dos sentidos humanos: visão, audição, paladar, tato e olfato. As rotinas de cancelamento leem os dados do sensor próximo ao final do cérebro, calculam o inverso, transmitem-no através dos transmissores e verificam novamente o resultado para uma calibração contínua.

Estou no paraíso nerd. O código de Jeremy é lindo. Quer dizer, a maior parte dele.

O que o está estragando é a parte referente ao módulo de ativação. Ela ultrapassa a duração para manter o PCC ativado, coleta alguns dados do sensor e executa uma fórmula complicada para criar o comando de ativação.

Tento compreender a fórmula. Ela possui um comentário enigmático no início que diz: “# TODO insert refs once GJ shares”.

GJ – quer seja algo ou alguém – escreveu a fórmula que ativa o PCC.

Ainda estou tentando entender a fórmula quando meu alarme toca e as luzes do gorro ficam vermelhas. Ying começa a gemer. Não é um som de dor, parece mais com o barulho que eu faço quando dou uma mordida em um delicioso cheesecake de maracujá.

Doze

Ying faz mais do que gemer. Ela move o quadril para cima e para baixo, de uma forma que me convence de que sua experiência vike envolve atividades muito mais carnavais do que comer um mero cheesecake.

Tiro os lenços de suas narinas, os fones com cancelamento de ruído e a máscara. Em seguida, retiro o gorro e o enfio em minha mochila.

Após alguns segundos, Ying abre os olhos, analisando seus arredores.

- Por que você está no meu quarto? - ela pergunta.

- Bem-vinda de volta - digo. - Quando descobrimos que você alterou seu temporizador para seis horas, decidimos trazê-la para casa.

- Meu temporizador? Ah, sim, eu me lembro. Nós fomos para a Ilha Vashton.

- Lembra-se para onde você vikou?

- Para uma época distante. Eu era um feitor... eles tinham uma quantidade incrível de poder e fizeram tantas coisas.

- Pelo que estava fazendo quando acordou, parece que eles também se divertiam bastante.

Ela sorri, mas não diz nada. Mais uma de suas clássicas reações.

- Que feitor você era? - pergunto.

Ela franze o cenho.

- Talvez seja melhor mantermos nossas experiências vike privadas.

Por que Ying diria isso? O que ela descobriu? E por que não queria compartilhar a informação?

Ying coloca uma mão na cintura e enfia os dedos dentro de sua calça. Suas sobancelhas se erguem.

- Por que estou usando uma fralda?

- Jeremy pediu que eu a colocasse em você para que não fizesse xixi em si mesma. Sua calcinha está no seu bolso.

Em vez de me agradecer, ela franze o cenho. Percebo que se Ying não vai compartilhar o que viu, não há motivos para eu continuar ao seu lado. Pego minha mochila, informo-a que está quase na hora do jantar e saio, resistindo à vontade de bater a porta atrás de mim.

Antes de descer a escada, enfio minha cabeça no quarto de Simon.

- Pronto para comer? - pergunto.

- Sim. Como Ying está?

- Ela está bem. Porém, se recusou a me contar sobre sua experiência vike.

- Então, está agindo normalmente. Isso é bom.

Encosto minha cabeça na moldura da porta.

- Acho que eu estava esperando que ela tivesse mudado.

- De que forma?

Dou de ombros.

- Agora que Ying sabe que não poderemos nos tornar feitores junto com ela, pensei que se aliaria a mim.

- Seria muito improvável - ele fala. - Afinal, você a chamou de assassina.

Solto um suspiro.

- Por que ela não pode conversar comigo sobre isso?

Os olhos dele se arregalam.

- Sério? Não percebe quão intimidante você é para seus colegas, Zelly?

Balanço minha cabeça.

- Eu?

- Você fecha todas as provas, faz questão de liderar todos os projetos em grupo e tanto Scott quanto Val aceitam suas sugestões para quase todos os problemas. Sem falar que você ainda foi abençoada com uma habilidade de computação. Você é intimidante para mim e para Ying.

Coloco o que espero ser uma expressão encorajadora em meu rosto.

- Vocês também são incríveis.

Ele bufa.

- Você suga todo o oxigênio do cômodo, Zelly, e sabe disso.

- Está sugerindo que eu mude?

Simon balança a cabeça.

- Não, mas talvez deva considerar dar um desconto a Ying por ela querer mostrar a todos que também é capaz.

Assinto e sorrio para ele. Em minha mente, contudo, considero que, quanto mais eu puder intimidar Ying, menos provável será que ela se atreva a tentar me matar.

#

Simon e eu atravessamos o pátio em direção ao refeitório, localizado no térreo da casa de hóspedes da Soul Identity, em Seattle.

George e Sue nos cumprimentam alegremente. Alguns anos atrás, eles cuidavam da casa de hóspedes na sede. Depois, trabalharam na nossa divisão de segurança física. Na verdade, foram eles que executaram a operação de Scott que nos resgatou.

Agora, os dois estavam semiaposentados e passavam seus verões cuidando do refeitório; o que era ótimo para mim, já que George era fanático por apetrechos tecnológicos.

Enquanto Simon vai para a cozinha com Sue, eu mostro meus óculos modificados para George. Ele os coloca, soltando vários “ohs” e “ahs”.

- Eles são fantásticos, Zelly. Ou será que eu deveria chamá-la de Giselle Oliveira?

- Zelly é perfeito.

- Eles são muito bons. Você deveria vendê-los para idosos como eu, assim, poderemos nos lembrar dos nomes das pessoas.

George me dá ideias bem legais.

Ele tira os óculos e os entrega para mim.

- Quando posso conseguir um par?

- O que acha de ficar com esses?

- Sério?

Os óculos contêm o hack dos pontos de acesso que fiz para Scott, mas George não seria capaz de usá-lo, já que eu o havia codificado para funcionar apenas com os meus olhos.

Se eu os desse a ele, todos se beneficiariam com o fato de que George passaria a se lembrar de nossos nomes. Scott podia esperar para ter acesso ao hack quando eu criasse outro par.

- Eles são seus - falo.

Ele os coloca novamente.

- Sue, venha ver a nova invenção de Zelly!

- Estou ocupada, meu amor - ela diz. - Você quer que sua refeição queime?

George pisca para mim.

- Algum dia, acabarei dizendo sim apenas para surpreendê-la.

- Eu o desafio a fazer isso.

Ele finge se arrepiar.

- Minha esposa é uma ex-oficial da inteligência. - George abaixa a voz de forma teatral, dizendo - Já lhe contei como ela me salvou da morte nas mãos dos neonazistas?

- Quase todos os dias.

- Bem, são os benefícios da velhice. Sempre tenho novas histórias para contar para vocês.

Enquanto mostro a George como usar a caixa de carregamento, Scott e Val aparecem.

- Ying teve algum problema para acordar? - Val me pergunta.

- Ela estava um pouco atordoada, mas não mais do que nós também ficamos.

Omito o fato de que interferei na sua experiência vike para conseguir o código fonte do gorro.

Pouco depois, quando Ying abre a porta do cômodo, George se aproxima e a observa através dos óculos modificados.

- Boa noite, Ouyang Ying.

Ela dá um tapinha no ombro dele. Então, vai até Val e se endireita, colocando as mãos atrás das costas.

- Sinto muito por ter causado um inconveniente para você, Val.

É irônico vê-la se desculpar com Val quando fui eu quem teve que colocar uma fralda nela e ficar de babá, mas essa é quem Ying é.

- Prometo que isso não se repetirá - Ying diz.

- Fiquei preocupada com você - Val fala. - Como está se sentindo?

Ying cruza os braços.

- Está tudo bem.

- Por que definiu seu temporizador para seis horas? - Scott pergunta.

Boa pergunta.

- Porque esse era o limite máximo. Eu achava que Jeremy me acordaria assim que vocês quisessem partir.

- Hã, esse é o problema - eu digo. - Você assumiu que Jeremy poderia parar a experiência vike. Ele não pode.

Ying ofega.

- Isso é loucura!

- E muito perigoso - Val fala. - A primeira coisa que faremos é resolver os problemas de segurança antes que alguém acabe morrendo.

A primeira coisa que nós faremos?

- Espera aí. Isso quer dizer que você vai comprar a empresa de Jeremy? - pergunto.

- O mais rápido possível - Scott diz. - Toda a tecnologia da observação vicária pertencerá à Soul Identity até a meia-noite de hoje.

Aparentemente, Val fora convencida de que a empresa de Jeremy não era uma farsa.

- Por que a pressa? - pergunto.

- Temos que tirar o negócio do mercado antes que outros descubram seu potencial - Val fala. - Estou dando a

oportunidade de a Soul Identity colher seus frutos.

Realmente parece ser uma ótima oportunidade. Mal posso esperar para vingar novamente.

Contudo, também noto que Val parece estar temerosa em seu último dia como a única pessoa no comando da nossa organização.

Talvez ela esteja com medo da competição em potencial ou, depois de ver Ying vingar por seis horas, esteja questionando sua habilidade de tomar boas decisões.

- Acho que comprar a empresa de Jeremy é uma ótima ideia - Ying diz.

Val sorri.

- Eu tinha certeza de que você concordaria. Vou lhe enviar o primeiro esboço do plano de integração amanhã, logo após a cerimônia.

- Ficarei aguardando ansiosamente - Ying fala.

Eu duvido muito disso. Conhecendo Ying, sei que ela provavelmente já está tramando uma forma de fazer com que Val seja afastada.

Porém, chega de especulação.

Virando-me para Ying, digo:

- Conte-lhe sobre sua experiência vike. Você era um feitor, certo?

Ela franze o cenho na minha direção. Eu levanto minhas mãos e me afasto. Contudo, permaneço próxima o bastante para poder bisbilhotar.

Escuto Scott perguntar:

- Sabe para onde você foi?

Ying diz algo, mas não consigo distinguir as palavras.

- Legal - Scott fala. - Como era estar no Egito?

Ainda não consigo ouvir a resposta dela. Antes que eles possam dizer outra coisa, Sue e Simon saem da cozinha, trazendo várias travessas de comida.

- Quem está com fome? - Sue pergunta.

- Eu estou - George diz. - O que temos para o jantar?

- Para você, salada de repolho, bolo de carne vegana e couve-de-bruxelas assada.

- Sorte a minha.

- E nós temos salmão grelhado com *mac and cheese* - Simon diz.

George suspira.

Ying e eu nos dirigimos para a cozinha. Ela pega os talheres e eu fico com os pratos.

- Por que acha que Val decidiu comprar a empresa de Jeremy tão rápido? - pergunto.

- É um movimento de bloqueio - Ying fala. - Ela está tentando frustrar qualquer concorrente em potencial.

- Isso é benéfico para nós?

- É claro. Pense a respeito - ela diz. - Em apenas seis horas, consegui ter o conhecimento que eu normalmente levaria um ano para ter e fiquei muito mais sábia. Imagine o que aconteceria se eu pudesse experimentar cada um dos momentos das minhas vidas passadas.

- Nós seríamos feitores melhores - digo.

Ying usa o quadril para abrir a porta do refeitório.

- Não sei se eu seria a melhor - ela fala -, mas tenho certeza de que seria extraordinária.

Treze

George e Sue querem que fiquemos no refeitório para jogar jogos de tabuleiro, contudo, logo me dirijo ao meu quarto. Já são oito horas e quero investigar o código de Jeremy antes de termos que pegar o voo para Sterling.

A Soul Identity será a nova dona da tecnologia vike e quero entender como a ativação do PCC do gorro funciona. Posso tentar descobrir como interromper a experiência vike. Além de parecer divertido, minha contribuição pode servir para lembrar Val de que estou pronta para ser uma feitora.

Sem falar que isso me daria a oportunidade de vikar novamente. Estou ansiosa para revisitar minha predecessora no navio. Será que ela tinha se tornado uma feitora ou uma pirata? Quem sabe, ambos. Será que ela havia se apaixonado ou vivera sua existência em solidão?

Há tanto a ser descoberto. Mal posso esperar.

Infelizmente, o tempo é curto. Precisamos estar no aeroporto às quatro e meia da manhã. Duvido que eu vá para a cama, mas defino um alarme para às três e meia, caso eu acabe pegando no sono.

Enquanto dissecó a fórmula do código de ativação, minha mente continua repetindo a conversa que tive com Ying no refeitório, quando ela havia dito como poderia ser uma feitora melhor se experimentasse todos os momentos de suas vidas passadas.

Sinto o mesmo. Seria benéfico testemunhar as experiências dos ancestrais das nossas linhagens de alma, especialmente dos que foram feitores.

Ainda assim, algo está me incomodando. Só não sei o que é.

Volto minha atenção para a fórmula de ativação. Ela está começando a fazer sentido. O LEC, também conhecido como a região do córtex entorrinal lateral do cérebro, produz marcas temporais que se atrelam às memórias. O

código de Jeremy as lê por três vezes, então, prevê qual será a marca temporal quando o tempo definido tiver passado. Em seguida, envia a informação ao PCC para que ele saiba quando adormecer.

Não parece estranho? É como decidir pela manhã em que horário você irá para a cama. Seria, tecnicamente, ótimo; a não ser, é claro, que seus planos noturnos mudem e que você acabe adormecendo sobre seu jantar, com o rosto sobre seu bolo de carne vegana. E tudo porque você definiu o horário errado para cair no sono.

Parece estar ao contrário porque é um hack ao PCC. E hacks nunca são bonitos.

De qualquer forma, é assim que o código de ativação funciona. Agora, estou, mais uma vez, pensando sobre minha conversa com Ying. Percebo que não foi o que ela disse que me incomodou, mas, sim, o que não falou. Quando eu disse que *nós* tínhamos a chance de nos tornarmos feitoras melhores, tudo o que Ying disse foi que *ela* poderia ser extraordinária.

Ela manterá qualquer conhecimento que ganhar no espaço vike para si mesma.

Ou, talvez, eu esteja exagerando. Eu deveria praticar o que Val nos ensinou pela manhã e tentar descobrir qual é a interpretação mais respeitosa para o comportamento de Ying. Mando uma mensagem para Simon, pedindo que ele venha para o meu quarto.

Cinco minutos depois, ele se acomoda na minha cama, já vestido com seu pijama.

- Lembra-se da lição de Val de hoje? - pergunto.

- É claro.

Conto sobre as conversas que tive com Ying; acerca do seu comentário sobre o poder de um feitor, sua recusa em compartilhar o que ela viu em sua experiência vike e como Ying não tinha reconhecido que todos nós poderíamos nos beneficiar com a invenção de Jeremy. Também menciono

que a experiência dela terminou no meio de um encontro sexual.

Quando Simon para de rir, pergunta:

- Você quer descobrir qual é a interpretação mais respeitosa?

- É por isso que eu o chamei.

- Ying teme que, se nos contar sobre sua experiência vike sensual, ela não terá autorização para vika novamente.

- Ah, por favor. Quem poderia impedi-la?

- Bom ponto - ele fala. - Então, que tal isso? Ying se sente envergonhada com a forma como seu feitor ancestral de alma se comportou, que foi muito pior do que temos nos nossos registros, e não quer que ninguém descubra.

Considero a interpretação.

- Imagino que seja possível - digo -, mas ainda sinto que algo está errado.

Nós ficamos em silêncio por um momento.

- Estou sem ideias - Simon diz. - Conte-me sua interpretação não-tão-respeitosa-assim.

Acho que é melhor colocar para fora.

- Ying quer controlar a Soul Identity sozinha - falo. - Ela quer ser a única feitora.

- E, para isso, se livrará de nós dois? - ele coça a cabeça.

- Suponho que ela poderia fazer isso, contudo, também precisaria se livrar de Val.

- Val só mantém sua posição como administradora enquanto o Sr. Morgan é vivo. Ele seria um alvo fácil.

Simon arregala os olhos.

- Isso definitivamente não é uma interpretação respeitosa.

- Não, imagino que não seja - eu digo. - Porém, e se for verdade?

- Poderíamos só perguntar a Ying o que ela quis dizer.

- E se ela mentir?

Ele suspira.

- Estamos andando em círculos. Que tal descobrirmos para qual foi o feitor que ela vikou?

Eu sabia que valeria a pena chamar Simon.

Uso meu notebook para acessar a linha do tempo interativa dos feitores que criei para o projeto capstone do ano passado. Ela sobrepõe um mapa mundial com todas as trinta e cinco linhagens de alma dos feitores.

Clico na imagem de Ying em um menu contendo as últimas pessoas registradas de cada uma das linhagens de alma. Isso reduz nossa lista para nove indivíduos: Ying e oito dos seus ancestrais de alma.

- Ela disse para onde vikou? - Simon pergunta.

- Não, mas escutei Scott falando com Ying. Ele mencionou o Egito.

Verifico o período em que a Soul Identity possuía uma sede na região e adiciono um filtro para incluir o período de 321 a.C a 231 d.C. Ele reduz nossa lista para dois feitores: Philo e Origen.

Lemos sobre eles ao clicar em seus perfis e fazer pesquisas na internet. Leva algum tempo para fazer a conversão das datas exibidas nos perfis da Soul Identity - que estão escritas com base no ano do imperador romano correspondente - às datas da internet, que usam o calendário moderno. Porém, logo as histórias dos dois homens surgem.

Philo era um pensador judeu que viveu em Alexandria, por volta da época de Cristo. Ele não se destaca nos arquivos da Soul Identity. Philo se tornou um feitor aos quarenta e cinco anos. Quinze anos depois, em 40 d.C, ele serviu como embaixador dos judeus alexandrinos em uma viagem para Roma. Lá, Philo perde uma disputa entre os gregos e os judeus na frente do Calígula e morre no ano seguinte.

Origen foi um estudioso cristão e um dos três feitores sob o governo de Demétrio, que era tanto o bispo de

Alexandria quanto o supervisor executivo. Em 231 d.C, uma praga mata seus dois colegas, deixando apenas ele e Demétrio vivos. Algumas semanas depois, Origen se torna supervisor executivo e muda a sede de Alexandria para Cesareia, na Palestina. Demétrio permanece em Alexandria e morre no ano seguinte, com 105 anos. Origen continuou a viver em Cesareia por muito tempo, morrendo aos 69 anos.

Não acho que Ying ficaria animada com a vida de Philo como pensador e diplomata fracassado. Origen se parece mais com o tipo de cara que ela apreciaria.

- Tem que ser Origen - digo. - Dois feitores morrem, um se aposenta, e ele muda nossa sede para outro país. Não tem como você me dizer que isso não é suspeito.

Simon fica pensativo. Ele tamborila os dedos na mesa.

- Espero que seja Philo e que você esteja errada sobre Ying - ele fala.

Não há nenhuma chance de ser Philo.

Assim como passei a temer andar de barco quando voltei de minha experiência *vike* de um minuto, o cérebro de Ying pode ter alterado sua bússola moral após as seis horas que ela passou como Origen; o que significa que eu, Simon e o Sr. Morgan poderíamos estar em um perigo ainda maior.

Precisamos falar com Ying.

Catorze

Enquanto estou contando a Simon como passei a ter medo de barcos depois da minha experiência vike de um minuto, meu celular toca, indicando que recebi uma nova mensagem.

- Ying estará aqui em cinco minutos - eu digo.
- Que bom. Assim, podemos esclarecer isso.
- Aposto que ela quer vika novamente. Devo lhe dar o gorro?
- Não vejo por que não. Afinal, ela estará no comando amanhã.

Pego o gorro e o encaro, perguntando-me se devo apagar o código dele para que Ying não possa usá-lo esta noite. Ou, quem sabe, modificá-lo.

Abro o modo de ativação e adiciono duas linhas de código. A primeira verifica se a duração requisitada é de exatamente seis horas. A segunda - uma linha de código maligna - se iniciará se a resposta for sim.

- O que está fazendo? - Simon pergunta.
- Ah, só consertando um bug.

O que eu não digo é que o bug que estou tentando consertar reside em Ying. É melhor que ele não saiba.

Carrego o novo código no gorro e o desconecto assim que a porta se abre.

- Oi, Zelly. Ah. Oi, Simon - Ying diz. - O que vocês estão fazendo?

- Estamos conversando sobre nossas experiências vike - falo. - Venha, junte-se a nós.

O rosto dela fica sério.

- É melhor mantermos nossas experiências vike privadas.
- Por quê? - Simon pergunta. - Algo ruim aconteceu com você?

Ying olha para ele, mas não diz nada. Em vez disso, ela aponta para o gorro que está na minha mesa.

- Eu estava esperando que você estivesse com ele.
- Preciso devolvê-lo para Jeremy - digo. - Ele virá à meia-noite.

- Ele vai vender sua empresa para nós. Não precisará do gorro.

- Então, devo entregá-lo à Val.

Ela coloca as mãos no quadril.

- Eu preciso usá-lo novamente. Esta noite.

- Não é seguro - Simon fala. - Nós não sabemos como parar a experiência vike.

- É seguro o bastante. Nós três vikamos nesta tarde e estamos bem.

- Bem, não exatamente - eu falo. Conto-lhe sobre o medo que desenvolvi. - Não sabemos as consequências da experiência vike.

- Você deve ter adquirido novas percepções - ela diz. - Isso faz o risco valer a pena.

Ying atravessa o quarto e se senta em minha cama. Simon e eu giramos em nossos assentos para encará-la.

- Preciso ser uma grande feitora executiva - ela fala. - Se eu puder vikar esta noite, ganharei mais experiência e poderei evitar cometer erros.

Eu pego o gorro e digo:

- Eu queria vikar esta noite.

Algo brilha nos olhos dela.

- Sou eu que preciso fazer isso.

Coloco o gorro na minha mesa.

- Bem, você será a chefe amanhã. Então, poderá vikar o quanto quiser.

- Zelly - Ying fala -, eu realmente preciso fazer isso.

Eu a encaro.

- Se quer vikar esta noite, precisa nos contar o que aconteceu durante sua última experiência.

Ela franze o cenho.

- Nossas experiências vike devem permanecer privadas.

Permaneço em silêncio, olhando para o gorro.

Por fim, Ying suspira.

- O que você quer saber?

Dou de ombros.

- Nada em particular. Só conte para quem você vikou e algo legal que seu ancestral de alma fez.

Ela assente.

- Isso é fácil. Passei quase dois anos como Philo, na época em que ele era um feitor em Alexandria.

Será que ela realmente tinha vikado para Philo e não para Origen?

- Você também queria saber sobre algo legal - Ying diz. - Eu estive no Farol de Alexandria, uma das sete maravilhas do mundo antigo.

- Uau - Simon fala.

- Em que ano esteve lá? - pergunto.

- Eu não sei.

- Naquela época, eles contavam os anos com base no imperador - Simon diz. - Quem era?

- Augusto - ela fala.

Simon lança um olhar na minha direção. Nós sabemos que Ying está mentindo, porque Philo só se tornou feitor onze anos após a morte de Augusto, quando Tibério era o imperador.

- Isso é o bastante? - Ying pergunta. - Será que posso, por favor, pegar o portal vike?

Entrego-lhe o gorro e ela se levanta.

- Está carregado - digo. - Eu estava mexendo nele, portanto, lembre-se de calibrá-lo.

Ela olha para seu relógio.

- A que horas vamos para o aeroporto?

- Quatro em ponto - Simon fala.

- Ótimo. Tenho tempo de sobra.

Eu deveria ao menos avisá-la sobre a mudança que fiz no código.

- Espere - digo. - Estive analisando o código. Não vike por seis horas. Não é seguro vikar por tanto tempo em um

único dia.

- Como você saberia sobre os limites de segurança da experiência vike? - ela pergunta.

- Só acredite em mim. Delimite o temporizador para, no máximo, três horas. É muito mais seguro. Sem falar que estará pronta para embarcar no avião a tempo.

Ying me dá um de seus sorrisos enigmáticos antes de sair com o gorro na mão.

Quinze

Simon vai embora logo depois de Ying. Eu não lhe disse como modifiquei o código do gorro.

Deito e tento dormir, contudo, agora já é quase meia-noite e eu ainda estou acordada.

Ao menos alertei Ying. É isso o que fico dizendo para mim mesma enquanto penso sobre a modificação que fiz no código.

Se ela decidir vikar por seis horas, meu código instruirá seu PCC a permanecer ativo até a meia-noite do dia do meu aniversário de dezenove anos. Ying permanecerá no espaço vike durante um ano e meio; até o momento em que eu também me tornarei uma feitora.

Será que Ying prestou atenção no meu aviso?

Durante seu experimento de pensamento com Einstein, Schrödinger zombara do entrelaçamento quântico. Seu gato teórico estava tanto vivo quanto morto até que Schrödinger o observou e acabou entrelaçado com ele.

Apesar de ele ter zombado da ideia, eu conseguia me identificar com ela. Até que eu fosse até o quarto dela e a observasse, Ying estaria tanto acordada quanto dormindo; estaria poderosa e indefesa, confiável e suspeita.

Meu alarme toca às três e meia. Está na hora de verificar se o gato de Schrödinger sobreviveu.

Tudo o que preciso fazer é remover meu código do gorro, assim, não serei pega.

Bato na porta de Ying, mas ela não atende. Está destrancada, portanto, entro.

Ying está vestida com uma blusa e uma saia. Ela está deitada na cama com a cabeça sobre seu travesseiro e seu celular em suas mãos, pressionado contra seu peito.

Ela está usando o gorro. As luzes azuis constantes dele indicam que o espaço vike está ativo. Todavia, seu celular mostra que a experiência terminou há cinco minutos.

Ying ignorou meu aviso. Minha alteração maligna no código funcionou, o que significa que Ying cumpriu apenas seis horas e cinco minutos de sua maratona vike de dezoito meses.

Volto minha atenção ao que preciso fazer. Conecto o cabo do meu notebook em seu gorro, passo pela sessão de depuração e substituo meu código pelo original.

Assim que apago o código alterado, sento-me perto de Ying, vendo seu corpo se contrair involuntariamente, e penso sobre a última vez em que me sentei na cama dela.

Quando eu tinha catorze anos, passei pela porta do quarto de Ying. Ela estava curvada, abraçando seu travesseiro. Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Ao seu lado, encontrava-se um livro aberto com a capa voltada para cima. Era *As 48 Leis do Poder* de Greene.

Sentei-me próximo a ela.

- Qual é o problema?

Ying se virou, encarando a parede.

- Eu estou bem.

Ela não me convenceu, portanto, permaneci ao seu lado enquanto a ouvia fungar. Peguei o livro e o folheei.

Eu disse:

- No Brasil, temos uma palavra chamada saudade. Ela descreve a tristeza que sentimos quando sabemos que algo do nosso passado não acontecerá novamente.

Ying virou o rosto na minha direção.

- Por que está me dizendo isso?

Coloquei minha mão nas costas dela.

- Eu também fico com saudade, Ying.

Ela a afastou.

- Não somos amigas, Zelly. Pare de agir como se fôssemos.

- Você é minha amiga. Provavelmente, é minha melhor amiga.

- Podemos ser cordiais - ela disse -, mas nunca seremos amigas. Não consegue ver isso? Somos feitoras e isso nos coloca em uma posição de desacordo. Não temos escolha.

- Não precisamos agir como nossos ancestrais de alma, precisamos?

Ying revirou os olhos.

- Isso é tão ingênuo. Temos vinte e seis séculos de história que nos mostram como nos comportamos.

- Você não quer sequer tentar manter nossa amizade? Pelo máximo que pudermos?

- Nós nunca seremos mais do que a inimigos. Aceite isso - ela pegou o livro de minhas mãos e voltou a se virar para a parede. - E feche a porta quando sair.

Três anos se passaram e aqui estou eu, de volta ao quarto dela, com Ying deitada em sua cama e sem falar comigo. É quase como antes, exceto pelo fato de que, agora, eu me conformei com meu passado e aceitei os limites de nosso relacionamento.

- Você não me deu outra escolha, garota - estendo uma mão e acaricio a bochecha dela. - Contudo, eu queria que tivesse escutado meu aviso.

#

Tomo um banho rápido, enrolo uma liga em meus cachos molhados e visto calças pretas de yoga e um moletom verde-azulado. Pego meu desodorante, minha mochila e desço as escadas com apenas dois minutos de atraso.

Scott, Val e Simon estão na porta da frente com suas bagagens.

- Onde está Ying? - Scott pergunta.

Como se eu fosse dizer. Dou de ombros, esperando que ele não perceba quão nervosa estou.

- Ela vikou mais uma vez? - Simon pergunta.

- É melhor que não tenha - digo.

- Por que ela estaria vikando agora? - Val pergunta.

- Eu estava com o gorro, mas ela veio pegá-lo ontem à noite.

- Ying já não vikou o bastante ontem?
- Ela disse que queria ter mais experiência antes de se tornar uma feitora.

Simon diz:

- Zelly disse que planejava vikar, mas Ying falou que queria aprender mais antes de hoje.

Scott e Val trocam olhares.

- Vamos procurá-la - Scott diz.

Quando eles sobem as escadas, Simon pega meu braço.

- Encontrei algo interessante. Você sabia que um dos seus ancestrais de alma serviu com Origen?

Balanço minha cabeça.

- Nós teríamos visto isso ontem à noite.

- Você filtrou a busca usando apenas as datas egípcias. Ela se juntou mais tarde, depois que ele mudou a sede para Cesareia.

- Zelly, está me ouvindo? - Scott gritou do andar superior. - Pode trazer seu notebook aqui?

Eles encontraram Ying.

Com minha mochila, subo as escadas correndo. Simon vem logo atrás. Val está no corredor, falando ao celular.

Eu entro no quarto de Ying.

Scott me mostra o celular de Ying.

- O aplicativo diz que a experiência vike terminou, mas as luzes do gorro ainda estão azuis. Jeremy quer nos instruir através da depuração.

- Deixe-me preparar as coisas - eu tiro meu notebook e um cabo USB.

Val entra e coloca seu celular no alto-falante.

- Pode falar, Jeremy. Estamos prontos.

- Vamos lá - Jeremy diz. - Quem está com o depurador?

- Zelly está aqui - Scott fala.

- Oi, Zelly - ele diz. - Certo. Vou lhe dizer o que fazer. Abra seu IDE e inicie uma sessão de depuração.

Ainda bem que pratiquei isso antes.

- Pronto - digo. - E agora?

- Você vai conectar o cabo USB-C no seu notebook e, depois, no gorro. Porém, antes de fazer isso, ouça: isso fará com que o gorro entre no modo de depuração, o que faz com que as coisas fiquem confusas para Ying. Você precisa ser rápida.

Conecto o cabo e envio a sequência de quebra em menos de um segundo. Muito mais rápido do que da última vez, mas não posso dizer isso para eles.

- Certo, estou conectada.

- Ótimo. Agora, Zelly, preciso que você pegue o registro de atividades.

Porra! Registro de atividades? Jeremy vai saber o que eu fiz.

Minha barriga se contrai como se estivesse prestes a ter câibra. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca, tentando parecer indiferente.

Jeremy explica onde encontrar o registro e eu baixo o arquivo no meu computador. Abro o arquivo e Scott se aproxima de mim.

- O que devo procurar? - eu pergunto a Jeremy, mantendo minha voz estável.

- Vá até o final e encontre a linha com o termo *PCCSLEEPTIME*. Assim, poderemos descobrir quanto tempo o PCC dela foi configurado para dormir.

Encontro a linha. Scott a lê e diz:

- Não há um número, Jeremy, apenas a palavra *extrapolado* entre parêntesis.

A câibra desapareceu. Foi por pouco. O registro não mostra minha alteração no código.

Infelizmente, Simon abre sua grande boca e fala:

- Zelly, você disse para Ying não vikar por muito tempo.

Minha barriga acha que Simon deve parar de falar agora mesmo. Lanço um olhar feio em sua direção.

- Você disse que encontrou algo no código - ele fala.

Porra dupla!

- Você viu o código, Zelly? - Scott pergunta.

- Dei uma olhada nele depois do jantar.

E antes também, mas isso é irrelevante.

Preciso encontrar uma saída antes que eu acabe sendo pega. Ainda bem que sou brasileira. Tenho prática em encontrar um jeitinho através das regras e das convenções.

Opto pela distração.

- Jeremy, eu estava lendo sobre a função de ativação do PCC - digo. - O código é super complicado. Quem é esse tal de GJ que vi nos comentários?

- GJ? Do que está falando?

- Coloque na tela - Scott me diz.

Abro a versão original do código.

- Também estou vendo, Jeremy - Scott fala. - É uma linha TODO. Ela diz: "insert refs once GJ shares".

- GJ é alguém que trabalhou nesse projeto? - Val pergunta.

- Não - Jeremy diz. Então, após um minuto, acrescenta - Bem, não de verdade.

- O que isso significa? - Val pergunta. - Você fez alguma menção sobre esse GJ no nosso contrato de compra?

Uma longa pausa.

- GJ me ajudou com a função de ativação do PCC - Jeremy fala. - E não, ele não foi mencionado.

Val toca em seu celular.

- Ele foi mutado - ela diz. - Scott, se não tivermos as assinaturas de todos os inventores, podemos ter problemas com a compra.

- Vamos descobrir como acordar Ying antes de dizer isso para ele - Scott fala.

Val tira do mudo.

- Jeremy, como fazemos Ying acordar de sua experiência vike?

- É melhor eu ir até seu escritório e ver o que podemos fazer.

Quando Val desliga a ligação, diz para Scott:

- Preciso dizer a Sterling para remarcar a cerimônia de hoje. Também ligarei para os advogados e verei que opções nós temos. Você pode trabalhar com Jeremy para tirar Ying da experiência vike?

- É claro - Scott fala. - Simon, aposto que George tem fraldas tamanho adulto. Será que pode pegar uma para Ying?

Assim que Simon volta, expulso ele e Scott do quarto. Coloco a fralda nela e pego sua mão.

Posso estar chateada por Ying ter mentido para mim, bem como assustada com o fato de que ela está aprendendo novas formas de machucar Simon e eu, mas não me sinto orgulhosa por tê-la prendido em sua experiência vike pelos próximos dezoito meses.

Enquanto permaneço sentada ao seu lado, chego à conclusão de que tenho dois desafios quase impossíveis pela frente.

Primeiro: preciso criar um bom plano para sobreviver às tentativas de Ying de bloquear meu futuro como feitora. Não posso usar minha abordagem habitual de ir na cara e na coragem, preciso de algo à prova de falhas.

Segundo: preciso tirar Ying do espaço vike e não esperar os dezoito meses programados, porque, embora eu tenha justificado o que fiz, não quero ser o tipo de feitora que precisa usar a força para conseguir o que quer.

Só que não a acordarei até que eu tenha um plano de sobrevivência. Primeiro as primeiras coisas.

Dezesseis

Jeremy chega antes das seis da manhã. Como não temos um elevador em que ele possa entrar com sua cadeira de rodas, Scott leva Ying para o andar principal e a coloca no sofá. Eu ponho um travesseiro embaixo da cabeça dela e ajeito sua saia.

- Estou preocupado com a mensagem que vimos no registro de atividades - Jeremy diz a Scott. - Quero descarregar a memória e descobrir qual é o valor.

- Isso afetará Ying? - Scott pergunta.

- Apenas pelos dez segundos que levará para descarregar o núcleo - Jeremy fala.

O tempo definido para o PCC dela acordar é o meu aniversário. Se eles virem isso, nunca confiarão em mim novamente.

- Espera aí - eu digo. - Isso fará com que Ying passe por cinco horas de confusão.

Scott assente. Ele pergunta a Jeremy:

- Quão importante é isso?

- Se você quer acordá-la, eu preciso de mais informações.

- O que você está dizendo é que não existe outra forma.

- Não uma que eu conheça.

Eles vão descobrir o que eu fiz, mas não há nada que eu possa fazer para impedir o descarregamento sem acabar fazendo parecer que não me importo com Ying.

Afinal, eu me importo com ela.

- Se precisamos fazer isso - digo -, é melhor bloquearmos os sentidos dela.

Eu subo as escadas e volto com a mesma máscara para dormir e fones com cancelamento de ruído que usei nela antes.

Jeremy liga seu notebook. Ele conecta o cabo no gorro e toca no teclado. Dez segundos depois, fecha o depurador.

Tiro os fones e a venda de Ying. Enquanto isso, Jeremy começa analisar o descarregamento da memória.

Passo a imaginar o que eu direi quando eles me pegarem.

Após dois minutos de antecipação e de nervosismo, Jeremy solta um suspiro.

- Encontrou algo? - Scott pergunta.

- Nada - ele diz. - A memória era só lixo coletado.

Coloco uma expressão triste no meu rosto, porém, por dentro, estou dançando de alívio.

Jeremy fecha seu notebook.

- Vou continuar procurando. Enquanto isso, ela precisará de um tubo de alimentação e algo que seja melhor a longo prazo do que fraldas. Vocês têm um médico de confiança?

- Temos - Scott mexe em seu celular. - Alguém virá em breve.

Pergunto a Jeremy:

- Qual foi o maior período pelo qual você já vikou?

- Por duas experiências vike de seis horas em um dia - ele fala.

- Algum efeito colateral? - Scott pergunta.

- Nenhum que eu tenha notado - Jeremy diz. - Contudo, o que está me incomodando é o tempo vike, ou seja, o que acontece quando se chega ao final de uma fita.

- Vikar além do término de uma linha do tempo - eu digo.

- Exatamente. Isso é capaz de bagunçar a mente de qualquer um.

Eu pergunto:

- Bagunçar quanto?

- Passei menos de um minuto no final da fita - ele diz - e nunca mais quero passar por esse tipo de tortura novamente. Quando voltei, eu desmaiei. Levei uma semana para me recuperar e ainda tenho pesadelos a respeito.

- Tudo por conta de um minuto? - Scott pergunta.

Jeremy fala:

- Ninguém poderia sobreviver por cinco minutos.

- Não foi isso que você nos disse quando estávamos na sua casa - eu digo, pensando que nunca me perdoarei se Ying morrer em sua experiência vike.

Jeremy suspira.

- Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer.

Ele não tinha considerado que alguém como eu poderia modificar seu código.

- Precisamos descobrir quanto tempo temos antes que ela chegue ao final de uma fita - falo.

Scott assente.

Simon me pergunta:

- Acha que ela voltou a ser Origen?

- Ying sempre gostou de dominar uma matéria antes de passar para outra - eu digo. - Tenho certeza de que ela voltou.

- Como vocês sabem para onde ela foi? - Scott pergunta.

- Pelo que Ying disse, sua primeira experiência vike foi por volta do ano 231 - Simon fala.

Scott assente.

Uso meu celular para pesquisar sobre Origen mais uma vez.

- A Wikipedia diz que ele morreu por volta de 253 - digo.

- A última experiência vike dela durou seis horas, o que Jeremy disse que corresponde a um ano de uma fita.

- Ao menos um - Jeremy fala. - Depende da entrada sensorial. Pode ser mais próximo de dois anos.

- Isso significa que a última experiência vike de Ying terminou, no máximo, em 233 - eu falo. - E se ela voltou para o ponto onde parou, tem cerca de vinte anos restantes.

- Então, são em torno de sessenta horas - Scott diz. - Quanto tempo já se passou?

- Desde as nove e quarenta e sete da noite passada - Jeremy fala -, quase nove horas.

- Isso significa que ela tem cinquenta e uma horas restantes - Scott diz. - Mais ou menos.

Nossa Senhora! Eu só queria parar Ying, porém, agora, se não conseguir acordá-la nos próximos dois dias, eu me tornarei sua assassina.

Configuro o temporizador do meu celular. Em seguida, crio um canal de mensagens compartilhadas para nós. Scott, Jeremy e Simon pegam seus celulares e aceitam o convite.

Então, nós nos entreolhamos.

Simon é o primeiro a falar.

- Vocês são nerds. Não podem, de alguma forma, fazer o gorro ser executado ao contrário?

- Não funciona assim - Jeremy diz.

- Precisamos analisar o código - eu digo. - Estamos lidando com a rotina de ativação como se ela fosse um feitiço mágico.

- É porque ela é um - Jeremy fala.

- Não, é um código - Scott diz.

- Deveríamos conversar sobre esse tal de GJ - digo.

Jeremy fica tenso.

- Não há nada para falar.

- GJ fez a pesquisa sobre o PCC? - Scott pergunta.

Jeremy apenas encara Scott.

Scott pega seu celular e faz uma ligação.

- Val, Jeremy está aqui. Não encontramos uma saída. Você falou com os advogados? Tem certeza? Espere um segundo - Ele aponta para Jeremy. - Val disse que se suas garantias e declarações forem fraudulentas, ela pode reaver tudo o que lhe pagamos.

Jeremy continua em silêncio.

Scott escuta o que é dito do outro lado da linha e, depois, desliga. Ele vai até a janela e puxa a cortina.

- Além disso - ele diz, olhando para fora -, suponhamos que você não tenha falado a verdade sobre a propriedade do IP. Seria uma violação do contrato e, com a situação de Ying, podemos processá-lo por danos.

Jeremy fecha os olhos e as mãos em punhos.

- Não cometi nenhuma fraude.

Scott o encara.

- Você falou a verdade sobre quem escreveu o código de ativação?

- Não exatamente.

Scott se inclina para frente.

- Conte-nos sobre GJ antes que seja tarde demais.

Dezessete

- Giovanni Judd - Jeremy diz.
- Quem é esse? - eu pergunto.
- O GJ que o meu código menciona. Esse é o nome dele.
- Ele trabalha para você? - Scott pergunta.
- Não. Ele trabalha sozinho. Há muito tempo atrás, ele pode ter trabalhado para a DARPA, mas não trabalha mais.
- Por que você o manteve em segredo? - pergunto.
- Porque ele é um maluco! Um teórico da conspiração. Ele pode ser brilhante, mas eu estava tentando vender minha tecnologia. O cara poderia ter estragado tudo.
- E, ainda assim, foi você que acabou estragando tudo - Scott diz -, cara.

Na verdade, fui eu que fiz isso, porém, fico quieta assim como Jeremy ficou sobre GJ. Ele só falou a verdade depois que Scott ameaçou reaver o dinheiro. Que tipo de ameaça me faria admitir o que fiz com Ying?

- Como podemos falar com esse tal de Giovanni? - pergunto.

- Eu posso mandar uma mensagem para ele - Jeremy fala. - Ele normalmente responde dentro de algumas horas.

- Giovanni mora perto daqui?

- Não, ele mora em um complexo ao norte de Idaho. Ele provavelmente aceitará fazer uma chamada de vídeo conosco.

- Provavelmente? - Scott pergunta. - Do que isso depende?

- De algo que ele pode ter lido on-line - Jeremy diz. - Ou da sua avaliação da segurança mundial atual. Só Deus sabe o que o provoca. Contudo, mesmo que Giovanni não aceite a chamada de vídeo, podemos ir até a casa dele para conversarmos pessoalmente. Ele adoraria conhecer as pessoas da Soul Identity.

Jeremy envia uma mensagem em seu celular e promete nos avisar assim que tiver uma resposta.

- Preciso atualizar Val – Scott fala.
 - Simon e eu vamos fazer algumas pesquisas na internet
 - digo para ele.
 - Pesquisar o quê?
 - O que quer que possamos encontrar para nos ajudar a desativar o PCC de Ying.
- Nós concordamos em nos encontrar ao meio-dia.

#

Simon bate na minha porta aberta. Ele está parado na soleira com sua mochila.

- Estou com medo, Zelly.
- Eu também.

Será que ele percebe que estamos com medo de coisas diferentes?

Simon coloca seu notebook ao lado do meu e se senta.

- O que devemos pesquisar?
- O que Ying estava planejando fazer conosco para que possamos criar um plano de sobrevivência.

Ele me encara.

- Ela vai morrer em dois dias.

Oops. Preciso agir com cuidado para não perder a confiança dele.

- Tenho certeza de que Scott, Jeremy e o maluco desse tal de Giovanni Judd podem descobrir como parar a experiência vike de Ying – falo. – Eles são inteligentes.

- E se eles não conseguirem?

Então, Ying morrerá. Considero a possibilidade, mas não consigo imaginá-la.

- Você está certo – digo. – Ying é nossa prioridade.

Ele balança a cabeça.

- Uau, Zelly. Por um minuto, você me deixou preocupado. Se Simon soubesse o que eu fiz, ficaria aterrorizado.

- Precisamos do nosso próprio portal vike – falo. – Assim, poderemos fazer experimentos e tentar acordar de uma experiência vike.

E também poderei vikar e descobrir o que Ying estava fazendo.

- Parece perigoso - ele diz. - Não podemos só fazer a pesquisa?

- Você quer salvá-la, não é?

- Sim, mas onde conseguiremos um dos gorros de Jeremy?

- Vamos pedir por um - eu falo.

Posto uma mensagem no canal, solicitando um portal vike para mim e para Simon.

Scott responde em menos de um minuto: "Val acha muito perigoso. Ela não quer que ninguém mais vike até descobrirmos o que aconteceu com Ying."

Eu escrevo: "Só temos cinquenta e uma horas. Não temos tempo para descobrir."

"Ela ainda disse não."

- Sy, precisamos do portal vike - digo. - Você pode ajudar?

Ele envia: "Não sacrifique Ying porque está com medo de nós nos machucarmos. Por favor, reconsidere."

Após três minutos de espera, Scott escreve: "Val se recusa a arriscar a vida de vocês dois. Vocês são muito importantes. E eu concordo com ela."

Sem vikar, como eu posso descobrir o que Ying planeja fazer para nos ferir? Lanço um olhar para Simon, perguntando-me se devo lhe contar como mudei o código. Não temos mais ideias e, talvez, eu deva confessar a verdade antes que eles descubram.

Contudo, antes que eu abra a boca, recebo uma mensagem privada de Jeremy. Ele escreve: "Tenho peças de reposição suficientes para construir outro portal vike."

Dezoito

Eu mostro a mensagem de Jeremy a Simon.

- Vou encontrá-lo sozinha - digo. - Devo ser a única a vikar, caso haja algum problema.

Sei que não haverá nenhum problema com a experiência vike.

- E se você também ficar presa? - ele pergunta. - Eu não quero ser o único feitor.

- Humm. Se ao menos Ying também pensasse assim.

- Estou falando sério, Zelly. Não faça nada precipitado. Coloco uma mão no ombro dele.

- Eu não vou.

Estou dizendo a verdade. Não há necessidade de me precipitar. Posso vikar algumas vezes, para descobrir como interromper a experiência, e posso usar as vikes para aprender o máximo que eu puder sobre Origen. Estarei matando dois coelhos com uma cajadada só.

- Enquanto vocês estiverem construindo um novo portal vike, o que eu farei? - Simon pergunta.

- Pesquisará sobre Giovanni Judd. Quanto mais soubermos sobre ele, mais chances teremos de convencê-lo a nos ajudar.

Ele assente, então, coloca sua mochila no ombro.

- Vejo você ao meio-dia.

Assim que ele sai, vasculho a internet à procura de todas as pinturas e retratos de Origen que sou capaz de encontrar. Quero poder reconhecê-lo em minhas fitas de luz na próxima vez que eu vikar.

A maioria das imagens que encontro retrata Origen como um homem de rosto longo que possui uma barba fluida. Contudo, elas são pinturas da Idade Média que foram feitas mais de mil anos depois que ele faleceu. Não tem como elas serem precisas.

Encontro algumas imagens de quando ele era jovem. Nelas, Origen não tem barba, está empunhando um punhal,

suas calças estão abaixadas e ele segura suas partes íntimas com a outra mão. Há contos que afirmam que ele se castrou devido à sua má interpretação das escrituras.

Sem encontrar um retrato confiável de Origen, passo a procurar informações sobre Cesareia. Herodes, o Grande, construiu a cidade em meio às ruínas de um antigo assentamento fenício e a nomeou dessa forma em uma tentativa de agradar a César Augusto. A cidade tinha o maior porto artificial do mundo, um longo aqueduto duplo, um teatro e um hipódromo. Estudo as fotos das ruínas e tento imaginar como elas eram em seu auge. Assim que consigo ter uma ideia geral, desço as escadas.

Jeremy está sentado próximo ao sofá em que Ying se encontra. Sua atenção está direcionada ao notebook em seu colo. Ele tirou seu moletom. Eu tento não olhar para os músculos que dão uma ótima forma à camisa dele.

- Preciso de um segundo para terminar isso - Jeremy diz.

Ele pode levar o tempo que precisar.

A campainha toca e eu atendo a porta. Uma mulher de meia-idade, vestida com roupas brancas, com uma touca de enfermeira na cabeça e uma bolsa preta em sua mão está com o dedo no botão.

- Olga Ivanova se apresentando para o serviço, senhorita - ela diz.

- Serviço?

- Eu tenho uma paciente. - Ela abre sua bolsa e pega um pedaço de papel do tamanho de uma ficha catalográfica. - Ying Ouyang, dezenove anos.

Levo-a para o cômodo principal e aponto para Ying.

- Olga, esta é Ying.

- O primeiro passo é tirar essa coisa da cabeça dela - Olga fala. - Usar chapéus dentro de casa traz má sorte.

- Não toque nisso! - Jeremy diz. - Ela morrerá se fizer isso.

Olga escuta a explicação de Jeremy sobre o perigo de retirar o gorro.

- Entendi - ela fala. - Agora, devo colocar o tubo de alimentação. Por favor, deixem-me a sós com ela.

Eu odiaria ficar em um local onde qualquer um poderia passar e me ver.

- Vamos levá-la para cama dela - digo.

Olga analisa seus papéis.

- Isso não está na minha ordem de serviço.

- Eu faço - falo.

Eu carrego Ying para o andar superior. Ela não é pesada. Ainda assim, quando chego no quarto dela, estou quase sem fôlego. Olga vem logo atrás. Ela observa enquanto coloco Ying no colchão.

Uso um cabo para ligar o gorro de Ying ao carregador na parede. Mostro a Olga onde fica o banheiro e as toalhas extras. Em seguida, dou-lhe o número de Simon para o caso de emergências.

#

No andar inferior, Jeremy ainda está digitando no seu teclado.

- Fez algum progresso? - eu pergunto.

- Acabei de vasculhar toda a memória livre para ver se o código de ativação coletado pelo lixo ainda estava lá.

Caramba.

- Encontrou algo?

- Sim, algo estranho - ele diz.

Tento manter minha expressão inabalável.

- O que é?

Jeremy mantém meu olhar no seu enquanto meu coração retumba.

Ele diz:

- Você sabe de algo, Zelly.

Jeremy está jogando verde, apenas vendo se vou cair em sua lábia e admitir algo. Felizmente, ele tem seus próprios problemas com os quais lidar.

- Sim, eu sei de algo - eu digo. - Sei que não foi você quem escreveu o código.

Ele desvia o olhar.

- Tudo bem. Eu não preciso saber. Vamos só fazer Ying acordar.

Jeremy e eu trabalharemos muito bem juntos.

Digo-lhe que quero que ele tente me acordar enquanto estou vikando.

- Não vai funcionar - ele diz. - A única forma de mandar um comando para seu PCC acontece após você se imaginar desenhando o logotipo.

- Então, vamos tentar fazer isso. Em vez de cancelar meu sentido de visão, vamos transformá-lo em um grande e flamejante logotipo da Soul Identity.

- Imagine a confusão pela qual você passará quando o logotipo aparecer no meio da sua experiência vike.

- Estarei apenas observando - falo. - Quem se importa se será confuso? Vamos ver o que podemos fazer.

Mesmo sendo uma ótima ideia, levo algum tempo para conseguir convencê-lo.

Eventualmente, Jeremy descansa seus cotovelos nos braços de sua cadeira de rodas e apoia as mãos embaixo do queixo.

- Vamos construir o portal vike e tentar.

Dezenove

Sigo Jeremy até sua van convertida. Ele usa seu chaveiro como um controle remoto para abrir a porta lateral e estender uma rampa. Jeremy entra, gesticulando para que eu o siga.

A parte da frente tem um banco do passageiro e um espaço em frente aos controles, onde a cadeira de rodas de Jeremy deve se travar quando ele está dirigindo. A parte de trás da van possui uma pequena cozinha, uma cama elevada e armários.

- Também tem um banheiro aqui? - eu pergunto.

- É claro. E um chuveiro. Tem até internet via satélite - Ele aponta para um armário embutido em uma bancada, sob uma longa janela de vidro fumê. - Abra esse armário e pegue a caixa de plástico que parece uma caixa de leite.

Tiro um cubo vermelho e transparente de plástico de cerca de 45 centímetros de comprimento. Coloco-o na bancada e saio do caminho de Jeremy.

Ele pega um ferro de solda, um multímetro, uma bolsa preta de ferramentas, alguns fios condutores e um saco, cheio de chips e sensores. Jeremy organiza esses itens em uma fileira.

- Você tem um gorro que possamos usar? - ele pergunta.

- Pode ser um boné de beisebol?

- Sim. Também vamos precisar de seus fones com cancelamento de ruído, porque eu não tenho sensores suficientes. E um kit de costura.

Vou até meu quarto para pegar o boné e os fones. Então, entro no cômodo ao lado e pego a cesta de costura de Sue emprestado. Levo tudo de volta para a van.

Jeremy me faz procurar por um diagrama cerebral na internet para nos ajudar a colocar os sensores e transmissores de visão e de tato.

Ele me entrega um par final de sensores que é muito maior do que os outros.

- Posicione estes no local das têmeoras. Eles se comunicam com o PCC.

Passo as horas seguintes pesquisando o posicionamento, soldando conectores longos aos sensores e transmissores e os costurando no meu boné de beisebol.

Enquanto isso, Jeremy insere os cabos nos pontos certos do microcontrolador e conecta um cabo USB. Ele desativa o código que controla as luzes, o carregamento da bateria e o cancelamento do olfato, da audição e do paladar. Depois, carrega um novo código.

Abro o aplicativo no meu celular, insiro o novo código de pareamento e, assim que a conexão é feita, coloco o boné na minha cabeça, tendo cuidado para não torcer o cabo de alimentação. Toco em *calibrar*, mas a operação falha, pois nos esquecemos de desativar o código de calibração auditiva.

Jeremy carrega uma correção e, dessa vez, a calibração funciona. Estamos prontos.

- Você não pode vingar em pé - ele diz. - Vai acabar se machucando. Deite-se na cama.

Eu subo no colchão. Como o cabo USB é curto, mantenho minha cabeça ao lado da bancada.

Fazemos os testes de visão e de tato, que me cegam e fazem com que eu sinta como se estivesse flutuando, exatamente como ontem.

Temos um portal vike em funcionamento.

Antes que Jeremy possa dizer algo, coloco os fones com cancelamento de ruído, enfio lenços no meu nariz e defino o temporizador para um minuto. Quando tudo fica escuro e sinto como se estivesse flutuando, imagino minha espada esculpindo o logotipo Psychen Euporos no espaço vazio à minha frente. A pirâmide tenta me atacar novamente, mas logo me vejo nua em um disco flutuante.

Assim como da última vez, uma brisa quente agita o ar, trazendo o cheiro de canela. Ouço cânticos baixos. As fitas

largas empilhadas ao meu lado esquerdo começam a brilhar.

Estou de volta ao espaço vike.

Preciso encontrar a cidade de Cesareia em uma das linhas do tempo. Como da última vez, ignoro todas as fitas curtas e me concentro no restante.

Manobro meu disco até a fita mais longa e a toco com as costas da minha mão, em um ponto perto de onde ela começa. Vejo uma imagem transparente de um pezinho e ouço um bebê chorando. Um cheiro pútrido atinge meu nariz.

Deslizo mais alguns centímetros para frente e toco na fita novamente. Uma floresta cerca um rio e pássaros cantam ao fundo.

Meu terceiro toque me leva a um local escuro e silencioso, como se meu ancestral de alma estivesse preso em uma caverna. Ou se escondendo de alguém.

Inclino meu disco para me mover mais rápido e deixo as costas da minha mão se aproximarem e se afastarem da fita de luz. Em vez de ter pequenos vislumbres, recebo uma enxurrada de sensações. Avanço por várias imagens de florestas e de rios. Vejo um animal gigantesco com presas, mas não há muito mais. Chego ao final da linha do tempo sem ver muitas pessoas. Nada de aldeias, cidades ou Cesareia.

Manobro meu disco até o começo de outra fita longa e uso as costas da minha mão da mesma forma que antes. Esta linha do tempo é cheia de cavalos, cenas de violência com arcos e flechas e longas cavalgadas através de desertos e montanhas cobertas de neve. Nada se parece com Cesareia.

A terceira fita tem mais pessoas. Vislumbro pirâmides, cidades e até gatos e burros. Alguns animais se parecem com camelos, porém, estou me movendo rápido demais para ter certeza.

A quarta fita é a mesma para a qual viquei ontem, quando estava na casa de Jeremy. Vejo uma vila costeira, navios e muitas cenas com nada além do oceano. Vislumbro a mulher na cela que arrancou meu mindinho e sinto uma pontada de dor na minha mão.

Mais à frente, na mesma linha do tempo, vejo uma cidade romana que pode ser Cesareia. Por ter passado pelo ponto rápido demais, trago meu disco de volta para ver novamente.

É Cesareia, na mesma fita para a qual viquei ontem. A mulher que perdeu o mindinho.

Quais são as probabilidades?

Não passo muito tempo pensando a respeito. Coloco meu disco sob a fita e pulo nela.

Vinte

- ...você será esmagada se não se mover agora! - o soldado cavalga em uma biga puxada por cavalos e segura um bastão de ferro com uma águia no topo. - Fique fora da estrada, senhora!

O homem ao seu lado pega seu braço e a puxa para o caminho dos pedestres.

- Temos que ter cuidado - ele diz. - Eles não sabem quem você é.

O homem está vestindo uma túnica. Ele tem cabelos pretos e encaracolados, olhos afiados e um rosto coberto por marcas de acne.

- Obrigada, Junius - você diz.

Uma biga, seguida por quatro longas fileiras de soldados de infantaria, passa. Você olha para trás, em direção ao navio. Carregadores com grandes baús vão da área de espera até as docas. Uma mulher com um robe branco, sandálias e uma fita prateada no cabelo desvia deles enquanto sai da prancha.

- O que pode ser tão importante a ponto de eles precisarem de soldados? - você pergunta.

- É um ano sabático, então, eles estão tendo que lidar com a fome - Junius diz. - Os soldados provavelmente estão protegendo o trigo e o vinho. Contudo, uma centúria deles parece excessiva. Deixe-me descobrir.

Enquanto ele interrompe os passos apressados de um homem minúsculo vestido com uma toga, você vai até a borda do cais, suprimindo um calafrio. As gaiotas voam em um céu azul sem nuvens. A água está parada. Ela é cristalina o bastante para se ver o fundo. Você fecha os olhos e sente o balanço fantasma do navio.

Junius retorna.

- Precisamos ser cuidadosos. Más notícias chegaram da Pérsia. O imperador menino está morto.

- Já?

Ele dá de ombros.

- Ele perdeu a batalha para o Rei Shapur. Agora, Philip, o árabe, declarou-se imperador e está marchando para Roma. O governador local acredita que teremos outro ano louco com imperadores concorrentes. Ele fechou o porto e a casa da moeda como precaução.

- Quão longe estamos de Psychen Euporos? - você pergunta.

Junius aponta para um prédio à esquerda, do outro lado de uma plataforma.

- Estamos perto. Fica no topo daquele armazém.

Você segue Junius pela rua lotada, passando por vendedores aos berros e mendigos implorando por moedas. Você segura a bainha do seu robe para subir um longo lance de degraus de pedra e para no topo, em meio à fria sombra de uma pequena construção.

Junius pede a três porteiros para colocarem os sacos e as caixas em uma pilha no interior da porta dos fundos do edifício. No topo da parede, logo acima da porta aberta, há um mosaico de azulejos que formam uma pirâmide com os Olhos Egípcios de Hórus.

- É aqui - Junius diz. - Bem-vinda à sede do Psychen Euporos. Vou fazer as apresentações e me certificar de que esteja acomodada antes de ir embora.

Junius instrui os porteiros a ficarem com as bagagens e atravessa a porta. Ele gesticula na sua direção e você entra em um saguão mal iluminado.

Duas jovens levam você e Junius até sofás reclináveis. Você se senta enquanto elas removem suas sandálias e limpam seus pés. A água é fria. Você aceita a toalha oferecida, mergulha-a na água e limpa seu rosto e seus antebraços. Depois, lava as mãos e passa alguns minutos tirando a sujeira que se acumulou debaixo de suas nove unhas.

As jovens pegam suas toalhas, fazem uma reverência e desaparecem por trás de uma cortina na parede ao fundo.

Você detecta uma pitada de incenso no ar. Uma moça retorna com dois cálices meio cheios e uma jarra cheia.

Junius pega a jarra e enche cada cálice com um líquido translúcido. Ele entrega um deles para você.

- Cuidado - ele diz. - Diluí o vinho o máximo que pude, mas ainda vai ser forte.

Você toma um gole e faz uma careta ao sentir o gosto salgado e azedo em sua língua.

- Aqui, eles usam água do mar - Junius fala. - Bárbaros.

Você toma uma boa quantidade e coloca seu cálice no chão. Em seguida, descansa sua cabeça em seu braço estendido, fecha os olhos e sente as ondas...

...Junius fala em um sussurro:

- Sim, do escritório de Delfos, há uma semana. Nós saímos de Pafos ontem.

- Há quanto tempo você sabe? - uma voz profunda pergunta.

- Há quase um mês.

Você abre os olhos o bastante para espiar por baixo de seus cílios. Um homem de meia-idade, vestido com um robe verde, está agachado ao lado de Junius. Sua cabeça está cheia de cachos grisalhos do tamanho de dedos.

- Ela é genuína - Junius diz. - Ela foi até o Oráculo e nós a lemos enquanto ela esperava. Nós verificamos três vezes. Não há dúvida de que ela é uma feitora.

- Cabe ao comitê de correspondência decidir isso, não a você. O quanto ela entende sobre tudo isso?

- Como pode imaginar, foi um grande acontecimento para nós em Delfos. Realizamos um desfile e um banquete em honra dela.

O homem bufa.

- Isso foi extremamente presunçoso.

- Ela sabe que será mais rica do que Creso e que viverá aqui. Só para que saiba, enviamos pergaminhos para Roma e para Alexandria. Se algo acontecer com ela, a culpa recairá sobre você.

O homem de robe verde se levanta com um pulo. Seu rosto está vermelho.

Junius se ergue e fica tão perto dele que os narizes dos dois se tocam.

- Está na hora, Origen - ele fala. - Liberte essas memórias ruins. O Oráculo diz que ninguém vive para sempre. Você deve manter esta viva.

Origen lança um olhar feio para ele.

Junius lhe entrega um fólio de couro.

- E Delfos precisa desta comissão.

Origen sai do cômodo.

Junius solta um suspiro e se senta em seu sofá.

- Conseguiu ouvir algo? - ele pergunta.

- Só o fim - você diz. - Você deveria ficar por mais alguns dias.

- Posso perceber quando não sou bem-vindo. Porém, Origen sabe o que é melhor para ele. Você, Lillia de Cagliari, será reconhecida como uma feitora antes do anoitecer.

- Ele é um idiota - você diz. - Como alguém consegue trabalhar ao seu lado?

- Origen precisa de você. Aprenda o que puder, o mais rápido que puder. Estamos contando com você.

As jovens aparecem e a ajudam a calçar suas sandálias. Elas a levam por uma porta, onde duas mulheres mais velhas e um rapaz estão parados, piscando sob a luz brilhante do sol que ilumina o pátio.

- Por favor, permita que examinemos seus olhos, madame - uma das mulheres diz.

Elas a colocam em um banco e a observam sob o sol. O rapaz segura um pergaminho que mostra uma pintura de duas íris castanho-claro, lado a lado. Abaixo dos olhos, vê-se um diagrama contendo uma dispersão de arcos, linhas e triângulos.

As mulheres e o rapaz se revezam ao se aproximarem de você, colocando as mãos em suas bochechas e fitando os

seus olhos. Eles analisam o pergaminho e, depois, voltam sua atenção para você.

- As pinturas combinam perfeitamente - o rapaz fala para as mulheres assim que elas se afastam. - São os olhos dela. Não há dúvida.

Após os três trocarem sussurros entre si, olham para você.

- Seja bem-vinda, Feitora Lillia de Cagliari - o rapaz diz. Você abaixa sua cabeça.

Uma voz a perfura por trás:

- Então, vocês confirmaram.

Origen se aproxima com uma carranca no rosto. Ele ainda está vestindo seu robe verde.

- Sim, Feitor - diz o rapaz. - Parabéns. Você não precisará mais servir sozinho.

- Vocês podem ir - Origen fala.

O rapaz enrola o pergaminho e os três saem do pátio.

Junius atravessa a porta.

- Diante da boa notícia - ele diz -, farei meu caminho de volta. Parabéns, Lillia.

- Obrigada pelas apresentações e por suas palavras gentis, Junius - você diz.

- Foi um prazer.

Junius para na frente de Origen, a mais de trinta centímetros de distância. Ele ergue uma mão.

Origen suspira e lhe entrega o fólio de couro.

- A tesouraria foi notificada.

Junius dá um tapinha no ombro de Origen. Ele chama os porteiros, em seguida, vai embora com eles.

Origen volta para dentro do edifício.

- Venha comigo, Lillia - ele diz. - Não me faça esperar.

Você atravessa a porta assim que ele desaparece por trás da cortina...

Vinte e um

Espero ver um homem velho do Oriente Médio, mas, em vez disso, um negro bonito em uma cadeira de rodas está olhando para mim. Os lábios dele se movem, contudo, apenas escuto um murmúrio baixo.

Ele é Jeremy, não Origen. Eu sou Zelly, não Lillia de Cagliari.

Jeremy tira os fones com cancelamento de ruído das minhas orelhas.

- Consegue me ouvir?

- Agora, sim - tiro os lenços do meu nariz.

- Funcionou? Você vikou? Para onde foi?

Não vou lhe dizer que estou rastreando Origen.

- Funcionou perfeitamente - eu falo. - Vikei para a mesma garota da última vez, só que para um momento posterior de sua vida. Saí de um navio e andei por uma cidade portuária. Foi louco.

Ele sorri.

- Os canibais comeram seus outros dedos?

- Muito engraçado - eu digo. - Eu tomei um copo de vinho salgado e adormeci.

Jeremy assente.

- E você acordou imediatamente.

- Como sabe disso?

- É assim que funciona - ele diz. - Os sentidos da sua garota se energizaram enquanto ela dormia. O tempo voa quando nada está acontecendo.

Suponho que isso seja melhor do que ficar presa sem nada para observar.

Parece que vikar é como ter um sonho vívido que não se pode controlar, porque são apenas sentidos que lhe atravessam. O que o sonho significa para você se baseia em sua própria habilidade de reflexão e de empatia; habilidades estas que advêm de sua experiência.

Talvez seja bom que Ying esteja presa por tanto tempo em sua experiência vike. Ela poderá descobrir mais sobre a vida de Origen e, quando acordar e processar tudo o que observou, talvez perceba que uma cultura de confiança é melhor do que uma de competitividade.

Esse seria um bom resultado. Porém, dependerá do tipo de pessoa que Origen acabou sendo. Se seus últimos anos se deram em uma parceria bem-sucedida com Lillia, Ying concluirá que trabalhar junto é a resposta. Por outro lado, se Origen passou sua vida sem admitir que estava errado, ignorando suas falhas e discutindo com Lillia, Simon e eu estamos ferrados.

Preciso descobrir o que aconteceu entre Lillia e Origen. Quero vika de volta para lá agora mesmo.

Contudo, Jeremy ainda acha que estou aqui para descobrir uma forma de acordar Ying e eu não pretendo lhe dizer a verdade, porque, se fizesse isso, teria que admitir que a coloquei em perigo.

Nós precisamos continuar tentando descobrir como tirá-la de sua experiência vike. Só não tão cedo.

Tiro o boné de beisebol e pulo da cama.

Jeremy e eu revisamos o código de cancelamento de visão e marcamos os pontos em que precisamos alterá-lo. Ao passo que ele o prepara, encontro um bloco de notas e um lápis e recalibro o boné.

Enquanto espero Jeremy terminar, procuro informações sobre Lillia de Cagliari. Não encontro nada na internet, mas ela está em nossos arquivos. Nascida na Sardenha, ela atuou como feitora de 244 até 270 d.C.

Lillia foi para Cesareia treze anos após a chegada de Origen e trabalhou ao seu lado por nove anos antes de ele morrer. Isso significa que ela sobreviveu às tentativas de assassinato de Origen; o que é uma boa notícia para mim e para Simon, porém, só se eu puder descobrir quais foram seus truques sujos.

Junius parecia saber que Origen se livrou de seus colegas. Talvez, ele até tenha explicado a situação para Lillia durante a viagem para Cesareia. Eu poderia voltar, vikar para o momento no navio e descobrir.

Se isso não funcionar, talvez Origen confidencie e confesse seus atos a Lillia à medida que ele envelhece. Eu poderia observar os nove anos que eles serviram juntos como feitores.

É bom ter tanto um plano quanto um portal vike. Estou muito mais confiante de que conseguirei encontrar uma forma de proteger a mim e a Simon de Ying.

Jeremy interrompe meus pensamentos:

- Estou pronto para capturar - ele diz.

Coloco o portal vike. Enquanto o novo Código dele está lendo os dados do senso de visão do meu cérebro, desenho nosso logotipo. Certifico-me de manter meu foco na imagem. À medida que eu desenho os dois lados da pirâmide e os Olhos de Hórus, lembro-me do logotipo no mosaico que vi acima da porta em Cesareia. Pergunto-me se ele ainda está lá.

Verifico meu desenho duas vezes. Quando fico satisfeita, abaixo o lápis.

- Consegui capturar todos os treze segundos - Jeremy diz.

Durante a hora seguinte, Jeremy atualiza seu código de cancelamento de sentidos para que o vídeo de treze segundos seja transmitido de volta ao meu cérebro. Eu fico observando para ter certeza de que ele está fazendo tudo direito.

- Vamos testar - ele fala.

Clico em *teste de visão* na tela do meu celular. Em vez de ficar cega como antes, vejo minha mão desenhando o logotipo. Não importa para onde eu mova meus olhos, isso é tudo o que consigo ver.

- É assustador, mas funciona - eu digo. - Vamos testar durante outra experiência vike.

Antes que eu possa começar, o celular de Jeremy toca, mostrando uma mensagem de Giovanni.

- Ele está disposto a nos ajudar - Jeremy diz. - Porém, alega que chamadas de vídeos podem ser hackeadas. Precisamos levar Ying para Idaho.

Olho para meu celular. É meio-dia, está na hora de nos reunirmos.

- Vamos dizer a eles - falo. - Eu posso virar depois do almoço.

Vinte e dois

- Não vamos levar Ying para Idaho - Val diz mais uma vez. - Seria irresponsável.

Estamos envolvidos nessa discussão há algum tempo, mas, até agora, não chegamos a lugar nenhum.

Simon respira fundo e abre os punhos.

- Temos que acordar Ying.

Scott diz para Jeremy:

- Será que você pode ler a resposta de Giovanni mais uma vez? Talvez não tenhamos entendido bem.

Jeremy lhe entrega seu celular.

- Leia por si mesmo. Aparentemente, vocês não acreditam quando eu leio.

Scott lê em voz alta:

- Jeremy escreveu: "Tenho que tirar a garota da SI do xanazo. Pode me dizer como fazer isso através de uma chamada de vídeo? É uma emergência!" Giovanni respondeu: "Eu posso, mas nada de chamadas de vídeo. Eles estão escutando. Traga-a aqui."

- Quem está escutando? - Val pergunta.

- Só Deus sabe - Jeremy diz. - Esse é o lado teórico da conspiração de Giovanni.

- Ele não pode lhe enviar instruções? - Val pergunta.

- Vou perguntar para ele - Jeremy diz.

Esperamos pela resposta de Giovanni enquanto estamos sentados na grande mesa do refeitório. Os únicos sons são os de George e Sue mexendo em utensílios da cozinha e de Simon, tamborilando as unhas dos dedos na mesa.

O celular de Jeremy vibra. Ele lê a mensagem e diz:

- São necessários equipamentos especiais. Nós precisamos ir para Idaho.

- Ele pode trazer o equipamento aqui? - Scott fala.

Jeremy pergunta e a resposta chega rápido.

- Não, ele não pode.

- Temos quarenta e sete horas sobrando - eu digo para Val. - Podemos tentar acordar Ying sozinhos e, se não conseguirmos, irmos para Idaho amanhã.

Simon bate um punho na mesa.

- Ying está usando um maldito tubo de alimentação. Ela precisa ser tirada da experiência vike imediatamente. Não amanhã. Não daqui a quarenta e sete horas.

Toco na mão de Simon.

- Cara.

- Sinto muito, Zelly, mas vocês estão falando sobre ela como se pudéssemos esperar. Nós não podemos. Ying é uma de nós. Ela precisa da nossa ajuda agora.

Isso faz todos nós nos calarmos. Contudo, não importa. Val não permitirá que corramos riscos.

Se Val soubesse o motivo pelo qual Ying está presa, ficaria mais do que feliz em arriscar minha vida para salvá-la.

- Se não vamos para Idaho, ao menos devemos ouvir o que todos descobriram - eu digo.

- Posso começar - Simon fala. - Passei a manhã pesquisando sobre Giovanni Judd. Jeremy estava certo sobre DARPA. Eles o demitiram nos anos noventa, após ele tentar financiar pesquisas sobre bruxaria.

- Dez anos depois, o resto do mundo ficou fanático por bruxos - Scott diz.

- Há mais - Simon diz. - Após ser demitido, ele passou três anos cavando em um sítio arqueológico no Vale dos Reis. Em seguida, passou a cavar em Mileto. Giovanni conseguiu entrar no Iraque e escavou na Babilônia até a invasão. Na década seguinte, ele fez escavações em Alexandria, Cesareia e Istambul. Talvez em Bratislava também, mas não encontrei nada a respeito.

- Giovanni fez escavações em antigas sedes da Soul Identity - eu digo. - Por que não sabíamos sobre ele?

- Ele é um membro? - Val pergunta.

Simon dá de ombros.

- Posso verificar - Scott diz, pegando seu celular. - Você tem uma foto dele?

Simon mostra seu celular e exibe uma foto de um homem de meia-idade com sinais precoces de calvície. Ele está usando uma camisa preta aberta no pescoço. Pelos grisalhos aparecem da abertura, sob um colar de contas de madeira. Óculos grandes e grossos fazem seus olhos parecerem enormes.

- Deixe-me ver com os meus óculos - eu falo, vasculhando minha mochila. - Dê um zoom no rosto dele.

Simon aumenta a imagem e eu me lembro que dei meus óculos para George.

- Só um segundo - Corro até a cozinha.

George está sentado em um banco na ilha central, observando Sue mexer uma panela no fogão. Ele está usando os óculos.

- Boa tarde, Giselle Oliveira - George diz.

- Posso pegar emprestado os óculos por um segundo?

- É claro.

Coloco-os no rosto, volto para a mesa e olho para as íris de Giovanni no celular de Simon. As informações aparecem exatamente no local em que devem aparecer.

- Ele é um membro - falo. - Nós o conhecemos pelo mesmo nome, Giovanni Judd.

- Terminei - Simon diz assim que volto, depois de devolver os óculos a George.

- Sou a próxima - eu digo. - Estive pensando em formas de podermos enviar uma mensagem ao PCC de Ying. Tenho uma ideia que quero usar, mas nós precisamos testá-la com um portal vike.

Lanço um olhar para Jeremy. É melhor ele não dizer que já construímos um.

Val frisa os lábios.

- Nada de vikar por enquanto, Zelly. Não podemos arriscar perdê-la.

- Meu plano não é perigoso - digo.

- Ninguém achou que Ying vikar seria perigoso - ela fala.
Estou prestes a argumentar, mas Scott intervém:

- E se Zelly fizer os testes em mim?

Scott acha que está ajudando, mas se for ele que vikar, eu não serei capaz de descobrir os esquemas de Origen.

Ela balança a cabeça.

- Você e eu precisamos terminar a análise em que estamos trabalhando.

Ótimo. Para que Val não desconfie de que estou desistindo fácil demais, eu falo:

- Não vikar é um erro e você sabe disso.

- Não é uma decisão fácil, Zelly - ela diz -, mas as mensagens de Giovanni me dão esperança de que possamos acordar Ying sem que você tenha que vikar.

- Você nunca mandará Ying para Idaho e ainda está impedindo que eu tente salvá-la - digo. - Está feliz por ela estar presa na experiência vike?

Passei dos limites. Novamente.

Val arqueia as sobrancelhas.

- Talvez você entenda o quanto estou triste depois de ouvir sobre a análise que eu e Scott começamos a fazer nesta manhã.

- Vocês descobriram algo? - Simon pergunta.

- Quase - Scott fala. - Estamos muito perto.

- Scott e eu desmembramos o código de Jeremy - Val diz.

- Focamos no que poderia ter acarretado os valores extrapolados que vimos no arquivo de registro. Só há um momento em que pode ter acontecido.

Descruzo meus braços sem chamar atenção para mim mesma.

- Em qual? - Jeremy pergunta.

- Tem que ter acontecido após a rotina que verificou o horário para despertar e antes de ele ter sido usado. O registro mostra que o tempo foi extrapolado porque foi definido para mais de 255 dias no futuro.

- Sou o único que não é um nerd aqui - Simon diz. - Não entendi nada do que você acabou de dizer.

- Alguém modificou o código do gorro - Scott fala. - Essa pessoa redefiniu o tempo da experiência vike de Ying para mais de oito meses.

Tenho a sensação de que minha ruína é iminente.

- Tem certeza de que foi uma alteração no código e não um erro meu? - Jeremy pergunta.

- Nós temos certeza - Val diz. - Seu código não pode ser censurado.

Jeremy levanta os punhos.

- Graças a Deus.

- Agradeça a nós - Scott diz. - Você está salvo porque nós vasculhamos seu código linha por linha. Agora, precisamos descobrir quem alterou o código do gorro de Ying.

Obrigo minha respiração e minha voz a permanecerem calmas e comedidas.

- É só baixar o código do gorro de Ying e descobrir qual foi a alteração.

Espero que eu tenha conseguido desviar as suspeitas.

- A pessoa que o modificou não foi tão desleixada - Scott fala.

Simon levanta a mão.

- Estou ficando perdido mais uma vez.

Val diz:

- O código que está no gorro de Ying é idêntico ao código fonte de Jeremy.

- Bem, então aí está a resposta - luto para não coçar meu nariz. - Ninguém o alterou.

- Alguém o modificou antes de Ying vika - Scott diz. - E essa pessoa foi esperta o bastante para alterá-lo novamente depois que a experiência vike começou para, assim, cobrir seus rastros.

Será que eles só estão jogando verde como Jeremy estava fazendo mais cedo?

- Como sabe disso? - Simon pergunta.
 - Porque nós também somos espertos - Scott fala. - Analisamos a memória que Jeremy descarregou hoje de manhã.
 - Eu já verifiquei o descarregamento. Os valores foram sobrescritos - Jeremy diz.
 - Você estava verificando a seção de dados. Nós analisamos a seção de código e descobrimos duas linhas extras que foram inseridas.
 - Do que elas se tratavam? - eu pergunto, esperando que eles não possam ouvir o tremor na minha voz.
 - Se o temporizador fosse definido para seis horas, elas se encarregavam de mudá-lo.
 - Mudá-lo para o quê? - Jeremy pergunta.
 - Nós não sabemos - Val diz. - A seção de dados foi sobrescrita.
- Todos os quatro me encaram.
- Val é a primeira a falar:
- Zelly, o que você fez?

Vinte e três

No último outono, sonhei que tinha finalmente completado dezenove anos e que era meu primeiro dia como feitora da Soul Identity. No sonho, participei da minha cerimônia de iniciação e fiz meu discurso de aceitação. Falei com vários chefes de departamento, participei de uma reunião de estratégia e assisti às apresentações das equipes de pesquisa avançada.

Era um sonho que eu já tinha tido antes, exceto por um pequeno detalhe: dessa vez, passei todo o primeiro dia de trabalho sem usar sequer uma peça de roupa. Nem mesmo um biquíni fio dental.

Quando acordei, perguntei-me como minha eu do sonho poderia ter passado o dia inteiro nua. Pesquisei na internet e descobri que muitas pessoas têm sonhos similares e que eles podem ter dois tipos de significado: ou eu estava envergonhada e tentando esconder algo ou estava orgulhosa e não tinha nada a esconder.

Terei esse mesmo sonho essa noite.

Posso imaginar como Lillia de Cagliari teria lidado com essa bagunça. Ela diria que o peixe morre pela boca. Ela ficaria quieta.

Porém, eu não posso ficar calada e deixar que Ying morra enquanto está presa em sua experiência vike.

Quatro pares de olhos acusadores estão me encarando.

O lábio de Simon treme.

- Você machucou Ying, Zelly?

Jeremy balança a cabeça.

- Não acredito que eu lhe ajudei a construir outro portal vike.

- Ela vikou novamente? - Val pergunta.

- Por um minuto enquanto estávamos testando se ele funcionava.

Val abre a boca, mas Scott fala:

- Vamos dar à Zelly a chance de se explicar.

Viro-me para Val.

- Eu alterei o código.

Quando estou prestes a confessar tudo o que fiz, vejo Val lançar um olhar para Scott. Isso me faz parar.

- Continue, Zelly - Val diz.

- O que foi esse olhar? - eu pergunto.

- Que olhar?

- O que você acabou de dar a Scott.

- Ah - ela estreita os olhos. - Esse foi meu olhar de eu-lhe-disse. Scott não queria acreditar que você sabotou o código.

Val pensa que eu sou uma terrorista. Ela não se importa com o fato de que estou apenas tentando sobreviver.

Seria estúpido confirmar seu prejulgamento sobre mim com uma confissão.

- Eu não sabotei o código - digo. - Estava apenas tentando entender por que Jeremy tinha definido o limite máximo para seis horas.

- É uma medida de segurança - Jeremy fala. - Vikar não é algo fácil para o nosso corpo.

- Isso é o que você alega - digo. - Eu estava testando aumentar o tempo. Carreguei o código no portal vike para experimentar, mas Ying apareceu e o pegou.

Aponto para Simon.

- Lembra-se, Sy, de que eu disse a Ying que eu estava analisando o código e que não era seguro vikar por seis horas? Você me ouviu alertá-la.

- Sim - ele cruza os braços. - Porém, você não lhe disse que não era seguro.

- Você não acabou de dizer que não é um nerd? Ying também não é.

- Contudo, depois - Val fala -, por que você não nos contou?

- Eu entrei em pânico - digo. - Foi só quando fui para o quarto dela que percebi que Ying tinha me ignorado e

ficado presa. Carreguei o código original de Jeremy e voltei para meu quarto para fazer as malas.

- E você fingiu que não sabia nada quando eu a encontrei - Scott diz.

Abaixo a cabeça e mantenho minha boca fechada.

- Quando ela irá despertar? - ele pergunta.

- À meia-noite do dia do meu aniversário.

- Isso é só daqui a seis meses - Val fala. - Se esse é o caso, não teríamos recebido a mensagem de extrapolação.

- Do meu décimo nono aniversário.

Silêncio.

- Meu Deus, Zelly - Simon finalmente diz. - Você prendeu Ying até também poder se tornar uma feitora?

Encontrar o significado por trás de minhas ações é algo que Simon sempre consegue fazer. Tento fazer meus olhos ficarem marejados, contudo, não sou uma atriz tão boa assim.

Digo outra mentira porque não sei mais o que falar:

- Eu não queria que Ying se machucasse.

Eles me encaram e eu tento não estremecer.

Eventualmente, Scott pigarreia.

- Sugiro que foquemos em fazer Ying sair de sua experiência vike - ele fala. - Podemos lidar com o que Zelly fez mais tarde.

Ótima ideia.

- Vocês, provavelmente, não vão querer ouvir isso - eu digo -, mas Jeremy e eu fizemos um bom progresso esta manhã. Temos algo promissor em nossas mãos. Nós precisamos continuar.

Val suspira.

- Parece que não precisamos continuar a analisar o código. Scott, você pode, por favor, supervisionar esses dois? Zelly não tem permissão para usar o portal vike.

- É claro - Scott diz.

- Enquanto isso, vou providenciar nosso transporte para Idaho - Val fala -, caso vocês não tenham sucesso.

Eu quero argumentar, mas ela está certa. Meu plano possui apenas uma pequena chance de funcionar. Nós precisamos de uma segunda opção.

Val me encara com os olhos arregalados.

- Haverá consequências para o que você fez. Estou transtornada com o fato de que, em vez de contar a verdade imediatamente, você decidiu se enfiar em um buraco de mentiras.

Abaixo a cabeça e tento parecer arrependida.

Ao menos, ela não percebeu que eu ainda estou cavando esse buraco.

Vinte e quatro

- Qual é a sua grande ideia? - Scott pergunta.

Nós três estamos espremidos em torno da pequena bancada da van de Jeremy.

- Jeremy capturou os dados da minha visão enquanto eu desenhava o logotipo da Soul Identity. Podemos canalizá-los para Ying, acionar seu PCC e lhe dizer para dormir.

Scott inclina a cabeça para o lado.

- Está usando o código de cancelamento de sentidos para projetar seus próprios dados de visão?

- Na mosca - Jeremy fala. - Zelly estava prestes a fazer um teste durante uma experiência vike.

- Ela não pode mais vika - Scott diz. - Faça o teste em mim.

Jeremy lhe entrega o boné de beisebol e o ajuda a emparelhar seu aplicativo de celular.

- Teste a visão - eu digo.

Scott pressiona o botão de teste.

- O que eu deveria estar vendo?

- Eu desenhando o logotipo.

- Não vejo nada além de estática. Como uma televisão sem sinal dos velhos tempos.

- Fizemos algo errado - falo. - Deixe-me tentar.

- Val disse que você não pode usar um portal vike - Scott diz.

- Ela quis dizer que não posso vika e eu não vou.

Scott lança um olhar para Jeremy, que dá de ombros. Ele suspira e me entrega o boné, tendo cuidado para não torcer o cabo USB.

Coloco-o, Scott faz a calibração e nós testamos. Eu consigo ver o mini vídeo da minha mão desenhando o logotipo da Soul Identity.

- Está funcionando normalmente - falo.

- Hum - Scott diz. - Acho que cada cérebro tem um processamento de visão único.

- Deixe-me tentar - Jeremy diz. - Podemos ver se o problema não é só Scott com seu cérebro louco.

Contudo, não é só ele. Nossos experimentos mostram que cada pessoa possui sinais de visão únicos. Tentamos descobrir se há uma maneira de normalizá-los, mas os dados estão muito criptografados. Até mesmo padrões visuais simples são únicos para cada um de nós.

Resumindo: não podemos acionar o PCC de Ying com os dados de visão de outra pessoa.

Minha ideia falhou. Agora, preciso de outra. Encaro o código e penso sobre o comando que é enviado para o PCC, que manda a pessoa dormir em um horário específico.

- E se nós mudarmos o relógio de Ying? - eu pergunto. - Podemos convencer o cérebro dela de que já é meu décimo nono aniversário. Isso poderia forçar seu PCC a adormecer.

- Não vai funcionar - Jeremy fala. - O relógio fica em uma parte profunda do centro do cérebro dela. Nossos transmissores são pequenos demais para alcançá-lo.

- Podemos conseguir transmissores maiores? - Scott pergunta.

- Seria como usar um rolo compressor para matar uma formiga. Outras partes do cérebro dela seriam esmagadas no processo.

- Poderíamos inserir pequenos fios diretamente no relógio do cérebro dela - eu falo.

Eles me encaram.

- Você não pode estar realmente querendo fazer uma cirurgia cerebral em Ying, não é? - Scott pergunta.

Balanço a cabeça.

- Estou apenas jogando ideias.

Olho pela janela da van, além da garagem, entre nossas duas casas. Posso ver uma pequena faixa da vista de Puget Sound e da Ilha Blake. É como se fosse um vislumbre de uma experiência vike. Apenas um pequeno pedaço sem contexto. Um navio porta-contêineres está seguindo para

Tacoma. Só sei que esse é seu destino porque sei que Tacoma é o último porto ao sul de onde estamos.

Se Scott e Jeremy olhassem pela janela, eles veriam a mesma faixa da vista de Puget Sound, mas suas interpretações tornariam suas percepções diferentes da minha. A de Jeremy poderia estar ligada ao que está dentro dos contêineres. A de Scott poderia ser sobre quanto tempo as ondas geradas pelo navio levariam para atingir a costa.

Se quisermos contar a mesma história, precisamos colaborar e alinhar que contexto aplicaremos à faixa de Puget Sound. Poderíamos conversar, escrever e até tocar, cheirar e sentir nosso alinhamento.

Contudo, se nossas interpretações começam de uma forma tão distinta, realmente há uma maneira de nos alinharmos com Ying? Eu duvido. Apenas uma pessoa pode se alinhar com Ying enquanto ela está no meio de sua experiência vike: ela mesma.

Diante dessa percepção, uma ideia gloriosa se forma em minha mente. É tão simples e clara que me faz rir. No momento em que Jeremy e Scott erguem seus olhares, estou rindo tanto e me sentindo tão aliviada que lágrimas deslizam pelo meu rosto.

- Ela enlouqueceu? - Jeremy pergunta à Scott em um sussurro.

Isso me faz rir ainda mais.

- Não enlouqueci. Sei como acordar Ying.

Vinte e cinco

Testamos minha ideia em Scott e conseguimos tirá-lo de uma experiência vike de um minuto na nossa primeira tentativa. Fazemos o mesmo com Jeremy.

- Eu queria que eu também pudesse tentar. - Tento soar desapontada, mas faço um esforço mínimo.

- Estou apenas seguindo as ordens de Val - Scott diz.

- Mas ela vai amar isso, Zelly - Jeremy fala. - E não apenas por Ying. Você resolveu o problema de segurança sobre o qual Val estava preocupada.

Scott envia uma mensagem para Val. Nós saímos da van de Jeremy e nos dirigimos ao refeitório para encontrá-la.

Quando ela chega, entrega um gorro a Scott.

- Mostre-me com esse portal vike.

Scott coloca o gorro, faz o emparelhamento e a calibração e inicia o teste. Ele começa uma experiência vike de cinco minutos. Está na hora de mostrar a Val o que eu sei fazer e me redimir com ela.

- Nós estávamos nos amparando na tecnologia para resolver o problema - digo. - Foi um erro.

Enquanto Jeremy conecta o cabo USB no gorro e carrega nosso novo código, coloco um pedaço de papel em branco e um lápis na frente de Scott.

- Primeiro, desligamos as rotinas de cancelamento de visão do gorro - eu falo.

- Isso não vai interferir com a experiência vike dele? - Val pergunta.

- Nosso objetivo é esse, portanto, não há problema.

Jeremy digita em seu notebook.

- O cancelamento foi desligado, Zelly.

- Ótimo. Em seguida, certificamo-nos de que Scott está olhando para o papel.

Jeremy pega a cabeça de Scott pela parte de trás e a move até que ele esteja encarando a folha em branco.

- Agora, vem a parte legal - digo. - Veja isso.

Coloco o lápis na mão de Scott e o guio para desenhar os dois lados da pirâmide, a base e cada um dos Olhos de Hórus.

Quando termino, Jeremy solta a cabeça de Scott e pega seu notebook.

- Por fim, sobreposmos o tempo anterior dizendo ao PCC dele para se ativar em um segundo - digo.

Jeremy pressiona enter. Um segundo depois, Scott levanta a cabeça, tira o gorro e o entrega para mim.

- Uau - Val fala. - Você conseguiu!

- Foi tudo graças à Zelly - Jeremy diz. - Ela é incrível.

Val fecha os olhos por um minuto. Em seguida, estende a mão e aperta meu ombro.

- Obrigada, Zelly.

Entrego-lhe nosso novo portal vike.

- De nada. Você está me devendo um novo boné.

- Vamos trazer Ying de volta - Scott diz.

Ao atravessarmos o pátio, Val me puxa de lado.

- Jeremy está quase certo. Você pode ser incrível, Zelly. Contudo, não será até que aprenda a controlar os seus impulsos; a olhar antes de pular.

Val sempre consegue distorcer meu sucesso e transformá-lo em uma crítica.

Suponho que ela pensa que tem muito o que me ensinar sobre gerenciamento de riscos. Porém, ao meus olhos, Val está acorrentada pelo medo de falhar e isso não me ajudará a sobreviver pelos próximos dezoito meses. Com Ying prestes a acordar e eu não tendo a possibilidade de vikar, permaneço sob um perigo considerável.

Subimos as escadas. Scott pede à enfermeira para retirar o tubo de alimentação de Ying antes de nós a movermos para o andar inferior. Depois disso, vou até o quarto de Simon.

Ele lança um olhar para o corredor, em seguida, pergunta:

- Você vai dizer para Val que nós desconfiamos de Ying?

- De jeito nenhum. E é melhor você também não dizer.

Simon se afasta de mim e cruza os braços.

- Por quê?

- Porque Val contará para Ying e ela saberá que a estamos observando. Se isso acontecer, nunca descobriremos o que ela planeja fazer para nos machucar.

- E se Ying não estiver tentando nos machucar? E se só estivermos sendo paranoicos?

- Você viu como ela estava agindo.

- Assim como também vejo como *você* está agindo. Algo aconteceu durante sua experiência vike ontem.

Não posso negar que as coisas mudaram. Passei a ter medo de barcos. Eu costumava pensar que Val era incrível. E estou quase preparada para matar Ying se isso garantir minha própria sobrevivência.

Será que vikar fez isso comigo? Será que algo deu errado?

- Você disse que alguém arrancou e comeu seu dedo - ele fala. - Talvez isso tenha desencadeado algum tipo de paranoia.

- Espera aí, Sy - eu digo. - Eu posso estar paranoica, mas você parece ter se esquecido de que fizemos uma pergunta simples a Ying e ela mentiu. Quem sabe o que mais ela pode estar escondendo de nós?

- Você está certa. Ela mentiu. Eu só não quero acreditar

- Simon fica calado por um minuto. - O mais importante é acordá-la. Se você conseguir fazer isso, não contarei a Val sobre nossas suspeitas.

- Você me ajudará a descobrir o que Ying planeja fazer?

- Sim.

Nós descemos as escadas. Ying está no sofá com o corpo inclinado para frente. O tubo de alimentação foi retirado.

- Vamos começar - Scott diz.

Eu conecto o cabo USB de Ying no meu computador e carrego nosso novo código.

- Eu vou fazer o desenho - falo.

Scott pega o meu notebook.

- Eu fico com a condução.

Ajoelho-me em frente à Ying, coloco um livro no colo dela e posiciono uma folha de papel em cima dele. Coloco um lápis na mão direita dela.

- Ying é canhota - Val diz. - Isso importa?

- Talvez. - Eu movo o lápis para a mão esquerda dela. - Simon, certifique-se de que os olhos de Ying estejam abertos e focados no papel.

Simon ajusta a cabeça dela. Scott desliga o cancelamento da visão de Ying. Eu desenho o logotipo. Scott envia o comando para o PCC dela e os olhos de Ying se abrem.

O olhar dela vaga pela sala de estar até fazer o caminho de volta para mim. Ela engole.

- Minha garganta está doendo - Ying fala roucamente.

- Você estava usando um tubo de alimentação - Simon diz. - Ele passava pelo seu nariz.

Eu pego a mão de Ying.

Os olhos dela se arregalam e ela afasta a mão.

- O que deu errado?

- Lembra-se de que eu lhe avisei para não vikar por seis horas?

Ela morde o lábio.

- Falei isso porque eu tinha modificado o código para vikar por mais tempo. Por muito mais tempo. Você esteve em sua experiência vike por quase dezoito horas.

- Você teria ficado presa por um ano e meio - Simon diz.

- Eles tiveram que descobrir como acordá-la.

Ying fita Val.

- E quanto à minha cerimônia?

- Eu a adiei por uma semana - Val fala. - Sinto muito. Nós não sabíamos quanto tempo levaria para que conseguíssemos trazê-la de volta.

Ying lança um olhar feio para mim, mas não diz nada.

- Foi Zelly que descobriu como acordá-la - Simon diz. -
Se não fosse por ela, você ainda estaria vikando.

- Se não fosse por Zelly - Ying diz -, nós estaríamos em
Sterling e eu já seria uma feitora.

Vinte e seis

Ying levou quase uma semana inteira para se recuperar de sua longa experiência vike. Agora que ela dormiu e recuperou seu peso, estamos no jato da empresa, saindo de Seattle e indo para Sterling, para que ela possa ser reconhecida como feitora executiva. Foram apenas seis dias de atraso.

Falta uma hora para pousarmos. Estou sentada em frente a Ying. Estive pisando em ovos com ela durante toda a semana. Ying sabe que eu mudei o código do seu portal vike e que a deixei presa, bem como sabe que fui eu que descobri como consertar o problema. Ela não disse nada sobre sua experiência vike ou sobre o que planeja fazer quando se tornar feitora.

Ela não disse nada a ninguém. Ying está usando fones de ouvido e não parou de ler *A Arte da Guerra* de Tzu desde que entramos no voo.

Ela está em guerra comigo.

Por não sabermos nada sobre os planos de Ying, eu e Simon ficamos ocupados pesquisando tudo o que podemos encontrar sobre o que Origen fez no Egito. Assim, podemos antecipar como Ying tentará se livrar de nós. Infelizmente, os registros antigos são escassos e Val ainda não está nos deixando vikar. Os fatos dos quais temos certeza são os seguintes: em 231, dois feitores morreram por conta de uma doença, Demétrio renunciou seu papel de feitor executivo e Origen moveu a organização do Egito para a Palestina.

Precisamos de mais contexto. Podemos obter respostas se eu vikar para Lillia de Cagliari, descobrir o que aconteceu e como ela sobreviveu.

Uma semana atrás, eu sequer sabia o que o xanazo era. Agora, não posso viver sem ele.

Ontem, na esperança de construir outro portal vike, encomendei um monte de sensores e transmissores online,

mas eles só chegarão daqui a quatro dias.

Toco o lado do pé de Ying com o meu.

Ela dá um sorriso falso e volta a ler.

Toco novamente e gesticulo para que ela tire seus fones de ouvido.

Ying abaixa o livro e tira os fones.

- Sim, Zelly?

- Eu queria conversar antes que você se torne uma grande e poderosa feitora. Enquanto ainda somos iguais.

Ela lança um olhar pelo corredor, em direção à Val.

- Está animada ou com medo? - eu pergunto.

- Ambos. Mal posso acreditar que o dia de hoje finalmente chegou.

- Estou com inveja - inclino-me para frente. - O que vai fazer com todo o seu novo poder?

Ela fica calada por algum tempo. Em seguida, pergunta:

- O que você faria?

Estive pensando sobre isso durante a semana toda.

- Eu tornaria a tecnologia vike pública - digo. - Isso poderia duplicar ou até triplicar nossos membros e os depósitos apenas no primeiro ano.

- E se descobrirmos que, a longo prazo, vikar tem efeitos colaterais?

- Você vikou por mais tempo do que todos nós, então, saberia sobre isso. Acha que sofreu algo?

- Eu duvido que eu saberia dizer - ela faz uma pausa. - Notei que lido com os conflitos de uma forma diferente.

Eu levanto as sobrancelhas.

- Antes das minhas experiências vike - Ying fala -, quando as pessoas pareciam ameaçadoras, eu simplesmente as evitava.

Mordo meu lábio inferior.

- E agora?

Ela fecha o punho e o move na minha direção.

- Agora, aprendi a revidar. Com mais força.

Recosto-me no assento e tento não deixar que Ying veja o arrepio que me atravessa. Recordo o que Simon falou sobre eu sugar todo o oxigênio e me pergunto se meu plano de aumentar minha intimidação saiu pela culatra.

Quando tenho certeza de que minha voz não soará trêmula, pergunto:

– Era assim que seu feitor lidava com os problemas?

Ela assente.

– E funciona. Quando ele revidou e superou os valentões e os idiotas, todos os conflitos internos desapareceram.

Pelo pouco que coletei a respeito, Ying está reescrevendo a história, pois Origen era o valentão. Foi ele que eliminou os outros feitores e assumiu a organização. Só então os conflitos internos pararam.

Contudo, eu não digo isso.

– Alguém a está ameaçando agora? – pergunto.

Ela não hesita, apenas inclina a cabeça e estreita os olhos.

– Semana passada, você era a ameaça – Ying fala. – Você me prendeu naquela experiência vike de dezoito horas.

Ying decide trazer essa questão à tona. Eu estou com problemas.

– Espera aí – digo, levantando um braço em sua direção.

– Eu não a machuquei de propósito. Sem falar que lhe avisei que era perigoso.

Ela bate na minha mão.

– Foi um aviso de araque. Você deveria ter me dito que tinha mudado o código, mas não disse. Eu poderia ter morrido.

Olho pela janela do jato, imaginando como posso responder sem deixar transparecer que sei que Ying está tentando me matar e que tudo o que eu queria fazer era ganhar tempo enquanto encontrava uma forma de me proteger.

Eu deveria deixar as desculpas de lado.

- Você está certa - digo. - Eu deveria ter lhe dito sobre a mudança no código. Sinto muito.

Nós nos encaramos por um minuto. Então, ela suspira.

- Estou com medo, Zelly. Tudo ficará bem enquanto eu for a nova feitora, contudo, quando você também for, todos perceberão quão fraca eu realmente sou.

Será que Ying está me dizendo que eu e Simon somos suas verdadeiras ameaças? Que ela não pode permitir que nós nos tornemos feitores?

- Você vai se sair bem, garota - falo. - Você tem uma vantagem de dezoito meses. Eu nunca serei capaz de alcançá-la.

Ela balança a cabeça.

- Eu queria tanto que o que você diz fosse verdade - após um tempo, Ying pergunta - O que planeja fazer até completar dezenove anos?

Ela quer ouvir que ficarei quieta.

- Vou ficar na escola, ir para o campo de treinamento, ajudar Simon e passar um tempo com George e Sue quando eles nos visitarem. Além, é claro, do que quer que você queira que eu faça.

Ying sorri.

Consegui algum tempo.

Antes que eu consiga me deter, abro minha grande boca:

- E já que estamos sendo honestas, quero que saiba que eu farei o que for necessário para que eu me torne uma feitora.

O que há de errado comigo?

Ying estreita os olhos. Após um longo momento de silêncio, ela diz:

- Boa sorte. Você vai precisar.

Ela coloca os fones de ouvido de volta e pega seu livro, deixando-me remoer nossa conversa pelo resto do voo.

Vinte e sete

Na noite seguinte, ainda estamos em Sterling, no final da cerimônia de juramento de Ying. Simon, Scott e eu estamos vestidos de acordo com a ocasião e sentados na primeira fileira do auditório da Soul Identity. É tarde da noite e nós, juntamente com uma centena de funcionários locais, esperamos pelo discurso de aceitação de Ying, uma tradição que começou nos tempos da Babilônia.

Imagino quando poderei vikar para o momento em que Lillia de Cagliari fez seu discurso de aceitação, em Cesareia, quase mil e oitocentos anos atrás. Precisarei ter um portal vike em funcionamento, mas já encontrei uma solução para esse problema. Mesmo que Val e Ying nunca me deixem usar os delas, meus sensores e transmissores chegarão em breve e eu poderei construir um para mim.

Depois, precisarei encontrar um local seguro para vikar, pois percebi que esses serão os momentos em que estarei mais vulnerável.

Eu adoraria discutir esses tipos de estratégias de sobrevivência com Simon, porém, ele está chateado com minha última conversa com Ying. Eu o desafiei a encontrar a interpretação mais respeitosa acerca da ameaça dela, mas tudo que recebi em troca foi seu silêncio.

O plano é que Scott voe de volta para casa comigo e com Simon, deixando Val e Ying aqui para começarem sua regência conjunta, que acredito que não permanecerá assim por muito tempo. Prestamos nossos respeitos a Archibald Morgan na noite anterior, enquanto ele permanecia em sua cama, encarando o teto e não se movendo. Acho que ele vai bater as botas logo. Isso faria com que Val deixasse de ser sua administradora.

Tenho medo de Ying e ainda mais da possibilidade de ela se tornar a única feitora, especialmente após suas duas e longas experiências vikes como Origen. Eu preciso saber como Lillia conseguiu sobreviver.

Preciso vikar.

Val sobe no palanque. Ela está elegante com seu cabelo ruivo brilhante, seu terno de listras verde-escuras com saia e sua blusa creme de seda. Ela é a imagem de uma líder que qualquer um seguiria e confiaria. Val dá um pequeno aceno e todo o auditório solta um suspiro coletivo.

Ela fala sobre o privilégio de servir como administradora do Sr. Morgan e como já se passaram quase cinco anos desde que Ying, Simon e eu fomos resgatados. Val diz algumas palavras sobre cada uma das pessoas que cuidaram de nós: Scott, seus pais, George, Sue e vários outros. Ela apresenta Ying, profere alguns elogios sobre ela e se senta no lado esquerdo do palco.

Ying sobe ao pódio sob nossa ovação de pé. Ela está vestindo um terno verde-floresta com grandes botões prateados, uma camiseta preta e botas pretas com saltos de dez centímetros.

Ela se inclina em direção ao microfone assim que os aplausos diminuem e nós nos sentamos.

- Obrigada, Val. E obrigada a todos que estão aqui e que estão on-line - Ying fala. - Durante os últimos cinco anos, aprendi que a Soul Identity é uma força vital, relevante e positiva nas vidas de todos os nossos membros.

Isso gera uma salva de palmas.

Ela estende uma mão na direção de Val.

- Pelos últimos cinco anos, nossa organização tem sido mantida por uma fabulosa administradora. Val aumentou o número de membros e reorientou nossos valores. Nós nos tornamos uma empresa bem gerida e responsável.

O público aplaude. A expressão de Ying é, contudo, sombria; o que me faz lançar um olhar para Simon. Como os olhos dele estão grudados nela, em nossa nova feitora executiva, ele não nota minha expressão preocupada.

Ying continua:

- Como Val mencionou, cinco anos atrás, minha família inteira foi assassinada e eu fui sequestrada.

Isso também aconteceu com Simon e comigo, mas acho que esse é o momento dela.

- Cheguei à conclusão inevitável de que, se não fosse pelo fato de que a Soul Identity se perdeu no caminho e não fez seu trabalho direito, minha família ainda estaria viva.

O silêncio paira no auditório e vejo muitos olhares confusos. No palco, Val está com uma leve carranca no rosto.

Ying volta a chamar a atenção do público.

- Passei muito tempo pesquisando sobre a história de nossa organização. Realmente vasculhando fundo, até a época em que ainda éramos conhecidos como Psychen Euporos.

Chamar as experiências vike dela de pesquisa é um pouco exagerado. Porém Ying passou, de fato, o equivalente a vários anos no Egito e na Palestina.

- Naquela época - ela fala -, o Psychen Euporos agia assim como os bancos de investimento do mundo. Nós éramos o poder por trás de cada governo e, para continuarmos nessa posição, fomos ágeis o bastante para nos mudarmos da Babilônia para Alexandria, Cesareia, Istambul e Bratislava. Éramos implacáveis e imparáveis. Ninguém se atrevia a nos desafiar. Ninguém se atrevia a machucar nossos familiares. - Ying levanta um dedo. - Mas, então, em 1752, migramos para o Novo Mundo e mudamos nosso nome para Soul Identity. Alteramos nosso foco de negócios e não foi para melhor. Em vez de moldarmos a história mundial coletiva, de conduzirmos as melhores decisões mundiais e de financiarmos as maiores iniciativas do mundo, ficamos em segundo plano. Permitimos que o poder que tínhamos deslizesse pelos nossos dedos. Teorias da conspiração sobre quem realmente dirigia o mundo se multiplicaram. Enquanto isso, ficamos fracos e deixamos que os outros se fortalecessem.

Ela aponta para Val.

- Hoje em dia, isso só piorou. Agora, focamos nossos esforços no aumento de nossos lucros e na maximização do nosso valor quando deveríamos estar aumentando nosso poder e maximizando nossa influência. Sim, nós crescemos, mas que desperdício foi.

Simon está com os olhos arregalados. Eu quero lhe dar um olhar de eu-lhe-disse, contudo, estou distraída demais, pensando sobre como ele e eu vamos sobreviver pelos próximos dias.

- Por favor, não pensem que tudo isso é culpa de Val - Ying diz. - Ela é apenas a administradora no final de dois séculos e meio de feitores fracos e ineficazes. - Ela coloca seus antebraços no pódio. - Porém, hoje é um novo dia. Daqui a alguns anos, quando olharmos para trás, nós lembraremos de hoje como o início de uma Soul Identity nova, corajosa e orgulhosa, porque foi nesse momento em que começamos a recuperar o que é nosso; em que começamos a restaurar nossa antiga glória e plantamos as sementes que recuperarão nossa influência. A Soul Identity mais uma vez moldará o mundo e seu cenário político por meio de nossos investimentos estratégicos. Ela será, novamente, vista como a organização que está por trás de cada conquista e derrubada bem-sucedida feita por qualquer potência mundial. E isto se dará porque, pela primeira vez em muito tempo, nós teremos o tipo certo de feitor no comando.

Os braços de Ying subiram lentamente enquanto ela falava. Agora, seus dois punhos estão no ar. Ela os bate no pódio, olhando ferozmente para a plateia subjugada.

Após um momento, Ying gira e sai do palco pela porta dos fundos à direita. Alguns segundos depois, Val se levanta, lança um olhar preocupado para Scott e a segue para fora, deixando o resto de nós - tanto os que estão no auditório quanto os que estão assistindo on-line - sentados em um silêncio atordado.

Vinte e oito

Simon e eu giramos em nossos assentos e observamos os funcionários da Soul Identity deixarem o auditório pelas portas principais à direita e seguirem pelas escadas ao fundo. A maioria está com expressões conturbadas em seus rostos.

- O que diabos aconteceu com Ying? - Simon pergunta.

- É sobre isso que estive lhe alertando - digo. - Vamos sair daqui.

Scott toca no celular com os polegares.

- Ainda não. Precisamos cronometrar isso direito.

- Cronometrar o quê?

- A nossa saída - ele coloca o celular em seu bolso. - Se vocês saírem pelas portas principais, serão detidos.

- Quem nos deteria?

- Não sei, mas dá para vê-los nos aguardando lá - ele usa seu queixo para apontar.

Vislumbro quatro seguranças com uniformes cinzas parados nas portas e esticando seus pescoços enquanto nos observam através dos espaços entre os funcionários.

- Eles não estão aqui para nos proteger?

- Para mim, não é o que parece - Scott diz. - Vocês estão prontos para ir?

- Você tem um plano? - pergunto.

- Sim. Tente me acompanhar - ele se levanta com um salto, corre até as escadas do lado esquerdo do palco e gesticula para nós.

Simon e eu corremos atrás de Scott à medida que ele sobe no palco e dá uma batida em uma porta lateral.

Verifico a entrada. Os seguranças conseguiram atravessar as portas e passar pela multidão. Três deles sobem no palco. O quarto fica embaixo, caminhando ao longo da primeira fila.

- O que estamos esperando? Vamos - eu digo.

- A porta ainda está trancada - Scott fala. - Espere um segundo.

Assim que os seguranças chegam no meio do palco, eles se espalham. O quarto fica aguardando no final das escadas que acabamos de subir.

Nós nos aproximamos de Scott. Pergunto-me se podemos pular do palco e chegar até a porta dos fundos, mas logo vejo mais dois guardas lá, olhando em nossa direção.

Não temos para onde correr.

Scott dá outra batida e a porta se abre. Simon e eu a atravessamos. Scott a fecha antes que os seguranças possam nos seguir.

Val está parada na nossa frente, respirando com dificuldade.

- Você demorou muito - Scott fala.

- As coisas ficaram complicadas - ela diz. - Sigam-me. Rápido!

Estamos em um corredor escuro, cuja única iluminação vem das luzes de segurança. Val nos leva para uma saída de emergência.

- Vamos sair um de cada vez - ela fala. - Vão direto para os fundos da casa de hóspedes e mantenham suas cabeças abaixadas.

- Por que para a casa de hóspedes? - pergunto.

- Precisamos pegar Archie - Scott diz. - Antes que eles o peguem.

Ele abre a porta e faz uma careta ao ouvir o ruído dela. Simon o segue. Em seguida, é minha vez e, depois, é a de Val.

Nós quatro nos mantemos a cinquenta metros um do outro enquanto contornamos os cantos do estacionamento brilhante. Escalamos um pequeno muro de pedra, andamos por um campo escuro e nos reunimos do lado de fora da porta dos fundos da casa de hóspedes.

- Quem vem nos pegar? - Scott pergunta a Val.

Ela olha para seu celular.

- Uber. Vai chegar em dois minutos.
- Você administra uma das maiores organizações do mundo e está chamando um Uber? - Simon pergunta.
- No momento, não sei em quem confiar, Simon - ela fala. - Você tem uma ideia melhor?
- Vai ser o Uber mesmo - ele diz. - Porém, serão cinco pessoas no carro.

- Pedi um com mais assentos. É um Escalade branco. O nome do motorista é Boubacar.

- Vou trazer Archie para o andar de baixo - Scott diz. - Encontrem os remédios dele. Nós nos encontramos na frente da casa em dois minutos.

Ele abre a porta dos fundos e entra. Val tira um Taser preto e amarelo em formato de pistola do bolso. Ela vira a trava de segurança e atravessa a porta.

Um minuto depois, Simon e eu corremos para dentro e subimos as escadas dos fundos. Val está no corredor, parada sobre um homem caído no chão. Ele está vestindo o mesmo uniforme cinza dos seguranças que vimos antes. Os fios do Taser estão no seu pescoço e ele está se contorcendo no chão.

- Eu sempre quis usar isso em alguém - ela diz.

Entro no quarto do Sr. Morgan com Simon logo atrás de mim. Nós quase esbarramos em Scott, que está atravessando a porta com o velho homen em seus braços.

Paro no banheiro e pego todos os frascos de remédio que consigo encontrar. Simon pega o resto que está na mesa de cabeceira e nós corremos de volta para o corredor.

Val se ajoelha ao lado do segurança, que agora está de bruços e algemado. Nós três vamos para o andar de baixo e atravessamos a porta da frente.

Scott para com o Sr. Morgan no final da entrada.

- Onde diabos está o Uber?

Val pega seu celular.

- Está quase aqui.

Alguns segundos depois, um SUV branco aparece. O motorista abaixa o vidro. Sua pele negra e profunda quase brilha sob a luz da rua.

- Valentina?

- Boubacar?

Ele abre a porta lateral. Scott coloca o Sr. Morgan no assento atrás do motorista, direciona Simon e eu para a fileira de trás e passa sobre o Sr. Morgan para se sentar ao seu lado.

Val se acomoda na frente e Boubacar sai da entrada.

Ao nos dirigirmos para o portão principal, duas viaturas policiais com luzes piscando vêm em nossa direção. Boubacar encosta e elas passam por nós rapidamente. Pela janela, vejo-as virarem na garagem da casa de hóspedes.

Val diz para Scott:

- Foi por pouco.

Ele assente.

- E ainda não estamos fora de perigo.

Vinte e nove

Boubacar toca em seu celular.

- Seu destino é o Aeroporto Regional de Worcester? - ele pergunta.

- Sim, por favor - Val diz.

Boubacar olha pelo retrovisor, na direção do Sr. Morgan e de Scott.

- Amigo - ele fala -, esse cavalheiro irá sobreviver?

- Não para sempre - Scott diz.

- Ninguém tem permissão para morrer no meu Cadillac.

- Ele vai ficar bem até lá - Val diz.

- Espero que sim - ele fala. - Certa vez, peguei uma senhora em uma casa de repouso. Eu tinha certeza de que ela ia morrer em minha frente. O diretor a colocou no meu carro e disse que eu deveria levá-la para casa, pois não havia mais nada que ele pudesse fazer. Eu a levei até Manchester.

- Hum - Scott diz. - Ela chegou viva?

- Como eu disse, amigo, ninguém tem permissão para morrer no meu Cadillac. A filha dela me fez levá-la de volta para a casa de repouso. Sequer deixou a mãe dela sair do meu carro. Nós fizemos a viagem sem ninguém morrer.

- Ninguém vai morrer hoje também - Scott diz.

- Que bom - Boubacar fala. - É uma viagem curta, amigo. Se o cavalheiro escolher se encontrar com seu criador, por favor, não me diga. Apenas leve-o com você.

- Pode deixar - Scott diz.

Eu toco no ombro dele.

- Não acha que eles sabem sobre o jato?

- Tenho certeza de que sim - ele fala. - É por isso que estamos indo para o aeroporto.

Olho para Simon, depois volto meu olhar para Scott.

- Está tentando fazer com que sejamos pegos?

- Não, nós estamos tentando escapar.

Balanço minha cabeça.

- Não estou entendendo.
- Deixe-os acreditar que são mais espertos do que nós - ele diz. - Eles convergirão para onde acham que nós estamos indo.

Quero dizer para Scott e para Val que os alertei sobre Ying e que nós poderíamos ter evitado nossa fuga se eles tivessem ouvido, mas não é o momento apropriado para trazer isso à tona.

Em vez disso, digo a Scott:

- Você deve ter um plano.
- Nós temos - ele fala. - Val e eu fizemos vários planejamentos de contingência e modelagens de ameaças durante a última semana. Até agora, estivemos certos.
- Até agora, tivemos sorte - Val diz.
- Certo. Precisamos ficar fora da rede antes de sermos vistos - Scott pega um saco de papel do bolso interno de seu terno e tira cinco pares de óculos de sol de plástico. - Coloquem um par no rosto e não os tire, mesmo sendo noite. Assumam que meu sistema de vigilância ocular está comprometido.

A empresa de Scott hackeou a maioria das webcams municipais e privadas. Ele lê as íris, calcula as identidades de alma e coleta as coordenadas. Scott usou essa tecnologia para nos resgatar e, hoje em dia, ele a compartilha com a Soul Identity para que possamos ajudar membros a encontrarem os descendentes das linhagens de alma de pessoas que foram importantes para eles em suas vidas passadas.

- Noventa segundos - Val diz. - Boubacar, houve uma ligeira mudança de planos.

- O que precisar, senhora. É só me dizer.
- Nós vamos descer do carro no próximo semáforo, mas ainda queremos que você dirija até o aeroporto. Mantenha a viagem em progresso até chegar lá.

Boubacar levanta as sobrancelhas.

- Você quer que eu finalize a viagem quando eu chegar?

- Sim, no ponto de embarque.

- Sim, senhora.

Ela ergue uma mão na nossa direção.

- Entreguem-me seus celulares.

Nós os entregamos e ela os coloca no console. Val mostra um grande envelope prioritário da USPS.

- Quando finalizar a viagem, desligue todos os quatro celulares, coloque-os neste envelope e, depois, coloque-o em uma caixa de correio - ela põe o envelope no painel com cinco notas de cem dólares em cima. - Isso é pela inconveniência.

- Obrigado, senhora - Boubacar aponta para o para-brisa. - É aqui que vão descer?

- Sim.

Boubacar para na luz vermelha e Val e Scott abrem suas portas. Simon e eu passamos pelo assento e pegamos os remédios enquanto Scott vai para o outro lado do carro, abre a porta do Sr. Morgan e o tira do veículo.

- Obrigada, Boubacar - Val diz. - Como requisitou, ninguém morreu no seu Cadillac.

- Ninguém. - Ele sorri e vai embora.

Seguimos para um dos lados da rua. O cruzamento está escuro e vazio. Um lago se encontra à nossa direita e uma ponte estreita está à nossa frente.

- Vai ser horrível andar com esses óculos - eu digo.

- Você não vai precisar andar - Scott fala.

Uma minivan para à nossa esquerda, no cruzamento, e nós atravessamos a rua para nos aproximar dela. A porta lateral do passageiro se abre. Simon e eu vamos para a parte de trás. Scott ajuda o Sr. Morgan a se sentar atrás do motorista, então, se embaralha por cima do velho homem, assim como fez antes. Porém, dessa vez, ele se acomoda no assento do meio, ao lado de Val.

Outro homem está ocupando o banco do passageiro ao lado da mulher que está dirigindo a minivan. Ambos usam

óculos de sol, mas os reconheço facilmente. São o Sr. e a Sra. Waverly, os pais de Scott.

Por que Scott chamaria seus pais, seus parceiros de negócios já aposentados, para Massachusetts?

Trinta

No meio da noite, ainda estamos na estrada. Não sei que horas são, porque Val deixou nossos celulares com Boubacar e a luz fraca do relógio do painel da frente está muito longe para que eu possa ver.

Exceto por mim e pela Sra. Waverly – que cantarolou o mesmo refrão de uma música desconhecida por tantas vezes que eu decorei a melodia –, todos parecem estar dormindo. Ela tem um pé pesado. A Sra. Waverly desce pela faixa esquerda da interestadual, lançando seus faróis altos pelo caminho. Nenhum carro passa por nós.

Não vejo os pais de Scott desde o Natal, quando eles vieram visitá-lo em Seattle. Eles tinham acabado de voltar de um cruzeiro que seguiu de Miami para Los Angeles. O pai de Scott não conseguira parar de falar sobre a passagem que fizeram pelo Canal do Panamá. Ele o chamara de o maior atalho do mundo. A mãe de Scott nos contara sobre os macacos que vira em uma viagem de canoa feita pelos manguezais da Colômbia. Certa vez, Scott me disse que temia que seus pais ficassem entediados quando eles decidissem se aposentar do negócio de segurança que os três geriam. Contudo, assim que eles passaram a fazer cruzeiros, os dois passaram a desejar que tivessem adiantado suas aposentadorias em, pelo menos, dez anos.

Sentada aqui, no escuro e com todos dormindo, lembro de Ying ter dito no campo de treinamento que queria fazer algo grande. Relembro a conversa que tivemos no jato, quando ela disse que eu havia tentado machucá-la e que me desejava boa sorte em minha tarefa de me tornar uma feitora.

Meus pensamentos se voltam para o que Ying disse em seu discurso de aceitação; sobre usar a Soul Identity para a condução dos acontecimentos mundiais. Enquanto eu

estava temendo que ela fizesse um ataque direto contra mim, Ying estava planejando algo muito maior.

Como ela conseguiu se organizar tão rápido? Nós pousamos em Sterling ontem. Como Ying conseguiu convencer os seguranças a se voltarem contra Val e nos forçarem a fugir?

O que me incomoda é que fui eu que a armei. Ao prendê-la em sua experiência vike, dei-lhe horas extras para observar as táticas sorrateiras de Origen.

Preciso voltar e analisar mais sobre a vida de Lillia de Cagliari para que possa descobrir que outros truques Ying aprendeu com Origen. Talvez, eu possa até encontrar uma vulnerabilidade.

Contudo, será que ao menos temos um portal vike conosco? Se sim, Val deveria me deixar usá-lo, especialmente agora que as coisas mudaram.

Eu deveria ter parado de vasculhar a história e passado mais tempo convencendo Val de que precisava vikar. Ying está vários passos à nossa frente. Nós estamos batalhando para ver quem consegue superar a outra mais rápido. É isso o que acontece quando não se corre riscos. Já participei de jogos de estratégia suficientes para saber que o foco excessivo na defesa leva à morte.

#

Os raios do nascer do sol atingem a parte de trás da minha cabeça, acordando-me.

Ainda estamos na estrada. A mãe de Scott está cochilando no assento do passageiro enquanto o pai dele dirige. Ele está na faixa da direita. Estamos nos movendo a metade da velocidade que estivemos quando sua esposa estava atrás do volante.

O Sr. Morgan está acordado em seu assento reclinado. Como de costume, seus olhos não estão focados em nada. Logo atrás dele, ao meu lado, Simon está deitado de costas com suas pernas dobradas, ocupando o assento extra entre nós. Ele está usando seus óculos de sol e roncando. As

pontas de sua gravata borboleta desatada estão espalhadas pelo seu peito.

A cabeça de Scott repousa sobre o ombro de Val. Inclino-me sobre as pernas de Simon para espiá-la e ela me dá um sorriso rápido.

- Tem alguma ideia de onde estamos? - eu pergunto.

- Acabamos de chegar em Ohio.

- A-há, então há pessoas acordadas aí atrás - o pai de Scott diz. - O que acham de uma parada de descanso?

Simon enfia as pernas sob o assento reclinado do Sr. Morgan e se senta, bocejando.

- Sim, por favor.

O Sr. Waverly para no Centro de Boas-vindas de Ohio e Scott levanta a cabeça.

- Lembrem-se de colocar seus óculos - ele diz.

Nós saímos da minivan, nos alongamos e seguimos para os banheiros. Quando voltamos, a mãe de Scott está com a porta lateral aberta. Ela entrega uma garrafa de água, duas barras de granola e uma maçã para cada um de nós.

- Scott disse que não podemos parar em restaurantes, então, esse é o nosso café da manhã - a Sra. Waverly fala. - Comam antes de voltarmos para a estrada.

Devemos ser uma visão e tanto para os outros viajantes, já que Scott, Val, Simon e eu estamos usando roupas formais amassadas, o Sr. Morgan está de pijama e chinelos e os pais de Scott estão usando shorts, camisas polo e sandálias. Sem falar que todos nós estamos usando óculos de sol idênticos e mastigando barras de granola.

- Quanto combustível nós temos? - Scott pergunta à sua mãe.

- Quase um tanque cheio - ela diz. - Eu o enchi em Erie, enquanto todos estavam dormindo.

- Você estava usando seus óculos?

- Você se esqueceu de que seu pai e eu éramos seus sócios em uma empresa de segurança?

- Não tenho como me esquecer - ele fala. - Você pagou em dinheiro?

- O que acha?

- Falando em dinheiro...

- Está no porta-luvas. Várias pilhas.

Pilhas de dinheiro? O que eles estão planejando? E por que não estão nos contando? Entramos na minivan e voltamos para a estrada.

- Qual é o nosso destino? - pergunto.

- Toledo - o pai de Scott diz. - Faltam quatro horas para chegarmos.

- Agora que voltei a dirigir, faltam apenas duas horas e meia - a Sra. Waverly fala.

#

Uma hora depois, Simon me cutuca.

- Isso é um pesadelo, Zelly.

Eu assinto.

- Está na hora de contarmos a eles sobre todas as suspeitas que tivemos acerca de Ying.

- E deixar que saibam que mentimos? Está louco?

- Não, Ying é a louca - ele move o queixo na direção de Scott e de Val. - Conte-lhes agora ou eu contarei.

Está na hora de engolir alguns sapos. Mesmo que eu odeie fazer isso, Simon está certo. Nós precisamos da ajuda deles e eles precisam saber o que nós sabemos.

Pigarreio.

- Scott? Val? Simon e eu temos algo a dizer.

- O que é, Zelly? - Scott pergunta.

- Estamos com medo de Ying desde que ela acordou de sua primeira experiência vike.

- Da primeira experiência vike? Ela disse algo? - Scott pergunta.

- Sim, algumas coisas estranhas para Zelly - Simon fala.

- Tipo que vikar mais faria dela a melhor feitora do mundo. Ying não fez nenhuma menção a nós, mesmo quando impelida.

- Isso fez com que ficássemos preocupados com a possibilidade de ela desejar ser a única feitora - eu digo. - E de que encontraria uma forma de nos impedir.

Scott e Val se entreolham.

- Pesquisamos sobre o ancestral de alma egípcio para o qual ela vikou - falo. - Seu nome era Origen e ele era um cara bem mau. De alguma forma, todos os seus colegas feitores morreram por conta da peste. Ele mudou a organização do Egito para a Palestina. Nós estávamos com medo de que ela estivesse planejando fazer o mesmo conosco.

- Estavam com medo de que Ying os matasse? - Scott pergunta.

Simon e eu assentimos.

- Quando vikei pela última vez - falo -, voltei para a Palestina, para Lillia de Cagliari, minha ancestral de alma. Conheci Origen. Eu sei que foi ele que matou os feitores de Alexandria.

Scott e Val trocam mais olhares longos.

- Passamos essa última semana tentando encontrar tudo o que podíamos sobre o que Origen fez - eu digo. - Queríamos estar preparados para qualquer coisa que Ying jogasse em nós.

- Ying sabe que vocês estavam suspeitando dela? - Val diz.

- Ela sabe - Simon fala. - Durante o voo para Sterling, Zelly a alertou de que não permitiria que ela nos impedisse de nos tornarmos feitores.

Val diz:

- Obrigada por nos contarem sobre isso. Porém, neste momento, confiamos em Ying e não acreditamos que o que aconteceu com os seguranças foi feito por ela.

Tento manter meu espanto escondido, mas duvido que tenha conseguido.

- Vocês não acham que Ying está envolvida? - pergunto.
- Não estavam prestando atenção no discurso de aceitação

dela?

- Ah, eu estava muito atenta - Val diz. - Acredite, prestei atenção em cada palavra que ela disse, mas só porque enfatizou que quer conduzir uma nova cultura e redirecionou os teóricos da conspiração, não significa que ela está tentando matá-los. Ying também é uma vítima.

Estou prestes a responder quando Simon estende uma mão por baixo do banco, fora da linha de visão de Scott e de Val. Ele segura minha perna e a aperta. Quando lanço um olhar em sua direção, ele balança a cabeça sutilmente.

- Você não acha que Ying está envolvida com as pessoas que tentaram pegar nós e o Sr. Morgan? - pergunto a Scott em um tom equilibrado.

Ele franze o cenho e balança a cabeça.

- Não. Sinto muito, Zelly, mas você interpretou mal o que Ying disse após a experiência vike dela. E, agora, confundi esse mal-entendido com a animação dela durante o discurso de aceitação. Ying está em apuros e, assim que vocês estiverem seguros em Toledo, vou voltar para resgatá-la.

Como Ying conseguiu vender os olhos deles?

- Isso é loucura! - digo. - Escutem o que estão dizendo. Vocês estão criando desculpas para ela e me dizendo que eu não estou compreendendo as coisas direito. Isso é manipulação e não vai funcionar. Lembro-me exatamente do que Ying disse.

- Tem sido uma longa noite, Zelly - Val diz. - Deveríamos descansar. Podemos falar sobre isso quando chegarmos em Toledo?

- Essa é uma ótima ideia - Simon fala, ainda apertando minha perna. - Vamos descansar, Zelly.

Eu quero me recompor, portanto, forço-me a sorrir.

Contudo, por dentro, estou gritando.

Trinta e um

Enquanto ferve na parte de trás da minivan, chego à infeliz conclusão de que Scott e Val nunca serão capazes de ver que Ying se tornou má. O papel de mentor que lhes foi dado fez com que eles pensassem que são mais como nossos pais.

Aposto que até os pais dos piores criminosos do mundo acreditam que, no fundo, seus filhos são bons e que só passaram a andar com as pessoas erradas.

Simon e eu podemos ver que Ying escolheu um caminho sombrio após vikar, mas Scott e Val não podem. A proximidade deles os impede.

Tudo isso é compreensível. O que me deixa chateada é que, em vez de ouvir minha perspectiva, eles estão me dizendo que eu estou louca.

Deve ser porque os dois estão encurralados e não conseguem encontrar uma forma de admitir que erraram ao não notar que Ying mudou.

Agora, estou me sentindo mal por Scott e por Val. Quer dizer, mais ou menos. Ainda assim, eles não deveriam ter tentado me fazer pensar que enlouqueci.

Chegamos em Toledo. Os pais de Scott nos conduzem pelo centro da cidade e pela Cherry Street. O Sr. Waverly aponta para uma ampla casa branca de dois andares à esquerda. A vista de sua varanda frontal está quase que completamente bloqueada por uma grande árvore.

- É aqui - ele diz.

- Vocês não se mudaram para o Colorado? - pergunto.

- Sim - a mãe de Scott fala. - Esta casa pertence a um dos nossos amigos de cruzeiro, Mike e Monica Miller. - Ela vira à esquerda e estaciona no beco atrás da casa. - Eles trocaram de lugar conosco.

- Eles estão na sua casa? - Simon pergunta.

- Não, estão no Caribe, há cerca de menos de uma semana em nosso cruzeiro de vinte dias, hospedados em

nossa suíte com varanda – o Sr. Waverly diz –, enquanto nós estamos ocupados, salvando vocês do caos e da destruição.

– Mike e Monica reservaram uma viagem noturna de última hora para Porto Rico – a Sra. Waverly fala. – Nós nos encontramos no antigo forte e trocamos passaportes, ingressos, telefones e roupas. Eles entraram no navio e nós passamos a noite em seu quarto de hotel barato. Depois, fizemos o voo de volta para Detroit como se fôssemos eles.

– Pegamos a minivan deles no estacionamento e dirigimos direto para Massachusetts – o pai de Scott diz. – O resto vocês já sabem.

– Espero que eles achem que vocês ainda estão no cruzeiro – Scott diz. – Fico feliz que tudo tenha dado certo.

– Assim como nos velhos e bons tempos – a Sra. Waverly fala. – Senti falta disso.

Entramos na casa e alocamos os quartos. Simon e eu saqueamos a despensa e bisbilhotamos os pertences dos Millers. Nós nos juntamos a Scott e a Val na varanda enquanto os pais dele e o Sr. Morgan tiram um cochilo.

– Certo. Simon e eu acreditamos que Ying está trabalhando junto com os bandidos – eu digo. – Podem nos dizer por que vocês discordam?

– Após o discurso – Val diz –, segui Ying pela porta dos fundos do palco. Assim que entrei, vi quatro daqueles seguranças de uniforme cinza a levando pelo corredor.

– Viu? Ela está com eles – falo.

Val balança a cabeça.

– Deixe-me terminar. Eles não eram nossos seguranças. E Ying estava amordaçada e algemada, Zelly.

Por que ela não mencionou isso antes?

Com as mãos nos quadris, pergunto:

– Se isso é verdade, como você conseguiu escapar?

– Eles não me viram. Outro guarda estava na porta, mas eu o vi primeiro. Ele agarrou meu pulso e, quando se virou, eu desferi um golpe com meu antebraço em seu pescoço.

Assim que ele deu um passo para trás, chutei sua virilha e o segurança caiu. Fiz como nos ensinaram nas aulas de defesa pessoal.

- Ai - Simon diz.

- Lembra-se do Taser que usei na casa de hóspedes? Eu o tirei do coldre dele - Val fala. - Mandei uma mensagem para Scott pedindo que levasse vocês dois para a porta, mas outro segurança estava patrulhando o corredor. Tive que esconder o cara que abati e esperar o outro sair.

- Enquanto isso, eu estava batendo na porta - Scott diz.

Ela pega a mão dele.

- Fui para lá o mais rápido que pude.

- Certo, eles pegaram Ying - falo. - Se eles não são nossos seguranças, quem são?

- Achamos que pode ser o que resta da Fundação Alerta - Scott diz. - O fato de que Ying se tornou feitora executiva ontem lhes deu a oportunidade de capturá-la e assumir o controle da Soul Identity. Contudo, eles falharam, pois mesmo tendo Ying, não conseguiram pegar Val e Archie.

Tento suprimir um arrepio, mas não consigo.

- Pensei que tivessem acabado com esses caras após vocês terem nos resgatado - Simon fala.

- Também pensei que tivéssemos - Scott diz. - Talvez não sejam eles. Independentemente de quem seja, temos que agradecer a Zelly por tê-los descoberto.

- A mim?

- Só descobrimos a existência deles porque a cerimônia de Ying foi adiada e eles já tinham colocado seus batedores em nosso campus. Nós os vimos. Foi isto que nos alertou e possibilitou que nos preparássemos durante a última semana.

- Mesmo com toda a preparação, falhamos - Val diz. - Eles pegaram Ying e nós mal conseguimos escapar.

- Como podem ter certeza de que ela não encenou sua captura para enganá-los? - eu pergunto.

Scott e Val se entreolham por um tempo.

- Suponho que seja possível - Scott fala. - Honestamente, não considerei isso porque...

- Porque não faz o menor sentido - Val diz. - Zelly, você tem viés de confirmação. Está distorcendo tudo para encontrar evidências de que Ying é má.

Será que tenho viés de confirmação? Estou muito desconfiada? Ou estou apenas usando o conhecimento único que adquiri por meio das minhas experiências vike?

- Posso estar sendo tendenciosa, mas eu vi Origen - digo. - Além disso, vocês mentorearam Ying. Como isso não pode estar obscurecendo seu julgamento?

Val cruza os braços.

- Ying é uma pessoa decente.

- Isso não explica a forma como ela falou comigo ou o que disse em seu discurso - falo. - Você espera que eu aceite o que está dizendo sobre ela ter sido capturada e, ainda assim, ignora o que eu digo.

- Zelly tem um bom ponto - Simon diz.

- Estamos andando em círculos - Scott fala. - Precisamos conseguir roupas e produtos de higiene pessoal, descobrir uma forma anônima de poder estar on-line e planejar o resgate de Ying. Que tal conversarmos novamente à tarde?

- Tudo bem - eu digo.

Porém, de que adianta falar sobre isso de novo? Scott e Val não conseguem ver o que está bem na frente deles.

Trinta e dois

Pego roupas emprestadas do guarda-roupa de Monica. Escolho um grande moletom e um par de calças de yoga que ficam soltas em mim, mas opto por usar meus próprios saltos, já que os tênis dela ficam parecendo sapatos de palhaço nos meus pés.

Nenhuma das roupas de Mike cabem em Simon. Ele tira seu paletó, sua faixa de cintura e sua gravata borboleta, remove os botões de pressão e dobra as mangas de sua camisa social branca.

Nós quatro colocamos nossos óculos e vamos com a minivan para a Target mais próxima, que fica a quinze minutos de distância. Enchemos nossos carrinhos com roupas, produtos de higiene pessoal, roupas íntimas e sapatos. Scott pega quatro celulares pré-pagos e Val esvazia o mostruário de cartões-presentes Visa da loja. Simon e eu pegamos sacos de batatinhas, nozes e doces.

Nós levamos nossos carrinhos de compras para o caixa.

- Vocês acabaram de se mudar para cá? - a atendente pergunta.

- O que nos delatou? - Scott pergunta.

- Sua família está fazendo compras como se estivesse no primeiro dia de um programa de proteção a testemunhas.

Ele sorri para ela.

- Sinto muito por eles terem colocado vocês em Toledo. Imagino que não tenham tido provas o bastante para conseguirem algo melhor.

- É verdade - Scott diz. - As evidências estão escassas para todos esses dias.

- Espera, vocês realmente estão se escondendo? - a mulher pergunta. - Eu estava apenas brincando.

Scott põe um dedo nos lábios.

- Não diga a ninguém que estivemos aqui.

Ela finge zipar a boca.

Após terminar de escanear e embalar tudo, a atendente diz:

- Seu total é de quase quatro mil dólares. É o meu maior registro de caixa até hoje.

Scott entrega quarenta notas novas de cem dólares. A mulher tira um marcador da gaveta da caixa registradora e verifica cada uma delas. Quando termina, ela lhe dá o troco e nós seguimos para o estacionamento.

Colocamos as compras na parte de trás da minivan.

- Lá se foi nossa descrição - Val diz.

- Podemos, ao menos, contribuir com as fantasias dela - Scott fala. - É melhor do que ela suspeitar de nós e chamar a polícia.

Quando retornamos para casa dos Millers, tomo um longo banho com meu novo sabonete e xampu, uso minha nova lâmina para me depilar, seco-me com minha nova toalha, utilizo minha nova maquiagem e meus novos pincéis para ficar apresentável e visto minhas novas roupas.

- Parece que somos novas pessoas - Simon fala.

- Só espero que não seja por muito tempo - dou-lhe um abraço e um tapinha nas costas. - Vamos explorar a vizinhança. Só nós dois.

Colocamos nossos óculos de sol e andamos pela Cherry Street. Após percorrermos alguns quarteirões, chegamos a uma escola primária. Como estamos no verão, o parquinho está vazio.

A luz do sol desaparece e as sombras surgem. Sentamo-nos em um balanço solitário, movendo-nos para frente e para trás suavemente ao passo que nossos pés roçam no cascalho embaixo.

Simon gira no lugar e, à medida que se desenrola, pergunta:

- O que achou sobre a história de Scott e de Val?

- Sobre Ying ser a vítima e não a instigadora? Eu queria que fosse verdade.

Ele para de girar.

- Eu também.
- Mas é tão difícil para eu acreditar nisso. Algo aconteceu com ela durante suas experiências vike.

Simon estende uma mão e pega a corrente do meu balanço, virando-me para encará-lo.

- Mesmo que Ying seja má, ela ainda é uma vítima - ele diz. - Ela nunca se aliaria aos caras que mataram sua família. Ying precisa ser resgatada.

- Nós nem sabemos quem eles são.

- Não importa, assim como não importa que estamos com medo dela. Se Ying está em apuros, nós precisamos ajudá-la.

Merda. Ele está certo.

Fito seus olhos.

- Então, vamos resgatá-la.

- Eu estava esperando que você dissesse isso.

Voltamos para a casa dos Millers e dizemos a Scott e a Val que estamos prontos para conversar.

Enquanto espero, vejo as fotos de família que estão nas paredes. Mike e Monica têm gêmeos, que agora estão crescidos e visitam Toledo nos Natais para tirarem sua foto anual de pijama. Quarenta imagens mostram o crescimento dos meninos, bem como o aumento e a diminuição da barriga de cerveja de Mike.

Quarenta anos de felicidade em família. Isto é, pelo menos durante o Natal. Imagino se meu passado poderia ter permanecido igual por tanto tempo.

Porém, quem estou tentando enganar? Essas fotos mostram quarenta anos de uma obrigação natalina forçada e de décadas de reclamações dos cônjuges e dos filhos dos gêmeos sobre terem perdido oportunidades de passarem as férias em um local ensolarado.

Mike e Monica Miller impuseram a tirania de seus passados sobre toda a sua família.

Quando Scott e Val descem as escadas, caminhamos até a varanda.

- Zelly e eu conversamos - Simon diz. - Não importa se Ying é boa ou má. Ela precisa ser resgatada assim que possível.

- Concordamos - Val fala. - E ao salvá-la, não podemos correr o risco de perder o poder que temos sobre os bandidos.

- Que poder? - pergunto. - Eles já têm Ying. Do que mais precisam?

- Feitores não podem fazer muito sem o consentimento dos outros. Quando estamos sozinhos, nossa autoridade é limitada.

- Isso significa que você e o Sr. Morgan precisam permanecer vivos e não serem pegos - eu digo. - Quando o resto de nós vai resgatar Ying?

- Vocês não vão - Val fala. - Scott e seus pais vão. Vocês dois permanecerão seguros comigo e com o Sr. Morgan.

- Aqui, em Toledo? - pergunto.

- Não é um lugar tão ruim.

- Se vamos ficar presos aqui, você tem que, ao menos, me deixar vikar.

- Nada disso - ela diz. - Não mudei de ideia.

Fito Scott, que demora um minuto para encontrar meu olhar.

- Concordo com Val - ele fala. - Você não sabe o que pode acontecer com você durante sua experiência vike.

O que isso significa? Ele acha que me tornarei má ao observar Lillia?

- Minha ancestral de alma não matou seus colegas - digo.

- Tem certeza? - Scott pergunta.

Quero dizer sim, mas ele tem um bom ponto. Não sei o que aconteceu com Lillia. Eu a observei quando ela perdeu a maior parte de seu mindinho esquerdo e quando chegou ao Psychen Euporos, em Cesareia. Tirando o que consta nos arquivos, não tenho ideia do que mais pode ter acontecido quando ela era uma feitora.

- Não, não tenho certeza - falo. - É por isso que preciso vikar. Vocês precisam confiar em mim.

- Sinto muito, Zelly - Val diz. - Os portais vike ficaram em Sterling, mas mesmo que pudéssemos ter acesso a eles, eu ainda diria não. Se algo acontecer com você, será catastrófico para a nossa organização.

Eu a encaro.

- Você quer manter Simon e eu presos nessa casa, sem nada para fazer?

- Esse é o plano - ela diz. - Até que saibamos mais e que possamos encontrar uma maneira melhor de proteger todos nós, temos que ficar fora da rede.

- Ao menos nos dê um dos celulares pré-pagos para que possamos ter contato com a civilização.

Scott balança a cabeça.

- Vamos esperar até salvarmos Ying e recuperarmos o controle sobre a Soul Identity.

Val diz:

- Enquanto isso, leiam um livro. Assistam à televisão. Usem seus óculos de sol e façam caminhadas. Ajam como se fossem apenas dois adolescentes normais para que nossos vizinhos não fiquem desconfiados.

Não tenho nada a dizer.

O plano deles é uma droga.

Trinta e três

Essa noite, deito-me em uma das camas que devia ter pertencido a um dos gêmeos. As paredes estão cheias de pôsteres de modelos de biquíni e bandas de rock do início dos anos noventa.

Olho para o teto e penso em como minha vida parece ser impossível sem uma conexão com a internet.

Ela também continuará sendo impossível se eu permitir que adultos com aversão a riscos tomem as decisões por mim. Eu deveria estar descobrindo como sobreviver. Esconder-me em Toledo sem ter qualquer fonte de pesquisa é estúpido.

Preciso de um portal vike.

Posso montar um com as partes que encomendei online antes de voar para Sterling, mas elas serão entregues em Seattle. Eu pegaria um voo para lá ou pegaria um trem, contudo, teria que usar meu cartão de crédito e mostrar minha carteira de motorista. Isso me colocaria de volta na rede e, conseqüentemente, os bandidos saberiam sobre Toledo.

Porém, sei exatamente o que preciso fazer. Vou dirigir até Seattle.

Esta noite, enquanto eu estava fuçando pela casa, descobri que Mike e Monica têm outro carro, um Toyota Camry de um modelo antigo que está estacionado na garagem, que fica em frente ao beco atrás da residência. Também encontrei as chaves na cozinha.

Sei que preciso dirigir na direção oeste, mas quais rodovias devo pegar? Como as pessoas iam para os lugares antes da internet? Será que elas só viam um mapa nas áreas de descanso? Não pode ser. Devia existir uma maneira de planejarem suas viagens pelas rodovias.

Livros. Do tipo físico. Os que meus avôs usavam antigamente. Mike e Monica têm uma estante na sala de estar. Visto um par de calças e uma camisa moletom e

desço as escadas. Ligo a luz e vasculho a estante. Há uma fileira inteira formada por um conjunto de enciclopédias de 1976, Reader's Digest Condensed Books e um atlas rodoviário Rand MacNally de 2002.

Sento-me no chão e abro o atlas em um mapa interestadual dos Estados Unidos. Encontro Toledo e sigo a I-90 até Chicago, passando por um monte de estados no centro-oeste, no oeste e por Washington. Na parte inferior do mapa, encontro tabelas de distâncias e tempos de viagem. Seattle fica a cerca de 3.700 quilômetros de distância. Se eu não fizer nenhuma parada, posso estar em casa dentro de trinta e seis horas.

A boa notícia é que, a partir de Toledo, posso pegar a I-90 até chegar em Seattle. Se eu continuar a seguir pelo oeste, não me perderei.

Subo as escadas, pego minhas roupas e meus produtos de higiene pessoal novos e os enfio nas sacolas da Target. Levo-as para o andar de baixo e pego as chaves na cozinha. Abro a porta dos fundos, mas paro antes de sair.

Dinheiro. Não conseguirei ir muito longe com apenas os quarenta dólares que tenho em minha carteira. A mãe de Scott falou que havia pilhas de dinheiro no porta-luvas da van, portanto, vou atrás das chaves do veículo. Infelizmente, o porta-luvas está vazio.

Dentro da residência, procuro pelos cartões Visa que Val comprou, mas ela deve ter os levado para o quarto dela e de Scott.

Simon pode ter dinheiro. Levo minhas sacolas de volta para o andar de cima e entro em seu quarto. Ele está deitado de costas, dormindo profundamente. Como não quero que ele grite, cubro sua boca com uma mão e aperto seu ombro com a outra.

Seus olhos se abrem e ele solta um grito abafado.

– Sy, sou eu, Zelly. Fique quieto para eu tirar minha mão da sua boca.

Simon assente e eu afasto a mão. Ele se senta.

- Você tem algum dinheiro que possa me emprestar?
- Para quê?
- Estou indo embora.
Ele balança a cabeça.
- Você deve ter alguma coisa. Eu vou pagá-lo de volta.
- Leve-me com você - ele diz.
- Você nem sabe para onde estou indo.
- Não importa. É melhor do que ficar aqui - Simon joga as pernas para fora da cama. - Eu tenho dinheiro, mas se tentar ir embora sem mim, vou acordar todo mundo.

Suspiro.

- Tem certeza? Será uma longa viagem de volta para Seattle.

- Está indo para casa? É seguro?

- Não importa. Eu preciso vikar.

Ele diz:

- Tenho trezentos dólares. Será o bastante?

Faço os cálculos em minha mente. Se o carro fizer uma média de um quilômetro por litro, precisaremos de quatrocentos e trinta e cinco litros. E vamos precisar de mais para os pedágios.

- Provavelmente é o suficiente.

Ajudo-o a colocar suas coisas em outra sacola da Target e nós descemos as escadas e entramos na cozinha. Simon pega alguns dos salgadinhos que comprou mais cedo antes de nos encontrarmos na porta dos fundos.

Ele para.

- O que você esqueceu? - eu pergunto.

- Os óculos de sol, para esconder nossos olhos.

Pegamos nossos óculos, os colocamos no rosto e voltamos para onde estávamos. Estremeço quando a porta da garagem range ao abrir.

Simon aguarda enquanto eu tiro o carro. Ele fecha a porta da garagem e pula no banco do passageiro. Pego a saída ao sul do beco e faço o retorno na Cherry Street. Viro

à esquerda, para longe do centro da cidade, e passamos pela casa dos Millers.

- Ainda está escuro do lado de dentro - Simon fala.

- Talvez eles não tenham nos ouvido.

- Deveríamos ter deixado um bilhete?

Lanço um olhar para ele.

- Quer voltar e escrever um?

Ele balança a cabeça.

Viro na Central Avenue, sigo as placas que levam para a I-75 South e, após cinco minutos, pego a saída para a I-90 West junto com nosso bilhete de pedágio.

Passo algum tempo tentando entender onde está o controle de velocidade do carro, porque não quero correr o risco de ser multada e ver meu nome ser registrado no sistema policial. Não tenho medo de Scott e de Val descobrirem onde estamos, mas temo o que os bandidos farão se nos pegarem.

Será que a polícia irá me parar se virem que estou usando óculos de sol à noite? Acho que sim.

- Vamos parar na próxima área de descanso e dormir até o amanhecer - digo.

Uma hora depois, chegamos no Indian Meadow Plaza. Reclino nossos assentos completamente e tento suprimir a preocupação por tempo o suficiente para pegar no sono.

- Ainda acho que devíamos ter dito a eles por que partimos - Simon diz em algum momento durante a noite agitada.

Sinto-me um pouco mal por ter apenas pegado minhas coisas e fugido. Porém, não o suficiente para admitir isso para Simon. Mantenho meus olhos fechados e finjo estar dormindo, até que realmente adormeço.

Trinta e quatro

Abro meus olhos e verifico o relógio no painel. Já são mais de oito horas, perdemos cerca de duas horas de luz do dia. Simon está dormindo profundamente e eu tenho bastante combustível, então, decido voltar para a estrada.

Reflito sobre meu plano de dirigir até Seattle. Foi impulsivo, assim como a maioria das minhas decisões. Agora que estou pensando mais a respeito sob a luz dura e realista do dia, consigo perceber três problemas.

Primeiro: podemos não ter dinheiro suficiente. Já gastei a maior parte do meu próprio dinheiro em pedágios. O carro parece estar gastando muito combustível e o preço da gasolina na estrada é mais caro do que eu havia estimado. Esse é o resultado quando você está acostumada a dirigir carros elétricos.

Segundo: podemos ser identificados na estrada. Seria preciso acontecer apenas um deslize para sermos parados ou uma câmera nos ver sem os óculos para que o software de Scott nos traia.

Terceiro: mesmo que cheguemos em casa anonimamente e montemos um novo portal vike, eu ainda não poderei vikar, porque não terei o código-fonte. Meu notebook está na sede da Soul Identity.

Esses três problemas exigirão criatividade. Resolvê-los nos manterá ocupados durante nossa longa viagem.

Paro em uma praça de viagem no extremo oeste de Indiana e acordo Simon. Usamos as instalações, trocamos nossas roupas íntimas, fazemos alguns polichinelos e enchemos o tanque. Tiro os salgadinhos do porta-malas e voltamos para a estrada.

Divido-os com Simon enquanto repasso os três problemas do meu plano.

- Por que não fez essa análise antes de roubarmos o carro? - ele pergunta.

- Eu estava muito chateada para pensar direito.

Dirigimos em silêncio pelas próximas três horas, o que é bom, já que o engarrafamento à nossa frente requer toda a minha atenção, assim como a tarefa de encontrar as pistas expressas e navegar pelas divisas corretas da rodovia em meio ao tráfego bagunçado que circunda Chicago.

Quando paramos em uma praça de viagem, a cerca de vinte milhas de Wisconsin, Simon aponta para o meu hodômetro.

- Seu primeiro problema não é real. Temos dinheiro suficiente para chegarmos em casa.

- Temos?

- Você acabou de fazer duzentos e cinquenta e sete quilômetros com menos de trinta litros. E a gasolina é mais barata aqui do que em Indiana ou mesmo em Illinois. Ficaremos bem.

- Isso é uma boa notícia.

- Ainda tenho mais a dizer - ele fala. - Seu segundo problema é gerenciável. Apenas continue usando o controle de velocidade e não seremos pegos. E vou lembrá-la de usar os óculos de sol. Estive observando-a até aqui e você tem se saído muito bem. Os policiais sequer olharam duas vezes para nós.

- Obrigada. Conseguiu encontrar uma solução para o problema do código-fonte?

- Esse é todo seu. Você é a nerd.

Uma nerd que está lidando com os efeitos da abstinência da internet.

Voltamos para a rodovia. Agora, são duas da tarde. Em breve, chegaremos em Madison.

O terceiro problema está me incomodando. Não faz sentido dirigir até Seattle se não tenho o código-fonte. Se não terei acesso a ele, seria melhor que tentássemos roubar um portal vike que já existe. Contudo, eles estão em Sterling, não em Seattle. Na direção oposta.

Dado nossos fundos limitados, devemos decidir logo se devemos dar a volta e seguir para Sterling.

Se eu fosse Jeremy e tivesse vendido minha empresa para a Soul Identity, manteria uma cópia do meu código por precaução?

Provavelmente.

- Todas as bibliotecas públicas possuem internet gratuita? - pergunto.

- Acho que sim. Por quê?

- Estou tentando resolver o terceiro problema. Vou parar em Madison.

Saio da rodovia e sigo as placas que levam para o centro da cidade. Passamos por alguns restaurantes fast-food e Simon aponta para um prédio de tijolos de dois andares à esquerda.

- Uma biblioteca - ele diz.

Faço o retorno e estaciono. Entramos e seguimos até o balcão de informações, onde um homem está sentado em frente a um computador. Ele está na casa dos cinquenta anos, seu cabelo está cortado em um estilo militar e um pequeno par de óculos de leitura vermelho se encontra empoleirado na ponta do seu nariz. O homem está usando uma camisa social rosa por fora das suas calças folgadas.

- Será que podemos, por favor, usar os computadores? - pergunto.

Ele sorri para mim.

- Você fez uma reserva?

Balanço a cabeça.

- Só temos um que não requer reserva. Deixe-me ver quando ele estará vago. - ele digita em seu teclado. - Você pode usá-lo agora.

- Ótimo - digo. - Onde ele está?

Ele fica em pé e levanta suas calças.

- Levarei vocês até lá.

Nós o seguimos até uma sala perto das estantes. Ela tem um computador de mesa com um monitor e quatro tablets, todos fixados ao longo de um balcão. O homem aponta para o computador.

Quando ele sai, abro uma aba privada do navegador e pesquiso pelos termos Jeremy na Ilha Vashon, cadeiras de rodas e vikes. Nada útil aparece, porém, após algumas tentativas, encontro o site vikob.com, cuja localização foi definida para a Ilha Vashon. É a casa de Jeremy.

A partir daí, é fácil encontrar os registros fiscais da residência e descobrir o sobrenome de Jeremy. De posse disso, consigo obter seu e-mail e o número de seu celular sem qualquer problema.

Crio uma nova conta do Gmail sob o nome de Lillia Cagliari. Em seguida, envio uma mensagem para Jeremy, dizendo que eu gostaria de poder visitar os canibais novamente e pedindo que ele me responda assim que possível.

Voltamos para o carro, saímos de Wisconsin e entramos em Minnesota. Reabastecemos em Rochester. Simon e eu entramos no posto de gasolina para pagar.

Enquanto estou estudando um atlas rodoviário e tentando escolher uma área de descanso para passarmos a noite, Simon se aproxima e para ao meu lado. Ele está com uma carranca no rosto.

- Algo errado, Sy?

- Os funcionários estão cochichando sobre nós.

Levanto o atlas e folheio as páginas ao passo que observo o cara e a garota que estão no caixa.

- O que eles estão dizendo?

- Para ficar de olho, porque nós vamos roubar algo.

- Ah - coloco o atlas de volta na prateleira. - Devem ser nossos óculos.

- Outras pessoas estão usando óculos de sol - ele diz. - Talvez eles não gostem de adolescentes ou odeiem pessoas de fora da cidade.

- Ou suspeitem que uma garota de cabelos crespos e pele escura está ensinando um menino loiro e branco a roubar - eu o cutuco. - Nós, de fato, roubamos o carro dos Millers alguns dias atrás.

Simon franze o cenho.

- Seja o que for, eles são tendenciosos.
- Todo mundo é tendencioso. Não vamos conseguir mudar isso hoje.

- Está encontrando desculpas para o comportamento deles?

- Não estou encontrando desculpas para nada. Estou dizendo quem nós somos e o que fizemos no passado. Às vezes, esse é um fardo que precisamos aceitar.

- Isso não é justo.

- Sim, eu sei. O mundo é injusto - dou-lhe um abraço. - Vamos embora. Não podemos nos dar ao luxo de chamar atenção.

Voltamos para a rodovia. Quando o anoitecer cai, paramos em uma área de descanso perto da fronteira da Dakota do Sul. Má notícia: o local tem um limite de três horas por parada. Arriscamos dirigir por mais uma hora no escuro com os óculos de sol e chegamos em um centro de viagens bem iluminado.

Após ir ao banheiro e encher o tanque novamente, Simon me entrega um saco de batatinhas.

- Deveríamos tomar um café da manhã de verdade amanhã - ele fala. - Podemos pagar, sem falar que, com isso, não deixaremos o carro tão fedido.

Fico acordada por um tempo, tentando bloquear os sons e o odor dos peidos de Simon. Ele não estava brincando sobre precisar comer comida de verdade.

Foi um bom dia. Sabemos que podemos chegar em casa. Mantivemos nossos olhos escondidos. E talvez tenhamos encontrado uma forma de falar com Jeremy.

Espero que ele responda meu e-mail.

Trinta e cinco

Um restaurante familiar fica ao lado do centro de viagens de Dakota do Sul. Acomodamo-nos em uma mesa assim que o sol está nascendo.

Simon pede a “Nana Nut French Toast” com ovos, bacon e um suco de laranja. Eu escolho o “Vegetable Omelette”, que foi escrito erroneamente, com hash browns, panquecas e café. É muita comida para uma única refeição, portanto, pedimos para embalar o que não conseguimos comer e nos jogamos na estrada antes das sete da manhã.

Precisamos encontrar uma biblioteca para verificar se Jeremy respondeu meu e-mail, mas nossos arredores não passam de campos planos, com nada além de algumas cabeças de gado e ainda menos moinhos de vento. Um sinal de trânsito mostra que Rapid City fica a 442 quilômetros de distância, o que percebo que nos colocará a meio caminho de casa. Também é a nossa última chance de fazer o retorno, porque teremos gastado metade do nosso dinheiro.

Muitas vacas e estações de rádio mais tarde, as planícies dão lugar a colinas aos nossos lados e a montanhas à nossa frente. Quando chegamos em Rapid City, seguimos uma placa que nos dirige para o Centro de Informações do Visitante. Uma mulher prestativa nos indica onde fica a biblioteca. Não é muito longe.

A bibliotecária é uma jovem bonita. Ela está usando uma saia curta e uma blusa rendada. E não é nenhum pouco solícita.

- Primeiro, você precisa tirar esses óculos para que eu possa ajudá-la, moça - ela fala.

- Desculpe, mas eles são uma indicação médica - eu digo.

Ela franze o cenho.

- Em Rapid City, valorizamos a educação. Esconder seus olhos dessa forma não é um comportamento educado.

Pergunto-me quão educados seriam os pensamentos dos cidadãos de Rapid City se eles soubessem que Scott acessou suas câmeras de vídeo.

Dou um leve sorriso.

- Obrigada pela ajuda. Tenha um bom dia.

Nós deixamos a biblioteca.

- Por favor, voltem sempre - ela fala.

De volta ao carro, Simon pergunta:

- Por que você não insistiu?

- Porque ela poderia ter chamado a polícia e não podemos arriscar tirar nossos óculos de sol, especialmente dentro de uma biblioteca cheia de câmeras.

Ele suspira.

- Como vamos verificar seu e-mail?

- Acho que encontrando uma biblioteca em outro lugar - quando estou prestes a seguir para a estrada, vejo uma Best Buy do nosso lado direito. - Espera aí... os computadores no mostruário desses caras estão conectados à rede.

Simon ri.

- Espertinha.

Infelizmente, o elogio dele é dito cedo demais, pois nos assustamos ao ver dois policiais mexendo em um dos notebooks. Mesmo ao esperar por meia hora, eles permanecem colados no local enquanto flertam com a vendedora.

Vou até a ala de celulares pré-pagos e aponto para o dispositivo Android mais barato.

- Podemos gastar vinte e cinco dólares?

Contamos nosso dinheiro. Temos cento e setenta dólares.

- Quase não - Simon diz. - Isso significa nada de outros cafés da manhã para nós.

Com os impostos, o celular sai por um pouco mais do que vinte e seis dólares. Voltamos para a ala de eletrodomésticos porque ela está vazia. Conecto-me com o Wi-Fi gratuito da Best Buy.

Recebi uma resposta de Jeremy. Ele quer conversar.

Ativo o celular, configuro uma nova conta do WhatsApp e mando uma mensagem para Jeremy. Alguns segundos depois, ele tenta fazer uma chamada de vídeo comigo.

Como ainda não confio nele, decido não lhe mostrar onde estou. Ativo apenas o áudio e o rosto dele aparece na tela. Ele está em sua cadeira de rodas, próximo a uma mesa de trabalho. Atrás dele, vê-se a vista do Puget Sound.

- Zelly, você está bem? - ele pergunta. - E por que está se chamando de Lillia?

Diminuo o volume para que apenas eu e Simon possamos ouvi-lo.

- Estou sendo cuidadosa.

- Scott me ligou ontem - Jeremy diz. - Ele me pediu para lhe passar uma mensagem se tivesse notícias suas. Devo informá-la de que é difícil ficar escondida nos dias de hoje.

- Por que ele diria isso?

Ele dá de ombros.

- Não tenho ideia. Scott também falou que se eu a ajudasse a construir outro portal vike, perderia o dinheiro da aquisição. Verifiquei o contrato e descobri que sua ameaça não é infundada.

- Não preciso que você me ajude a construir um. Só preciso de uma cópia do código. Pode enviá-la para mim? Não direi a ninguém.

- Por que precisa de uma cópia? - ele pergunta.

- Para que eu possa vikar novamente. É importante. Talvez possa salvar minha vida.

Jeremy suspira e olha para baixo por alguns minutos.

- Sinto muito, Zelly. Não posso. Tenho muito em jogo.

- Jeremy, por favor.

Ele balança a cabeça.

Tento pensar em algo com o qual eu possa ameaçá-lo, mas não tenho nada. Será que ele me ajudaria se eu começasse a chorar?

Estou me empenhando em fazer com que algumas lágrimas de crocodilo apareçam em meus olhos quando ele coça o queixo e diz:

- Zelly, conheço uma forma de você vikar sem que eu arrisque perder todo o meu dinheiro.

- Diga-me.

- Giovanni Judd - Jeremy fala. - Ele é um maluco paranoico, mas confia em mim. Podemos visitá-lo juntos em seu complexo em Idaho.

- Por que eu iria querer ver Giovanni Judd?

- Porque ele sabe tudo sobre o xanazo. Vikes. Contudo, pergunte-me qual é a verdadeira razão.

- Qual é a verdadeira razão?

Ele sorri.

- Giovanni Judd pode ensiná-la a vikar sem um portal vike.

Trinta e seis

Jeremy diz que a cidade mais próxima do complexo de Giovanni Judd é Wallace, em Idaho. Digo que Simon e eu podemos encontrá-lo lá, dentro de vinte e quatro horas.

- Tem outra coisa - falo. - Pode me emprestar um pouco de dinheiro? Preciso de mil dólares em espécie.

- Sem problema - ele diz.

Parece fácil demais.

- Sério?

- É claro. Estou lhe devendo por ter resolvido o problema de segurança.

- Vou pagá-lo de volta. Onde nos encontramos?

- No Centro do Universo.

- Como é?

Jeremy ri.

- Pesquise sobre ele. Encontro vocês lá amanhã, ao meio-dia.

Depois que desligo, olho para Simon.

- São boas e más notícias.

- Todas pareceram boas para mim.

- Mas Scott conseguiu nos antecipar, o que significa que somos muito previsíveis.

- Talvez sim, talvez não. Ele pode ter deixado mensagens para você em todos os lugares.

- Mesmo que isso seja verdade, precisamos de um novo chip - digo. - Caso os bandidos já estejam rastreando este.

Pesquisei sobre o Centro do Universo. Quem diria que ele fica no cruzamento da Bank e 6th Street em Wallace, Idaho? Está lá desde 2004, quando o prefeito de Wallace proclamou que esta era sua localização, já que não se podia provar o contrário. O ato foi um protesto à declaração infundada do governo de que a água da cidade estaria poluída por conta das minas de prata vizinhas.

As pessoas fazem declarações sem evidências o tempo todo.

Gastamos mais vinte dólares para comprar um novo chip pré-pago. Quando saímos da loja, quebro o antigo no meio e o jogo fora. Paramos em um posto de gasolina antes de pegar a estrada.

É uma bela tarde. As poucas árvores e colinas ondulantes que vemos pelo para-brisa são uma visão muito mais agradável do que os campos planos de antes. Os quilômetros passam à medida que seguimos em frente. Simon procura por estações de rádio. Eu sonho acordada sobre vikar de volta a Lillia enquanto atravessamos Dakota do Sul por uma pequena passagem, ao nordeste de Wyoming, e nos dirigimos para Montana, vendo o sol se pôr à nossa frente. Ainda bem que estamos usando nossos bons e velhos óculos de sol.

Às nove horas, chegamos em Bozeman. Precisamos de um local para dormir. Entro em uma área de descanso. Um grande sinal na porta diz que passar a noite no local é proibido, contudo, há um rabisco na parte inferior com os dizeres: *Estacione no Walmart*.

A área de descanso possui acesso gratuito à internet. Quando voltamos para o carro, uso o celular para me conectar ao Wi-Fi e descubro onde fica o Walmart mais próximo. Encontra-se a três quilômetros de distância. Enchemos o tanque no caminho e, ao chegarmos, vemos pelo menos trinta veículos recreativos estacionados no local. Escolhemos um espaço perto do final do maior grupo de veículos, reclinamos nossos assentos e tentamos relaxar.

- Tem tantas pessoas aqui - Simon fala.
- Estão todas viajando, assim como nós.
- Só que elas estão de férias e nós estamos fugindo.

Conecto-me ao Wi-Fi do Walmart e verifico o mapa. Wallace fica a quatro horas e meia de distância, portanto, se quisermos chegar cedo, precisamos sair às seis. Defino um alarme para às cinco e meia.

- Minha bunda está tão dolorida - Simon diz. - Mal posso esperar para essa viagem terminar.

- Eu também. Estou até começando a sentir falta da comida de Sue.

Ficamos em silêncio por um momento, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

- Estive pensando sobre Ying - Simon fala. - Acha que Scott conseguirá resgatá-la?

Dou de ombros.

- Não temos como ter certeza.

Isso me faz ponderar sobre como posso me comunicar com Scott sem que as pessoas que estão atrás de nós interceptem o que escrevo. Ele encontrou uma maneira de falar com Jeremy para nos transmitir a mensagem sobre o quanto é difícil ficar escondido. Talvez, Scott estivesse nos impelindo a contatá-lo.

Ele sabe que carro nós roubamos, portanto, também sabe o número da nossa placa.

Scott deve ter usado seu sistema de vigilância para detectá-la.

Sento-me e aponto para a entrada do Walmart.

- Está na hora de ir às compras.

Conduzo-nos para a ala de cartões de felicitações e sacolas de presentes, onde escolho um cartaz e um marcador preto. No caminho até o caixa, pego algumas maçãs, bananas e laranjas.

- Podemos pagar por tudo isso? - pergunto.

- Gastamos muito com o chip, então, deixe-me verificar - Simon tira uma nota de vinte e duas de cinco do bolso. - É isso o que nos resta. Como o tanque está cheio, podemos chegar em Wallace.

- É melhor Jeremy dar as caras por lá - digo.

De volta ao carro, escrevo meu novo e-mail no cartaz usando letras garrafais e o coloco no para-brisa traseiro. Movo o veículo até ficar sob uma das luzes do estacionamento.

- Está mandando uma mensagem para Scott? - Simon pergunta.

Eu assinto.

Ele me entrega uma maçã.

Ficamos calados, apenas escutando nossa mastigação.

- Você ainda finge que sua família está viva? - Simon pergunta.

- Às vezes. E você?

- Toda noite. Conto-lhes o que fiz durante o dia e os escuto resmungar sobre o trabalho e o fato de que eu não estou fazendo minhas tarefas. Às vezes, rimos. Outras vezes, choramos.

- Parece legal, Sy.

Ele assente.

- E, toda noite, antes de eu adormecer, finjo que minha mãe me dá um beijo de boa noite. Juro que consigo sentir o toque na minha testa.

- À noite, meu pai costumava se deitar no chão ao lado da minha cama - falo. - Ele me contava histórias sobre uma garotinha chamada Olivia Gisellia, que fez inúmeras coisas corajosas. Minha mãe se juntava a ele e nós ríamos da forma como ele me transformava em uma heroína - sorrio. - Às vezes, à noite, finjo que meu pai ainda está fazendo isso.

Uma lágrima aparece por baixo dos óculos de sol de Simon e desliza por sua bochecha. Pego sua mão e ele me dá um aperto forte.

- Desde que viquei - ele diz -, não consigo mais imaginar meus pais. Tento tanto, mas eles não aparecem. Eles pararam de me visitar à noite. Estou com tanto medo, Zelly. Acho que eles se foram para sempre.

Passo meus braços ao redor dele. Simon soluça em meu ombro e eu dou tapinhas em suas costas até ele parar de tremer.

Ele se afasta.

- Tenho medo do que acontecerá com você quando voltar novamente, Zelly. Fico me perguntando que parte sua se perderá.

Puxo-o de volta em um abraço.

- Não sei, Sy, mas se não descobirmos como sobreviver, as mortes de nossas famílias terão sido em vão. Preciso voltar mesmo que isso signifique que perderei parte de mim.

Após um último tapinha, ele se ajeita em seu assento e o reclina.

Muito tempo depois, Simon diz:

- Boa noite, Zelly.

- Boa noite, Sy.

Lembro-me do que ele disse sobre sua mãe, inclino-me e dou um beijo em sua testa.

Quando reclino meu assento novamente, Simon pega minha mão. Fico quieta, ouvindo-o roncar durante a noite toda e esperando que possamos nos manter firmes por só mais um dia.

Trinta e sete

O alarme toca às cinco e meia. Devo ter conseguido adormecer, ao menos por algum tempo. Nós dois gememos enquanto nos alongamos.

Lembro-me do cartaz que deixei no para-brisa traseiro e verifico meu celular. Recebi um único e-mail de alguém que afirma ser Yuno Hu.

Leio em voz alta:

- “Z, que bom que recebeu minha mensagem. Nós a encontramos. Meus pais estão ajudando com o plano de resgate. Deve acontecer amanhã. Os outros ainda estão em casa. Espero que vocês estejam seguros. Avise se estiver precisando de algo. OBS: não faça.”

- O que ele não quer que você faça? - Simon pergunta.

- Acho que deve ser um portal vike.

Respondo com: “Estamos bem. Nossa casa é segura?”

Ligo o carro e dirijo os três quilômetros de volta à área de descanso. No banheiro, passo uma escova pelos meus cachos e franzo o cenho. Apesar de ter tentado me limpar na pia, ter trocado diariamente minhas roupas íntimas e ter usado desodorante, estou começando a feder. Quando Jeremy nos vir ao meio-dia, vai pensar que somos bárbaros desleixados.

Quando essa viagem terminar, vou ficar embaixo do chuveiro até minha pele ficar mais enrugada do que um chuchu.

Voltamos à estrada antes das seis. Simon descasca as bananas e as laranjas e nós as devoramos.

- Foi o melhor café da manhã de todos - digo.

- Esse é o espírito - ele fala.

O último trecho de Montana ascende até uma estrada íngreme e sinuosa. As montanhas fazem o carro ter que trabalhar com afinco e nosso medidor de gasolina começa a piscar. Descemos uma ladeira em Idaho, juntamos todas as

moedas que encontramos no veículo e colocamos cinco dólares de combustível no tanque.

Pegamos a primeira saída para Wallace. A cidade inteira é composta por poucos quarteirões. Passamos pelo Centro do Universo e continuamos, até que encontro um local para estacionar. Dou uma volta pela direita e vejo um pequeno motel. Entro em seu estacionamento.

Nós nos alongamos, mas antes que possamos sair do carro, digo:

- Deveríamos deixar tudo aqui. O celular, as chaves e as roupas.

Simon levanta as sobrancelhas.

- Pensei que confiasse em Jeremy.

Dou de ombros.

- É só por precaução.

Colocamos o celular no console central e as chaves no quebra-sol. Levamos os salgadinhos restantes e nossas sacolas de roupas limpas e sujas para o porta-malas. Saímos, deixando apenas a porta traseira do passageiro destrancada, e caminhamos até o ponto de encontro.

Avisto uma placa no canto noroeste que aponta para a placa do Centro do Universo, localizada em cima de um bueiro, no meio do cruzamento.

- Ainda temos uma hora para andar por aqui - digo.

Wallace possui três museus, duas igrejas, um estúdio de tatuagem e alguns bares e bistrôs. Levamos apenas trinta minutos para ver a maior parte do minúsculo centro da cidade, em seguida, passamos o tempo dentro de uma loja da Gem and Collectibles, que fica na esquina do nosso ponto de encontro. Leio as frases nas camisas ao passo que Simon examina e reorganiza as rochas e os minerais.

Dois minutos antes do meio-dia, nos aproximamos das vitrines de vidro da loja e espiamos o lado de fora. Turistas vão até o cruzamento e tiram fotos ao lado da tampa do bueiro, no Centro do Universo.

Quando o relógio diz que é meio-dia, olho pela rua e vejo Jeremy movendo sua cadeira de rodas pelo cruzamento. Pego a mão de Simon e, juntos, saímos.

Jeremy se aproxima de nós.

- Bem-vindos ao Centro do Universo.

- Sempre me perguntei onde ele ficava.

Ele ri.

- Estão prontos para conhecer Giovanni Judd?

- Estamos - falo. - A casa dele fica muito longe?

- Fica a menos de um quilômetro daqui. É só seguirem minha van.

- Podemos ir com você - eu digo. - Se não achar ruim.

- É claro. Vocês têm alguma bagagem?

Balanço a cabeça.

- Estamos aqui só para passar o dia. Precisamos estar de volta às quatro da tarde.

- E se... - ele dá de ombros. - Deixa para lá. Vamos.

Seguimos Jeremy até sua van convertida. Ele usa seu chaveiro para abrir a porta lateral e abaixar a rampa. Sento-me no banco do passageiro e Simon se empoleira na cama que fica na parte de trás.

- Imagine como seria viajar em uma van como essa - Simon fala.

- Imagino que seja maior do que o veículo em que vieram - Jeremy diz.

Simon fica calado.

Jeremy lança um olhar para mim.

- Vocês estão fugindo, não é?

Ainda não tenho certeza se confio nele, mas precisamos de sua ajuda. Em vez de responder, pergunto:

- Por que acha isso?

- Por conta da mensagem de Scott e sua ameaça sobre eu a ajudar a construir um portal vike.

- Então, por que está nos ajudando?

Ele diz:

- Você conseguiu acordar Ying e salvou a aquisição da minha empresa. Imaginei que estava lhe devendo. E muito.

- Acredite, eu também fiquei muito feliz por tudo ter dado certo.

Jeremy enfia uma mão em uma bolsa presa à sua cadeira de rodas e tira um envelope.

- Mil dólares em notas de vinte. Se realmente estiver fugindo, não faz sentido lidar com lugares que não fornecem troco.

Dobro o envelope no meio e o enfio no meu bolso.

- Obrigada, Jeremy. Vou lhe pagar de volta quando chegarmos em Seattle.

- Sem pressa - ele toca no botão de ignição e usa um acelerador manual que se encontra à direita do volante para levar a van para a rua.

- É difícil aprender a dirigir apenas com suas mãos? - pergunto.

- Faço isso há tanto tempo que não sei dizer - ele me mostra como funciona. Jeremy move sua mão para a direita e para a esquerda, a fim de acelerar, e para frente, a fim de frear.

Ele passa pela placa do Centro do Universo e pela loja de colecionáveis. Viramos uma esquina, fazemos algumas curvas rápidas e paramos em frente a um portão que bloqueia o acesso a uma rua pavimentada. Uma câmera e um alto-falante acoplados a um poste de metal se encontram próximos à janela de Jeremy. Ele toca no botão do interfone.

A voz de um homem vem do alto-falante:

- Eles estão com você?

Jeremy se inclina para trás em seu assento.

- Veja por si mesmo.

O portão se abre. Jeremy segue pela rua até chegar em uma pequena esquina sem saída, em frente a uma casa estreita de um único andar, com uma colina íngreme atrás.

Um velho e verde caminhão agrícola está estacionado à direita.

A pequena residência é feita de tábuas brancas e possui acabamentos azuis. Ela tem uma porta vermelha e uma grande janela na frente. Por dentro, pode-se ver uma pequena sala de estar com um sofá e uma televisão e, à direita, uma cozinha. Há uma fumaça saindo de uma chaminé no telhado íngreme.

- Essa casinha minúscula é o complexo secreto de Giovanni? - eu pergunto.

- O tamanho não importa - Jeremy fala. - O que importa é Giovanni Judd.

A porta da frente se abre e um homem mais velho vestindo uma camisa de flanela, calças jeans e mocassins italianos extravagantes sai. O topo de sua cabeça é calvo, o resto de seus cabelos grisalhos está puxado para trás em um rabo de cavalo. Ele está usando óculos grandes e carrega uma espingarda velha na mão.

- Aquele é Giovanni Judd. Que Deus o abençoe - Jeremy diz.

Giovanni acena e volta para dentro da casa. Ele fecha a porta da frente. Quando estou prestes a perguntar a Jeremy o que está acontecendo, a fachada da pequena casa se eleva como se fosse a porta de uma garagem, expondo os quartos e os móveis que estão dentro. O chão se dobra em direção às paredes como o fundo de uma caixa de papelão, deixando para trás um túnel brilhante que entra na colina.

- Uau - Simon diz. - Isso é incrível.

Jeremy move a minivan para frente e nós entramos no complexo de Giovanni Judd.

Trinta e oito

O túnel dobra à direita e leva para uma garagem onde uma motocicleta brilhante, uma van utilitária branca e um Tesla prateado estão estacionados. Giovanni guardou sua espingarda e tirou a camisa de flanela, expondo uma camisa de gola alta preta. Ele acena para nós com um sorriso no rosto. Ele está próximo de uma porta de aço fechada que possui um teclado eletrônico acoplado na parede ao lado.

Jeremy estaciona. Simon e eu esperamos ele destravar sua cadeira de rodas e sair do veículo antes de o seguirmos. Ele se aproxima de Giovanni, que o cumprimenta com um toque de punho.

- Giovanni, eu gostaria de apresentá-lo a Zelly e a Simon
- Jeremy fala. - Os dois...

- As reputações deles os precedem - ele abaixa a cabeça.
- Giovanni Judd a seu serviço, Srta. Oliveira e Sr. Green. Sejam bem-vindos à minha humilde morada.

Lanço um olhar para Simon. Sempre passamos despercebidos. Ele sabe que somos feitores ou está apenas sendo educado?

- É um prazer conhecê-lo - digo.

- O prazer é todo meu - Giovanni coloca seu polegar no teclado e, quando ele bipa, insere um código, cobrindo-o com sua mão. Ele abre a porta e gesticula para dentro com um floreio.

Jeremy vai na frente e Simon e eu o seguimos por um saguão com um teto alto, um piso de ardósia e paredes amarelas. Vejo três sofás em forma de U, uma área aberta e uma cortina vermelha de veludo sobre uma ampla abertura na parede. Uma pequena mesa se encontra um metro à frente da cortina. Nela, há uma variedade de bebidas e ingredientes para fazer sanduíches.

Isso me lembra da sala de espera da sede do Psychen Euporos, onde Lillia e Junius estiveram durante minha

última experiência vike. Só que os sofás de Giovanni foram feitos para se sentar e não para se reclinar.

- Por favor, se acomodem - Giovanni diz. - Peço desculpas pelo mobiliário aburguesado.

Sento-me ao lado de Simon, no sofá central. Jeremy coloca sua cadeira de rodas entre nosso sofá e o da direita. Giovanni se acomoda no sofá da esquerda.

Contudo, assim que se senta, ele volta a se erguer e vai até a mesa.

- Gostariam de algum refresco? - Giovanni pergunta. - Tenho café, chá, soda, água e uma variedade de sanduíches.

Jeremy se aproxima da mesa.

- Já que está oferecendo...

- Por favor, Sr. Green, diga-me qual sanduíche você prefere.

Digo para Simon:

- É melhor nós fazermos nossos próprios sanduíches.

Dirigimo-nos para a mesa, que tem todos os nossos ingredientes preferidos. Faço um Romeu e Julieta e Simon prepara um sanduíche de pepino e queijo brie, cortando-o em triângulos.

- Como sabia do que gostamos? - pergunto assim que voltamos para o sofá.

Ele toca em sua testa.

- Passei grande parte da minha vida aprendendo tudo o que há para saber sobre os feitores da Soul Identity, Srta. Oliveira.

Sinto Simon ficar tenso ao meu lado.

- Feitores? - pergunto.

- Não se preocupe, Srta. Oliveira - ele pisca. - Seu segredo está seguro comigo.

Olho para Simon, que está mordendo o lábio.

Giovanni ainda está falando:

- A verdadeira questão é como consegui encontrar goiaba e queijo brie no meio de Idaho.

- Como conseguiu fazer isso, Giovanni? - Jeremy pergunta.

- Eu os encomendei nove dias atrás, em antecipação à sua visita. Logo após você ter me ligado pedindo ajuda com a situação da Srta. Ouyang.

- Estive aqui quatro vezes, Giovanni, e ainda assim, você não se lembra do que eu gosto - Jeremy fala. - É um simples sanduíche de manteiga de amendoim com geleia. Você nunca tem os ingredientes.

Giovanni franze o cenho.

Após um momento de silêncio desconfortável, Simon fala:

- Eu não gostava de sanduíches de manteiga de amendoim com geleia quando vim para a América pela primeira vez, mas passei a amá-los.

Giovanni diz:

- Então, você terá um. Com licença - ele desaparece atrás de uma cortina.

Simon se inclina na minha direção e sussurra:

- Ele é um cara mau?

- Vamos torcer para que não seja - sussurro de volta. - Senão, estamos ferrados.

Giovanni volta com um pote de manteiga de amendoim e outro de geleia e os coloca na mesa.

- Sr. Green, posso fazer um sanduíche para você?

- Eu faço - Simon vai até a mesa e faz dois sanduíches. Ele os entrega para Jeremy, volta para o sofá e come seu sanduíche de pepino e brie.

- Você é o cara - Jeremy diz.

Dirijo-me a Giovanni:

- Obrigada por sua hospitalidade. Jeremy nos disse que você pode nos ensinar a vikar.

- A vikar? - ele pergunta.

- É melhor eu traduzir - Jeremy fala. - Giovanni, ela quer saber como os antigos praticavam o xanazo.

Giovanni franze o cenho.

- Você deturpou o sagrado nome do xanazo?

- Observação vicária. Abreviado: vike - Jeremy diz. - Eu precisava de algo mais comercializável.

- Xanazo significa reviver, uma palavra que transmite mais significados do que o mero termo “observação” pode - Giovanni fala. - Ele era praticado pelos antigos feitores do Psychen Euporos em Mileto, na Babilônia e na Alexandria.

- Apenas nesses locais? - Simon pergunta. - E quanto às outras sedes?

- Não encontrei referências depois disso. Ou Origen fugiu antes de aprender a prática ou os registros foram perdidos.

Apesar da esquisitice de ele saber que nós somos feitores, Giovanni pode ter informações sobre Origen capazes de me ajudar a convencer Val sobre a ameaça que Ying representa.

- Você disse que Origen fugiu de Alexandria? - pergunto.

- Sim - Giovanni ajeita os óculos sobre seu nariz. - Origen era o Homem de Ferro de seu tempo. Ele superou e derrotou aqueles que o assassinariam e, sozinho, salvou o Psychen Euporos da destruição.

- Espera aí, Origen salvou a organização? - eu pergunto.
- Isso soa como lorota.

Ele inclina a cabeça na minha direção.

- Escutou ou viu algo diferente? Talvez de um de seus próprios arquivos?

Isso poderia se tornar uma distração facilmente. Já sei qual é a melhor maneira de sobreviver a tudo o que Ying esteja planejando fazer: preciso vikar - ou praticar o xanazo, se é assim que Giovanni insiste em chamar a experiência - de volta para Lillia de Cagliari e vê-la superar Origen.

- Talvez eu esteja desinformada - digo. - Gostaria de aprender mais, mas será que podemos fazer isso depois que você nos ensinar como praticar o xanazo?

- É claro! - Giovanni diz. - Podemos conversar sobre a história mais tarde. Gostariam de descansar primeiro?

- Eles não têm tempo - Jeremy fala. - Precisam ir embora às quatro.

Giovanni gira para encarar Jeremy.

- Impossível! Ninguém pode aprender a prática tão rapidamente.

- Quanto tempo leva? - eu pergunto.

Ele me encara com uma mão sobre o queixo.

- Você já visitou a Galeria das Vidas Passadas?

Pergunto a Jeremy:

- Ele está falando do espaço vike?

Jeremy assente.

- Estive lá - digo a Giovanni. - Duas vezes.

Ele frisa as sobrancelhas, coça o queixo e diz:

- Dois dias. Nenhum minuto a menos. E não se preocupe com esta noite. Temos dois belos quartos de hóspedes.

Apesar de Simon e eu termos passado as últimas três noites dormindo em assentos de carros duros, não estou preparada para ficar nesse complexo subterrâneo. Não temos acesso telefônico, nenhuma maneira de entrar em contato com Scott e estaremos lidando com um nível de vigilância desconhecido.

Sem falar que ele sabe que nós somos futuros feitores.

- Não me incomodo em aprender durante dois dias - digo -, mas nós ficaremos em outro canto. Não queremos incomodá-lo.

- Seria uma honra - Giovanni diz.

- Obrigada, mas já temos planos.

Ele franze o cenho.

- Como quiser.

- Eu posso dormir aqui - Jeremy fala.

- Você pode voltar para casa, Jeremy - Giovanni diz. - Não há necessidade de ficar.

Jeremy lança um olhar para mim, em seguida, volta sua atenção para Giovanni.

- Não, acho que é melhor eu ficar por um tempo.

Giovanni suspira. Contudo, consegue dar um sorriso quando olha para mim e para Simon.

- Talvez devêssemos começar com um tour. Quando virem minhas acomodações, vocês podem acabar mudando de ideia.

Trinta e nove

Giovanni nos leva para o corredor que fica atrás da cortina de veludo.

- À esquerda, fica o resto da sala de estar - ele diz. - Podemos passar por essa parte rapidamente.

Entramos em uma cozinha grande e moderna com uma pequena sala de jantar. Giovanni aponta para um banheiro e nós vemos dois quartos de hóspedes.

- Gostaria de lembrá-los que são mais do que bem-vindos para passar a noite - ele diz.

- Vou ficar com um dos quartos - Jeremy diz. - Vocês dois podem dividir o outro.

Giovanni me fita e levanta as sobrancelhas.

Balanço a cabeça.

- Como quiser - ele fala. - Minha suíte também fica desse lado, mas não faz parte do tour.

Ele nos faz passar novamente pela cortina e nos leva à direita do saguão. Um corredor termina em um grande cômodo com teto alto que deve ter, aproximadamente, o tamanho do nosso refeitório em West Seattle.

O lado direito da sala está repleto de mesas cheias de modelos em escala de grupos de edifícios. À minha frente, está uma coleção considerável de esculturas e obras de arte iluminadas como exposições em um museu. No lado esquerdo do cômodo, grandes retratos de Morgan e de Ying estão pendurados no alto da parede.

- A Srta. Ouyang foi colocada na minha parede ontem - Giovanni fala. - É bom ter mais do que um feitor novamente.

- Onde conseguiu o retrato? - eu pergunto.

- Eu mesmo mandei fazê-lo com base em uma foto que encontrei na internet.

Assustador.

Ele nos leva para o lado direito.

- Cada uma dessas mesas contém um modelo em escala de como as sedes eram no final de seus reinados.

Simon e eu andamos ao redor das mesas. Os modelos foram rotulados como Mileto, Babilônia, Alexandria, Cesareia, Istambul, Bratislava e Sterling. Examino o modelo de Sterling. Ele inclui os escritórios, o estacionamento e a casa de hóspedes.

- Aposto que você já esteve em cada um desses lugares - Jeremy diz.

Giovanni ergue uma mão como se estivesse fazendo um juramento.

- Exceto por Sterling, tenho certeza de que passei mais tempo em cada um desses locais do que qualquer outro membro vivo. Os modelos são precisos em todas as dimensões, a não ser pelo de Mileto. Tive que adivinhá-las com base nas descrições de Thales.

Aproximo-me do modelo de Cesareia e, de fato, percebo que ele é igual à construção em que entrei durante minha segunda experiência. Possui a escadaria que leva até o cais, o jardim murado ao seu redor e ainda tem o logotipo em cima da entrada, exatamente onde eu o vi.

Contudo, há imprecisões. Há uma construção extra ao lado que não me lembro de ter visto quando viquei para Cesareia.

- Tem certeza de que isso está certo? - pergunto. - Essa parte não me parece familiar.

Ele sorri.

- Esse acréscimo foi, de fato, construído por sua própria ancestral de alma, Lillia de Cagliari. Ele foi a primeira casa de hóspedes e foi algo necessário, pois ela se afastou da proteção e do patrocínio da igreja.

Quanto mais descubro sobre Lillia, mais percebo que ela era exatamente o tipo de feitora com a qual preciso aprender. Ela não só sobreviveu, como também prosperou.

- Você usou o xanazo para visitar Lillia de Cagliari? - Giovanni pergunta.

- Sim, mas foi logo no início de sua ida a Cesareia - falo.
- Assim que ela chegou.

- Então, você precisa ver esse belo espécime! - ele me leva para os fundos do cômodo e aponta para um mosaico emoldurado do logotipo do Psychen Euporos. - Reconhece isso?

O mosaico está desbotado, porém, sua origem é clara. Afinal, eu o vi apenas uma semana e meia atrás - ou melhor dizendo, há mil e oitocentos anos, quando ainda era novo.

- Isso estava acima da entrada do edifício principal do Psychen Euporos - digo.

- É meu maior achado da Cesareia.

Ele nos mostra vários artefatos que escavou de cada sede diferente. Giovanni possui um busto de Alexandre, o Grande, da biblioteca de Alexandria, um vaso de vidro estampado com nosso logotipo da sede da Bratislava e o que ele afirma ser o topo de uma coluna que fazia parte da estrutura da sede de Istambul.

Há muitos outros artefatos. Giovanni insiste em nos mostrar todos. Chega um momento em que eu simplesmente não consigo absorver mais informações. Giovanni Judd é um completo fanático por qualquer coisa relacionada à Soul Identity, alguém que fica animado demais com escombros antigos de ruínas.

Eu adoraria saber por que ele é tão obcecado conosco, mas estamos aqui para aprender a vikar. Tento ser o mais paciente possível. Quando chego no meu limite, pergunto:

- Quando você pode começar a nos ensinar a usar seu método xanazo?

- Não é meu método. Não é sequer um método da Soul Identity. Nosso fundador, Thales, o aprendeu quando sequestrou os sacerdotes egípcios e roubou suas coleções.

- Ele não os sequestrou - Simon diz. - Thales os salvou da perseguição.

- É claro que foi isso que lhe foi ensinado - Giovanni fala.

- A história é escrita pelos vencedores. Eu, por outro lado,

preferi vasculhar o Egito de cima a baixo. Não consegui encontrar nenhuma evidência de perseguição.

Simon parece querer dizer mais, porém, eu levanto minha mão.

- Podemos debater o que aconteceu há 2.600 anos mais tarde - falo. - Agora, precisamos aprender a vikar.

- O termo certo é xanazo - Giovanni diz. - Não é a mesma coisa.

Ele nos leva para o canto esquerdo do cômodo, entre os artefatos e os retratos. É uma área envidraçada com uma porta separada, uma pequena mesa de conferência e três cadeiras.

- Terminamos o tour aqui, na minha sala de documentos - ele diz.

Finalmente.

- Tenho uma coleção extensa que chamo de Galeria dos Bandidos. Ela contém informações sobre as pessoas e os grupos, juntamente com suas ferramentas e suas técnicas, que tentaram destruir nossa amada organização.

- A Fundação Alerta faz parte dela? - eu pergunto.

- Seus sequestradores? É claro - Giovanni fala. - Eles são meu acréscimo mais recente. Podem vasculhar pela coleção; talvez a achem instrutiva - ele aponta para a parte de trás. - Este lado contém tudo o que pude recuperar sobre a arte do xanazo. Se quiser tomar um assento à mesa, podemos começar.

Quarenta

Giovanni pega um portfólio preto enorme e se senta conosco, colocando-o embaixo de seus cotovelos à medida que se inclina para frente.

- Primeiro, aqui vai um pouco de contextualização - ele diz. - Quando eu trabalhava na DARPA, minha equipe caçava novas armas em potencial. Isso me fez pesquisar os mundos míticos de astrólogos, cartomantes e bruxos.

Simon se aproxima de mim e sussurra:

- Eu falei que ele fez pesquisas sobre bruxaria.

- Naquela época, a agência estava passando por uma crise de identidade pós-Guerra Fria - Giovanni fala. - Eles não foram capazes de reconhecer o valor do meu trabalho. Apesar de terem zombado ao me demitir, sou eu que estou dando a última risada.

Tudo o que vejo é um homem solitário, sentado em um cômodo solitário, dentro de um complexo subterrâneo solitário. Esta é sua última risada?

- Primeiro, chafurdei em uma crise de meia-idade - ele diz. - Contudo, um dia, fui apresentado à Soul Identity e isso mudou minha vida para sempre. Herdei uma pequena fortuna por meio da minha coleção de linhagem de alma.

- Legal - Jeremy diz.

- Certamente foi.

Giovanni abre seu portfólio, onde pode-se ver um ícone religioso pintado em seda. Trata-se da imagem de um homem com cabelos castanhos encaracolados, uma auréola dourada sob sua cabeça e um robe verde cobrindo seus ombros sobre um fundo vermelho brilhante.

- Este é Alexios Palaiologos, meu único ancestral de alma documentado. Ele viveu em Constantinopla, no século XV, e fazia parte da família imperial estendida. Ele também era o chefe do depositário do Psychen Euporos.

Isso explica seu robe verde.

Giovanni vira a folha. É um pergaminho.

- A carta que ele deixou para mim está escrita em grego da era bizantina, uma língua que eu não conhecia na época. Tive que traduzi-lo. Além de dinheiro, Alexios me deixou um segredo: os antigos feitores sobreviveram à turbulência política usando o xanazo para aumentar suas experiências e sabedorias.

Meus instintos de reunir conhecimento e sobreviver não são diferentes daqueles dos antigos feitores.

Giovanni fala:

- Alexios queria que seus feitores usassem o xanazo, porque os otomanos estavam prestes a derrubar Constantinopla.

- Ele queria aumentar a experiência deles - digo.

- Sim, mas os feitores não valorizaram sua sugestão. Em vez disso, eles escolheram fugir e mudaram a sede para Bratislava. Meu ancestral de alma achou que isso foi um grande erro.

Giovanni vira para a próxima página, mostrando um grande e desbotado mapa. Consigo distinguir litorais, ilhas e montanhas.

- Nos dois anos que antecederam a queda de Constantinopla, Alexios protegeu todo o conhecimento sobre o xanazo que havia reunido ao escondê-lo em locais secretos em cada depositário. Ele me deixou este mapa e me enviou na missão de reintroduzir o xanazo em nossa organização.

Levanto-me e inclino-me sobre a mesa para inspecionar o mapa.

- Onde fica isso? - pergunto.

- Trata-se do grande corpo d'água no meio do Mar Mediterrâneo - ele pega uma folha transparente de plástico que está atrás do mapa e a coloca por cima dele. - Se eu o sobrepuser com os países de hoje, fará mais sentido.

Giovanni aponta para nossas primeiras cidades-sedes: Mileto e Istambul na Turquia, Babilônia no Iraque,

Alexandria no Egito e Cesareia em Israel. Cada uma delas possui uma pequena imagem de um edifício ao lado.

- Esses esboços mostram como eram os depositários. Alexios deixou um esconderijo para mim em cada uma dessas ruínas.

- Seu ancestral de alma o enviou em uma grande caça ao tesouro - falo.

- A maior de todas - ele diz. - Alexios me colocou na direção certa, contudo, deixou-me com um grande quebra-cabeça para resolver; um que exigiu que eu voltasse para a universidade para obter um PhD em arqueologia e custeasse escavações em cada um desses locais. Levei vinte anos para reunir todo esse conhecimento.

Giovanni vira a página. É uma pintura de dois homens nus sentados tão perto um do outro que o peito de um está pressionado contra as costas do outro e seu queixo descansa no ombro deste. Seus braços e pernas estão entrelaçados, suas palmas e as solas de seus pés estão pressionadas juntas. Hieróglifos se encontram acima da pintura e, na parte inferior, vê-se o logotipo da Soul Identity.

- Esse é meu registro mais antigo do xanazo, como ele era praticado no antigo Egito - Giovanni diz. - É o feitiço tirado do Livro do Renascimento que Thales roubou dos sacerdotes. De alguma forma, Alexios o obteve. Recuperei esta pintura do local onde ele a escondeu em Mileto.

Ele vira outra página e vemos uma fotografia de uma escultura de bronze. Uma mulher está sentada atrás de um homem, na mesma posição da pintura anterior. Ela está pressionada contra as costas dele, com suas palmas e suas solas juntas. O logotipo da Soul Identity está gravado nas costas dela.

- Encontrei esta escultura na Babilônia - Giovanni diz -, mas as autoridades a confiscaram. Ela acabou em um museu em Bagdá que, posteriormente, foi bombardeado.

Ele passa pelas próximas folhas e nos mostra mais exemplos de pessoas na mesma posição xanazo e com o mesmo logotipo - um em uma tapeçaria, outro em um esboço e o terceiro em um mosaico. Nenhuma delas está vestindo roupas.

- Todos esses foram encontrados em Alexandria - ele fala. - Levar a sede de volta para o Egito deve ter tornado a prática popular. Ou, talvez, tenha sido a influência dos governantes romanos. Nós, italianos, somos um povo enérgico que sempre está em busca de aventura.

Eu estou interessada em descobrir quão diferente esse tal de xanazo é da abordagem vike de Jeremy. Parece ser uma experiência compartilhada, motivo pelo qual soa como algo muito mais divertido do que vikar sozinha.

- O feitiço xanazo requer duas pessoas? - pergunto.

- Sim - Giovanni diz. - E esta pode ser a razão pela qual não encontrei nenhuma evidência sobre ele em Cesareia. Origen foi para lá sozinho e serviu como único feitor por vários anos, até que Lillia de Cagliari foi encontrada. Talvez, nunca lhe tenha sido ensinado como praticar o xanazo. Porém, é mais provável que, por ser um padre cristão, ele tenha estupidamente se recusado a se envolver no xanazo com uma mulher.

Sinto-me ofendida por Origen não ter ensinado à minha ancestral de alma como vikar. Foi egoísta de sua parte negá-la tal direito! Assim como é egoísta de Ying querer gerir a Soul Identity sem mim.

- Então, como funciona o xanazo? - Simon pergunta. - É só se sentar nessa posição que se começa a vikar?

Giovanni ri.

- Não, isso não daria um bom feitiço - ele vira a pintura original do Livro do Renascimento egípcio. - Isso fornece uma ideia básica do que deve ser feito, mas está escrito com metáforas que requerem anos de pesquisa para serem compreendidas. Eu tive que usar tudo que aprendi com

Alexios, além de diversas suposições antiquadas para entender tudo.

- Você pode nos ensinar, certo? - pergunto.

- Irei ensiná-los - Giovanni diz - em breve. Contudo, vocês precisam saber mais algumas coisas.

Os métodos de ensino dele são muito lentos para pessoas que estão em perigo. Por outro lado, é só colocar o portal vike de Jeremy na cabeça, calibrá-lo e imaginar nosso logotipo para acessar o espaço vike. Não há necessidade de se escutar todas as lições de Giovanni.

Escondo minha impaciência.

- Vai com tudo.

Ele aponta para mim.

- Talvez se surpreenda em saber que você já pratica uma forma simples de xanazo, apenas não percebe que está fazendo isso.

Levanto minhas sobrancelhas.

- Quando sonha sobre coisas que nunca vivenciou, o xanazo está revivendo um momento de uma de suas vidas passadas. Quando tem uma sensação profunda de déjà vu, o xanazo está indicando que um dos seus ancestrais de alma passaram pela mesma situação. Até mesmo quando acredita que está vendo um fantasma, trata-se do xanazo sobrepondo seus sentidos com a visão de alguém que você viu em uma vida anterior.

Ficamos em silêncio por um minuto. Pondero sobre o que Giovanni acabou de dizer. Será que sonhos, déjà vu e fantasmas podem ser exemplos de conexões feitas pelo nosso cérebro com nossas vidas passadas? Podemos acessá-las a qualquer momento?

- Então, está dizendo que ninguém precisa de feitiços ou de portais vikes? - pergunto.

- Não se tudo o que você quiser ter é uma versão barata e não direcionada do xanazo - ele fala. - Se deixar sua mente vagar o bastante, eventualmente, reviverá algo do seu passado. As pessoas entram nesse estado quando

meditam ou quando realizam algum trabalho rotineiro. Eles acham que estão tendo visões, observando as auras das pessoas ou vendo OVNI's.

- Não quero a versão barata - digo. - Quero escolher a experiência. Podemos voltar para o feitiço?

- Sim, é claro. - Giovanni aponta para Jeremy. - Ajudei esse jovem a criar uma versão nova e eletrônica do feitiço destinada aos tempos modernos. Ele me disse que você viu o código. Lembra-se de como ele funcionava?

Tento me lembrar de cada passo do que fizemos.

- Primeiro, bloqueamos nossos sentidos - digo. - Tínhamos que imaginar que estávamos desenhando o logotipo original da Soul Identity. Depois, ele enviava um comando de ativação e um tempo de sono definido para nosso PCC.

- Isso mesmo, Srta. Oliveira - Giovanni diz. - Basicamente, o dispositivo de Jeremy executa o trabalho da segunda pessoa. Construímos a tecnologia para que as pessoas pudessem praticar o xanazo sozinhas. - Ele fecha o portfólio e nos encara através das lentes de seus grandes óculos. - São quase quatro horas. Isso é o suficiente por hoje. Sua lição de casa é ponderar sobre as maneiras com as quais os antigos usavam seus parceiros para praticar o xanazo. Amanhã, direi se estão certos.

Quarenta e um

Concordamos em nos encontrar às nove da manhã. Após recusarmos a carona de Jeremy, Simon e eu saímos do complexo, passamos pela garagem, seguimos pelo túnel e atravessamos a porta da frente da casa falsa. Seguimos pela longa rua, colocamos nossos óculos escuros, apertamos o botão para abrir o portão e voltamos para a rua que leva até a pequena cidade de Wallace, Idaho.

- É como se tivéssemos voltado de outro planeta - Simon diz.

Olho para as casas antigas ao nosso redor.

- Ou voltado do futuro - digo. Depois, lembro do museu de Giovanni. - E suponho que do passado também.

Durante o caminho até o Camry, desviamos para a mercearia da cidade. Eles têm uma delicatessen. Nós gastamos um pouco do dinheiro de Jeremy em um frango ao molho de laranja e em lo mein. Ficamos longe da seção dos salgadinhos, mas compramos uma garrafa de água e frutas.

- Quer ficar em um hotel esta noite? - pergunto. - Podemos pagar.

- Tenho certeza de que precisaremos mostrar algum tipo de identificação - Simon fala.

Quando chegamos no carro, conecto-me com Wi-Fi do motel e pesquiso sobre como poderíamos nos hospedar em um hotel anonimamente. Simon está certo. Não é possível fazer o check-in sem uma identificação; a menos, é claro, que estejamos nos hospedando em um estabelecimento suspeito.

- Podemos só dormir no carro - ele diz. - De novo.

Isso seria terrível, pois quero testar o xanazo.

Então, uma ideia surge em minha mente.

- Quer ir acampar? - pergunto.

- Em uma tenda?

Assinto.

- Com sacos de dormir. O que acha?
- Deve ser melhor do que passar outra noite dentro do Camry.

Eu procuro por acampamentos na área de Wallace e encontro um parque de trailers, que fica a poucos quarteirões de distância de onde estamos. Eles têm acampamentos e cabanas, mas não há nenhuma informação acerca da reserva.

Encontro um número de telefone. Ligo e eles me dizem que uma cabana está disponível por apenas uma noite. Precisaremos levar nossa própria roupa de cama. O preço total é inferior a cinquenta dólares. Identifico-me como Lillia Cagliari, dou-lhes o meu novo endereço de e-mail e peço-lhes que a reservem para mim.

Caminhamos até o parque de trailers e encontramos o proprietário. Pago em espécie e ele nos mostra a cabana. Ela fica ao lado da rodovia, que é barulhenta, e é ainda menor do que a casa falsa de Giovanni. Todavia, está limpa, possui uma aura alegre, uma pequena varanda, dois conjuntos de beliches e iluminação.

É perfeita.

Encontro um Walmart a vinte e quatro quilômetros de distância e compramos sacos de dormir, travesseiros e toalhas de banho. Retornamos ao parque de trailers antes das seis. O lugar está vazio. É um ótimo momento para finalmente tomar um banho. Fico debaixo d'água, pensando em todos os eventos das últimas duas semanas que nos levaram a estar aqui, no meio do nada, animados por podermos dormir em camas desconfortáveis e comer comida fria.

Se pudermos descobrir como fazer isso a partir das pistas escassas que Giovanni compartilhou, vamos conseguir vingar.

Volto para a nossa cabana. Simon já posicionou as camas juntas e colocou nossos sacos de dormir nos beliches superiores.

- Gostou? - ele pergunta.
- Eu amei - dou-lhe um abraço. - Amo que estamos acampando juntos.

- É a melhor aventura de todas - ele fala.

Comemos a comida chinesa fria e tomamos água, perdidos em nossos próprios pensamentos. Jogamos o lixo fora e escovamos os dentes nos banheiros.

De volta à cabana, amontoamo-nos ao redor do celular e verificamos minha nova conta de e-mail. Recebi um recibo e instruções do parque de trailers, uma mensagem de Jeremy e um e-mail de Yuno Hu, também conhecido como Scott Waverly.

Jeremy pergunta se queremos fazer alguma coisa à noite. Eu verifico com Simon e ele balança a cabeça, então, recuso o convite e ofereço encontrá-lo às oito para tomar o café da manhã em Wallace.

Eu abro o e-mail de Yuno Hu. Scott escreveu: "Z, encontramos um problema durante o resgate. Precisamos conversar o mais rápido possível. OBS: por que você parou?"

Respondo pedindo seu número de telefone para que eu possa falar com ele pelo WhatsApp. Scott está online e responde dentro de um minuto. Faço uma chamada de vídeo com ele.

O rosto de Scott surge na tela do celular.

- Zelly, é bom vê-la - ele diz. - E você também, Simon. Como está indo sua jornada para casa?

Movo o celular pelo cômodo para que ele possa ver nossa cabana.

- Vamos dormir em camas de verdade, o que é muito melhor do que passar outra noite no assento de um carro - falo.

- Aproveitando uma vida de luxo - ele diz. - Ei, você perguntou se nossa casa é segura. A resposta é não, ela não é. Mais daqueles seguranças uniformizados estão plantados

do lado de fora. Eles até detiveram George e Sue por um dia inteiro. Felizmente, os dois conseguiram escapar.

- Conseguiu identificar quem são os seguranças? - eu pergunto.

Ele franze o cenho.

- Descartamos a Fundação Alerta. O que restou de sua equipe está em Nova York, sem contato com ninguém.

- Então, quem acha que eles são? - Simon pergunta.

- Vamos descobrir - Scott fala. - Eles não estão facilitando as coisas. Tentei usar minha vigilância, mas nenhum deles é membro da Soul Identity.

- E você ainda acha que Ying é inocente? - pergunto.

Ele dá de ombros.

- Agora, estamos no meio do muro. Não temos certeza se ela está sendo mantida como prisioneira ou se se uniu a essas pessoas.

Eu não estou no meio do muro. Tenho cem por cento de certeza de que ela é aliada dos bandidos. Porém, até que Scott e Val descubram isso por si mesmos, nada do que eu disser fará diferença.

- Zelly, o que há em Wallace? - Scott pergunta.

- Você não sabe?

- Posso adivinhar. Você encontrou Giovanni Judd?

- Sim. Ele é o maior fã da Soul Identity.

- Só tenha cuidado - ele fala. - Pelo pouco que sabemos, ele pode ser um cara mau.

- Ele sabia que éramos feitores - eu digo.

- Giovanni sabe sobre você e Simon?

Assinto.

- Ele alega que nosso segredo está seguro. Giovanni parece estar em sua própria jornada para se tornar alguém importante.

Ele inclina a cabeça.

- Por que vocês estão se arriscando?

Não quero colocar Jeremy em apuros. Sem falar que acho que Scott me mataria se soubesse que estou tentando

vikar novamente.

Olho para Simon enquanto respondo:

- Estávamos passando por Idaho e pensei que poderia ser interessante compreender melhor a conexão entre ele e a empresa de Jeremy.

Scott arqueia as sobrancelhas. Duvido que ele tenha acreditado na minha história.

Simon se aproxima do celular.

- Falando em caras maus, Giovanni nos mostrou uma coleção que ele criou de todas as pessoas que fizeram ataques à Soul Identity. Ele a chama de Galeria dos Bandidos.

- Podemos encontrar algo útil nela - eu falo.

Scott suga sua respiração através de seus dentes.

- Manter algo assim faz com que o homem pareça obcecado. Tenham cuidado.

Scott promete nos informar assim que tiver mais informações sobre Ying ou sobre os bandidos que estão atrás de nós. Dizemos que vamos avisá-lo quando estivermos de volta à estrada e nos dirigindo para Seattle, depois, desligamos.

Pergunto a Simon:

- Está pronto para descobrir como vikar?

Ele sorri.

- Não escutou o que Giovanni disse? Chama-se xanazo. Aprenda.

Quarenta e dois

- O que Giovanni nos ensinou sobre o feitiço xanazo? - pergunto a Simon.

Estamos sentados em cima de um dos beliches, encostados na parede. Simon está fazendo uma lista no verso do cartaz do Walmart, que está em seu colo.

Ele escreve: "São necessárias duas pessoas".

- Ele mencionou a meditação - digo. - E que uma pessoa faz o trabalho do portal vike.

Simon acrescenta essas informações.

- Todos os exemplos que ele nos mostrou possuíam o antigo logotipo da Soul Identity - ele escreve isso.

- Eles se sentam em frente ao outro - falo -, tocando as solas dos pés e as palmas da mão. Nus.

Esses pontos são adicionados. Então, Simon diz:

- A parte da nudez me preocupa.

- É constrangedor - digo -, mas foi o que vimos.

Nós olhamos para a lista. Eu aponto para *uma pessoa age como o portal vike*.

- Aposto que se descobrirmos o que isso significa, o resto será fácil.

Pego seu marcador e o cartaz e listo o que a pessoa-portal-vike precisa fazer: bloquear os sentidos, ativar o PCC e dizer para ele quando adormecer.

- Como uma pessoa pode fazer tudo isso? - Simon pergunta.

- Deve ser nesse momento em que a meditação é usada - eu digo. - Vamos ler a respeito.

Procuramos no celular por formas de meditação e passamos muito tempo lendo sobre várias técnicas. Todas elas possuem alguns passos em comum: elimine distrações, defina um temporizador e se concentre em algo rítmico, como sua respiração ou um mantra. Se a sua mente vagar, traga-a de volta.

Pesquisamos como os antigos praticavam a meditação. Nós nos concentramos na prática hindu, já que ela é o único método que podemos encontrar que foi documentado antes da existência da Soul Identity.

Os antigos hindus acreditavam que podiam se moldar à perfeição meditando sobre as deliberações e os desejos de suas vidas atuais e passadas. Eles usavam poses de ioga, um método de respiração especial e o canto de mantras. Eles concentravam seus pensamentos em si mesmos, até se sentirem separados de todo o resto.

Lemos sobre a yoga nidra, uma maneira de entrar e permanecer em um estado hipnagógico, em algum lugar entre a consciência e o sono. Ela requer um guia, cujo trabalho é lhe ajudar a ficar relaxado, desligar seus sentidos externos e levá-lo a um sono profundo e consciente.

- Se juntarmos a meditação e a yoga nidra, devemos ser capazes de bloquear nossos sentidos. Podemos visualizar o logotipo para ativar o PCC. Uma pessoa pode ser o guia enquanto a outra é o viker.

- Porém, como o guia faz o PCC adormecer? - ele pergunta. - Não quero ficar preso como Ying ficou.

Passamos duas horas assistindo a vídeos de yoga nidra e procurando por sequências hipnagógicas de despertar.

- Precisamos experimentar - digo. - Aprender na prática.

- Ou podemos esperar até amanhã - Simon fala. - Quando Giovanni poderá nos ajudar.

- O que está lhe preocupando?

- A possibilidade de ficarmos presos na experiência vike sem ter ninguém para nos acordar.

- E se - eu falo - você viker e eu for sua guia? Se eu não conseguir acordá-lo, colocarei você no carro e dirigirei até o complexo de Giovanni.

Ele cruza os braços.

- Parece muito perigoso.

- Quer ser o guia em vez de mim?

- Não, porque temos um problema: eu não posso dirigir.
- Sy, vamos só tentar - eu digo. - Não sabemos quem são os bandidos, mas eles estão em Sterling desde domingo. Já é quinta-feira. Quanto mais rápido descobrirmos como fazer isso, mais rápido poderemos resgatar Ying e salvar a Soul Identity - pega a mão dele. - O nosso jardim mágico, lembra?

Ele me encara.

- Promete me tirar da experiência vike se houver algum problema?

- Eu prometo, assim como salvei Ying.

- Foi você quem a prendeu lá!

Ele está certo. Não posso argumentar contra isso.

- Mas eu encontrei uma saída - falo.

Após um tempo, Simon diz:

- Tudo bem, Zelly. Eu quero salvar Ying. Ela vale a pena o risco. Vamos fazer isso.

Eu o abraço.

- Devíamos ir para a cama de baixo - digo. - Caso venhamos a cair.

Eu pego o cartaz e nós vamos para o beliche inferior.

- Hum... devemos ficar pelados? - Simon pergunta, encarando o chão.

- Quer tentar com nossas roupas íntimas?

Ele lança um olhar rápido para mim. Suas bochechas estão vermelhas.

- Eu estava esperando que você dissesse isso.

Verifico a porta da cabana para ter certeza de que ela está fechada e fecho as persianas da janela. Tiro minha blusa, minhas calças, meus sapatos e minhas meias. Dobro as roupas e as coloco no beliche superior.

Simon fica só de cueca. Ele coloca suas roupas ao lado das minhas.

Sento-me no meio de uma das camas inferiores.

- Lembra-se da posição? - pergunto.

Ele engole em seco.

Abro minhas pernas o bastante para que ele caiba entre elas. Dou um tapinha no espaço vazio.

Simon sobe na cama e se senta entre minhas pernas, mal me tocando.

- Aproxime-se - digo. - Todas as imagens que vimos mostravam os corpos das pessoas se tocando.

Ele fica mais próximo. Meu peito está encostado contra suas costas e minhas coxas se apertam em torno de suas pernas.

- Incline-se um pouco para trás - falo. - Preciso colocar meu queixo no seu ombro.

Ele faz como pedido e eu sopro em sua orelha.

Simon dá um pulo.

- Zelly, isso é sério!

- Desculpa, eu estava só quebrando o gelo.

Ele vira a cabeça na minha direção.

- Breaking the ice - eu digo em inglês. - Vire-se. Serei boazinha.

Simon volta para a posição. Eu passo meus braços em volta de seu peito e estendo minhas pernas ao lado das pernas dele.

- Preciso pressionar minhas palmas e minhas solas contra as suas - digo.

Simon cruza as pernas e eu pressiono meus pés contra os dele. Ele cruza os braços e apoia suas mãos em seus joelhos com as palmas viradas para cima. Inclino-me para frente e coloco minhas mãos em cima das mãos dele.

- Algo mais? - pergunto próximo à sua orelha.

Ele balança a cabeça.

Ficamos sentados daquela forma por um minuto.

- Isso não é tão ruim - falo, aconchegando-me mais nas costas dele e apertando suas mãos. - Tente usar um mantra para relaxar.

Simon solta um "ooooommmmm" suave, espera alguns segundos e o repete. Junto-me a ele no terceiro "om", em harmonia.

Nossas vozes soam bem juntas. Estou me sentindo mais relaxada.

Lembro-me dos vídeos de yoga nidra que vimos. Está na hora de eu guiá-lo. Eu falo no ouvido de Simon enquanto ele canta seu mantra. Digo-lhe para se concentrar em sua respiração, focar em si mesmo e deixar as sensações do mundo desaparecerem. Eu o guio pelo lado direito de seu corpo, depois, pelo esquerdo, das pontas dos dedos das mãos aos dedos dos pés, dizendo-lhe para liberar seu senso de tato. Faço o mesmo com sua visão, seu olfato e seu paladar.

Quando todos os sentidos, exceto sua audição, estão bloqueados, digo a Simon que ele está prestes a entrar no espaço vike e peço que se imagine usando um sabre de luz para desenhar o antigo logotipo da Soul Identity. Guio-o pelo desenho, dos dois lados da pirâmide aos Olhos de Hórus.

Surpreendentemente, vejo-me em um espaço vike, sozinha e nua, em um disco flutuante. Contudo, este espaço vike é diferente. Não há fitas de luz à minha esquerda, qualquer brisa, cânticos ou o cheiro de canela.

O que eu faço aqui? Inclino meu disco para me mover para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para frente e para trás, e até mesmo em círculos, mas não vejo nada. Espero que Simon não esteja preso como eu, pois ele ficaria muito assustado. Preciso ajudá-lo. Forço meu disco para cima, deixando-o subir por muito tempo, mas nunca chego ao topo.

Prometi a Simon que iria resgatá-lo, mas estou presa aqui sem ter para onde ir e não posso ajudá-lo.

Estraguei tudo.

Amanhã de manhã, o dono do parque de trailers nos encontrará entrelaçados um no outro. Ele vai chamar uma ambulância ou a polícia. Eles lerão nossos olhos enquanto mexem em nossos corpos e, então, os bandidos nos encontrarão, prenderão e matarão.

E tudo porque eu tinha que vikar, tinha que praticar o xanazo e não podia esperar.

De repente, percebo que há uma coisa que ainda não tentei. Espero que ela não me mate. Como não encontro outras opções, prendo a respiração e saio do disco.

Acordo e Simon também. Solto um gemido.

- Desculpe, Sy. Eu estraguei tudo, mas, agora, estamos bem. Conseguimos voltar.

Ele se inclina para a frente, descruza os braços e as pernas e se vira, fitando-me. Seus olhos caem para o meu sutiã e sua boca se abre.

Cruzo os braços sobre o peito.

Seu olhar se eleva, voltando para os meus olhos.

- Deu certo, Zelly! Pilotei o avião novamente e, desta vez, eu o aterrissei!

- Você vikou?

- Eu vikei e foi incrível. Você é incrível! - ele levanta uma mão, porém, quando eu só continuo o encarando, Simon me abraça.

- Deve ter sido uma experiência curta - digo. - Quer voltar?

- Durou algumas horas, mas eu adoraria vikar novamente. Tem como me deixar lá por mais tempo? Ao menos por uma hora do tempo real? Isso me daria alguns meses.

Eu o guio pelo seu próximo xanazo. Não consigo passar uma hora inteira no meu espaço vazio, mas eu fico o máximo possível. Simon volta animado.

- Minha vez - digo.

Eu explico como consegui parar a experiência vike ao pular do disco. Trocamos de posição. Aproximo-me de Simon, cruzo os braços e as pernas e ponho as palmas das mãos e as solas dos pés dele pressionadas contra as minhas. Começo os mantras, Simon me ajuda a desenhar o logotipo e me guia.

Chego no espaço vike, que, desta vez, possui o aroma de canela, o canto, a brisa e as fitas de luz. Direciono meu disco flutuante até a fita de Lillia de Cagliari e eu pulo em um ponto após ela ter conhecido Origen.

Quarenta e três

- *A carroça está esperando, senhora - a jovem diz.* Seu cabelo está preso em um coque e amarrado com uma fita prateada. Ela usa um robe branco bordado com uma faixa verde-oliva. - Está pronta?

- Estou - você solta um grande suspiro. - Três dias a sós com ele naquela carroça fedorenta. Não conseguirei fingir por tanto tempo.

- Você conseguirá - ela diz. - Precisa fazer isso. É assim que sobreviveremos.

Você suspira ao arregaçar a manga que cobre seu braço esquerdo.

- Ainda tem algum bálsamo? Estou me coçando novamente.

Ela examina as listras vermelhas e as crostas das feridas que vão do cotovelo até o ombro. O toque das mãos dela em seu antebraço é quente. A jovem sai do cômodo e retorna com um pequeno pote de barro. Ela tira o tecido que o cobre e um cheiro doce atinge seu nariz. Ela mergulha os dedos no pote e aplica a pomada em sua pele.

Em seguida, coloca um pouco do bálsamo no toco do seu dedo mindinho, onde as duas articulações superiores estão faltando.

- Para dar sorte.

- Preciso de muita.

- Leve o restante do bálsamo com você - ela o cobre com o tecido novamente.

- Obrigada, Tabitha. Vejo-a em Cesareia.

Você coloca o pote no bolso do seu manto, passando pela porta e atravessando o portão. Quatro cavalos estão em frente a uma carroça de madeira coberta. O motorista e o cavaleiro descem de seu banco na frente. Eles a ajudam a entrar pela porta lateral.

O homem dentro da carroça está descansando no assento. Seu corpo é magro e seus cabelos grisalhos fluem

em mechas soltas e encaracoladas até os ombros. Ele está usando um manto verde-escuro e sandálias de couro enquanto a encara e sorri.

Você se senta em frente a ele e a carroça começa a se movimentar. Após algumas curvas fechadas, ela aumenta o ritmo, balançando para frente e para trás. Você observa um grande edifício de pedra passar pela janela na porta.

Algun tempo depois, ele solta uma risada.

- Tudo bem? - você pergunta.

- A reunião do conselho terminou melhor do que me atrevi a sonhar.

Você levanta as sobrancelhas.

- Não achou que você falharia, achou?

Ele dá de ombros.

- Às vezes, Beryllus é teimoso. Ele se manteve irredutível no ano passado. Porém, desta vez, trazer uma mulher pagã...

- Ei!

- Trazer uma mulher pagã *sedutora* comigo fez com que ele não conseguisse se concentrar no que eu o estava ensinando - ele ergue uma mão, mantendo os dedos abertos. - O momento em que Beryllus se retratou, quando disse a todos que ele, o bispo de Bostra, seguiria apenas os ensinamentos de Origen, foi um dos mais satisfatórios de minha vida.

- Você está muito orgulhoso de si mesmo - você diz. - Os padres cristãos não deveriam ser humildes?

- Em público, sem dúvida. Contudo, aqui, nessa carroça em movimento, a dias de Cesareia e com nossa privacidade assegurada? - ele se inclina para frente, pega suas mãos, puxa-a para perto e a beija nos lábios. A língua dele invade sua boca, sondando. - Não preciso de humildade. Só preciso de você.

Você afasta a cabeça e empurra os ombros dele com as mãos, até ele retornar para o assento. Você ajusta os vincos

de seu robe verde-claro com as mãos, recosta-se e sorri.

- Ah, Origen, se seus críticos soubessem sobre nós.

Ele ri.

- Meus críticos ainda estão espalhando a mentira de que eu me castrei na adolescência. Eles não suspeitam de nada.

Você fica em silêncio, olhando pela janela, para a vista passante. Colinas rochosas, uma estrada empoeirada e olivais ocasionais pontilham a paisagem.

- O que achou de Bostra? - Origen pergunta.

- Não tem litoral - você diz. - Nenhum porto movimentado. Só há poeira e areia por toda parte e um anfiteatro sem nada interessante para se ver. Sinto pena dos soldados que estão aqui.

- A Igreja é, contudo - ele fala -, a maior da Arábia. Ela exala poder mesmo após os tolos da Antioquia a terem dado a Beryllus. Ele quase estragou tudo.

- Mas você o frustrou. O Psychen Euporos está de volta ao comando. Nós, feitores, estamos, mais uma vez, no controle. Os bispos foram vencidos.

- Por enquanto. Se Heracleides tivesse prevalecido e Beryllus continuasse pregando que a alma morre com o corpo, todos os meus esforços para nós nos apoiarmos na Igreja teriam falhado - ele franze os lábios. - Graças ao meu brilhantismo, eles abandonaram o caminho do moralismo e optaram por um caminho compatível com o nosso.

- Não apenas por um caminho - você diz. - Você convenceu Beryllus a se juntar ao Psychen Euporos. Esse foi um feito e tanto.

- Uma hora ou outra, a maioria das pessoas se junta a nós, Lillia.

- Não os padres cristãos. Como disse, eles podem ser teimosos.

- Eles se converterão assim que corrigirmos sua teologia e, então, nós ficaremos felizes pela teimosia deles - Origen fala. - Estamos muito mais perto após essa visita ao

Segundo Conselho da Arábia. Temos bispos e padres de todo o mundo espalhando as boas-novas sobre a imortalidade da alma. Assim que a mensagem for ouvida, as congregações deles se reunirão no Psychen Euporos.

- O que nos dá mais ouro.

Ele sorri.

- Mais ouro gera mais influência e mais influência nos dá mais poder.

- É por isso que esse conselho era tão importante.

- Exatamente - ele diz. - Somos feitores, Lillia. Estamos transformando o Psychen Euporos no tomador das decisões mundiais. E não apenas para pequenos déspotas e para rebeldes, mas para os reis e os imperadores que nós deixaremos moldar o mundo.

Um rubor surge em seu corpo.

- Nós dois?

- Nós dois.

Você se inclina para frente e coloca as mãos no colo dele.

- Eu já disse quão incrível você foi ontem?

Origen fecha os olhos e arqueia as costas. Você levanta a bainha do robe verde dele, passando pelos joelhos e pelas coxas do homem.

- Eu também sou incrível - você fala.

- Você, Lillia de Cagliari, é a mulher mais incrível que eu já conheci - ele pega o robe e o puxa até a cintura.

Você examina o corpo exposto dele.

- Definitivamente não foi castrado.

Origen a encara, respirando com dificuldade.

- Lillia...

Você lança um olhar para a janela aberta. Em seguida, levanta seu robe, fica em pé, junta as pernas dele e se senta nelas. Você se abaixa sobre ele, sentindo cada movimento irradiar pelo seu corpo.

Quando Origen começa a se mover, você balança a cabeça.

- Não há necessidade de pressa.

A carroça balança lenta e vagarosamente, até que você sente a necessidade de se apressar, movendo seu corpo para cima, para cima, e quase fora, e para baixo, para baixo, todo para baixo, uma vez atrás da outra, até que as mãos ásperas de Origen abafam seus gritos.

Você cai sobre o peito dele, com as mãos atrás de sua cabeça, agarrando seus cabelos longos.

- Você é perfeita, Lillia de Cagliari - ele murmura.

Você o observa até os olhos dele se fecharem. Quando Origen começa a roncar, você ajeita o robe dele.

Você volta a sentar em seu assento, desliza uma mão por baixo da manga do seu robe, fecha os olhos e coça seu braço, reabrindo as feridas enquanto sente as pontadas agudas de dor e a sensação do sangue quente e úmido.

Quarenta e quatro

Agarro meu braço esquerdo, mas as crostas e feridas não estão lá. O robe também sumiu. Sinto os braços e as pernas de Origen ao meu redor e tento me libertar, girando meu corpo e chutando.

- Zelly, pare!

Eu congelo. Um garoto loiro me encara com preocupação. Ele não é Origen, é Simon. Voltei da minha experiência vike. Eu sou Zelly, não Lillia.

- Você está bem? - ele pergunta.

Solto um suspiro.

- Dessa vez, foi difícil.

- O que aconteceu?

Permaneço em silêncio por um momento, pensando.

- Origen tinha sede de poder - eu digo. - Ele falou da mesma forma que Ying fez em seu discurso, dizendo que nós precisávamos gerir os acontecimentos do mundo. Ele até manipulou a religião cristã para tornar a reencarnação parte de sua teologia - pego meu saco de dormir. - E, agora, sei como Lillia sobreviveu.

- Isso é ótimo.

- Não, não é - falo. - Lillia tinha medo dele. Ela seduziu Origen e até dormiu com ele, dizendo o quão maravilhoso ele era. Enquanto isso, por dentro, ela estava enlouquecendo.

Pergunto-me se Ying vikou para o mesmo encontro entre Origen e Lillia. Se sim, imagino que ela teria tido uma perspectiva totalmente diferente. Ying pensaria que Lillia estava apaixonada por Origen e que ele a estava usando.

Isso explica por que ela não quis conversar comigo sobre suas experiências vike.

Ying não teria percebido que o ato de Lillia partiu de seu instinto de sobrevivência; que o sexo oferecido não era amor, mas, sim, parte de uma transação.

Talvez, na antiguidade, o verdadeiro amor só fosse concedido a poucos. E, quem sabe, isso não tenha mudado muito ao longo dos anos.

- Você precisa encontrar uma nova tática - Simon fala. - Não acho que, hoje, Ying seria seduzida por você.

- Tenho certeza de que eu poderia encontrar uma forma de afanar o ego dela.

Contudo, precisamos fazer mais do que apenas proclamar a grandiosidade de Ying. Temos que descobrir qual é o plano dela para se livrar de nós. Eu estava esperando que Lillia perguntasse a Origen como ele matou os feitores de Alexandria, mas, agora, acredito que ela estava com muito medo dele para poder abordar o assunto. Preciso voltar para o momento em que Lillia fez a viagem de Delfos para Cesareia, antes de ela se tornar feitora; quando Junius pode ter lhe dito algo útil.

- Quero vikaar mais uma vez - digo. - Está pronto para me guiar?

Ele faz uma careta.

- Não consigo passar muito tempo naquele espaço vike. Ele me assusta.

- Não me importo que a experiência vike seja curta.

- Será que podemos comer algo antes? - Simon pergunta. - Estou morrendo de fome.

Nós nos vestimos e colocamos nossos óculos de sol. Caminhamos por quarenta e cinco metros até chegar ao pub mais próximo e a garçonete nos leva até uma mesa. Pedimos sundaes de brownie. Ela os traz imediatamente.

- Um brownie com sorvete por cima não é um sundae - Simon diz. - Não é o que eu estava esperando.

- E nós não somos os clientes que eles estavam esperando - como um grande pedaço do brownie. - Dois adolescentes usando óculos escuros à noite, pedindo sobremesas e pagando em espécie. Eles devem achar que somos fugitivos.

- Nós realmente não parecemos como duas pessoas que estavam prestes a ser as mais poderosas do mundo.

- O que quer dizer com *estavam*? Nós ainda seremos - eu digo.

Ele suspira.

- Espero que sim.

Encaro-o até que ele olha para mim.

- Não vou desistir - falo.

Simon assente.

- De qualquer forma, é bom que ninguém nos conheça. Do contrário, os bandidos já estariam tentando nos sequestrar.

- Falando em bandidos - ele diz -, você confia em Giovanni?

- Ele definitivamente é excêntrico e, possivelmente, também é um teórico da conspiração - digo -, mas não precisamos confiar nele.

- Não precisamos? Ele provavelmente é um dos bandidos ou está trabalhando com eles - Simon examina o cômodo e se inclina sobre os seus cotovelos, abaixando a voz. - Giovanni age como se fosse um fã e nos trata muito bem, porém, de algum modo, ele descobriu que somos futuros feitores. E você viu a forma como ele falou com Jeremy? Não era normal.

- Foi muito rude.

Ele arregala os olhos.

- Ele queria que dormíssemos lá, Zelly. Nós sequer o conhecemos. Foi muito estranho. Ele disse que nós levaríamos dois dias para aprender a praticar o xanazo, mas já conseguimos descobrir sozinhos. Giovanni sabia quais eram nossas comidas favoritas e simplesmente as tinha em seu complexo. Ou ele é louco ou está trabalhando com os bandidos.

- Você está certo.

- Não deveríamos voltar amanhã - Simon fala. - A não ser que você queira ser capturada.

O problema é que Giovanni tem informações que poderiam ser importantes para nós.

- E quanto à Galeria dos Bandidos?

- Ela não vale a pena o risco. Não deveríamos voltar. Sabemos como o xanazo funciona e podemos vingar sempre que quisermos. Além disso... - ele engole em seco.

- O quê?

- Se ele for mau, Jeremy também é, o que significa que seu tratamento rude foi apenas uma encenação. Seriam dois homens contra nós enquanto estamos presos dentro daquela caverna.

Quando a garçonete vem verificar nossa mesa, Simon pede um aperitivo de mac and cheese. Pondero sobre o que ele disse à medida que termino meu sundae de brownie.

Estive tão focada em Ying que não vi quem Giovanni é? Será que ele a contatou, disse quão incrível ela é e lhe prometeu o mundo?

Eu duvido. Jeremy nos disse que o cara era paranoico demais para fazer uma chamada de vídeo. Ele mora em uma caverna dentro de uma colina. É uma caverna legal, mas ainda é estranho. Alguém com tanto medo do mundo não pode ter interesse em governá-lo.

- Nós dirigimos até aqui e descobrimos como vingar para podermos saber o que Ying aprendeu com Origen - falo. - Contudo, ainda não sabemos a resposta.

- É verdade.

- O que acha de me guiar por mais algumas sessões de xanazo e, se eu conseguir descobrir quais são os truques de Origen, não voltaremos para a casa de Giovanni?

Simon pede a conta à garçonete.

- Se for necessário, pode vingar a noite toda. Eu só preciso que isso seja feito em pequenas doses.

- Fechado.

Pago a conta e deixo uma grande gorjeta para a garçonete.

#

Está frio, portanto, depois de Simon envolver seus braços e suas pernas ao meu redor, coloco um dos sacos de dormir sobre nós.

Ficamos sentados em silêncio por um momento. Eu tenho tentado agir de forma indiferente na frente de Simon, porém, a verdade é que nossa conversa sobre Giovanni e Jeremy serem do mal me deixou nervosa. Quero fugir o mais rápido que puder.

Só que para onde iríamos? Temos um pouco mais de novecentos dólares e essa quantia não nos levará muito longe. Além disso, com as câmeras comprometidas de Scott em todos os lugares, não há muitos locais em que podemos nos esconder. Eu não quero ter que passar o resto da minha vida vendo o mundo através das lentes dos meus óculos de sol.

O melhor caminho é aprender o máximo que pudermos. Preciso deixar de lado meu medo. Preciso me concentrar para poder descobrir como Origen eliminou seus colegas. Eu começo a cantar meus “oms” e Simon me guia, fazendo-me bloquear meus sentidos e desenhar o logotipo. Quando chego ao espaço vike e paio até a fita de luz de Lillia, uso as costas da minha mão para procurar pelo momento em que Junius e ela pegaram o navio em Delfos, antes de chegarem à Cesareia. Quando encontro um ponto promissor, pulo na fita.

Quarenta e cinco

- *Você precisa ouvir o que estou lhe dizendo!*

Os olhos do homem se estreitam. As espinhas em seu rosto parecem avermelhadas e raivosas. Sua túnica branca brilha sob a dura luz do sol.

- Eu estou ouvindo. Só... é difícil me concentrar quando minha mente está sendo inundada por lembranças ruins.

As velas estalam quando a brisa muda de direção e o navio estremece. Você segura o parapeito, inspira pelo nariz e inunda seus pulmões com o ar salgado.

Ele olha para as suas mãos.

- Você perdeu seu mindinho no mar?

- Eu não quero falar sobre isso, Junius.

Ele levanta as mãos.

- Tudo bem, mas, por favor, concentre-se. Em breve chegaremos, e você ainda tem muito a aprender.

- Pode continuar. Sinto muito.

Uma gaivota pousa no parapeito e grasna. Junius agita os braços e ela voa para longe.

- A influência de Pythia diminuiu - ele diz. - Em vez de Delfos, os ricos e os famosos navegam para Cesareia para se curvar aos pés de Origen.

- E daí?

- O homem sequer acredita nos deuses. Ele diz que somos demônios!

- Quem se importa com o que Origen diz? - você fala.

Junius a encara.

- Lillia, por que você procurou o Oráculo de Delfos?

Você olha para a água. Depois de um minuto, diz:

- Uma praga devastou meu navio, levou meu parceiro e me deixou incapaz de continuar a jornada sozinha. Eu precisava consultar o Oráculo sobre meu futuro para garantir que não cometesse erros.

- Exatamente - ele diz. - Pessoas como você nos visitam há séculos, buscando ler os presságios e ouvir os oráculos.

Antigamente, nenhuma guerra era travada, nenhuma colônia era estabelecida e nenhum negócio sério começava sem que Pythia os sancionasse primeiro.

- Mas não mais - você diz.

- Isso mesmo. O Psychen Euporos roubou o nosso papel. Com seu financiamento, eles surrupiaram nossa influência e, com seus laços com os cristãos, convenceram o mundo de que nossas profecias são más.

- Então, mudem - você fala. - Tornem-se relevantes para o mundo moderno. Emprestem dinheiro e financiem guerras. Enviem uma mensagem clara para as pessoas comuns.

- São boas ideias, mas Pythia já ordenou o que devemos fazer - Junius diz. - Você, Lillia, está destinada a unir Delfos e o Psychen Euporos. Você vai liderar o povo, fazendo-o nos buscar novamente.

- Sua Pythia coloca muita fé nas habilidades de uma ex-servçal de um navio - você diz. - Por que ela acha que eu posso fazer isso?

- Ela não acha, Lillia. Os deuses acham. Pythia apenas repassa suas palavras. Eles não vão deixar você falhar.

Você bufa e se afasta, tamborilando os dedos no parapeito enquanto observa as ondas. Você vê terra ao longe e uma nuvem solitária acima da costa.

- Em todos os meus anos ao mar - você diz -, aprendi a confiar no que os deuses têm a dizer. Mesmo que eles tendam a falar em enigmas, salvaram minha vida muitas vezes.

Ele a encara sem dizer nada.

- Se Pythia diz que os deuses me escolheram, farei o que vocês pedirem.

Junius coloca uma mão sobre o coração.

- Obrigado, Lillia.

- Contudo, eu preciso de ajuda.

- Estaremos com você durante todo o caminho.

Você levanta as sobrancelhas.

- Como isso é possível?

Ele gesticula em direção a uma jovem que está próxima, olhando para o mar.

- Quero que conheça uma pessoa.

Ela está vestida com um robe branco. Seus cabelos trançados estão presos por uma fita prateada.

- Olá, Lillia. Sou Tabitha - a jovem fala.

- Tabitha é uma sacerdotisa de Delfos - Junius diz. - Ela foi designada para lhe apoiar. Quando você chegar em Cesareia, faremos com que Tabitha seja contratada pelo Psychen Euporos para ser sua escriba pessoal.

- Como isso irá ajudar? - você pergunta.

- Tabitha sabe o que precisa ser feito.

- E eu posso ser sua amiga - ela diz. - Ouvimos falar que trabalhar com Origen não é fácil. Ele é inteligente. Dedicado. Focado. Você precisará de uma aliada.

- Sou sua primeira tentativa de parar Origen? Ou o Oráculo enviou outras pessoas antes de mim?

Junius lança um olhar para Tabitha.

- Nós tentamos anteriormente - ele fala. - Há doze anos, quando Origen ainda estava em Alexandria. Vasculhamos o mundo e encontramos dois feitores. Dois homens.

- Porém, não funcionou - Tabitha diz. - No primeiro ano após a chegada deles, Origen e Demétrio fizeram uma lavagem cerebral nos dois. Eles ficaram cegos diante do luxo da riqueza e se esqueceram de sua missão. Eles nos traíram e confessaram nosso plano a Origen.

- Não tivemos outra escolha senão eliminá-los - Junius diz. - Encontramos outro feitor, mas como ele se recusou a trabalhar conosco, também nos livramos dele. Nós não permitimos que os traidores de nossa causa sobrevivam.

- Lillia não nos trairá. - Tabitha coloca uma mão em seu braço. - Desta vez, seremos bem-sucedidos. Foi o que Pythia previu.

- Se os deuses quiserem - você fala.

Junius a encara.

- Infelizmente, Origen sabe o que tentamos fazer. Ele e Demétrio escaparam ilesos. Agora que Origen fugiu para Cesareia e fortaleceu seus laços com a Igreja, nossa tarefa se tornou mais difícil.

- Acreditamos que os deuses nos abençoaram ao enviar uma feitora - Tabitha fala. - Podemos usar a força da fé de uma mulher e o fascínio do toque feminino para obter o sucesso que os homens falharam em ter.

- Mas ele é castrado - você diz. - Origen não pode ser tentado pelas mulheres. Isso é sabido.

- O rumor sobre a castração foi uma mentira divulgada por Demétrio antes de ele morrer - Junius fala. - Eles fingiram ter discutido com o intuito de dar aos cesarianos um motivo para mostrarem sua lealdade a Origen. Acredite, Origen é tão lascivo quanto qualquer outro homem poderoso. E Tabitha pode lhe mostrar como transformar tal luxúria em qualquer coisa que você quiser. O que *nós* quisermos.

- Estou dedicada à causa - você diz.

Tabitha pega suas mãos.

- Você, Lillia de Cagliari, será a feitora que restaurará a verdadeira religião para o povo e os direcionará novamente a Delfos. Você nos ajudará a derrotar Origen e a tirar o Psychen Euporos das garras da igreja cristã. Seu nome será conhecido mundialmente. Lillia de Cagliari será a heroína das lendas e das canções. Você, Lillia, irá...

Quarenta e seis

O saco de dormir abraça minhas pernas. As mãos, o peito e as coxas de Simon estão pressionados contra mim. Os acontecimentos dos últimos dias pesam na minha mente.

O que observei nesta experiência vike está me sobrecarregando.

O que aconteceu? Como Lillia se transformou na vilã e Origen no mocinho? Mantenho meus olhos fechados e minha respiração o mais equilibrada possível, esperando que Simon não note que estou acordada até que eu possa colocar minha cabeça no lugar.

Contudo, não tenho tanta sorte.

Ele aperta minhas mãos.

- Zelly?

Eu suspiro.

- Descobriu as tramoias de Origen?

O que posso responder? Será que digo que, embora Origen tivesse sede de poder, ele não era o bandido que acreditávamos ser? Que Origen não matou os feitores de Alexandria? Que foi Lillia que provavelmente o seduziu enquanto planejava assassiná-lo?

Eu estava convencida de que Ying estava tentando se livrar de mim e de Simon, mas acontece que eu estava viajando na maionese, porque descobri que ela tem vários motivos válidos para me temer.

Durante suas experiências vike, Ying deve ter descoberto que os delfianos mataram os feitores de Alexandria e que Lillia foi enviada pelo Oráculo de Delfos. Ela sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu entraria na fita de Lillia e observaria tudo.

Ying não estava buscando por novas formas de me matar. Não, ela estava se perguntando quando eu tentaria matá-la.

Quão cabeça-dura posso ser?

Estou feliz por estar de costas para Simon, assim não preciso encontrar seu olhar. Estou envergonhada por estar

errada e temerosa de que eu possa agir como Lillia.

Afinal, já comecei a fazer isso.

- Descobriu algo novo? - Simon pergunta.

Desvencilho-me de seus braços e de suas pernas antes de colocar minha camisa e minhas calças.

- Preciso de um tempo - digo. - Vikar duas vezes em um só dia deixou minha mente confusa. Preciso colocar meus pensamentos em ordem. Podemos conversar pela manhã?

Simon parece confuso e até mesmo um pouco magoado quando nos acomodamos nas camas superiores do beliche, enfiamo-nos em nossos sacos de dormir e dizemos boa noite.

Eu não durmo. Após passar várias horas remoendo meus pensamentos, pergunto-me se deixei algo passar despercebido quando pesquisei sobre Origen. Pego o celular e fuço ainda mais sobre as circunstâncias de sua morte.

Em 250, uma praga varreu Roma, matando cinco mil pessoas diariamente. O imperador Décio ordenou que quase todas as pessoas que faziam parte de seu império - exceto os judeus, já que Júlio César havia lhes dado um status especial - fizessem um sacrifício aos deuses. Quando os cristãos se recusaram a cumprir sua ordem, ele os perseguiu. Origen foi preso e torturado por dois anos, até que Décio morreu em batalha. Quando foi libertado, ele estava quebrado. Origen faleceu menos de um ano depois.

Tenho certeza de que Lillia se aproveitou da peste. Talvez ela tenha convencido o imperador a escrever o decreto. Sem falar que provavelmente entregou Origen às autoridades. No final, pode ter sido ela quem o matou.

Com Origen fora do caminho, Lillia se tornou feitora executiva.

Minha ancestral de alma era conivente e má. Será que ela se refletirá em mim assim como Origen foi refletido em Ying?

Nunca mais quero vikar para a fita de Lillia.

Se Ying não está tentando matar Simon e eu, talvez os bandidos também não sejam ruins. Levando em conta o que agora sei sobre Lillia, acredito que seria razoável que Ying achasse que precisava da proteção de uma força de segurança contra mim.

E se ela compartilhou sua preocupação com Scott e Val, isso explicaria por que eles fizeram de tudo para impedir que eu vikasse novamente.

Se Simon não estivesse dormindo, eu já estaria gritando e batendo nas paredes.

Essa única experiência vike foi o bastante para deturpar tudo o que eu acreditava ser verdade. Estou tendo dificuldade em acreditar que minha paranoia é falsa; que minha ancestral de alma pode ter infectado minha mente.

Será que vika me deixou paranoica ou sempre fui assim?

Será que já sou uma ameaça para Ying?

Preciso conversar com Scott sobre isso. Assim que percebo que são seis da manhã em Sterling, mando uma mensagem para ele. Scott responde imediatamente.

- Está acordado? - pergunto a Simon.

- Não dormi nada, assim como você.

- Estou pronta para conversar sobre o que aconteceu durante minha experiência vike.

- Oba - ele se levanta e abafa um bocejo.

- Mas Scott e Val também precisam ouvir.

Organizo uma chamada em grupo enquanto Simon liga a luz. Ele volta, senta-se ao meu lado e coloca um braço ao redor do meu ombro. Eu me aconchoo contra seu corpo.

- Noite difícil? - Simon pergunta.

- A pior de todas. Obrigada por me dar um tempo para pensar.

Ele esfrega meu ombro.

- Conseguiu organizar seus pensamentos?

- Não cheguei nem perto disso, mas nós estamos em um ponto em que todos precisam compartilhar o que sabem para que possamos começar a trabalhar juntos.

- Isso é bom.
- Vou contar para eles - digo. - Sobre nossos temores.
Sobre podermos vingar. Sobre o que descobri na noite
passada. Todos precisam estar a par de tudo.

Quarenta e sete

Início a chamada de vídeo. Scott e Val já estão online, esperando em suas respectivas janelas na tela do meu celular.

- Não são quatro da manhã em Idaho? - Scott pergunta.

- Nenhum de nós conseguiu dormir - Simon fala.

Val se inclina para frente.

- Há algo de errado? Vocês precisam de ajuda?

- Estamos bem - digo -, mas não estamos em sincronia com vocês. Quero juntar tudo o que sabemos para que realmente estejamos trabalhando juntos.

Val levanta as sobrancelhas.

- Tudo?

Eu assinto.

- Posso fazer isso - ela fala.

- Deixe-nos começar - digo. - Antes de deixarmos Seattle, encomendei as peças necessárias para construir meu próprio portal vike. Simon e eu roubamos o carro em Toledo para que pudéssemos ir para casa, assim, eu poderia colocá-lo em funcionamento.

Val franze o cenho.

- O que esperava? - Simon pergunta. - Ying está tentando nos matar.

- Vocês ainda acham isso? - Scott pergunta.

- Não mais - eu falo.

Simon me encara e eu levanto minha mão.

- Vamos recapitular - digo. - Falamos com Jeremy e ele disse que Giovanni Judd podia nos ensinar como vikar sem o auxílio de qualquer tipo de tecnologia.

- Os portais vikes não são indispensáveis? - Val pergunta.

- Eles não são - falo. - Lembra-se de que Simon descobriu que Giovanni fez escavações em todas as antigas cidades-sedes da Soul Identity? Seu ancestral de alma lhe deixou pistas enterradas de como os antigos feitores

praticavam o xanazo. Ele planeja nos ensinar a prática mais tarde.

- Contudo, não precisamos dele - Simon diz. - Zelly e eu descobrimos como fazer isso na noite anterior. São necessárias duas pessoas e, se você for o guia, não é nada divertido.

- O guia? - Scott pergunta.

- Uma pessoa guia a experiência vike de outra - digo. - A tecnologia de Jeremy permite que você vike sozinho, porque o portal serve como guia.

Val está mordendo o lábio.

- E você vikou, Zelly?

Solto um suspiro.

- Não quer que eu faça isso, não é?

- Você viu o que vikar fez com Ying - ela diz. - Agora, ela colocou na cabeça que a Soul Identity deve ser uma organização baseada em poder. Tenho certeza de que essa ideia veio de Origen.

- Sim, vimos - Simon fala -, bem como notamos mudanças em nós mesmos.

- Que tipo de mudanças? - Scott pergunta.

- Fiquei com medo de barcos - digo - e passei a me sentir muito mais confortável em mentir.

- Estou me esquecendo dos meus pais - Simon fala. - Por outro lado, aprendi como pilotar todos os tipos de aeronaves.

Dissemos que compartilharíamos tudo.

- E mais importante do que isso: descobri que minha ancestral de alma fez coisas ruins - digo.

Simon me fita com os olhos arregalados.

Eu pego sua mão.

- Origen não era o vilão, mas, sim, Lillia. E ela pode já ter me influenciado.

Pronto, eu disse.

- Você desvendou a história de Lillia - Val diz.

Assinto, mordendo o meu lábio.

- Ying está morrendo de medo de você, Zelly - Val fala. - Após vikar pela primeira vez, ela contou para Scott e para mim que Lillia tinha sido recrutada com o objetivo de matar Origen.

Fecho meus olhos como se isso fosse capaz de bloquear tudo.

Val continua:

- Ying falou que Lillia não tinha parte do mindinho. Essa descrição batia com o que você disse na casa de Jeremy. Ela imaginou que com mais uma ou duas experiências vike, você descobriria como Lillia traiu Origen.

- Foi por isso que ela mentiu sobre sua experiência vike?

- Sim, é por isso que Ying queria vikar novamente. É por isso que ela implorou que nós impedíssemos você de vikar.

Simon me pergunta:

- Você viu Lillia matar Origen na noite passada?

Balanço a cabeça.

- Vi como ela foi recrutada - conto sobre o Oráculo de Delfos e o que Junius falou para Lillia. - Sou a pessoa a qual vocês deveriam temer.

- Não estamos com medo de você, Zelly - Scott diz. - Estamos com medo de Lillia estar tomando conta de sua mente. Você passou a usar um e-mail com o nome dela.

Agora, as lágrimas estão deslizando pelas minhas bochechas. Simon aperta meus ombros.

Quando tenho certeza de que minha voz não me trairá, digo:

- Pronto, terminamos de contar o que sabemos.

- Vou compartilhar o nosso lado - Val fala. - Ainda estou em Toledo com o Sr. Morgan. Consegui me comunicar com alguns funcionários de confiança. Estamos começando a compreender o que está acontecendo em Sterling.

- Qual é a sua teoria? - eu pergunto.

- Que uma organização mercenária que ainda não conhecemos prendeu Ying e tomou o controle - ela diz. - É mais do que uma teoria. Eles informaram aos nossos

funcionários que a Soul Identity é ilegal, que nossas operações estão sendo encerradas e que todos receberão avisos prévios na segunda-feira de manhã.

- Contudo, nada do que disseram é verdade - Scott diz. - Meus pais e eu estamos monitorando as comunicações eletrônicas do grupo e vigiando os edifícios. Eles não encerraram nada. Na verdade, estão usando seu próprio pessoal para executar as operações enquanto redirecionam os fundos do depositário para vários investimentos novos. O nome de Ying está sendo utilizado para autorizar tudo.

- Eles estão roubando o dinheiro? - pergunto.

- Não - Scott levanta uma folha de papel. - Os investimentos estão saindo do setor tecnológico e imobiliário para as mãos de grupos menores e não empresariais; alguns são dedicados a manter seu pessoal no poder e outros a derrubarem governos locais. Entre eles, também existem grupos ligados a sindicatos criminosos e a fornecedores de armas.

- A boa notícia é que temos uma medida de segurança embutida no sistema - Val fala. - Sem o consentimento unânime de todos os feitores, eles só podem movimentar dez milhões de dólares por dia. Uma quantia maior requer minha aprovação.

- Estamos assumindo que isso aumenta o interesse deles em capturar ou matar Archie e Val - Scott diz.

- Não podemos deixar que isso aconteça - Simon fala.

Ficamos em silêncio por um momento.

- De qualquer forma - Scott diz -, estamos a par das ações deles e sabemos o que o grupo quer fazer. Porém, ainda não sabemos quem eles são.

- Como descobrimos isso? - Simon pergunta.

- Ontem, vocês mencionaram que Giovanni compilou uma Galeria dos Bandidos - Scott fala. - Vocês poderiam descobrir o que ele sabe sobre esse grupo.

- Não podemos voltar para a casa dele - Simon diz. - Ele é um deles.

- Simon e eu discordamos sobre esse ponto - falo. - Eu acredito que Giovanni é apaixonado pela Soul Identity. Ele não está tentando nos derrubar.

- E se ele acreditasse que a Soul Identity está sendo mal administrada? - Val pergunta. - Giovanni iria querer corrigir tal erro?

Penso em como ele usou sua riqueza para trazer o xanazo para os tempos atuais, bem como sobre o modo que escolheu viver: em uma caverna dentro de uma colina, temendo que as pessoas espionassem suas ligações e o rastreassem.

- Sim, Giovanni tomaria medidas extremas para corrigir as partes da Soul Identity que ele acreditasse que estavam erradas - digo.

- Então, concordo com Simon - Val diz. - Não é seguro que voltem para lá.

- Você sequer sabe quem os bandidos são - falo. - Precisamos ver que tipo de informação Giovanni possui.

- Ter um nome seria ótimo - Scott diz. - Já seria o suficiente para dar o pontapé inicial em nossa busca.

- Deveríamos sair de Idaho o mais rápido possível - Simon fala.

- Mas sem essa informação - digo -, estamos em um beco sem saída.

Todos ficam em silêncio.

Simon suspira.

- Zelly está certa. Precisamos ao menos tentar.

Passamos a hora seguinte discutindo a logística de nosso plano. Compartilho a localização do complexo de Giovanni. Val e o Sr. Morgan pegarão o jato corporativo junto com uma equipe de confiança para nos encontrar no Aeroporto Coeur d'Alene. Em seguida, nós quatro voaremos para Sterling. Scott refinará o plano do resgate de Ying e nos deixará a par.

- Tentem se manter seguros - Val fala. - E corram ao primeiro sinal de problema.

Quarenta e oito

Simon e eu tomamos banho e organizamos nossos pertences. Às sete e quarenta e cinco, colocamos nossos óculos de sol, entramos no carro e dirigimos de volta para o estacionamento do motel, assim, podemos caminhar sem sermos observados até o local onde encontraremos Jeremy.

Ele está nos esperando em sua cadeira de rodas no canto noroeste do Centro do Universo.

- Espero que estejam dispostos a tomar um café da manhã antiquado - Jeremy fala.

Ele nos leva pela rua, quase até o local onde estacionamos nosso carro. Jeremy dobra em uma garagem vermelha e verde convertida, que alega ser tanto um restaurante quanto uma loja de antiguidades.

No interior, placas antigas de veículos cobrem o teto por trás de dutos expostos. O piso de madeira compensada possui acabamentos vermelhos e verdes. Luzes se encontram suspensas sobre cada mesa. Sinais e fotografias antigas estão espalhados por cada centímetro das paredes.

Toda essa cidade está presa no passado.

O garçom nos leva até uma mesa e nos entrega o cardápio. Jeremy e eu pedimos café e Simon pede suco de laranja. Todos optam pelas panquecas.

Quando o garçom se afasta, Jeremy diz:

- Foi bom que vocês não tenham ficado no complexo subterrâneo.

- Muito claustrofóbico? - pergunto.

Ele balança a cabeça.

- Giovanni não parou de falar sobre como era uma honra ter dois futuros feitores em sua casa. Achei que ele nunca ia calar a boca.

- Qual é o problema entre vocês dois? - pergunto.

- O que quer dizer?

- Ele o insulta sempre que pode.

Jeremy suspira.

- Tivemos uma grande briga sobre a venda da empresa. Contudo, Val foi muito generosa e persuasiva com sua oferta. Seria estúpido recusar a venda - ele levanta o punho para Simon. - Você fez muito bem em conseguir aquele sanduíche de manteiga de amendoim com geleia, meu parceiro.

Simon toca seu punho no dele.

- Sempre que precisar, cara.

- Você confia em Giovanni? - pergunto a Jeremy.

Ele franze o cenho e eu estudo seu rosto. Meus olhos vagam pelos seus braços musculosos e pelo seu peito grande sob a camisa. Ontem - e também nas últimas duas semanas - achei que Jeremy era super fofo. Porém, hoje, Simon faz mais meu tipo.

- Giovanni é extremamente inteligente - Jeremy diz. - É difícil trabalhar com ele porque o cara assume que sempre está certo. Ainda assim, eu nunca o peguei mentindo. Se você quer saber algo, é só perguntar. Descobri que ele diz a verdade quando é confrontado.

O garçom traz as panquecas e comemos em silêncio. Quando terminamos, Simon pergunta a Jeremy:

- O que vai fazer com todo o dinheiro que ganhou?

- Primeiro, comprei uma van maior, melhor e mais fodona - ele fala. - Quando a entregarem, planejo pegar a estrada com minha namorada isto é, se eu conseguir convencê-la a tirar um ano de folga do trabalho. Depois disso, vou abrir outra empresa para pesquisar exoesqueletos leves. Eu quero andar novamente.

- Leve-nos com você - Simon diz.

Jeremy ri.

- E deixar que vocês percam a chance de administrar o mundo? De jeito nenhum. Giovanni me mataria.

Pergunto-me se Jeremy poderia nos ajudar a reduzir os riscos que estamos prestes a correr.

- Sobre hoje - digo -, estamos aqui para aprender a prática do xanazo, mas Giovanni vem agindo... - abro a

palma da minha mão, estendendo os dedos.

- De forma aleatória? - ele pergunta.

Faço uma careta.

- Sim, mas eu estava pensando em outra coisa. No Brasil, diríamos "santo do pau oco". Giovanni está se comportando de uma forma que não é usual para ele.

- Ah. Você quer dizer que ele é falso ou que tem algum objetivo escuso?

Assinto.

- Bem - Jeremy diz -, vou mantê-lo focado e no caminho certo. Ficarei de olho para prevenir qualquer comportamento ruim.

- Obrigada. Espero que não seja necessário.

Ele paga o garçom. Entramos na van de Jeremy e percorremos a curta distância até a entrada do complexo de Giovanni. O portão se abre, a casa se dobra, seguimos pelo túnel e estacionamos na garagem.

Giovanni faz uma reverência profunda ao nos ver. Ele abre a porta e nós o seguimos até o saguão. Desta vez, Giovanni nos conduz diretamente pela cortina que leva à sala de documentos, que se assemelha a um aquário.

- Sinto muito por não oferecer opções para o café da manhã - ele fala. - Jeremy me assegurou que cuidaria disso. Comeram o bastante ou querem que eu prepare algo?

- Estamos bem, - digo. - Obrigada.

Quando nos sentamos, Giovanni esfrega as mãos.

- Ontem, passei-lhes uma lição de casa. Conseguiram concluí-la?

Olho para Simon antes de voltar minha atenção para Giovanni.

- Você queria que ponderássemos sobre como as pessoas poderiam substituir a tecnologia do portal vike de Jeremy.

- Exatamente. Tiveram alguma ideia?

- Listamos as funções do portal vike - Simon diz. - Ele precisa bloquear os sentidos, ativar o PCC e fazer com que

ele volte a adormecer.

- Correto - ele fala, juntando as mãos. - O que mais?

- Achamos que são necessárias duas pessoas para praticar o xanazo porque, enquanto uma vika, a outra serve como guia - eu digo. - Assumimos que a meditação possa ser usada para bloquear os sentidos e o guia possa ajudar a visualizar o logotipo e a acordar quem está vikando.

Giovanni bate palmas.

- Bravo! É exatamente isso que deve acontecer.

Fito Simon, esperando que ele não dê com a língua nos dentes.

- Pode nos mostrar como um guia deve agir? - Simon pergunta.

Ele é esperto demais.

- É claro - Giovanni diz.

- Ótimo - falo. - Posso guiar enquanto Simon vika.

- Não, isso não vai funcionar - ele diz. - Primeiro, eu devo guiá-la, depois, você poderá tentar guiar Simon.

- Hum, Giovanni - digo. - Todas as imagens que você nos mostrou ontem ilustravam pessoas nuas praticando o xanazo.

- Sim - ele fala. - Isso é necessário. Os dois participantes não devem ter nada cobrindo seus corpos.

- Podemos tentar vestidos? - Simon pergunta. - Ou ao menos com nossas roupas íntimas?

Giovanni balança a cabeça.

- Não seria autêntico e não funcionaria. Acreditem, eu tentei.

- Caramba - falo. - Acho que é melhor eu esperar para conseguir um portal vike.

Ele diz:

- Sei que é desconfortável, Srta. Oliveira, contudo, posso assegurar que não há nada sexual sobre a prática. Não é algo que aprecio. É apenas uma necessidade.

Aponto para Jeremy.

- Que tal demonstrar como o xanazo funciona com ele? Posso aprender a guiar observando.

- Comigo? - Jeremy diz. - De jeito nenhum ficarei pelado com Giovanni.

Quando ele me lança um olhar, eu o encaro, instigando-o a dizer algo mais.

Jeremy precisa nos ajudar, assim como ele disse que faria.

E é isso o que ele faz ao se dirigir a Giovanni:

- Cara, mesmo que seja menos eficiente, não pode mostrar como eles devem fazer vestidos e, depois, deixar que pratiquem um com o outro?

Giovanni franze a testa, fitando-me.

- Quer aprender a prática do xanazo ou não?

- Posso ficar com minhas roupas íntimas?

Ele balança a cabeça.

Simon estava certo. Esse cara não é apenas um fã socialmente inepto. Ele é estranho e assustador. Cruzo os meus braços.

- Não me sinto confortável em ficar nua.

Giovanni joga as mãos para o alto, olhando para o teto.

- Então, Srta. Oliveira - ele diz -, sinto em lhe informar que não aprenderá a arte do xanazo.

Durante o café da manhã, Jeremy disse que Giovanni não mentiria se fosse confrontado com uma pergunta direta. Está na hora de testar sua teoria.

Fito seus olhos sem sequer piscar.

- Tem certeza absoluta de que não tem como me ensinar sem que eu tenha que tirar minhas roupas?

Ele me encara, mentindo descaradamente:

- Sim, Srta. Oliveira. Tenho certeza. O xanazo não pode ser ensinado pela teoria. Sinto muito.

Se Simon e eu não tivéssemos vikado usando nossas roupas íntimas e enrolados em nosso saco de dormir, eu não saberia que esse pervertido está tentando se aproveitar de seu poder.

Precisamos sair dessa caverna. Porém, não é como se pudéssemos simplesmente pular de uma janela. Preciso ter cuidado ao planejar nossa fuga.

Infelizmente, não podemos ir até que tenhamos explorado a Galeria dos Bandidos.

Após um minuto, digo:

- Eu quero vikar novamente, mas não o bastante para ficar nua com você.

Jeremy franze o cenho.

- Zelly...

- O que acham de fazermos uma pausa? - Simon fala. - Nós queremos vikar, contudo, acredito que Zelly precisa de um tempo para processar a ideia.

- Essa é uma excelente sugestão, Sr. Green - Giovanni diz. - Pode tomar o tempo que precisar para fazer com que a Srta. Oliveira se sinta confortável. Fico feliz em esperar.

- Pode nos deixar a sós por alguns minutos? - então, como se tivesse acabado de pensar a respeito, Simon fala - Que tal darmos uma olhada na sua Galeria dos Bandidos enquanto clareamos nossas mentes?

- Como quiser, Sr. Green - ele aponta para o armário de arquivos. - Como eu disse ontem, minha galeria está à disposição.

Jeremy pega o braço de Giovanni.

- Enquanto esperamos, acho que nós dois precisamos conversar.

Eles saem. Quando Simon abre a boca, balanço a cabeça ligeiramente.

- Vamos ver os arquivos - digo para os microfones e as câmeras que provavelmente estão nos monitorando. - Depois, podemos descobrir como posso ficar mais confortável com a ideia.

Quarenta e nove

Simon e eu abrimos os armários da Galeria dos Bandidos de Giovanni. Eles possuem portfólios grossos e pretos, referentes a cada século.

Estou curiosa para descobrir o que ele sabe sobre Origen e Lillia, portanto, pego o portfólio do século III d.C. Abro na aba rotulada como “delfianos” e me deparo com vários documentos plastificados. Nenhum deles está escrito em uma língua que eu compreendo. Passo para o final, onde encontro um resumo em inglês.

Ele diz que, ao longo de vinte anos, os delfianos fizeram duas tentativas de assumir o controle: uma em Alexandria, sendo esta frustrada por Origen após a morte de dois outros feitores; e outra em Cesareia, que foi bloqueada por Lillia de Cagliari depois de Origen ter morrido.

O resumo explica as técnicas que os delfianos usaram. Em Alexandria, eles infiltraram criados e colocaram cobertas contaminadas pela peste nos aposentos dos feitores. Todos os quatro feitores ficaram doentes, porém, Origen e Demétrio sobreviveram.

O documento relata que, em Cesareia, Origen foi morto por uma assassina delfiana que estava se passando por uma assistente. Lillia, que estava passando pelo local, testemunhou o que aconteceu e estrangulou a assistente.

Contudo, eu sei a verdade. Quando Lillia se tornou feitora, ela reescreveu a história, apagando todas as menções de sua associação com Delfos.

Minha ancestral de alma escapou impune do assassinato.

Fecho o portfólio e o coloco de volta no canto. Se Giovanni não desvendou a verdade sobre a história deles, quais são as chances de obtermos alguma informação útil em seus outros arquivos?

E mesmo que seja útil, como podemos confiar nela?

Simon pigarreia, fazendo-me encará-lo. Ele inclina a cabeça na direção do portfólio aberto à sua frente. É o mais

recente, do século XXI. Aproximo-me e paro atrás dele, olhando por cima de seu ombro.

Simon folheia de volta para o início. Há uma grande seção de doze anos atrás. Ela relata sobre um falso feitor, começando na WorldWideSouls e terminando em um confronto em Veneza. A próxima seção, de dez anos atrás, fala sobre um ataque neonazista a uma equipe da Soul Identity em uma caverna na Eslováquia. A seção final, de cinco anos atrás, explica o que aconteceu quando a Fundação Alerta nos fez de reféns. O resto do portfólio está vazio.

Passo uma mão por cima do ombro dele para fechá-lo, mas Simon a agarra.

Levanto as sobrancelhas.

- Continue lendo - ele diz.

Folheio pelas abas. Após quatro seções vazias, encontro uma única folha plastificada intitulada de "BiggerGuns".

O documento afirma que a BiggerGuns é uma organização militar privada que vem planejando tomar o controle da Soul Identity há quase uma década. Seis anos atrás, eles induziram um ataque cardíaco em um dos nossos feitores anteriores, bem como localizaram e tentaram colocar dois novos feitores no comando. Tudo isso durante a época em que fomos sequestrados. Todavia, seus feitores em potencial foram interceptados e mortos, deixando a organização sem uma forma de implementar seu plano de conquista.

A análise a seguir teoriza que a BiggerGuns deseja controlar a Soul Identity, não a destruir. Eles estão esperando que Ying, Simon e eu crescamos para que possam nos aprisionar e governar sob nosso nome. O grupo não se importa com a organização, apenas deseja ditar para onde o dinheiro deve ir.

No final da página, afirma-se que a BiggerGuns conseguiu se infiltrar em diversos departamentos da Soul Identity, direcionando o leitor ao anexo para mais detalhes.

Folheio o resto das abas do portfólio, contudo, não encontro o anexo mencionado.

Simon fecha o arquivo e o devolve ao armário.

- Uau, ler o que aconteceu conosco traz de volta várias lembranças ruins - ele diz para os microfones.

Balanço minha cabeça. Quero falar algo ou, ao menos, sorrir, mas não ousou fazer nada disso.

Contudo, por dentro, estou dançando. Graças ao erro de Giovanni, agora sabemos quem são os bandidos.

- Conseguiu clarear sua mente, Zelly? - Simon pergunta.

- Podemos conversar sobre o xanazo? Quero muito vikar novamente.

Ele é inteligente o bastante para continuar fingindo. Fecho meus olhos e respiro profundamente.

Então, digo:

- Não vou ficar nua com Giovanni. Tenho dezessete anos, sem falar que não é apropriado.

Posso estar respondendo à pergunta de Simon, mas estou falando alto o bastante para que Giovanni e Jeremy possam ouvir.

Se Giovanni soubesse que vikamos com nossas roupas íntimas, saberia que estou fingindo estar indignada. Ainda assim, o pedido dele continua sendo inapropriado - não porque eu tenho dezessete anos, mas, sim, porque ele está se aproveitando de seu poder.

- E se ele insistir? - Simon pergunta. - Vamos simplesmente ir embora?

- Eventualmente, teremos que ceder - olho ao redor do cômodo. - Não gosto da ideia de fazermos isso nesse escritório-aquário. Preciso vikar em um local em que eu possa relaxar.

- E, como Jeremy disse, você deveria praticar vestida primeiro.

- Sim, vou insistir nisso.

- Certo - Simon fala. - Então, está preparada?

- Deixe-me pensar - digo.

Ficamos sentados em silêncio. Como já sabemos praticar o xanazo, estou pensando em um possível plano de fuga. É algo louco, mas acho que pode funcionar.

Porque nós precisamos escapar. Giovanni acreditou que tinha escondido tudo, porém, encontramos aquela página sobre a BiggerGuns. São eles que estão por trás dos guardas de uniforme cinza que vimos em Sterling. Giovanni deve estar trabalhando com o grupo e tentando nos deter aqui. Ele está desperdiçando nosso tempo, fazendo-nos andar em círculos em vez de nos ensinar a prática do xanazo.

Precisamos dar o fora desse complexo antes de ficarmos presos.

- Precisamos ir - sussurro, tentando não mover meus lábios.

Simon levanta as sobrancelhas.

- Faremos ele nos ensinar na van de Jeremy - eu sussurro. - Porém, preciso de mais tempo para organizar tudo. Pode enrolá-los?

Simon assente antes de dizer em voz alta:

- Estou ficando com fome. Podemos comer algo antes de continuar com o xanazo?

- Acredito que sim - falo. - Vamos procurar os outros.

No saguão, Giovanni se encontra sentado ao lado da cadeira de rodas de Jeremy. Eles estão olhando para um tablet que está nas mãos de Giovanni.

- Chegaram a uma solução? - Jeremy pergunta.

Até parece que ele não sabe a resposta. Tenho certeza de que os dois estavam nos vendo no tablet.

- Sim. Desculpe pela minha relutância. Estou pronta para continuar.

Jeremy sorri.

- Contudo, tenho três pedidos.

- Como posso ajudar? - Giovanni pergunta.

- Sua sala de documentos é muito exposta. Não me sentirei confortável lá. Quero vikar no mesmo local em que

vikei da última vez. Na van de Jeremy.

- Por mim, tudo bem - Jeremy fala. - A cama está limpa.

- Não é ortodoxo - Giovanni diz - , mas podemos fazer isso funcionar.

Fazer funcionar? Que tipo de parafuso a menos ele tem para conseguir agir com tanta cara de pau?

- Meu segundo pedido - digo - é que acatemos o que Jeremy sugeriu e façamos um teste ainda vestidos.

Giovanni lança um olhar para Jeremy, que assente sutilmente.

- Fico feliz em fazer essa concessão - ele fala.

- Obrigada - eu digo. - Tenho um último pedido.

Esse é o mais importante.

- Vocês dois devem usar uma venda quando fizermos a prática real. Se insistem que eu fique nua, eu insisto que não possam me ver.

- De forma alguma - Giovanni diz. - Não é assim que o xanazo funciona.

- Pelo que entendi, não é necessário usar os olhos durante a prática - falo. - Por que você ou Jeremy precisariam ver meu corpo?

Ele cruza os braços, encarando o chão. Contudo, após passar um minuto franzindo o cenho e murmurando para si mesmo, diz:

- Usaremos as vendas.

Dou o maior sorriso que consigo fingir.

- Também tenho um pedido - Simon fala. - Quero comer algo antes de começarmos.

- É claro, Sr. Green! - Giovanni diz. - Deixe-me trazer alguns sanduíches. - Ele se dirige para a cortina.

- Posso lhe ajudar? - eu pergunto.

- Por favor, fique aqui e relaxe, Srta. Oliveira. Deixe-me servi-los.

- Eu insisto.

Sigo-o até a cozinha. Giovanni pega dois pratos da geladeira. Os sanduíches já estão preparados.

- Eu os fiz para o almoço, mas podemos comê-los agora.
- Ele me entrega os pratos. - Leve-os. Vou pegar as bebidas.

Por que Giovanni teria sanduíches pré-feitos?

Enquanto os levo para o saguão, começo a me preocupar, achando que ele possa ter feito algo com a comida. Por segurança, decido não comer nada.

Simon não tem tal preocupação. Ele devora cinco dos oito sanduíches de queijo brie com pepino.

Quando fica satisfeito, nós quatro seguimos para a garagem subterrânea.

Pego o braço de Simon e sussurro:

- Prepare-se para correr. Faça o que eu fizer.

Cinquenta

Dentro da sua van, Jeremy manobra até o espaço do motorista, ficando de costas para os controles e de frente para nós.

- Giovanni, sente-se na cama - ele fala. - Simon, venha para o assento do passageiro. E Zelly, por enquanto, fique perto da porta.

Assim que todos entramos, Giovanni pergunta:

- Podemos começar?

- Estou pronta para o teste - digo.

- Excelente! - ele se afasta até estar recostado em um dos lados da van. Em seguida, abre bem as pernas e dá uns tapinhas no colchão. - Venha e se sente aqui, Srta. Oliveira.

Lanço um olhar para Jeremy enquanto subo na cama.

- Lembra-se da posição nas imagens em que lhe mostrei?
- Giovanni pergunta.

- Sim - fecho minhas pernas, cruzo meus braços e apoio minhas mãos nos meus joelhos. - É assim?

- Deixe-me verificar. Primeiro, suas pernas e seus pés - ele se inclina contra minhas costas, passando as mãos por cada uma das minhas pernas.

- O que pensa que está fazendo? - agarro os pulsos dele, mantendo-os no lugar.

- Colocando suas pernas na posição correta.

- Precisa passar suas mãos por elas para fazer isso?

- Giovanni - Jeremy fala -, lembre-se do que eu disse.

- Deixe-me fazer isso direito! - Giovanni explode.

Solto seus pulsos e ele continua, desta vez, orientando como devo posicionar minhas pernas em vez de tocá-las.

- Por que essa é a posição correta? - pergunto. - Eu quero aprender.

- Cada pé deve ficar embaixo do joelho oposto e a sola deles precisa ficar no ângulo correto em relação ao seu corpo.

- Entendi.

- Agora, seus braços e suas mãos - Giovanni pega meus bíceps e desliza as mãos até meus antebraços, roçando seus braços nas minhas costelas. - Novamente, eu peço desculpas. Só quero que esteja posicionada corretamente.

Quando estou prestes a perdoar o toque em meus braços, ele se move sorrateiramente, roçando em meus seios.

Mesmo sabendo que é estúpido, não digo nada. Estamos prestes a escapar, portanto, não quero causar alarde.

Pergunto:

- Qual é a posição certa aqui?

- Suas mãos precisam ficar no topo dos seus joelhos, com as palmas para cima, a fim de que eu possa alcançá-las e pressionar minhas palmas, meus dedos e meus polegares junto com os seus.

- Certo.

Giovanni se aproxima até seu peito e sua virilha estarem encostados contra as minhas costas e a minha bunda.

Foi bom eu ter insistido que ficássemos vestidos.

Ele junta as pernas até que as solas de seus sapatos estejam tocando as minhas. Então, coloca suas palmas, seus dedos e seus polegares nos meus antes de apoiar seu queixo no meu ombro esquerdo.

- Agora estamos na posição correta.

- Qual é o próximo passo?

- Você deve relaxar e entrar em um estado de meditação. Nós vamos cantar um mantra juntos.

Não tenho ideia de como eu poderia relaxar com esse pervertido pressionado contra meu corpo e se aproveitando de mim, mas não planejo dizer isso para ele.

- Que mantra?

- Hamsah. Significa "eu sou isso" em sânscrito. É assim - Giovanni faz uma demonstração, sussurrando um longo HAAAAAHM ao inspirar, segurando sua respiração e, em seguida, dizendo SAAAH ao expirar.

Nós praticamos algumas vezes.

- Quando estiver relaxada - ele diz -, meu trabalho será guiá-la no processo de bloquear sua visão, seu tato, seu olfato e seu paladar. Vou ajudá-la a se imaginar desenhando o logotipo, o que fará com que nós dois entremos no xanazo. Você se encontrará na Galeria das Vidas Passadas e, após alguns minutos, eu a trarei de volta.

- Ótimo - falo. - Como fará isso?

- Tudo em seu devido tempo, Srta. Oliveira. Após concluir seu primeiro xanazo, eu a ensinarei.

Esse perdedor só pode estar preso em seu delírio de poder. Ele é esquisito, tem mãos bobas e está retendo informações. Afasto-me de seu abraço e saio da cama.

- Obrigada por fazer esse teste - digo. - Entendi o que eu preciso fazer.

Giovanni abaixa a cabeça.

- Estou ao seu serviço, Srta. Oliveira. Está pronta para praticar seu primeiro xanazo real?

Estou prestes a dizer que sim, porém, lembro-me de como ele tocou meu corpo após alegar que não era algo sexual e mudo de ideia.

- Pensando bem, prefiro não fazer isso. Não vai funcionar para mim.

- Eu faço - Simon fala de forma arrastada, com os olhos caídos.

- Não, Simon. Ele pode dizer que não teve intenção, mas esse cara acariciou minhas pernas como se as possuísse. Ele passou as mãos pelos meus braços e roçou nos meus seios sem nenhum motivo, apenas porque podia.

Giovanni se senta com a boca aberta.

- Zelly - Jeremy diz. - Tenho certeza de que ele não fez por mal. Não é, Giovanni?

Eu o encaro.

- Que palhaçada é essa, Jeremy?

- Realmente não fiz por mal! - Giovanni diz. - Peço mil desculpas por deixá-la desconfortável.

Levanto-me, cruzo os braços e o encaro.

Quero dar um soco em sua cara presunçosa. Contudo, se eu não o vendar, não conseguiremos escapar.

Respiro fundo, acalmando-me.

- Desculpe - digo. - Como pode ver, às vezes, fico muito sensível. Vamos continuar. Dessa vez, não precisarei de sua ajuda para me posicionar. Entendido?

- É claro, Srta. Oliveira - Giovanni ronrona. - Jeremy, tem algo que possamos usar como venda?

Lanço um olhar feio para Jeremy. Ele balança a cabeça.

- Nada que me venha à mente.

- Tenho gravatas no meu guarda-roupa. Vou pegá-las - Giovanni desce da cama, sai da van, coloca a chave e seu polegar no painel e entra no saguão. Ele deixa a porta aberta.

Giro para encarar Jeremy.

- Pessoas que agem dessa forma quando estão em uma posição de poder me deixam enjoada.

- Sinto muito, Zelly. Você quer parar? Eu posso tirá-los daqui.

Não confio nele, porém, preciso que Jeremy nos ajude a escapar sem que perceba que essa é nossa intenção.

- Concorda que o que ele está fazendo é errado?

Ele assente.

- Contudo, se você quer vingar, acho que precisará lidar com as merdas dele.

- Eu só ficaria calma se soubesse que posso parar a qualquer momento.

- Você estará em uma experiência vike. Não pode simplesmente parar.

- Não estou preocupada com o tempo em que estarei vikando, já que ele disse que também estará praticando o xanazo - digo. - Estou me referindo ao momento em que estaremos nos preparando; quando ele pressionará seu corpo nu contra o meu. Não conseguirei relaxar se não sentir que estou no controle.

Ele franze o cenho.

- Faz sentido. Acho que posso ajudar.

Jeremy leva sua cadeira de rodas até uma das gavetas da cozinha, pega uma faca e a entrega para mim.

- Isso serve?

Enfio a faca entre o colchão e a cama.

- Eu estava esperando uma arma ou um Taser. Você deve ter algo assim aqui, Jeremy.

Ele passa a mão pelo seu cavanhaque.

- Tá, você quer o material de primeira. Simon, meu parceiro, será que pode pegar o que está no porta-luvas?

Simon não responde porque está completamente adormecido. Sua cabeça está caída para o lado enquanto ele ronca.

Agora, estou completamente sozinha. Estou feliz por não ter comido os sanduíches, contudo, queria que Simon também não tivesse.

Reúno todas as minhas forças para suprimir meu pânico e fingir que não sei que ele foi drogado.

- Acho que Simon estava cansado - digo. - Deixa que eu pego - vou para a frente da van. - O que devo procurar?

- Tem um bastão de choque aí dentro. É preto. Ele tem cerca de sessenta centímetros.

Abro o porta-luvas. O bastão tem o mesmo formato de um mini taco de beisebol, só que é mais pesado.

Entrego-o para Jeremy e ele me mostra como usá-lo.

- Se ele a atacar, o que, sinceramente, duvido que faça, bata no peito dele e empurre o botão para cima.

Ele faz uma demonstração. O bastão solta um estalo ameaçador.

- São cem milhões de volts - Jeremy fala. - Se pressioná-lo nele por três segundos, Giovanni desmaiara e permanecerá assim por algum tempo.

Coloco o bastão no mesmo canto em que enfiei a faca.

- Espero não precisar usá-lo.

- Eu também - ele diz. - Porém, quero que se sinta segura.

Digo a Jeremy que preciso ir ao banheiro. No caminho de volta, passo pelo saguão e trago os dois pratos com os sanduíches restantes. Coloco-os na bancada da van.

Estou tão preparada quanto posso. Só preciso esperar Giovanni voltar com as vendas.

Cinquenta e um

Giovanni passa pela porta do saguão de entrada. Em vez de suas calças e de sua camisa, agora ele está usando um roupão branco e chinelos. Em suas mãos, estão três gravatas com listras vermelhas, azuis e pretas.

Ele entra na van e mostra as gravatas.

- Acho que elas servirão como vendas.

- Perfeito - consigo dizer sem dar qualquer sinal de repulsa.

Giovanni entrega uma para Jeremy.

- Coloque-a, por favor.

Jeremy coloca a gravata sobre os olhos, amarrando-a atrás da cabeça.

Giovanni põe a segunda sobre o banco do passageiro.

- Parece que o Sr. Green decidiu tirar um cochilo.

Ele realmente acha que sou tão estúpida assim?

Giovanni lambe os lábios.

- Está pronta, Srta. Oliveira?

Mantendo meu olhar no seu, chuto meus sapatos, desabotoo minhas calças jeans e as tiro. Coloco-as na borda do colchão, enfio meus dedos no espaço onde coloquei o bastão e a faca para garantir que ele não as tirou de lá e uso minhas calças para cobri-lo.

- Minha nossa, Srta. Oliveira. Sua voz é quase um sussurro.

Giovanni coloca a gravata em volta do pescoço e desamarra o roupão sem tirar os olhos de mim. Então, deixa-o cair no chão.

Tiro minha blusa, ficando na sua frente apenas de sutiã e calcinha. Ponho a blusa em cima das minhas calças.

- Coloque sua venda - eu falo.

- Tem certeza de que eu preciso usá-la?

Encaro-o.

- Permita que eu me situe - ele diz.

Giovanni se recosta na borda do colchão, sem nunca tirar seu olhar do meu. Ele se encosta na lateral da van e abre as pernas. Em seguida, tira os óculos e estende a mão para colocá-los no balcão.

- Sem meus óculos, sou praticamente cego - Giovanni fala.

- Coloque a venda para que possamos continuar.

Ele amarra a gravata ao redor dos olhos, girando o nó para a parte de trás.

Aproximo-me e dou um soco no ar, próximo ao seu rosto. Como ele não se move, assumo que realmente não está vendo.

Então, abaixo o olhar e me arrependo.

O pervertido está com uma ereção.

Preciso canalizar Lillia.

Bem, talvez ela não seja a melhor opção, já que, quando estava em uma situação similar com Origen, Lillia dormiu com ele. De jeito nenhum farei isso.

Canalizo Zelly, a destemida. Tiro o bastão de choque do esconderijo, empurro-o na virilha nojenta de Giovanni e movo o botão para cima.

Ele solta um grito, arqueando as costas. Se eu não estivesse tão furiosa com a forma como Giovanni fez com que eu me sentisse impotente e suja, poderia até sentir pena dele.

Todavia, não me apiedo. Tudo o que sinto é raiva. Conto até três, o mais lentamente possível, antes de desligar o bastão.

Giovanni está sofrendo enormes tremores e contrações, mas não o observo por muito tempo, já que Jeremy tirou sua venda e está vindo com sua cadeira de rodas na minha direção.

Subo no colchão e vou para o fundo da van, ficando longe do seu alcance enquanto aponto o bastão para ele.

- Fique longe de mim - falo - ou também darei um choque em você.

Jeremy levanta as mãos. Quando abaixo o bastão, ele lança sua mão na fenda do colchão e tira a faca.

- Por Deus, Zelly, o que você fez?

- Ele estava com uma ereção! Eu disse que não ia aceitar essa merda.

- Você pediu que Giovanni a ensinasse a vikar.

- Por que o está defendendo? - Encaro-o à medida que minha voz se torna um rosnado baixo. - É melhor se afastar. Agora.

- Apenas se acalme, Zelly. E abaixe esse bastão.

Balanço minha cabeça.

Jeremy move sua cadeira de rodas para trás, indo para a frente da van. Ele se lança para a esquerda e agarra Simon, puxando seu corpo adormecido sobre o colo. Então, coloca a faca no pescoço dele.

Ele estreita os olhos.

- Eu disse para abaixar o bastão.

- Se deixar sequer uma gota do sangue de Simon cair, eu vou matar você.

- Você não vai usar isso em mim. Não sem machucar Simon.

Merda.

Já que está com parte do corpo de Simon em seu colo, Jeremy não pode se mover. Isso me dá tempo para tirar a gravata da cabeça de Giovanni, empurrá-lo de lado, lutar com seus braços trêmulos e amarrar suas mãos nas costas. Também visto minhas calças, minha blusa e calço meus sapatos.

- Qual é o seu plano, Zelly? - Jeremy pergunta.

- Sair daqui - digo. - Está trabalhando com eles?

- Eles?

Eu o encaro.

- Solte-o.

Ele balança a cabeça.

- Você não pode vencer.

- Como assim não posso vencer? - Pulo da cama, caminho até ele e coloco o bastão no seu pescoço.

- Você só estaria machucando Simon. Não se atreveria a fazer isso.

Eu me atrevo. Puxo o botão para cima e Jeremy grita. Conto até três, pegando Simon em meus braços assim que ele desliza do colo de Jeremy.

Espero que as drogas que Simon ingeriu funcionem como um tipo de anestesia e que ele não tenha sentido nada.

Coloco-o de volta no banco do passageiro, pego a gravata extra e amarro as mãos de Jeremy atrás das suas costas. Uso a gravata dele para amarrar os pés de Giovanni. Em seguida, movo a faca que está no colo de Jeremy para o balcão.

Quando tudo está feito, sento-me no chão, passo os braços em torno das minhas pernas e me permito soluçar por cinco minutos.

Giovanni geme.

- O que você fez? - ele pergunta, estreitando os olhos na minha direção.

O cara tinha todo o poder e decidiu usá-lo contra mim. Eu fiz o que tinha que fazer. Ele mereceu cada um daqueles volts.

Contudo, não preciso lhe dizer isso.

Um lampejo atravessa seus olhos e ele abre a boca, mas eu levanto o bastão.

- Ainda tenho carga de sobra.

Giovanni rola de costas e se senta. Jogo o roupão sobre seu colo e coloco os óculos em seu rosto.

- Quem é a BiggerGuns? - pergunto.

- Bigger o quê?

- Não se faça de idiota - falo. - Você esqueceu uma página quando estava limpando sua Galeria dos Bandidos.

Ele faz uma careta.

- Então, quem são eles?

Giovanni ergue o olhar.

- Eles são os únicos capazes de trazer a antiga glória de volta à Soul Identity.

Soa como algo que Ying diria.

- O que isso significa?

Ele balança a cabeça e até mesmo minhas ameaças com o bastão de choque não o fazem voltar a falar.

Aponto para o para-brisa dianteiro.

- Quero sair daqui. Como ergo a fachada da sua casa de mentira?

- Isso requer a minha impressão digital. Assim como a porta do saguão.

- Entendi - gesticulo para os sanduíches que estão no balcão. - Você colocou algum sonífero neles, não foi?

Ele me lança um olhar feio.

Aproximo-me dos pratos. Ainda restam três sanduíches de queijo brie e pepino de Simon e todos os oito de Romeu e Julieta que são meus. Pego um de pepino e brie, colocando-o em frente aos lábios dele.

- Você vai almoçar cedo hoje - digo. - Coma.

Giovanni fecha os lábios com força.

Levanto o bastão de choque, fazendo-o estalar.

- Coma. Agora.

Ele abre a boca e eu enfio o sanduíche dentro, tendo cuidado para ele não me morder. Giovanni mastiga e engole. Faço-o comer mais um dos de Simon e, então, metade dos meus.

- Quanto tempo levará para você adormecer? - pergunto.

Giovanni permanece em silêncio.

Pulo da cama e me agacho ao lado de Jeremy, que está começando a se mover. Ele solta um gemido antes de se endireitar, lutando contra a gravata que amarra suas mãos. Jeremy abre os olhos.

- Meu Deus - ele fala. - Você é louca.

- Eu realmente esperava que você fosse um dos mocinhos.

- Eu sou.

- Os mocinhos não colocam facas na garganta de crianças.

Jeremy troca um olhar com Giovanni, porém, não diz nada.

Levo um dos pratos até ele. Assim como Giovanni, preciso ameaçá-lo com o bastão para que Jeremy me obedeça. Enfio os sanduíches restantes em sua boca, um de cada vez, até que ele mastiga e engole todos.

- Quanto tempo? - pergunto a Giovanni novamente.

Ele lança adagas com seu olhar.

Vou para a frente do veículo e verifico Simon. Ele ainda está apagado. Coloco o cinto de segurança em torno dele e reclino o assento para trás.

Os homens continuam calados, o que é bom para mim, pois me dá a chance de pensar sobre o que preciso fazer antes que possamos nos encontrar com Val e com o Sr. Morgan no aeroporto.

Após dez minutos de espera, os olhos de Giovanni começam a se fechar. Dois minutos depois, sua cabeça cai para frente e sua respiração fica constante e profunda.

Não sei se ele está fingindo, portanto, dou um choque no seu pescoço por dois segundos. Giovanni não grita e eu assumo que realmente está dormindo.

Verifico Jeremy, mas ele ainda está acordado, lutando contra o sono. Ele abre a boca para dizer algo, porém, seus olhos se fecham e sua cabeça cai de lado.

Também lhe dou um choque. Só para garantir.

Puxo as pernas de Giovanni com força, fazendo-o deslizar do colchão. A parte de trás de sua cabeça bate no chão, contudo, não vejo sangue. Eu o arrasto pela rampa da van, deixando-o na garagem.

Levo a cadeira de rodas de Jeremy até o topo da rampa. Revisto seus bolsos e pego seu chaveiro. Então, dou um empurrão na cadeira de rodas. Ela rola pela rampa, colidindo com o corpo mole e nu de Giovanni antes de virar para frente e jogar Jeremy por cima dele.

Coloco-os de lado, certificando-me de que consigam respirar. Uso o chaveiro para fechar a rampa e a porta lateral.

Simon ainda está dormindo, contudo, precisamos ir embora. Como não há um banco do motorista, ajoelho-me atrás do volante, o que é um pouco desconfortável, mas não impossível. Aperto o botão de ignição.

Tento me lembrar do que Jeremy falou sobre o acelerador manual. A direita e a esquerda aceleram. Para frear, preciso mover o controle para frente. Empurro para acessar o freio, em seguida, dou a ré. Movo o acelerador para a esquerda e a van vai para trás com tanta força que sou jogada contra o volante.

Freio e tento novamente. Desta vez, movo ligeiramente o acelerador para a esquerda e o veículo se move para trás, lento o bastante para que eu possa virar as rodas. Giro o volante, dirigindo pelo túnel que leva até a casa falsa. Quando viro, deparo-me com uma parede na minha frente.

Recordo que preciso de Giovanni – ou, ao menos, do seu polegar – para abrir a passagem. Devo voltar para pegá-lo? Ou, quem sabe, apenas seu polegar?

Poderia fazer o que a mulher sequestrada fez com Lillia e arrancar o polegar de Giovanni.

Considero a ideia por dez segundos antes de decidir que seria mais conveniente e muito menos nojento agir como nos filmes e simplesmente dar o fora daqui.

Eu queria que Simon estivesse acordado para ver isso. Ele estaria torcendo por mim.

Puxo o acelerador com força e a van se lança para frente, ganhando velocidade. Agarro o volante e me preparo para o impacto, porém, o tamanho do veículo permite que atravessemos com facilidade, passando pela sala de estar da pequena casa.

A mobília atrapalha o progresso da van. Provavelmente, porque os móveis estão aparafusados no chão. Recuo o máximo que posso e faço o veículo colidir com os sofás.

Eles se soltam, permitindo que a van atravessasse a parede e chegue na rua.

Paro na entrada, saio e caminho até a frente do veículo. Um dos faróis está quebrado e há cacos de vidro presos na grade, porém, exceto por esses pequenos detalhes, a van está inteira. É melhor Jeremy me agradecer por não ter causado mais estragos quando conseguir recuperá-la.

A casa, por outro lado... está uma completa bagunça. Ainda bem que nos livramos dessa encrenca. Simon e eu temos um avião para pegar.

Cinquenta e dois

Dirijo até o estacionamento do motel e, quando ninguém está olhando, arrasto o corpo inconsciente de Simon até o Camry. Deixo a van destrancada e o chaveiro no banco da frente. Pego nossos óculos de sol e dirijo para o Aeroporto Coeur d'Alene. Ele fica a uma hora de distância, portanto, devemos chegar lá ao meio-dia.

Ou meio-dia e meia, porque acabo pegando a saída mais próxima, parando no parque da cidade e passando cerca de um minuto apenas respirando.

Simon se move, mas permanece adormecido. Minha insistência em voltar para o complexo pode ter me deixado com alguns hematomas, porém, Simon, que implorou para que ficássemos longe e que aceitou seguir meu plano mesmo sabendo que era melhor não fazer isso, acabou sendo drogado e até levando um choque.

Espero que as informações que coletamos sobre a BiggerGuns valham a pena.

Giovanni drogou os sanduíches, o que só pode significar que ele trabalha para o grupo. Já Jeremy, não tenho tanta certeza. Ainda assim, não posso confiar nele. Afinal, ele colocou uma faca na garganta de Simon.

Simon se move novamente. Eu estendo uma mão e acaricio sua bochecha.

Ele abre os olhos.

- Zelly.

Rio, desafivelo seu cinto de segurança, pulo sobre o console central, subo em seu colo e lhe dou um abraço de urso, ignorando a dor nas minhas costelas.

- Você está acordado!

- Por que estamos nesse carro?

- Não se lembra de nada?

- Entramos na van, Giovanni tentou apalpá-la e eu não consegui manter meus olhos abertos.

- Ele o drogou.

Conto sobre Giovanni ter voltado de roupão; porque eu dei um choque nele com o bastão; o que Jeremy fez; sobre os ter obrigado a comer os sanduíches e ter atravessado as paredes da casa falsa com a van.

- Também acabei dando um choque em você, Simon. Sinto muito.

- Ainda bem que eu não senti - ele cai na gargalhada. - Aposto que Giovanni não teve tanta sorte! Não posso acreditar que você deu um choque bem no meio das pernas dele.

Isso me faz rir. Durante os minutos seguintes, sempre que nossas risadas começam a diminuir, um de nós bufa, gerando uma nova onda de gargalhadas.

Quando nos acalmamos, coloco uma mão na bochecha dele.

- Fico feliz que esteja bem, Sy. Jeremy realmente me assustou quando colocou uma faca na sua garganta. Eu não posso perder você.

Ele me enterra em seu abraço.

Após mais alguns minutos sentada, recuperando-me do ocorrido, solto Simon.

- Está na hora de salvarmos Ying.

Eu dirijo até o centro de jatos particulares do aeroporto. Demoramos um pouco verificando os operadores fixos de base para descobrir onde o jato da Soul Identity está estacionado.

- Eles desembarcaram ao meio-dia - a recepcionista diz.
- Contudo, se acham que vão partir em breve, sinto muito. Os pilotos alugaram um carro e deixaram o aeroporto há vinte minutos.

- Os outros integrantes do nosso grupo já devem estar no jato - digo.

- Ninguém mais desembarcou. Gostariam de verificar quem está a bordo?

Nós queremos, mas quando nos recusamos a mostrar nossas identidades, ela não nos deixa passar.

- Vocês podem esperar pelos pilotos - a recepcionista fala. - Eles disseram que voltarão para devolver o carro de aluguel às três. - Ela nos informa a senha do Wi-Fi e aponta para a sala de espera.

Mando uma mensagem para Val. Ela atesta por nós e nos acompanha até o jato, onde encontramos o Sr. Morgan reclinado sobre um assento, olhando pela janela.

Val abraça seus braços.

- Scott e seus pais deram início à missão quinze minutos atrás - ela diz. - Ele mandou uma mensagem dizendo que deixaram que os guardas os capturassem. Não recebi nada desde então. Precisamos ir para Sterling e descobrir o que está acontecendo.

- Para onde mandou os pilotos? - eu pergunto.

- Para canto nenhum - Val fala. - Eles disseram que tinham algo para fazer e que precisavam pegar um pacote, o que levaria cerca de uma hora. Estou ligando para que voltem, mas não obtive resposta.

- Não podemos confiar nos pilotos - digo. - Na verdade, não podemos confiar em ninguém da Soul Identity.

Conto-lhe o que descobrimos e pelo o que tivemos que passar para conseguir tal informação.

Val massageia sua testa.

- Justo quando parecia que estávamos um passo à frente deles.

- Sinto muito - Simon fala.

- Não precisa se desculpar. Só quero que fiquem seguros. A Soul Identity precisa de vocês - ela se levanta. - Vou pedir à recepcionista para encontrar outro piloto.

Enquanto Val está ocupada, pesquiso informações sobre a BiggerGuns no meu celular.

A organização está em funcionamento desde a virada do século. A maior parte de seu trabalho vem do governo. Eles focam em combates no exterior, logística e guarda. Já que são uma empresa de capital privado, não há muita informação sobre sua estrutura corporativa.

Encontro um artigo sobre organizações militares privadas e como elas vêm se expandindo no exterior em busca de novas receitas de outros países.

Se a BiggerGuns está passando por problemas financeiros, isso explicaria as transferências que eles fizeram dos nossos investimentos para sindicatos do crime e para fornecedores de armas.

Ainda bem que temos proteções que limitam as movimentações monetárias. A BiggerGuns deve estar frustrada com a lentidão das transferências. Frustrada o bastante para tentar pegar todos nós.

O site corporativo do grupo é genérico. Fornece um e-mail do departamento de relações públicas e algumas outras informações. Eles não twitam. Não têm uma página no Facebook. Ninguém no LinkedIn os lista como seu empregador e não há nenhuma reclamação no Glassdoor. Para uma organização real, eles são muito silenciosos.

Encontro a cópia em cache de um artigo de dez anos atrás, escrito por uma revista online extinta, que faz uma referência tangencial ao papel da BiggerGuns em uma das guerras do Oriente Médio. O texto menciona seu fundador, Adam Monarch, e mostra uma foto dele vestido com um uniforme de combate no deserto, um rifle, um capacete e óculos de sol. Contudo, o artigo apenas afirma que ele é um ex-oficial das forças especiais, não oferecendo mais detalhes sobre sua pessoa ou sobre a organização.

Será que Giovanni deixou uma página falsa no portfólio, assim, culparíamos outra pessoa e não ele? Não, isso não faz muito sentido. Se ele fosse o chefe do grupo que está nos perseguindo, não teria precisado nos drogar ou perdido seu tempo sendo um esquisito de mãos bobas.

Por mais que saiba muito sobre nós, Giovanni não é capaz de gerir uma operação que objetiva tomar o controle da Soul Identity.

Verifico minhas mensagens e me deparo com um novo e-mail de Yuno Hu. Toco nele e leio: “Z, o piloto é do mal.

Encontre outra forma de voltar. Diga à V que estamos bem e que eu amo a história. Vejo-os à meia-noite.”

Val retorna e diz:

- Aparentemente, não há nenhum piloto disponível em toda a região até amanhã. Como se não fosse o bastante, também não há jatos disponíveis para fretamento.

Mostro o e-mail de Scott para ela e para Simon.

- Por que ele se deixaria ser capturado? - pergunto.

Val dá de ombros.

- Scott já fez isso outras vezes. Ele ama planos cheios de truques. Aposto que construiria um cavalo de madeira na entrada da garagem se eu o deixasse.

- A pesquisa de Giovanni mostraria que essa é uma tática típica de Scott - falo. - Eles vão antecipar seus truques.

Ela junta as mãos e eu vejo seus dedos ficarem brancos.

- Precisamos ir para Sterling. Agora.

- Mas não com nossos pilotos - digo.

- Encontrarei um voo comercial - Val pega seu celular.

- Isso não dará certo - eu falo. - Não podemos mostrar nossas identidades.

Ela suspira.

- Precisamos de um piloto de jato.

- Eu sou um - Simon diz. - Quer dizer, meu ancestral de alma era. Posso pilotar essa aeronave.

Cinquenta e três

- Você não é um piloto de jato, Sy - eu digo.
- Consigo pilotar essa aeronave.
Coloco uma mão na testa dele.
- Parece que aquele bastão acabou danificando sua mente.
Ele afasta minha palma.
- Eu consigo.
- Se esse jato e nós quatro cairmos - Val diz -, a Soul Identity estará perdida.
- Esse é um jato classe Bombardier Challenger 600 - Simon fala. - Ele não vai cair. Já o pilotei várias vezes.
- Como isso é possível? - pergunto. - Seu ancestral de alma era asiático. Lembro-me de você ter mencionado dragões.
- Seu nome era Yun Fei. Ele era um piloto da linha aérea de Beijing que se aposentou no início dos anos noventa. Yun se mudou para França e passou a pilotar aeronaves para pessoas ricas. Ele utilizava uma versão mais antiga desse modelo.
- Os anos noventa são um período recente - falo. - Por que ele se foi e você está aqui?
Ele dá de ombros.
- Minhas observações ainda não me levaram tão longe. Até onde vi, ele está situado na França, voando pela Europa. Yun é um piloto excelente.
Coloco uma mão em seu ombro.
- Vikei para um navio como Lillia, porém, não posso velejar um. Realmente consegue fazer esse jato voar?
- Sei que consigo.
- Vamos para a cabine do piloto, Simon - Val fala. - Mostre-nos o que sabe.
- Simon nos leva para a frente da aeronave e se senta em um dos assentos do piloto. Ele aponta para vários controles de bordo, como o acelerador, as abas e o estabilizador

vertical. Simon fala sobre as telas, os freios de roda, o empuxo reverso e o piloto automático. Ele nos mostra como programar um plano de voo no sistema de orientação e como usar o radar meteorológico. Depois, tira a lista de verificação de voo do bolso do assento à esquerda e nos conduz por cada passo, mostrando como verificar o centro de gravidade, as temperaturas do óleo e do combustível e outras coisas das quais já não me lembro.

Simon conhece bem o jato. E está mais animado do que nunca.

Será que confio nele o bastante para voar sob seu comando?

Levanto uma mão, o que o faz parar no meio de sua demonstração sobre como ajustar o sistema de ar-condicionado.

- Quanto tempo levaria para preparar a aeronave para partirmos? - pergunto.

- Eu teria que conferir todos os pontos da lista. Provavelmente, meia hora.

- Pode preparar tudo enquanto decidimos?

- É claro - Simon passa uma mão atrás do assento, pega o chapéu do capitão e o coloca na cabeça. Ele pega a lista de verificação e sai da cabine. - Sigam-me.

Simon nos envolve na inspeção visual, relatando o que está fazendo a cada passo. Ele cutuca, empurra e puxa as asas, as rodas e vários conectores, marcando os itens em sua lista. Em seguida, chuta os calços das rodas.

Voltamos para a cabine. Sento-me no assento do copiloto e Simon explica o que está fazendo ao mexer cada uma das alavancas e dos medidores. Ele define o Aeroporto Regional de Worcester como o nosso destino, mostrando-nos o plano de voo completo.

Nós nos levantamos dos assentos, ficando parados na cabine principal.

- Fiz tudo, exceto contatar o controle de tráfego aéreo - Simon diz. - Estamos prontos para voar.

Coloco uma mão em seu ombro, fitando seus olhos.

- De um a dez, Sy, quanto está certo de que pode nos levar para Worcester?

Ele me encara sem piscar.

- Nove.

Suspiro.

- Porém, posso transformar isso em um dez.

- Como? - Val pergunta.

- Ajude-me a vikar por dez minutos. Posso fazer alguns voos durante esse tempo. Se eu tiver sorte, serão no mesmo modelo deste jato.

- Isso é loucura - Val fala. - É como se estivéssemos colocando nossas vidas nas mãos de um piloto de simulação. Devíamos encontrar outra opção. Uma mais segura.

- Que alternativa nós temos? - pergunto. - Dirigir até Massachusetts?

- Não há uma opção segura - ela diz.

- Nunca há uma com a Soul Identity - eu digo. - Contudo, diante de um bom motivo, precisamos correr o risco.

A expressão de Val fica séria.

- Meu motivo é ajudar Scott antes que ele acabe se matando - ela fala -, mas você e o Sr. Morgan deveriam ficar, assim, se cairmos, a Soul Identity sobreviverá.

Estou prestes a argumentar quando Simon pega meu braço e diz:

- Não voarei sem Zelly. Ela é minha copiloto.

Val se vira na minha direção.

- Qual é o seu motivo para correr esse risco?

Fico parada, pensando.

- Ying precisa de nossa ajuda - falo. - E a Soul Identity precisa ser salva. Não vou deixar esses idiotas acabarem com a chance de eu me tornar uma feitora.

Val levanta as sobrancelhas, fitando Simon.

- E quanto a você?

- Eu só quero voar - ele diz. - E também salvar a Soul Identity.

- Conseguirá nos levar a Worcester sem deixar o jato cair? - ela pergunta.

- Sim, eu prometo.

Simon ajeita sua postura, não parecendo um garoto de apenas catorze anos. Ele tem a confiança de um adulto. A bravata de um piloto.

- Eu confio em você - digo.

Val inspira profundamente antes de expirar.

- Vamos elevar sua confiança para um dez. Ajude-o a vingar, Zelly.

Cinquenta e quatro

Preciso encontrar um lugar com espaço suficiente para eu e Simon vikarmos. O jato possui assentos únicos de cada lado, então, escolho o que está virado para trás, em diagonal com o Sr. Morgan, que continua olhando pela janela. Levanto o apoio para os pés e o reclino para trás. Os apoios de braço ficarão no caminho, portanto, tiro a almofada do assento ao lado do que o Sr. Morgan está e a uso como um reforço.

- É assim que vocês vikam sem um portal? - Val pergunta.

- É assim que o xanazo funciona. Não se assuste.

Tiro meus sapatos, minha blusa, minha calça e minhas meias antes de subir no assento.

Dando um sorriso tímido para Val, Simon se despe, ficando só de cueca, e se senta entre minhas pernas.

O Sr. Morgan nos observa. Devemos ser mais interessantes do que o que ele estava vendo lá fora.

- Agora, entendo por que deu um choque em Giovanni - Val diz.

- Ele queria praticar o xanazo completamente nu - digo.
- Não há necessidade disso. Ele é um perverso.

Puxo Simon para trás e passo meus braços e minhas pernas em torno dele, certificando-me de que minhas palmas e minhas solas estejam tocando as suas. Apoio meu queixo em seu ombro.

- Só preciso de dez minutos - Simon fala. - Isso me dará cerca de dez dias. Encontrarei o último e mais movimentado voo de Yun Fei.

Ele começa a cantar o mantra. Junto-me a Simon quando ele está relaxado o bastante, guiando-o pelo bloqueio de seus sentidos e pelo desenho do logotipo da Soul Identity.

Então, vejo-me no meu espaço vike vazio, parada sobre meu disco flutuante. Enquanto permaneço na escuridão silenciosa, sem sentir o cheiro de canela ou uma brisa em

que possa me concentrar e sem nenhuma forma de me sentar ou me deitar, percebo que os antigos construíram a proteção à prova de falhas que o portal vike de Jeremy não possui. Ninguém é capaz de extrapolar sua experiência vike, porque não há como seu guia aturar mais do que uma hora de tortura nesse lugar inerte.

Falando em tortura, Simon viveu sua quota dela esta manhã. Espero que ele seja capaz de ficar acordado durante todo o percurso até Worcester. Giovanni o drogou com os sanduíches, contudo, fui eu que lhe dei um choque quando Jeremy o estava segurando.

Se o jato cair porque ele está muito cansado, a culpa será minha. Nós quatro morreremos, assim como Scott e seus pais. Sem falar de Ying – dependendo, é claro, do lado em que ela está.

Pergunto-me por que Scott permitiria que ele e seus pais fossem capturados pelos guardas da BiggerGuns.

Val disse que ele gosta de enganar seus inimigos, mencionando um cavalo de madeira. Em seu e-mail, Scott afirmou amar a história.

Li *A Odisseia* alguns anos atrás. Ulisses era o grande estrategista do livro. Após passarem dez anos sitiando a cidade de Tróia, os gregos decidiram desistir, mas Ulisses os convenceu a deixar para trás um grande cavalo de madeira cheio de soldados. Quando os troianos levaram o cavalo para dentro da cidade, os soldados saíram de seu esconderijo e abriram os portões, possibilitando que o exército grego saqueasse Tróia.

Parece que Scott e seus pais planejam abrir algum portão e esperar que nós o atravessemos. Considero o que isso poderia significar.

Então, percebo que perdi a noção do tempo. Pulo do disco e saio do espaço vike.

Abro meus olhos, vendo que Val está pairando sobre mim.

- Já se passaram quinze minutos - ela diz. - Precisamos decolar em breve.

Espio Simon, que está gemendo. Ele coloca os braços ao redor do seu peito e todo o seu corpo treme.

- Você está bem, Sy?

Ele geme.

- Sy? Voltamos da experiência vike. Estamos no jato. Está na hora de você colocar a aeronave para voar.

- Você me deixou lá por muito tempo. Cheguei ao final da fita - Simon abre os olhos. - Eu morri, Zelly. Foi horrível. Fiquei preso em um espaço vazio por uma eternidade.

Ótimo, como se eu não já tivesse lhe causado dor o bastante por um dia.

- Sinto muito, Sy. Perdi a noção do tempo.

Ele estremece como se fosse um cachorro sacudindo a água de seu corpo.

- Ficarei bem - Simon fala. - Vamos voar.

Ele se põe de pé com as pernas trêmulas, veste as calças, a camisa e calça seus sapatos.

- Tem certeza de que pode fazer isso? - Val pergunta.

- Absoluta. Zelly, venha. Preciso que seja minha copiloto.

Dirigimo-nos para a cabine, acomodamo-nos nos assentos e prendemos os cintos de segurança.

- Conseguiu praticar mais? - eu pergunto.

- Até demais - ele lança um olhar por cima de seu ombro, abaixando a voz. - Yun Fei morreu em um acidente de avião, durante a decolagem. Ele era o piloto.

Abro minha boca, mas não sei o que dizer.

- Está tudo bem - Simon dá um tapinha no meu joelho. - Vi o que ele fez de errado. Não cometerei o mesmo erro.

Acabo não precisando me preocupar, pois Simon fala com os controladores de tráfego aéreo, segue pela pista e decola sem nenhum problema. Quando a aeronave está na altitude de cruzeiro, ele aciona o piloto automático.

- Easy peasy - ele diz. - Pousaremos dentro de quatro horas. Por volta das nove e meia da noite, horário local.

- Mal posso acreditar que aprendeu tudo isso durante suas experiências vikes - digo.

Será que posso adquirir alguma habilidade útil com minhas próprias observações?

Assim que estou ficando acomodada, Simon desfivela seu cinto de segurança.

- Preciso ir ao banheiro - ele fala.

- Vai me deixar aqui? Sozinha?

Ele sorri.

- Está no piloto automático. Se houver algum problema, é só chamar. Voltarei logo.

Porém, ele não volta. Nem mesmo meia hora depois. Quanto mais tempo Simon demora, mais preocupada eu fico.

Quando não aguento mais esperar, chamo Val e ela aparece na cabine.

- Para onde Simon foi? - eu pergunto.

- Ele disse que precisava tirar um cochilo e que você tinha tudo sob controle.

Meu estômago se revira.

- Eu não sei pilotar um avião!

- Nem eu - ela suspira. - Simon está exausto e não parece haver nenhum problema com o jato. Podemos deixá-lo dormir por mais um tempo?

Não temos muita escolha. Fecho meus olhos, tentando não entrar em pânico e ignorar o fato de que estamos voando enquanto nosso piloto, cujo treinamento se resume a apenas algumas experiências vikes, está adormecido. E que ele está inconsciente porque foi drogado, eletrocutado com um bastão de choque e preso no final de uma fita por muito tempo.

Meu coração está batendo tão forte que não consigo respirar.

O que Lillia faria?

Ela seria corajosa. Descobriria o que fazer ao longo do caminho. E sobreviveria a qualquer custo.

Ela é exatamente como eu.

Cinquenta e cinco

Val volta para a ala dos passageiros e eu fico sozinha na cabine do piloto, imaginando o que acontecerá se Simon não acordar a tempo de aterrissar esse avião.

Encontro o manual no bolso do assento de Simon e leio sobre o sistema do piloto automático, esperando que ele seja inteligente o bastante para fazer com que pousemos. O documento usa muitas abreviaturas confusas. Felizmente, depois de um tempo, encontro um recurso chamado sistema de pouso automático, projetado para ser usado pelos passageiros se o piloto estiver incapacitado. O manual diz para ativá-lo quando estivermos perto do aeroporto, mostra onde encontrar o botão e sugere que eu verifique se o local possui pistas que permitem o uso da função.

Pesquiso sobre as especificações de pouso automático do Aeroporto Regional de Worcester, descobrindo que eles possuem duas pistas viáveis. Essa é uma preocupação a menos.

O sistema de voo mostra que temos duas horas restantes. Posso continuar a folhear o manual e passar todo esse tempo morrendo de preocupação ou posso optar por confiar no piloto automático. Concluo que mesmo que algo venha a quebrar, eu não saberia como consertá-lo.

Isso facilita minha escolha. Saio da cabine e volto para a ala dos passageiros, pensando que Val e eu podemos planejar o que fazer durante nossa missão de resgate.

Contudo, descubro que ela está dormindo ao lado de Simon. Não tenho coragem de acordá-la.

Tento despertar Simon, mas, mesmo após sacudi-lo, beliscá-lo e segurar seu nariz até ele ofegar, seus olhos não se abrem.

Apenas o Sr. Morgan está acordado. Ele se encontra do outro lado do corredor, olhando pela janela. Sento-me no banco ao seu lado e pergunto:

- O que está vendo lá fora?

O Sr. Morgan lança um olhar na minha direção, mas não diz nada. Não é como se eu estivesse esperando que ele falasse. Afinal, não disse sequer uma palavra desde o dia em que removeu seu tumor cerebral, quando nós o conhecemos, cinco anos atrás.

Ainda assim, penso que até uma conversa unilateral seria boa nesse momento. Então, pergunto:

- Gostaria que eu explicasse o que está acontecendo?

O Sr. Morgan se vira para a janela, o que eu interpreto como um sim.

- Até ontem à noite, eu estava convencida de que Ying seguiria os passos de Origen e tentaria me matar. Porém, em vez de confrontá-la, tentei ser mais esperta do que ela. Isso só piorou as coisas - falo. - Interpretei tudo o que Ying fazia como um ataque pessoal a mim - inclino-me para a frente. - Contudo, agora, percebo que ela não estava tentando me atacar. Ying... não, não se trata apenas dela. *Todos* têm medo de mim e do meu passado. E com razão. Minha ancestral de alma era má. Até mesmo agora consigo senti-la me influenciando.

As palavras me ferem, mas precisam ser ditas.

- Nesse ínterim, Ying acabou nas mãos de uma organização do mal, a BiggerGuns. Estamos voando de volta para Sterling com o objetivo de ajudar Scott a resgatá-la. Depois disso, poderemos expulsar a BiggerGuns da Soul Identity antes que eles arruinem tudo - pego a mão dele. - Isso fez sentido, Sr. Morgan?

Ele me encara. Fito seus olhos, porém, não vejo sequer um lampejo de compreensão.

- Ah, só para que saiba, não há nenhum piloto controlando nosso avião nesse momento - eu digo. - Simon fez a decolagem, mas está completamente apagado ali atrás.

Aponto na direção dele e o Sr. Morgan olha para Simon.

- Ele teve um dia difícil - falo. - Foi drogado, eletrocutado com um bastão de choque e, depois, eu ainda pisei na bola e deixei que ele vivesse por tempo demais. Acho que Simon precisa de um bom cochilo para se recuperar.

O Sr. Morgan vira a cabeça para mim. Suponho que é melhor que ele não entenda o que estou dizendo.

- A boa notícia é que esse jato está voando sozinho - digo. - Ninguém o está controlando. Ninguém está observando na cabine. É assustador, mas está tudo bem. Quando estivermos perto de nosso destino, tentarei acordar Simon. Se ele não conseguir despertar, pressionarei o botão de pouso automático. Você não precisa se preocupar com nada.

Sinto-me melhor ao dar voz à minha ansiedade.

Seu olhar cai para o meu colo. Toco em seu queixo, guiando sua cabeça para cima, assim, posso observar seus olhos azuis.

- De certa forma, você é como essa aeronave da Soul Identity, Sr. Morgan, pois estive voando no piloto automático pelos últimos cinco anos. Contudo, também não precisa se preocupar com isso. Vamos conseguir fazer com que a organização supere essa fase difícil. Ajudaremos Scott com seu plano e, juntos, resgataremos Ying. Nós vamos salvar seu jardim mágico dos vilões. Enquanto isso, continue a viver, a respirar e a voar sozinho até que possamos lidar com as coisas por nossa própria conta.

Falar a respeito faz com que eu fique em paz.

O Sr. Morgan sorri, então, vira o corpo para voltar a olhar pela janela.

Ficamos de mãos dadas por algum tempo, sem dizer nada. Quando me sinto mais calma, solto sua mão e beijo sua bochecha.

- Obrigada por me escutar - falo.

- Seja forte, Flora - ele sussurra.

Meu coração dá um salto, parecendo estar prestes a sair do meu peito.

- Sr. Morgan, você consegue falar!

Ele fica calado, o que me faz ponderar se imaginei sua resposta.

Será que ele me confundiu com uma versão mais jovem da Madame Flora?

Seus lábios se movem, mas não escuto nada. Abaixo minha cabeça, colocando minha orelha o mais próximo que consigo de sua boca.

- Xanazo - ele sussurra. - Ajude-me.

Endireito-me.

- Você quer vikar?

Ele pisca na minha direção com seus olhos marejados.

Será que isso foi um sim?

O monitor mostra que ainda temos noventa minutos de voo. Val e Simon ainda estão dormindo. E, apesar das garantias que acabei de dar ao Sr. Morgan, não tenho ideia se este avião conseguirá pousar.

Esses podem ser os últimos noventa minutos de nossas vidas.

Se Simon pôde aprender a pilotar um jato, Ying se tornou obcecada com o poder e eu senti Lillia moldar meus pensamentos, então um dos ancestrais de alma do Sr. Morgan também pode lhe oferecer algo durante o tempo que lhe resta.

- Vamos lá - digo.

Ajudando-o a se despir. Sua pele pálida, coberta por sardas e sinais, é flácida. Ele começa a tremer. Encontro um cobertor e o coloco sobre as nossas pernas. Posiciono o meu corpo ao redor do seu assim que consigo colocar seus braços e suas pernas rangentes no lugar certo.

Com sola contra sola, palma contra palma e pele contra pele, apoio meu queixo em seu ombro ossudo.

- Quando estiver na Galeria das Vidas Passadas, voe um pouco por lá - digo. - É fácil. Toque nas fitas de luz mais

longas até encontrar uma que você goste. Então, pule nela.

Não sei se ele ouviu ou me entendeu. Peço que repita o mantra comigo, contudo, o Sr. Morgan permanece em silêncio. Cantos os “oms” sozinha. Faço-o relaxar, guiando-o pelo desenho do antigo logotipo da nossa organização.

E, para minha surpresa, vejo-me no espaço vike, o que significa que o xanazo funcionou.

Enquanto espero no escuro, penso sobre o que o Sr. Morgan pode estar fazendo e quem ele pode estar observando. Apesar de ser apenas o terceiro feitor de sua linhagem, ele pode ter outros ancestrais de almas que não foram descobertos.

Val nos contou que a cirurgia do Sr. Morgan apagou todas as suas memórias, porém, eu o ouvi me chamar de Flora. Quem sabe, no final das contas, elas não tenham sido apagadas e ele só não consiga acessá-las com facilidade.

Será que a experiência vike o ajudará a recobrar seus próprios pensamentos? Ou será que inserirá os pensamentos de outra pessoa em sua mente?

Aguardo no espaço vazio o máximo que consigo. Quando começo a me sentir ansiosa, passo a girar em meu disco flutuante, contando as rotações. Ao chegar em três mil, pulo.

Abro meus olhos, encontrando-me de volta na ala dos passageiros. Val e Simon ainda estão adormecidos. O monitor de voo mostra que temos vinte minutos restantes. Pela minha audição e pela inclinação do avião, percebo que o jato deu início a nossa descida. Se eu não conseguir acordar Simon, terei que ativar o pouso automático.

Infelizmente, agora o Sr. Morgan também está inconsciente. Sacudo seu ombro, mas ele não acorda; sequer se mexe à medida que movo seus braços e suas pernas para vestir suas roupas. Ele não é pesado, portanto, consigo carregá-lo de volta para seu assento e colocar seu cinto de segurança.

Faltam quinze minutos. Mais uma vez, tento acordar Simon, mas ele não se mexe. Dou um tapa em seu rosto, belisco suas pernas, sopro em seu ouvido e grito. Ainda assim, ele continua adormecido.

Acordo Val e peço para ela continuar tentando despertá-lo. Então, volto para a cabine, tentando descobrir como fazer o avião pousar...

Antes que acabemos em um acidente.

Cinquenta e seis

Faltam sete minutos. Estamos próximos o bastante do chão para que eu consiga ver os postes da rua e os faróis dos carros perfurando a escuridão abaixo.

Agora, estou sentada no banco do piloto. Se eu estiver fazendo a leitura correta do altímetro, estamos a cerca de seiscentos metros de altura. Várias luzes estão piscando no painel e pelo menos dois tipos de alarmes urgentes estão berrando para mim, mas nada faz sentido.

Pressiono o botão de pouso automático no sistema de controle de bordo. Os painéis de instrumentos escurecem e os alarmes param.

O silêncio é melhor do que toda aquela algazarra. Ou será que não é?

- Val! - chamo. - Simon acordou?

- Ainda estou tentando - ela diz.

- É melhor vir aqui.

Um minuto depois, Val entra na cabine do piloto.

- Por que tudo escureceu? Para onde foram as luzes?

- Elas apagaram.

- Isso não pode ser um bom sinal.

Ela se senta no banco do copiloto e põe o cinto de segurança.

- O que você fez?

Aponto para o botão de pouso automático.

- Cliquei nele.

Val pega seu celular e passa a lanterna do equipamento pelo botão.

- Diz para pressionar duas vezes para confirmar.

- Só pressionei uma vez - falo.

Ela toca nele e a tela principal se ilumina. O termo "POUSO AUTOMÁTICO" preenche o visor com letras garrafais e pretas.

Uma voz computadorizada diz:

- Pouso de emergência ativado. A aeronave está sendo controlada pelo sistema de pouso automático e aterrissará no aeroporto mais próximo. Seu destino é...

Dez segundos agonizantes se passam.

- ...o Aeroporto Regional de Worcester.

Afundo em meu assento.

- Funcionou.

- Você conseguiu, Zelly.

- Vamos guardar as felicitações até estarmos seguras no chão.

A tela lateral sugere que contatemos o CTA, o que assumo que seja os controladores de tráfego aéreo. Pego o rádio e pressiono o botão do microfone.

- Há alguém na linha?

- CTA do Aeroporto Regional de Worcester - uma voz feminina fala. - Percebemos que está tentando fazer um pouso automático. Qual é a sua emergência?

- Nosso piloto está inconsciente e não parece ser capaz de acordar - digo.

- Você é a copiloto?

Dirijo-me para Val:

- Eu tenho que dizer algo.

Ela dá de ombros.

Pressiono o botão do microfone.

- O copiloto também está inconsciente. Li o manual de voo e encontrei o botão de pouso automático. Por favor, não nos deixe morrer.

- Você ficará bem, senhora - a mulher do CTA fala. - Seu trem de aterrissagem foi abaixado, a aeronave está descendo com uma boa velocidade, você está em uma rota de voo adequada e não temos ventos cruzados esta noite. Só não toque em nada. Em instantes, estará no chão.

A voz computadorizada diz para colocarmos nossos cintos de segurança e guardar qualquer bagagem que esteja solta. Val sai para colocar o cinto de Simon. Quando ela volta, a tela informa que vamos pousar em dois minutos.

- Tentei acordar o Sr. Morgan, mas ele também está dormindo profundamente - Val fala.

- Ele falou comigo, Val. O Sr. Morgan me chamou de Flora.

Ela balança a cabeça.

- Ele não fala há cinco anos.

- Embora não tenha passado de um sussurro - digo -, não foi um fruto da minha imaginação. Ele me pediu para praticar o xanazo.

- Ele o quê?

- O Sr. Morgan queria vilar. Consegui fazê-lo chegar ao espaço vike e o deixei lá por cerca de meia hora, mas ele não acordou quando a experiência terminou.

Após um momento sem fazer nada além de me encarar, Val ri.

- Não sei o que dizer, Zelly. Acho que foi bom para ele. Talvez, quando acordar, o Sr. Morgan nos diga o que aconteceu.

O monitor nos informa que faltam dez segundos. Estendo o braço e pego a mão dela. Logo em seguida, o jato atinge a pista com um impacto chocante. Felizmente, ainda estamos vivas. Os propulsores reversos engatam e nós paramos.

Val tira seu cinto de segurança e me dá um abraço.

- Obrigada, Zelly. Você conseguiu fazer com que chegássemos inteiras.

- Foi Simon que nos colocou no ar - falo. - E o sistema de pouso automático fez a aterrissagem.

- Não se subestime.

Não acho que estou me subestimando. Na minha mente, tudo o que fiz nas últimas duas semanas foi piorar as coisas para todos nós ao prender Ying em sua experiência vike, roubar um carro, dar um choque em Simon e não o acordar antes que ele chegasse ao final de uma fita.

É por minha causa que tanto Simon quanto o Sr. Morgan estão inconscientes na ala dos passageiros.

O sistema de pouso automático estaciona a aeronave no final da pista. Uma ambulância com luzes piscando no escuro vem em nossa direção.

- Precisamos sair daqui antes que eles cheguem - eu falo.

Val gesticula por cima de seu ombro.

- Não conseguiremos carregá-los.

- Vamos deixá-los aqui - digo. - Podemos resgatá-los amanhã.

Ela hesita por um momento, mas, em seguida, assente.

- Se os colocarmos nesses assentos, todos ficarão ainda mais confusos.

Nós corremos para os fundos do jato e carregamos Simon e o Sr. Morgan até a cabine do piloto, prendendo seus cintos de segurança. Assim que terminamos, a ambulância chega.

Entrego um par de óculos de sol para Val.

- Ainda precisamos deles.

Ela os coloca. Em seguida, puxa a alavanca da porta para abri-la. Val abaixa a escada e chama os dois paramédicos que estão logo abaixo.

- O piloto e o copiloto estão inconscientes. Venham depressa!

Os paramédicos atravessam a escada correndo e seguem para a cabine do piloto. Val e eu descemos, damos a volta no jato, atravessamos a pista e seguimos pela grama. Ajudo-a a pular por uma cerca antes de subir sozinha. Nós corremos por uma colina e entramos em uma floresta.

Verifico meu celular, então, aponto para a esquerda.

- Há uma estrada a cerca de um quilômetro e meio de distância.

Vinte minutos depois, chegamos à Mulberry Street, uma rua cercada por pinheiros. Val usa seu celular para pedir um Uber.

- Ei, quem era nosso motorista na última vez? - ela pergunta.

- Boubacar. Ele estava com medo de que o Sr. Morgan fosse morrer.

Ela sorri.

- Ele deve ser o único motorista nessa área com um veículo grande. Boubacar chegará em três minutos.

Cinquenta e sete

Quando o carro de Boubacar aparece, vamos para a rua e sinalizamos para ele parar.

Subimos no veículo e ele toca em seu celular.

- Seu destino é a Soul Identity?

- Sim - Val fala. - Não... espere um minuto. Estou procurando por um restaurante próximo ao campus que esteja aberto.

- Boa sorte - ele diz. - Sterling fecha as portas de seus estabelecimentos cedo demais.

- Encontrei um. Vou colocar o endereço no aplicativo.

Boubacar verifica seu celular.

- Tem certeza de que vocês querem ir para um bar?

- É nossa única escolha - Val fala.

Espera aí. Por que estou deixando Val decidir? Se seguirmos seus instintos adversos à tomada de riscos, nunca resgataremos Ying e não seremos capazes de parar a BiggerGuns.

Preciso assumir o comando.

Coloco minha mão em sua perna.

- Você não pode ir para a Soul Identity.

Ela frisa os lábios.

- Se eles capturarem você ou o Sr. Morgan, terão o consentimento unânime. Será o fim.

Val suspira.

Aponto para a colina, na direção das luzes.

- Boubacar, por favor, siga aquela ambulância.

Ele olha para Val. Quando ela assente, Boubacar muda a marcha e faz o retorno. Ele dirige para o aeroporto, contudo, assim que se aproxima, a ambulância sai da entrada do local.

Boubacar acelera para acompanhá-la. Pouco depois, a ambulância para na entrada da sala de emergência do Hospital St. Vincent.

Vemos os paramédicos tirarem duas macas do veículo e levá-las para dentro.

Simon e o Sr. Morgan estão inconscientes por conta do que eu fiz. Porém, isso acabou de se tornar um problema de Val, já que sou a única que pode resgatar Ying.

- Vai levá-los para algum lugar seguro?

Ela assente.

- Encontrarei Scott e traremos Ying de volta. Confie em mim.

Val me encara.

- Realmente posso confiar em você, Zelly?

- Por que está perguntando algo assim?

Ela suspira.

- Deixe-me ver. Você mentiu sobre ter prendido Ying em sua experiência vike, roubou um carro para fugir de nós, vikou com Simon diversas vezes após eu pedir que não o fizesse e parece que Lillia está lhe influenciando de maneiras que não consigo compreender.

Cruzo meus braços.

- Eu estava certa sobre Ying. Ela tentou nos capturar. Nossa fuga nos levou até a BiggerGuns. E todas as experiências vikes permitiram que trouxéssemos nosso jato até Sterling.

Olhamos uma para a outra e vejo que ainda há dúvida em seu olhar.

Aperto suas mãos.

- Eu faria qualquer coisa para salvar a Soul Identity. Você sabe disso.

Ela assente.

- Eu sei. Agora, vá. Encontre Scott. Resgate Ying. Depois, nós descobriremos o que fazer a seguir - Val toca em seu celular. - Alterei seu destino para a casa de hóspedes. Eu estava planejando investigar as coisas primeiro, mas já que está sozinha, é melhor ir para lá. Siga até o primeiro galpão de manutenção quando estiver se

dirigindo para o prédio principal. Há um leitor no local. Ele abre a porta que a levará para nosso bunker.

- Um bunker?

- Ele foi pensado para situações como esta.

- Se tinha um bunker, por que não fomos para lá na semana passada?

- Não sabíamos se Ying tinha acesso a ele.

- Mas agora sabe?

- Scott verificou que ninguém esteve lá. É seguro - ela se vira na direção de Boubacar. - Não conclua a viagem. Volte para me pegar assim que a deixar.

- Sim, senhora - ele diz.

Nós duas saímos. Dou-lhe um abraço. Val entra no hospital e eu me acomodo no banco da frente.

Boubacar se ajeita em seu assento e olha para mim.

- Você fazia parte daquele grande grupo que eu peguei no domingo passado. Estava com o idoso que pensei que ia morrer.

- Sim.

- Ele está vivo?

- Até agora, sim.

- Que bom - ele fala. - Ah, eu coloquei seus celulares na caixa do correio. Vocês os receberam?

- Ainda não, mas estivemos ocupados.

Nós dirigimos em silêncio.

Então, Boubacar diz:

- Se me permite perguntar, por que voltaram para Sterling?

Olho para ele.

- Para pegar o que é nosso.

- Pessoas ruins o tomaram de vocês?

- Sim, pessoas muito ruins.

- Tive algumas experiências com pessoas assim - ele fala.

- A maioria quando ainda morava em meu país de origem. E, agora, elas também estão aparecendo aqui.

- Em Sterling?

- Sim. Eles chegaram nesta semana. Acabei de deixar quatro homens no mesmo bar para o qual vocês estavam indo. Eles são arrogantes, usam cortes militares, têm tatuagens e carregam armas escondidas.

Não tinha considerado a possibilidade antes, mas realmente devem ter várias pessoas da BiggerGuns andando por Sterling.

- Eles estavam saindo da Soul Identity? - pergunto.

Boubacar assente.

- Da casa de hóspedes. Os quatro foram rudes, falaram comigo como se eu fosse estúpido e não deixaram gorjeta.

- Idiotas.

Ele me fita com os olhos arregalados.

- Fico feliz que não esteja indo para aquele bar sozinha.

Assim que chegamos no campus da Soul Identity, Boubacar pergunta:

- Se for bem-sucedida, o que fará com essas pessoas ruins?

- Quero matá-las.

Ele me encara.

- Mas não vai, não é?

Balanço a cabeça.

- Suponho que vamos apenas afugentá-las.

Boubacar suspira.

- Elas farão coisas ruins em outro lugar.

Friso o cenho.

- O que você faria?

- É fácil. Meu povo se chama Jola. Eu lhes mostraria o Jeito Jola.

- Jola?

- Significa retribuir. Nós, Jolas, somos conhecidos por isso. Quer seja um ato bom ou ruim, sempre retribuímos. É assim que vivemos.

- E se essas pessoas ruins tivessem roubado seu dinheiro?

- Eu roubaria o delas.

- E se elas tivessem tentado destruir sua empresa?
- Eu destruiria a delas.
- E se tivessem lhe ajudado?
- Eu as ajudaria - ele fala. - O Jeito Jola sempre requer uma retribuição.

Considero a ideia por alguns minutos.

- Olho por olho.
- Desde que se limite a apenas um - Boubacar gira seu dedo. - Se você arrancar um dos meus olhos e eu tirar seus dois, terá que retribuir o que eu fiz novamente e o ciclo nunca acabará.

- Porém, se não tomar mais do que deve, ele acabará?

- Sim - ele sorri. - É a mágica do Jeito Jola. Sem rancor. Sem reviver o passado.

A Soul Identity foi construída sobre a promessa de relembrar o seu passado e carregar seus rancores para outras linhagens. Será que o Jeito Jola funcionaria para os nossos membros?

Provavelmente não. Contudo, nós, feitores, poderíamos aplicar tal método para a forma como lidamos uns com os outros.

Chegamos à casa de hóspedes. Peço para Boubacar seguir até a entrada e parar ao lado de uma grande árvore de bordo que nos esconde da visão das janelas.

Coloco meus óculos de sol e saio do carro.

- Obrigado pela lição, Boubacar.

- Experimente o Jeito Jola - ele diz antes de ir embora.

Caminho pela rua escura, seguindo para o prédio principal da Soul Identity. Após alguns metros, avisto um pequeno galpão de manutenção à minha direita, no meio de um gramado bem iluminado.

Corro pela grama, abro a porta e entro.

O galpão é um pouco maior do que uma cabine telefônica antiga e não tem janelas. Quando fecho a porta, tudo fica escuro.

Tiro meus óculos e ligo a lanterna do meu celular. Vejo uma fileira de ancinhos e pás pendurados em ganchos, uma mangueira de jardim, um cabo de extensão e caixas de lâmpadas empilhadas. Na parede mais próxima a mim, encontro uma prateleira com luvas de jardinagem e duas máscaras. O cheiro avassalador de grama recém cortada me dá vontade de espirrar.

Afasto as máscaras e vejo um pequeno leitor com uma pequena luz azul brilhando entre duas lentes de plástico. Movo a mangueira e subo em cima dela. Fico na ponta dos pés até conseguir colocar meus olhos na altura das lentes.

O leitor apita.

Ouçoo um leve baque e o centro do chão se abre, deixando uma passagem de cerca de sessenta centímetros de largura. Uma escada leva para a escuridão abaixo.

Dou um passo, pisando no topo da escada. Quando desço um pouco mais, vejo um botão vermelho e iluminado no teto. Eu o pressiono, a passagem se fecha e o botão se apaga.

Após mais vinte degraus, chego no final da escada. A lanterna do meu celular me ajuda a localizar um interruptor na parede. Estou em um corredor de concreto. Canos e fios elétricos estão acima da minha cabeça e poças de água podem ser vistas nos cantos do piso. Uma porta fechada está no final do corredor, cinquenta metros à frente.

Esse deve ser o bunker. Atravesso o corredor e aproximo meus olhos do leitor que se encontra na parede.

A porta se abre. Dentro, vejo uma grande sala com um teto alto, quatro mesas com computadores e monitores e uma fileira de relógios na parede. Grandes telas planas estão penduradas no teto, mostrando imagens de várias câmeras de segurança.

Duas pessoas estão sentadas nas mesas, de costas para mim. Elas se viram. São George e Sue.

George está usando meus óculos modificados.

- Olha quem decidiu aparecer - ele fala. - Venha aqui, Giselle Oliveira. Poderíamos usar a sua ajuda.

Cinquenta e oito

- O que estão fazendo aqui? - pergunto para Sue.
- Scott nos enviou para a encontrarmos aqui.
- Na semana passada, vocês estavam aposentados e nos preparando refeições.

Ela sorri.

- Antes de eu aprender a cozinhar, dirigia a segurança operacional da Soul Identity. Scott pediu nossa ajuda, portanto, aqui estamos.

Assinto.

- Qual é o plano dele?
- Daqui a quarenta minutos, ele abrirá um portão para que possamos extrair Ying.

Boas notícias: Val estava certa. Scott está construindo um cavalo de Tróia.

Más notícias: se ele é tão previsível assim, significa que Giovanni descobrirá sua artimanha e alertará a BiggerGuns.

- Chegamos aqui há duas horas - George fala. - Estamos aprimorando nossa consciência situacional. Sequer tivemos tempo de comer.

Olho ao redor do cômodo.

- Afinal, que lugar é esse?
- Costumava ser a sala da caldeira - George diz. - Isto é, até nos livrarmos do aquecimento a vapor dos anos oitenta e selarmos o lugar. Doze anos atrás, após a confusão com a WorldWideSouls, construí um centro de comando, pensando que poderíamos vir a precisar dele. Nós o chamamos de bunker.

- Assim como na Casa Branca - Sue fala. - Só que o nosso não é tão subterrâneo quanto o deles.

- E não temos uma maleta nuclear - George diz. - Porém, tirando isso, podemos monitorar o que acontece em Sterling e em nossos escritórios ao redor do mundo. Temos telefones, internet, Wi-Fi, camas e uma cozinha. Há até um

banheiro equipado com um chuveiro, mas essa não é a melhor parte.

Arqueio as sobrancelhas.

- Qual é a melhor parte?

- Ninguém mais sabe sobre este lugar. Apenas os feitores, Val, Scott, Sue e eu e, agora, você. Estamos seguros e escondidos bem debaixo do nariz deles.

Não soa como se estivéssemos tão escondidos assim. Sem falar que não precisamos ficar seguros. Precisamos encontrar Scott e resgatar Ying.

- Viu Scott no sistema de vigilância? - pergunto.

- Sim - Sue digita no teclado que está à sua frente e aponta para o monitor sobre sua cabeça. Na tela, Scott e seus pais estão sentados ao redor de uma pequena mesa. - Eles estão na masmorra, que fica no antigo escritório de Val, sem fazer muita coisa.

- Por que eles os colocaram lá embaixo?

- Não tenho ideia - George fala.

- Temos alguma gravação?

- Essa é uma operação profissional. É claro que temos uma. Sue, pode colocá-la na tela?

Sue transmite o vídeo no monitor.

- O que estamos procurando?

- Quero saber o que eles estão fazendo - digo.

Sue reproduz a gravação em alta velocidade, mostrando que Scott e seus pais permaneceram sentados praticamente da mesma forma que ainda estão.

Como eles podem abrir um portão enquanto permanecem parados lá?

Pergunto para Sue:

- A masmorra dá acesso a algo que Scott não pode alcançar do lado de fora?

- Os sistemas de alarme, de automação e de videovigilância se encontram lá embaixo. Eles estão protegidos por um firewall da internet.

- Então, esses são os portões - eu falo.

Ela assente.

- Ele deve ter pensado que precisaria de três pares de mãos para seguir com seu plano.

Vasculhamos a videovigilância em tempo real de todo o campus, porém, exceto por alguns guardas ocasionais, os prédios estão vazios.

- Scott entrou em contato com vocês desde que chegaram aqui? - pergunto.

Eles balançam suas cabeças.

- Nós enviamos um e-mail, mas ele não respondeu - George fala.

Pego meu celular e mando uma mensagem para Scott, dizendo que estou no bunker com George e Sue.

Quando meu celular vibra, é Jeremy, não Scott. Ele quer fazer uma chamada de vídeo.

Vou para o canto mais afastado do cômodo para que ele não possa ver onde estou e clico no botão para aceitar a chamada. Jeremy aparece na tela, sorrindo.

- Eu estava esperando nunca mais ter que ver a sua cara - digo.

Seu sorriso desaparece.

- Olha, tudo o que eu posso dizer é que sinto muito.

- Quando precisei de um aliado, você me traiu. Você deveria ser o mocinho.

As sobrancelhas dele se levantam.

- Do que está falando? Eu lhe dei um bastão de choque. E uma faca.

- Que você colocou na garganta de Simon.

- Tive que fazer com que Giovanni acreditasse que eu estava do lado dele. Ele estava nos observando.

- Por que você fingiria estar do lado dele?

Jeremy abaixa a voz, sussurrando:

- Para que ele não peça que seus amigos da BiggerGuns me matem - ele se inclina para frente. - Eu sabia que iria usar o bastão em mim, Zelly. Eu nunca machucaria você ou Simon.

Quero acreditar em suas mentiras.

- Por que me ligou, Jeremy?

- Acredite ou não, só estou querendo ajudar.

Eu o encaro.

- Onde você está?

- Ainda no complexo em Idaho. Giovanni está ficando maluco. Ele disse que estamos perdendo toda a ação, já que acordamos tarde demais para encontrar um jato após termos comido seus sanduíches estúpidos.

- Vou desligar, Jeremy. Há algo mais?

- Eles interceptaram uma mensagem que Scott enviou para Val. A BiggerGuns sabe sobre o bunker e estão prestes a destruí-lo.

Tento manter meu rosto inexpressivo.

- Que bunker?

Ele fecha os olhos por um segundo.

- O bunker em que você está. Não quero vê-la se machucar, Zelly. Saia daí. Rápido.

Jeremy olha para algo. Sua cabeça cai para trás e sua boca se abre antes da ligação cair.

Guardo meu celular e me viro na direção de George e de Sue.

- Eles sabem sobre o bunker.

Os dois ficam tensos.

- Se eles sabem - George fala -, precisamos evacuar imediatamente!

- E quanto a Scott e seus pais? - pergunto.

- Os três ainda precisam abrir os portões - Sue diz. - Encontraremos outra maneira de chegarmos até eles.

- Temos que sair agora mesmo - George fala.

Ele se dirige para uma saída oposta à qual entrei. Nós o seguimos por um corredor. George aproxima seus olhos de um leitor, ao lado de uma porta que se encontra à direita. Assim que ela se abre, ele entra.

Alguns segundos depois, ele reaparece, carregando uma caixa de madeira do tamanho de uma gaveta de mesa.

George a entrega para mim e corre pelo corredor. Quase no final, aponta para uma escada à esquerda.

- Suba - ele diz.

Hesito por um segundo. Será que George sabe para onde está indo?

Subir me levará para longe do perigo imediato e, provavelmente, mais perto dos portões que Scott abrirá. Enfio a caixa debaixo de um braço e subo a escada. No topo, junto ao teto, vejo um botão vermelho. Ajeito a caixa, pressiono o botão e o teto se abre. Continuo subindo, o que não é uma tarefa muito fácil sem um corrimão em que me apoiar.

Uso meu celular para iluminar o espaço. É outro galpão de manutenção, só que maior do que o anterior. Em vez de ferramentas de jardinagem, este possui barris de óleo e caixas com peças automotivas. O lugar cheira à gasolina.

Ajudando Sue a entrar no galpão e nós duas pegamos George pelas axilas quando ele chega no topo da escada.

Abro a porta ligeiramente, espiando o estacionamento da Soul Identity pela fresta. Ele está quase vazio.

George me entrega um molho de chaves.

- Está vendo a van branca? Ela é nossa.

Saímos do galpão e corremos para o veículo. Destranco as portas assim que me aproximo. Entramos e me sento no banco do motorista. Coloco a caixa no chão e dirijo para a saída do estacionamento.

- Temos que descobrir quais portões Scott abrirá - falo. - Há algum local para o qual possamos ir?

George aponta.

- A casa de hóspedes. Podemos continuar o reconhecimento na minha antiga sala de apetrechos.

Cinquenta e nove

Três guardas estão do lado de fora da casa de hóspedes, o que significa que não podemos parar. Passo por eles e viro no cruzamento mais próximo.

- Sua sala de apetrechos é um segredo tão conhecido quanto o bunker - Sue diz para George.

- Como eles sempre parecem saber para onde estamos indo? - ele pergunta.

Volto para o estacionamento. Temos seis minutos até que Scott abra o que quer que sejam seus portões.

- Vocês têm armas? - pergunto.

George aponta para a caixa que ele me fez carregar.

- Abra-a.

Levanto a tampa e tiro um pé de cabra curto e uma lanterna de um molde de isopor.

Seguro cada um em uma das minhas mãos.

- Essas são as suas armas?

- São tudo o que eu tenho - George fala. - Antigamente, com isso, estaríamos bem armados. Nossos drones estariam no ar enquanto observaríamos os monitores de infravermelhos e de batimentos cardíacos do bunker. Nós já teríamos vencido.

Respiro fundo e tento acalmar o meu estômago. Scott está contando com o fato de que atravessaremos seus portões assim que ele os abrir, mas não temos uma base, armas ou uma maneira de coordenar nossos movimentos. Enquanto isso, Sue parece se distrair com as histórias de George, que continua a reviver seu passado glorioso.

Tenho quatro minutos para conseguir colocar esse resgate de volta aos eixos.

- Vou para a masmorra - falo para Sue. - Querem vir comigo?

Ela suspira.

- George não pode ir para lá e eu não posso deixá-lo sozinho.

Assinto, tentando impedir que meu alívio transpareça em meu rosto.

- Você vai conseguir, Zelly - ela diz. - Pode continuar sozinha.

Contudo, eu não estou só. Tenho Lillia como apoio. Se ela realmente infectou parte do meu cérebro, pode muito bem me ajudar a sobreviver.

- Qual é o melhor caminho até a masmorra? - pergunto para George.

- Você pode passar pelo saguão principal e pegar o elevador, mas ficará exposta. É melhor usar a saída de incêndio que fica ao lado das docas de carregamento - ele me passa o pé de cabra. - A porta está trancada do lado de fora, contudo, isso a ajudará a entrar.

Verifico meu celular. Faltam três minutos até a meia-noite. Atravesso o estacionamento e contorno o edifício, seguindo até as docas.

Porém, avisto dois guardas parados no local com metralhadoras em seus braços. Meu pé de cabra é tão útil quanto uma faca em um tiroteio. Meu plano foi frustrado novamente.

Quero gritar. Nos últimos cinco dias, roubei um carro, dirigi dois mil quilômetros, tive que persuadir Jeremy e Giovanni, aprendi a prática do xanazo, escapei de um assédio sexual, quase matei Simon e o Sr. Morgan e aterrissei um jato. Tem que haver uma forma de eu conseguir passar por esses dois seguranças.

Todavia, se realmente há uma resposta, eu e, aparentemente, Lillia, desconhecemos. Não há mais ninguém que possa me ajudar criando uma distração. E, por mais que eu aprecie a ideia de agir como uma heroína, não estou prestes a correr, desarmada, na direção de metralhadoras.

Recuo antes que os guardas me vejam, odiando cada passo que dou de volta para o estacionamento. Quando viro a esquina e vejo a entrada principal, percebo quão estúpida

eu sou. Por que estou perdendo tempo tentando abrir os portões sozinha? Esse é o trabalho de Scott e ele o fará à meia-noite.

Ou seja, agora. E os benditos portões, que só podem ser a entrada principal, estão bem na minha frente. Se Scott e seus pais tiverem sido bem-sucedidos, eu conseguirei entrar.

Por outro lado, se não tiverem, estarei morta.

Lillia não entraria. De fato, sinto uma parte do meu cérebro – que provavelmente está sendo controlada por ela nesse momento – gritar comigo, afirmando que não vale a pena salvar Ying; que é melhor permanecer viva para poder lutar outro dia.

Contudo, o resto da minha mente discorda. Solto o pé de cabra, respiro fundo e caminho até a entrada.

As portas da frente se abrem assim que eu me aproximo, então, entro no saguão de dois andares. As fotos do Sr. Morgan e de Ying me observam acima do balcão de recepção vazio. Não há ninguém sentado nos móveis do saguão.

Viro-me para a direita, em direção à entrada exclusiva para funcionários. A porta faz um clique quando me aproximo. Não preciso usar um crachá ou aproximar meus olhos para abri-la e atravessar o corredor.

Dobro em um canto. A porta do elevador está fechada. Pressiono a seta para baixo e ele se abre. Aperto o botão que leva ao porão e o elevador zumbe ao descer.

Lá, deparo-me com uma placa que me informa que o centro de dados fica à direita, portanto, vou para a esquerda. Mais uma vez, a porta faz um clique antes de eu abri-la.

Caminho pelo corredor e espio pela primeira janela à direita. Scott e seus pais estão lá, sentados em frente a três monitores separados. Passo pela janela e atravesso a porta correndo.

Scott fica de pé e me dá um grande abraço. Ele se afasta, com seu rosto se abrindo em um grande sorriso.

- Você conseguiu!

- Foi por pouco - sua mãe fala. - Pensei que ela fosse se jogar contra os guardas nas docas de carregamento com apenas aquele pé de cabra.

- Porém, ela está aqui - o pai de Scott diz. - Bem a tempo.

- Sim - falo. - Vocês abriram os portões. Vamos resgatar Ying.

Scott balança a cabeça.

- Você deve ir sozinha.

Sessenta

- É necessário que nós três fiquemos aqui para mantê-la segura - Scott fala.

- Sério? - pergunto.

- Foi por isso que deixamos que eles nos capturassem.

- Veja isso - a Sra. Waverly gesticula para o monitor. - Meu trabalho é manter os mocinhos longe das câmeras. - Ela mostra como está fazendo minha imagem desaparecer do sistema de vigilância desta sala e como a van de George não pode ser vista pelas câmeras do estacionamento.

- O meu é desativar os alarmes e abrir as portas - o Sr. Waverly me mostra como está burlando os controles de automação. - Lembra-se de quando as portas fizeram um clique quando você se aproximou? Isso fui eu.

- E eu redireciono os guardas da BiggerGuns - Scott fala. - A maioria deles está ocupada tentando invadir o bunker. Enviei o resto para proteger a sala de apetrechos e as docas de carregamento.

- Você queria que sua mensagem fosse interceptada - eu digo.

- Eu disse para vocês que estava abrindo os portões - ele fala. - Não sei por que todos queriam executar suas próprias operações.

Balanço a cabeça.

- Acreditei que a BiggerGuns tinha nos superado, contudo, foi você que os enviou para nós.

- Eu estava mantendo os portões abertos para que você possa chegar à Ying - ele diz -, que é o que precisa fazer logo. Antes que todos voltem.

- Onde ela está?

- No andar dos feitores.

- O que Ying está fazendo lá a essa hora da noite?

- Ela mora em sua suíte. É uma gaiola dourada e Ying sequer sabe disso.

- Onde está Val? - o Sr. Waverly pergunta. - Pensamos que ela estaria com você.

- Pedi que não viesse - digo.

- E Val escutou? - Scott pergunta.

- Ela concordou que perderíamos se a BiggerGuns tivesse tanto ela quanto Ying.

- Bem pensado, Zelly - ele diz.

Interessante. Não me sinto mais eufórica quando Scott me elogia. Acho que muita coisa mudou desde a semana passada.

Ainda assim, é bom saber que ele aprecia minha decisão.

- Quando chegamos, tivemos que deixar o Sr. Morgan e Simon no jato. Val os seguiu até o hospital - eu falo.

- Por que para o hospital?

- Ambos estavam inconscientes.

Não conto que a culpa foi minha.

- Conseguiram que alguém pilotasse o avião?

- Simon. Ele aprendeu a habilidade durante suas experiências vike.

Ele abre a boca, faz uma pausa e balança uma mão, desistindo do que ia falar. Em vez disso, diz:

- Terá que explicar tudo mais tarde. Primeiro, resgate Ying. Ela está no escritório da suíte em frente à de Val.

- Ela quer ser resgatada? - pergunto.

- Depois de tudo o que fizemos - a Sra. Waverly fala -, é melhor que sim.

- Convença-a se for preciso - Scott diz. - Não há câmeras nas suítes. Você estará por conta própria.

- Consegue nos tirar do prédio?

Ele assente.

- Vamos criar uma pequena distração daqui a dez minutos. Mando uma mensagem para você.

- E se ela não vier comigo?

- Precisa fazer com que Ying venha - Scott fala.

- Mamão com açúcar - digo.

Ele levanta as sobrancelhas.

- Piece of cake - falo em inglês.
- Esperamos que sim - Scott coloca as mãos nos meus ombros. - Seja esperta, Zelly. Vejo-a em breve.

Por que ele me disse isso? Será que pode sentir quão fraca e despreparada eu me sinto? O quanto me arrependo de não ter um plano melhor?

Eu costumava pensar que minha impulsividade era meu superpoder. Agora, ela vai acabar me matando.

Com os três membros da família Waverly trabalhando para tornar meus movimentos invisíveis, sinto-me como um fantasma à medida que atravesso o corredor, passo pela porta, subo pelo elevador e vou para o terceiro andar, onde um salão de mármore me aguarda.

Bem, talvez eu me sinta mais como uma prisioneira condenada à execução do que como um fantasma. Afasto-me do depositário, seguindo para os escritórios dos feitores.

O Sr. Waverly faz seu trabalho muito bem. Todas as portas se abrem sem sequer permitir que eu me prepare. Quando percebo, já estou no corredor que fica do lado de fora da suíte de Ying.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Scott. "Oito minutos até nossa distração", ele diz.

Abro a porta e entro no escritório de Ying.

Ela não está em sua mesa, que se encontra erguida. Seu computador está ligado e logado. Aproximo-me para poder ver a tela. Seu aplicativo de e-mail contém relatórios de negócios chatos, já o de mensagens mostra que Ying esteve conversando com alguém chamado GJudd.

Giovanni ressurgiu.

Não me surpreendo em descobrir que ela esteve falando com ele, contudo, ver o nome dele na tela faz um tinido soar em meus ouvidos e uma dormência se alastrar pelo meu corpo. Um lampejo do que aconteceu nesta manhã surge na minha mente - como Giovanni se sentou na

cama de Jeremy com uma ereção crescente, pensando que estava sendo esperto ao usar seu poder contra mim.

Também sinto vergonha de como agi, como tive que puxar seu saco até que Simon e eu pudéssemos escapar. Ver seu nome faz com que eu deseje lhe dar um choque através do monitor. Pode esquecer os óculos modificados que eu construí. O que preciso mesmo é inventar um bastão de choque remoto para lidar com pervertidos como ele.

Abaixo a mesa para que eu consiga alcançar o teclado e o painel tátil, voltando a conversa para ver o que ele disse à Ying.

O primeiro contato se deu na tarde da terça-feira. Giovanni se gaba de que Simon e eu estamos indo para o seu complexo. Ele quer nos impressionar, portanto, pergunta quais são nossos pratos favoritos. Ying lhe diz sobre nossas preferências de sanduíche. Que sorrateiro.

Giovanni não age tão docemente com ela como fez comigo e com Simon. Em vez disso, ele a enche de elogios, dizendo o quão inteligente, realizada e perspicaz Ying é. Então, afirma que está extremamente feliz em trabalhar para ela e pergunta o que mais pode fazer para facilitar a sua vida.

Ele também mente. Na quarta-feira à noite, quando Ying pede uma atualização sobre nós, Giovanni fala para ela não se preocupar e diz que estamos passando a noite em seu complexo. Na quinta-feira pela manhã, ele afirma que conseguiu rastrear Val e o Sr. Morgan e que orientou que os pilotos pousassem em Idaho para que eles pudessem nos capturar.

Avanço pela conversa e por suas falsidades, procurando pela desculpa que Giovanni deu para minha fuga e a de Simon, após eu o eletrocutar com o bastão de choque quando ele tentou me fazer ficar nua. Tudo o que ele diz é que nos mandou embora quando o desagradamos e que ela não precisava mais se preocupar conosco.

Não posso culpá-lo por tentar ficar bem na fita.

Continuo avançando até as mensagens mais recentes, enviadas a menos de uma hora atrás. Ying diz que Val e eu estamos indo para Sterling, mas que Adam a assegurou de que a situação está sob controle. A BiggerGuns interceptou o e-mail que Scott havia enviado para Val, o que pedia para ela se encontrar com George e Sue no bunker e na sala de apetrechos. Ele mostra o plano de ataque e eu entrando na Soul Identity por meio das docas de carregamento.

Nesse ponto, a conversa termina. O aplicativo mostra que Giovanni está digitando. Espero alguns segundos e sua nova mensagem aparece na tela.

Ele está perguntando se Val e eu já fomos capturadas.

Estou prestes a responder quando uma mensagem de Ying aparece: “Ainda não, mas isso deve acontecer em breve.”

“Está segura?”, Giovanni escreve.

“Estou na cama, sã e salva”, ela responde. “Avisarei quando tudo acabar.”

Ying está a apenas um quarto de distância.

Sessenta e um

Ying não é uma refém.

E está com seu celular em mãos. Posso não ser rápida o bastante para correr até seu quarto e impedir que ela alerte a BiggerGuns de que estou aqui.

Minha melhor chance é mantê-la ocupada, portanto, pego meu celular assim que outra mensagem de Scott chega. Ele diz: “Quatro minutos.”

Ignoro-o e envio uma mensagem para Ying.

“Sou eu, Zelly. Posso ligar?”

Ela responde imediatamente.

“Tá.”

Faço a chamada. Assim que Ying atende, abro a porta de seu quarto, corro até a cama, pulo em cima dela, tiro o celular de suas mãos e o jogo no chão.

Isso só fará com que ela desconfie ainda mais de mim, mas não posso permitir que Ying alerte a BiggerGuns.

Ela dá um grito, puxa meu cabelo e chuta minhas pernas, contudo, eu não a solto.

- Garota, sou eu - falo. - Pare por um momento.

Seu corpo fica tenso.

- Zelly?

- Quem mais seria?

Ying fica parada e em silêncio. Então, diz:

- Deixe-me levantar.

- Promete que não vai ligar para alguém?

- É claro que não.

Eu a solto, pego seu celular, desligo-o e o coloco no meu bolso.

- Devolva-o - ela fala.

Balanço a cabeça.

- Precisamos conversar. E também fugir daqui. Pode se vestir?

- Fugir? Pensei que tinha vindo para me matar - ela cruza os braços. - Por que eu sairia daqui?

- Não me diga que está deixando a BiggerGuns destruir a Soul Identity de propósito.

- É isso o que você acha que estão fazendo?

- Eles estão transferindo o dinheiro e demitindo nossos funcionários. O que mais poderia ser?

Ying pega minha mão. Seus dedos parecem quentes contra os meus.

- Zelly, sei que pode ser difícil para você aceitar, mas a BiggerGuns está nos salvando.

Eu me afasto.

- Salvando-nos do quê?

Ela pega minhas mãos novamente, desta vez, com suas duas palmas.

- Do Sr. Morgan. De Val. De você e de Simon. De todos que querem fazer com que a Soul Identity continue impotente. A BiggerGuns está me ajudando a recomeçar e dar um novo foco à nossa bela organização antes que seja tarde demais.

Recomeçar? Dar um novo foco?

- Algo similar ao que Origen fez?

Ying respira profundamente.

- Você vikou de novo?

Assinto.

- Bem, então, sim, exatamente isso - ela fala. - Se Origen não tivesse tirado o Psychen Euporos de Alexandria, teríamos entrado em colapso quando a cidade caiu.

- Ele tentou nos entregar para a Igreja. Como isso poderia ser algo melhor?

Ying solta minhas mãos e liga a luminária. Ela está de pijamas, com seu cabelo enrolado em bobes.

- Ele usou a Igreja para crescer, para que nos tornássemos conhecidos por todo o mundo, exatamente como eu estou usando a BiggerGuns.

Ela não sabe que a Igreja traiu Origen? E que Lillia teve que matá-lo?

Talvez Ying não tenha vikado até o final da vida dele.

Ou, quem sabe, tenha e esteja me testando. É melhor eu confessar tudo.

- Quando a escutei dizer a Scott que tinha vikado para o Egito - falo -, fiquei assustada, pensando que você iria me matar da mesma forma que assumi que Origen tinha matado os feitores de Alexandria. Porém, depois, descobri a verdade.

Ela morde o lábio inferior.

Engulo a saliva que se acumulou em minha boca.

- Você disse para Simon e eu que tinha vikado para a fita de Philo, mas sabíamos que estava mentindo. Sabotei sua segunda experiência vike porque não queria que você acordasse até que eu tivesse descoberto como me proteger. Sinto muito por ter feito isso.

Ying volta a pegar minha mão e diz:

- Quando acordei após minha primeira experiência vike, eu já sabia que os delfianos haviam matado os feitores de Alexandria e que tinham recrutado Lillia de Cagliari. No momento em que vi que ela não tinha um dos dedos, percebi que era sua ancestral de alma.

- Só descobri sobre o recrutamento dela nessa semana - sussurro.

Ela aperta meus dedos.

- Eu implorei que Val a impedisse de vikar para que Lillia não lhe desse ideias de como me matar.

Eu estava certa sobre Ying estar com medo de mim e do meu passado.

Enquanto permanecemos sentadas na cama, percebo que tanto ela quanto eu entramos em um modo de autopreservação e agimos antes de confirmarmos nossas teorias e de conversarmos uma com a outra.

Jogamos a lição de Val sobre interpretações mais respeitadas no lixo.

Meu celular vibra, mas eu o ignoro.

Ainda segurando suas mãos, pergunto:

- Como podemos encontrar uma forma de seguir em frente sem tentarmos matar uma à outra?

Ying balança a cabeça.

- Realmente podemos?

- Não se continuarmos a agir como Origen e como Lillia - eu suspiro. - Odeio o que minha ancestral de alma fez com o seu.

- Porém, eventualmente, Lillia se redimiui, não foi?

Assinto, em seguida, paro.

- Espera aí, o que você disse?

- Lillia se redimiui - ela inclina a cabeça para o lado. - Você não sabe disso?

- Não. Conte-me.

- Terá que vikar novamente e ver por si mesma.

- Você vikou até o final?

Ying balança a cabeça.

- Não cheguei tão longe. Sem falar que você e Val estão com todos os portais.

Pergunto-me se a promessa de uma nova experiência vike pode convencê-la a sair daqui.

- Nossa chance de fugir surgirá daqui a dois minutos. Se quer vikar novamente, vamos.

- É você quem precisa vikar, não eu - ela diz. - Não tenho mais tempo para isso. Preciso fortalecer a Soul Identity e aumentar sua visibilidade. Fazer com que nossa organização melhore é o meu trabalho.

Solto suas mãos e caminho até a janela. A grama iluminada mostra que cerca de dez guardas estão marchando da casa de hóspedes para o prédio principal.

- Ying, venha aqui. - Quando ela para ao meu lado, pergunto - como é que ter nosso campus cheio de guardas carregando metralhadoras pode ser algo melhor?

- Eles tornam a Soul Identity poderosa. A BiggerGuns canaliza dinheiro em acontecimentos que mudam o curso da história mundial. Estamos escolhendo quem lidera

países e quem é derrubado. Todos nos conhecerão. Voltaremos a ser as mãos que controlam o mundo.

- Por que quer que isso aconteça?

- Porque, como feitoras, esse é o nosso trabalho - Ying diz. - Thales só queria ganhar dinheiro, mas Cyrus compreendia que podíamos ajudá-lo a governar o mundo. Origen também sabia disso. Contudo, desde sua época, estamos descendo pela longa e lenta ladeira do declínio.

Ela pensa exatamente como Origen.

Meu celular vibra mais uma vez. Scott informa que só temos um minuto e pede para nos prepararmos.

- Preciso sair daqui antes que os seguranças da BiggerGuns me capturem. Deveria vir comigo.

Ela gesticula para que eu vá embora.

- Pode ir, Zelly. Se é isso o que quer, fuja. Lidarei com o trabalho sujo necessário para recuperar a antiga glória da Soul Identity.

O poder a corrompeu. Ying perdeu a cabeça.

Talvez seja culpa da BiggerGuns por lhe dar os meios dos quais ela precisava. A culpa também pode ser de Giovanni por incitá-la ou de Val por não a instruir melhor e não antecipar isso.

Quem sabe, não seja culpa de ninguém além de Ying.

Não aceitarei ser culpada por não a ter impedido. Ela está estragando tudo.

Eu a analiso de cima a baixo. Posso lutar contra Ying. Posso agarrar seus malditos bobes e arrastá-la pelo corredor, enfiá-la no elevador e levá-la até a entrada principal. Scott poderá me ajudar desse ponto em diante. Podemos dar um fim nos guardas restantes da BiggerGuns e acabar com esse pesadelo.

Brinco com a ideia em minha mente. Ela é linda. Se me mover agora, sei que serei bem-sucedida.

Porém, não farei isso. Se eu desistir de Ying, terei que gerir a Soul Identity sem ela e não quero que isso aconteça. Tanto ela quanto eu devemos ser feitoras.

Olho para meu celular, escolhendo ignorar a mensagem de “Onde você está???” que Scott me envia.

- Vou ficar até que nós tenhamos resolvido isso. Juntas.

Sessenta e dois

- Não há nada para resolver - Ying fala. - Tudo está indo bem. A Soul Identity não tem tanto poder há anos.

Eu deveria simplesmente arrastá-la para fora desse prédio, mas é tarde demais.

Primeiro, precisamos ficar em sincronia. Nós duas fizemos suposições após desvendar parte da história. Precisamos ver como as coisas terminarão.

- E se fizermos o seguinte: escolhemos um dia da vida de Origen e de Lillia. Quando ambas virmos, saberemos o que fazer.

- Isso significa que você trouxe um portal vike consigo?

Balanço minha cabeça.

- Não precisamos de um. Simon e eu descobrimos como os antigos praticavam o xanazo. Eu posso lhe mostrar.

- Por que eu preciso vikal?

- Aposto que, quando nós descobirmos como a história de Origen e de Lillia acaba, deixaremos de discordar sobre o que precisamos fazer.

- Já descobri o bastante sobre a história deles.

- Isso é o que você pensa. Sua primeira experiência vike se deu por volta da época em que Lillia chegou em Cesareia, não é?

Ying assente.

- Começou em Alexandria. Origen fez uma visita a uma velha amiga que o alertou sobre o fato de que os delfianos estavam mandando Lillia para Cesareia. Ele chega na sede bem a tempo de lhe dar boas-vindas.

- Também viquei para essa chegada. Para o primeiro encontro de Lillia com Origen.

Ela morde o lábio.

- Hum, Zelly. Há outra coisa que você precisa saber.

Abano minha mão.

- Que eles estavam dormindo juntos? Sim, eu os vi. Isso é passado.

A boca dela treme.

- É meio constrangedor, não acha?

- Achei bem sensual.

- Eles são... hum... - seus olhos se encontram com os meus antes de se afastarem. - Eles são bons juntos. Não apenas na cama. Origen e Lillia são bons parceiros.

- Sim - digo. - Sua segunda experiência vike continuou a partir daí?

- Sim. Por cerca de cinco ou seis anos. Origen faz com que toda a Igreja o apoie. Ele até os convence a acreditar na reencarnação e transforma seus líderes em membros. Origen era incrível e seu plano funcionou, Zelly. Foi uma jogada de mestre, assim como é a nossa união com a BiggerGuns.

- Talvez - falo. - Contudo, quero que vikemos para o último dia da vida dele.

- Já viu o que aconteceu?

Balanço minha cabeça.

- Minha observação só foi até a viagem de volta, após o conselho em Bostra.

Ying levanta as sobrancelhas.

- Você andou na carroça?

Assinto e ela sorri. Meu sorriso reflete o seu.

Junto minhas mãos.

- Podemos fazer isso? Está pronta para aprender a prática do xanazo?

- Realmente acha que vai ajudar?

- Sei que vai, porque passaremos a ter um entendimento compartilhado e seremos capazes de impedir que o passado controle o nosso futuro. Essa é a nossa vida, Ying. Ela não pertence a Origen ou à Lillia.

Ela franze o cenho.

- Eles têm muito a nos ensinar. Muita sabedoria a nos oferecer.

- E podemos aprender com os dois. Porém, precisamos ver como a história deles termina antes de tomarmos mais

decisões.

Ying fecha os olhos por um momento, em seguida, assente.

- Quando cada uma de nós tiver vikado, decidiremos o que fazer? Juntas?

Ela sorri.

- Mal posso esperar para você ver o que eu vi. Assim que o fizer, ficarei feliz em tê-la como minha parceira. Não precisamos lutar uma contra a outra.

Seu último comentário faz com que eu duvide de quão aberta realmente é sua mente. Todavia, opto por fazer a interpretação mais respeitosa.

Só espero que ela escolha essa mesma opção após observar Lillia matar Origen.

Ying não fica animada com a ideia de vikar apenas com nossas roupas íntimas, mas apago as luzes e nós nos despimos na semiescuridão. Subimos em sua cama, comigo recostada em sua cabeceira, e ela se senta na minha frente.

Mostro-lhe como deve cruzar as pernas e os braços. Pressiono nossas palmas e nossas solas juntas. Em seguida, apoio meu queixo em seu ombro.

- Eu sou sua guia - digo. - Você vikará e, após um minuto, ou seja, cerca de um dia no espaço vike, terminarei a experiência. Então, poderá me guiar.

Pressiono meu peito contra suas costas e sinto como se estivesse tocando uma parede.

- Você está muito tensa, Ying. Relaxe.

Passamos alguns minutos em silêncio, apenas respirando em uníssono, até que os ombros e as costas dela se relaxam.

- Melhor? - pergunto.

- Está perfeito.

Aperto-a com meus braços e minhas pernas da melhor forma que posso.

- Também estou gostando.

Balanço de um lado para o outro levemente.

Mesmo que a sensação seja boa, não temos muito tempo.

- Liberte seus sentidos. Junte-se a mim - começo a cantar um “oommm” baixinho, deixando-o fluir conforme expiro, terminando em um sussurro prolongado.

Quando Ying repete o canto, ajusto minha voz para que fiquemos em harmonia. Guio-a pelo bloqueio de seus sentidos, não tendo pressa, apenas saboreando a sensação calmante. Quando tudo que sobra é sua audição, ajudo a se imaginar desenhando nosso antigo logotipo - os triângulos, os olhos com belas sobancelhas, as linhas e os demais traços sinuosos.

Vejo-me sozinha no familiar espaço vike vazio, parada em meu disco flutuante, já sentindo falta de Ying e esperando que, dessa vez, eu acerte o tempo para que ela não acabe no final da fita assim como Simon. Após contar até sessenta, pulo e retorno para o quarto com Ying em meus braços.

Ela se sobressalta ligeiramente e solta uma longa respiração.

- Zelly?

- Estou aqui - eu digo. - O que viu?

Ying fica quieta por um momento.

- É melhor você ver por si mesma.

Bem, ao menos ela não está me atacando após descobrir o que Lillia fez.

Temo que Ying decida se vingar e me deixe no espaço vike até eu chegar ao final de uma fita. Contudo, coloco esse medo de lado e, em vez de olhar para nossas vidas passadas, deposito minha confiança nos últimos cinco anos em que crescemos juntas.

Explico sobre o espaço vike vazio e como terminar a sessão de xanazo. Lembro-a de não deixar a experiência perdurar por muito tempo. Quando Ying está pronta, trocamos de lugar, porém, a sensação continua sendo tão boa quanto antes.

Inclino-me para trás, aconchegando-me em seus braços. Começo o mantra e ela se junta a mim. Ying me guia até o espaço vike com as fitas de luz, com a brisa que acaricia minha pele, com o leve aroma de canela e com os cânticos suaves ao fundo.

Faço o disco subir e procuro o momento da morte de Origen. Volto um pouco até o começo daquela manhã e pulo na linha do tempo.

Sessenta e três

Você se deita ao lado do homem e estica seus braços para passá-los em torno das costas dele, abraçando e pressionando o corpo dele contra o seu.

- Bom dia - você murmura.

- Deixe-me dormir - ele diz.

Você dá um beijo na bochecha dele.

- Vamos aproveitar o dia. Apenas velhos e garotinhos desperdiçam seu tempo na cama.

- Sessenta e nove anos certamente é a idade de um velho.

- Sessenta e nove anos é jovem o bastante para mim.

Você se levanta, se espreguiça e vai até a janela, inclinando-se sobre a mesa para abrir as persianas.

O céu está claro e sem nuvens. As sombras se estendem pelo jardim. Dois homens estão trabalhando nas videiras. Você os observa capinar e colocar as ervas daninhas em uma cesta, sentindo o cheiro de estrume fresco e ouvindo os pássaros cantando.

Mais além, há um muro de pedra e, atrás dele, o mar brilha sob o sol da manhã.

O homem se senta, pisca e esfrega os braços.

- Pode me ajudar a levantar? - ele pergunta.

- É claro.

Você se aproxima e para à sua frente. Ele gira a parte inferior do corpo, colocando suas pernas no chão. Você estica os braços. Agarrando os antebraços um do outro, cada um dá um puxão até ele conseguir se levantar.

- Obrigado, querida.

Origen cambaleia até a mesa, pega uma jarra e serve a água em um grande copo de barro. Ele bebe tudo sem parar para respirar.

Então, inspira e expira por um minuto.

- Já bebeu água?

Você assente e ele põe o copo no lugar. Origen vasculha os pergaminhos que se encontram sobre a mesa.

- Vai para o escritório hoje? - você pergunta. - O novo feitor deve chegar esta tarde.

- Trabalharei aqui. Se a caravana chegar, mande alguém me chamar. Podemos recebê-lo em grande estilo.

- Farei isso - você envolve seu robe de seda em torno do corpo. - Não se esqueça que tem uma palestra esta noite.

Ele apoia uma mão na mesa.

- O que minha escola faria sem mim?

Você o beija.

- Eles sobreviveram muito bem enquanto você estava preso. Alguns diriam que até cresceram.

Origen resmunga uma resposta e você sorri, passando pela porta.

O ar está quente. Um homem vestindo uma toga verde está em frente à porta da construção localizada do outro lado do jardim. Quando você se aproxima, ele faz uma reverência tão profunda que quase chega aos seus joelhos.

- Ave, Lillia de Cagliari.

- Salve, Marcus. Origen ficará trabalhando em casa nesta manhã.

- Entendido.

- Qual é a agenda do dia?

- Na maior parte, aprovações. Recebemos uma enxurrada de pedidos de financiamento de Roma.

Você faz uma careta.

- Relacionados à peste?

Ele assente.

- Nenhum requer consentimento unânime.

- Que desanimador.

- Fica melhor à tarde. A caravana do leste chegará com pilhas de seda, especiarias e chá.

- E também nosso novo feitor.

- Algo pelo qual mal podemos esperar.

Você segue Marcus e entra na construção. Então, passa por uma cortina, atravessa um corredor e adentra um grande cômodo. Uma mesa cheia de pergaminhos se encontra no centro.

Você solta um suspiro e se senta com Marcos. Juntos, vocês analisam os documentos, rejeitam a maioria e aprovam alguns. Você derrama um pouco de cera de uma vela em cada um dos pergaminhos aprovados, antes de selá-los com seu anel.

Algumas horas depois, Marcus diz:

– Esse era o último, Madame.

Você massageia suas mãos doloridas.

– Agora, sei por que Origen preferiu trabalhar em casa.

Marcus ri.

– Ele é um homem esperto. Devo ir chamá-lo? A caravana chegará em breve.

– Farei isso. Pode ser que ele precise ser persuadido.

Vocês se levantam. Marcus faz uma reverência e você sai do local, atravessando o jardim, em direção ao seu quarto.

Você abre a porta. Origen está sentado em um banquinho próximo à mesa perto da janela, virado de lado para você. Uma mulher usando uma toga branca com um forro verde-escuro está atrás dele, apontando para um pergaminho aberto. Uma vela acesa em um castiçal de pedra se encontra sobre a mesa.

Ela está pressionando uma adaga contra a parte inferior das costas de Origen, fazendo a túnica clara dele ondular.

– Sele-o. Agora – a mulher diz.

Então, pressiona mais a adaga e ele arqueia as costas. Uma mancha vermelha aparece no tecido, logo acima da ponta da lâmina.

– Nunca – Origen ofega.

– Tabitha! – você grita. – O que está fazendo?

Uma carranca sombria surge no rosto dela.

– Seu trabalho, Lillia, o que você nunca terminou.

– Pare já com isso! – você berra.

Ela torce a adaga e Origen solta um gemido. A mancha vermelha fica maior.

- Sele o pergaminho - ela grita. - Ou eu também a matarei.

- Tudo bem - ele fala.

Origen puxa o pergaminho e agarra o castiçal com sua mão esquerda, inclinándolo para derramar a cera sobre o documento. Ele move a mão direita sobre a folha, virando a palma para cima.

Tabitha o observa com um sorriso no rosto.

Origen pressiona seu anel na cera, em seguida, gira para a esquerda, quebrando o castiçal sobre um dos lados da cabeça dela. Ela solta um gemido de dor e enfia a adaga nele.

Origen ofega. Tabitha tropeça. Você corre e a agarra pela garganta, levando-a ao chão.

Seus dedos apertam o pescoço dela com força, sentindo os tendões, os músculos, a traqueia e os ossos sobre a pele. Tabitha convulsiona de um lado para o outro, batendo as mãos em seus ombros e em seus olhos. Ela lhe lança um olhar feio e sua boca se abre, mas não consegue respirar.

Você continua a apertar o pescoço dela até que Tabitha para de se mover. Seus olhos perdem o foco, contudo, você continua a apertar com força.

Origen geme e seu corpo cai no chão.

Você solta Tabitha e agarra os ombros dele, colocando-o cuidadosamente de lado.

- Lillia, meu amor - ele levanta uma mão e a coloca em sua bochecha. - O ferimento nas minhas costas é profundo.

Você verifica o local. A lâmina ainda está enfiada em suas costas. Sua túnica está encharcada de sangue e uma poça começa a surgir no chão.

- Vou chamar um médico.

Origen balança a cabeça.

- Os delfianos finalmente me pegaram - ele estremece.

- Por que agora? Pensei que eles estavam felizes.

- Eles queriam fazer uma aliança. Leia o pergaminho.
Você se levanta, abre o documento e o analisa.
Depois, volta a se ajoelhar ao lado dele.
- Os delfianos devem ter acreditado que esta era sua última chance antes que o novo feitor chegasse.

Origen geme.

- Em breve, você estará no comando.
Você balança a cabeça.
- Acabei de vê-lo se recuperar. Você não pode morrer.
- Prometa-me algo - ele tosse, seu corpo fica tenso e ele faz uma careta. - Não faça alianças. Levei muito tempo para descobrir que o verdadeiro poder do Psychen Euporos só pode vir de dentro.

Você enxuga as lágrimas que escorrem pelo seu rosto.

- Não posso fazer isso sozinha.
- Não vai precisar. O novo feitor chega hoje.

Origen fecha os olhos e outro gemido escapa de seus lábios. Após um momento, ele diz:

- Você é a prova de que os feitores ficarão à altura das circunstâncias. Acredite que eles farão o que é melhor para nós. Se acreditar neles, a organização prosperará e o mundo se tornará melhor - ele agarra sua mão. - Prometa-me que fará isso.

Você assente, acariciando a testa dele.

- Eu prometo, meu querido Origen.
Ele leva o toco do seu mindinho até os lábios.
- Para dar sorte. E por amor.

Você continua a segurá-lo em seus braços mesmo quando o corpo de Origen treme, seus músculos ficam rígidos e, por fim, ele fica completamente em silêncio e imóvel.

Você o coloca no chão e se deita ao seu lado até que seus próprios tremores diminuam.

Então, se põe de pé e...

Sessenta e quatro

Eu grito por ajuda. Ying aperta seus braços e suas pernas ao meu redor e eu me lembro de que sou Zelly. Não Lillia. Origen pode estar morto e Tabitha também, porém, Ying não está.

Eu tinha entendido tudo errado. De novo. Lillia amava Origen. Ela não reescreveu a história e as feridas em seu braço não foram causadas porque tivera que seduzi-lo, mas, sim, por conta do estresse de ter que esconder seu caso de amor de Tabitha.

- Ai meu Deus - giro para poder fitar Ying. - No final, Lillia não matou Origen.

- Não - ela fala. - Eles continuaram apaixonados.

- Eu não sabia.

Ela coloca uma mão na minha bochecha.

- Por que me deixaria vingar para lá se achava que Lillia o tinha matado?

Eu não faria algo assim na semana passada, contudo, acho que estou aprendendo com o tempo.

- Saber de toda a história permitiria que lidássemos com ela, o que é melhor do que assumir o pior sobre cada uma de nós.

Ficamos aninhadas, perdidas em pensamentos.

No final de sua vida, Origen repudiou a ideia de fazer alianças. Será que Ying fez essa conexão, pensando melhor sobre sua relação com a BiggerGuns?

Imagino o que aconteceu com Lillia após a morte de Origen. Será que ela conseguiu se recuperar? O novo feitor lhe ajudou de alguma forma? O Psychen Euporos prosperou?

Essas perguntas podem ser respondidas mais tarde.

Ying me solta e veste seu pijama.

- Durante minha infância na China - ela fala -, meus pais e meus professores me ensinaram que a maneira de se

obter sucesso na vida é encontrar um bom exemplo e replicá-lo. Fiz isso com Origen antes de sequer saber se ele tinha conseguido atingir seu objetivo.

Vendo que Ying ainda está organizando seus pensamentos, permaneço calada. Eu me visto e, quando termino, ligo a luz.

- O que acha que devemos fazer? - pergunto.

Ela diz:

- O conselho que Origen deu à Lillia foi baseado na sabedoria que ele adquiriu com suas experiências de vida.

- Que o verdadeiro poder vem de dentro e não das alianças?

Ying assente.

- Isso. E que os fatores ficam à altura das circunstâncias. Precisamos nos lembrar dessa lição, pois foi arduamente conquistada.

Apesar de minha felicidade, não digo nada, já que sei que eu poderia acabar arruinando o momento.

- Vou começar rescindindo minhas ordens.

Ela sai do quarto e vai para o escritório. Quando chega em sua mesa, levanta o tampo.

- Você usou meu computador? - Ying pergunta.

Assinto.

- Vi suas mensagens com Giovanni. Foi assim que eu soube que você estava no quarto.

Ela dá um pequeno sorriso.

- Ele é uma pessoa interessante.

- Giovanni é um mentiroso e um perverso.

Conto o que aconteceu em Idaho. Quando chego na sua tentativa de assédio, Ying arregala os olhos.

- É o fim dele - ela diz. - Direi a Adam.

- Ele trabalha para a BiggerGuns? - pergunto como se eu não soubesse.

- Adam Monarch, seu fundador - Ying fala. - Ele é um ex-agente das forças especiais e tão forte quanto uma pessoa

pode ser – ela digita por um minuto. – Estou solicitando uma chamada de vídeo com ele agora mesmo.

Afasto-me para o lado, assim, a webcam não me verá.

O computador dá um bipe, uma janela aparece e um homem na casa dos quarenta anos com cabelos grisalhos curtos, uma mandíbula forte e muitos músculos sob sua camisa polo surge no monitor.

– Oi, Ying – ele diz. – Algo aconteceu?

– Oi, Adam. É sobre Giovanni. Ele me deixa desconfortável. Não quero falar com ele novamente, bem como não o quero na organização. Giovanni não é mais bem-vindo.

Adam se inclina para frente, colocando os cotovelos em sua mesa.

– Pode me dar mais detalhes?

Ying balança a cabeça.

– Trata-se de uma questão pessoal. Prefiro não falar a respeito. Apenas se livre dele.

– É claro. Estou ocupado. Preciso voltar minha atenção ao trabalho que tenho em mãos. Há algo mais?

– Sim. Quero que pare todas as ações de investimento até que possamos fazer uma revisão estratégica completa pela manhã.

Adam a encara.

– Quer pará-las? Agora?

– Sim, até chegarmos a um novo acordo estratégico.

– Isso não será possível.

Ela o fita.

– É claro que é possível.

Ele permanece parado, sem sequer piscar.

– Desculpe por minha resposta não ter sido clara – Adam olha para o seu relógio. – Há cerca de dez minutos, deixei de precisar da sua aprovação. Minha equipe conseguiu encontrar Valentina Nikolskaya e, após um pouco de persuasão, ela concordou em trabalhar conosco.

Como eles conseguiram capturar Val?

Ele aponta para a câmera e seu dedo ocupa toda a tela.

- Ouyang Ying, a BiggerGuns a vê como alguém dispensável. Obrigada pelos seus serviços. Adeus.

Assim que a chamada termina, a janela desaparece.

Ying franze a testa.

- Por que ele...

- Precisamos sair daqui. Agora - o pânico surge dentro de mim e pego o braço dela. - Enquanto você estiver viva, as decisões de Val serão limitadas.

Tenho certeza de que ela consegue entender sem que eu tenha que dar mais explicações.

Ying corre até o quarto.

Eu ligo para Scott.

- Desculpe pelo atraso - digo. - Ying e eu estamos prontas.

- Por Deus, Zelly. Nós esperamos o máximo que pudemos, contudo, acabei tendo que tirar meus pais do prédio. Estamos quase chegando no estacionamento.

- Nós meio que cutucamos um vespeiro - falo. - Precisamos de uma saída.

- Assim que meus pais estiverem a salvo, pensarei em uma solução.

Eu adoraria ter a ajuda dele, mas isso significa que teria que reter a informação que possuo sobre Val. Não posso fazer isso com Scott.

- Não, Scott - digo. - Você precisa resgatar Val. A BiggerGuns a capturou.

Nada além de silêncio.

Então, ele pergunta:

- Como sabe disso?

Repito o que Adam falou para Ying.

Por alguns segundos, só escuto sua respiração.

- Zelly, eu preciso encontrá-la - Scott diz. - Você terá que resolver isso sozinha.

- Não se preocupe conosco - eu falo.

Quando ele desliga, afasto a ansiedade que está me consumindo.

Entro no quarto. Ying tirou os bobs, vestiu uma calça jeans, uma blusa branca e, agora, está amarrando seus sapatos.

- Estamos sem tempo - digo.

Alguém bate na porta do escritório.

- Não atenda - eu falo.

Ela se aproxima da porta e para ao lado.

- Quem é?

- Segurança - uma voz masculina responde. - Podemos entrar? É uma emergência.

- Claro, só preciso me vestir. Um minuto.

Ying me encara com os olhos arregalados.

Aponto para a janela do quarto e, juntas, nós a abrimos. Empurro a grade, fazendo-a despencar a uma altura de dois andares.

Enfio minha cabeça para fora. Não vejo guardas.

- Precisamos pular - falo. - Primeiro, pendure-se com suas mãos. Depois, dobre os joelhos.

Ajudo-a a subir no peitoril e agarro seus braços enquanto ela se equilibra. Em seguida, ajudo-a a se segurar na moldura da janela. Ying balança por um momento, depois, cai no chão.

Corro de volta para o quarto e tranco a porta. Subo no peitoril, penduro-me na moldura, inclino minhas pernas e solto minhas mãos. Colido no chão com um baque duro, perco o equilíbrio e caio de bunda.

Ying me ajuda a levantar, então, corremos para a frente do prédio. Viramos à direita, antes de chegar à entrada principal, e corremos para o estacionamento.

Scott e seus pais estão em uma área sombreada no final do pavimento. Aos seus pés, encontra-se o corpo algemado e amordaçado de um guarda uniformizado. Uma van branca pode ser vista a nove metros de distância, estacionada sob um poste de luz.

Ao nos aproximarmos, Scott diz:

- Simon e Archie estão na van.

- Descobriu para onde eles levaram Val? - pergunto.

Seu rosto fica pálido e sua voz treme.

- Ainda não. Sue disse que ela deixou Simon e Archie e partiu em um SUV branco - ele aponta para o guarda aos seus pés. - Eu estava esperando que esse cara soubesse de alguma coisa. Estamos monitorando seu rádio, mas, até agora, nada.

- Podemos perguntar a Boubacar, o motorista de Uber - falo.

Uso o celular de Scott para solicitar um veículo extra grande. E, como esperado, Boubacar e seu Escalade branco surgem na tela. Ele está a dois minutos de distância.

Digo a Scott que vou verificar Simon. Então, eu e Ying seguimos até a van. Simon sai do veículo e dá um abraço longo em nós.

- Como está se sentindo? - pergunto.

- Melhor, contudo, você precisa ver o Sr. Morgan - ele pega a minha mão, levando-me para o outro lado do passageiro.

O Sr. Morgan sorri ao nos ver.

- Srta. Oliveira e Srta. Ouyang. Como é bom vê-las crescidas.

- Sr. Morgan, você está falando - eu digo.

- Sim. E também estou pensando - seus olhos brilham. - O Sr. Green estava me atualizando sobre a situação. Vocês duas causaram um alvoroço e tanto.

O SUV branco de Boubacar entra no estacionamento.

- Foi um bom alvoroço - falo. - Porém, temos que encontrar Val. Podemos conversar mais tarde.

Assim que me aproximo de Scott, digo:

- A experiência vike deve ter feito as engrenagens do cérebro dele voltarem a funcionar.

Ele dá um sorriso tenso.

- Ouviu algo no rádio? - pergunto.

Scott balança a cabeça e aponta para o carro que se aproxima.

- Espero que ele saiba o que aconteceu.

Boubacar conta que após ele e Val terem deixado o estacionamento, foram parados pelo que acreditavam ser um policial local. Contudo, dois guardas com uniformes cinzas se aproximaram das janelas, apontaram suas armas, algemaram Val e a levaram embora.

- Eu os segui de volta para a Soul Identity - ele fala. - Eles a levaram pela entrada principal.

- A BiggerGuns a torturará. Eu vou voltar - Scott diz.

Minha mente corre a mil enquanto o observo seguir para as portas da frente.

Vou até onde George está e peço que ele me empreste meus óculos modificados. Aproximo-me do guarda inconsciente, pressiono o botão de resetar, abro os olhos dele e os escaneio. Vasculho seus bolsos, pegando seu crachá de identificação e seu Taser.

Então, corro atrás de Scott.

Sessenta e cinco

Alcanço Scott a três metros das portas da frente.

Puxo sua camisa e ele gira.

- Vai simplesmente entrar lá? - pergunto. - Isso é estúpido. Você precisa de um plano.

- Zelly.

Coloco os óculos e levanto o crachá de identificação.

- Por favor, diga que não substituiu os pontos de leitura vulneráveis.

- Conseguiu hackeá-los?

- Sim, mas está codificado com os meus olhos. Vou com você.

Ele assente.

Ying vem correndo, ofegante.

- Estive aqui a semana inteira - ela fala. - Conheço as rotinas deles.

- Você deveria ficar aqui - eu digo. - Não podemos deixar que a capturem.

Ela coloca as mãos no quadril.

- Não tente me impedir.

Levanto as mãos.

- Não quero brigar. Então, para onde eles a levariam?

- Para o escritório de Val - Ying fala. - Ou para o meu. A BiggerGuns precisa de um leitor de acesso autorizado para que Val possa permitir a transferência do dinheiro. Apenas ela e eu temos leitores desse tipo, os outros estão no depósito.

- Temos que ir para o terceiro andar - Scott diz. - Haverá guardas por todo o lugar. Alguma ideia de como chegar lá?

- Pela janela de Ying - digo. - Ela nos levará para o outro lado do corredor.

Nós três circundamos o prédio e nos reunimos no ponto em que a grade de Ying caiu. O peitoril se encontra a cerca de quatro metros acima de nossas cabeças.

A janela ainda está aberta, da mesma forma em que a deixamos.

Scott se aproxima da parede e se agacha, estendendo os braços por trás dos ombros.

- Suba nos meus ombros - ele diz para Ying.

Ela pega suas mãos, pisa na parte de trás de suas pernas, coloca um pé acima da sua cintura e passa um joelho por um de seus ombros. Em seguida, fica em pé e Scott se ergue. Ying agarra o peitoril da janela do segundo andar com as duas mãos.

Scott usa a mão esquerda para segurar a panturrilha dela. Então, estende a direita por cima do ombro.

- Zelly, suba.

Tento me mover assim como Ying fez, mas perco o equilíbrio e caio. Ying também cai. Nós tentamos de novo.

E de novo.

Após mais duas tentativas, consigo me equilibrar nos ombros de Scott, logo atrás de Ying, com meus braços ao redor do peito dela.

- Eu não consigo - falo.

- Sim, consegue - Ying diz. - Não precisa se preocupar comigo. Estou segurando bem. Apenas suba.

Faço como ela diz e, dessa vez, consigo passar uma perna por cima do seu ombro e me erguer até conseguir me sentar.

- Rápido - Scott grunhe. - Não vou aguentar por muito tempo.

Puxo os braços de Ying e me agacho. Consigo roçar as pontas dos meus dedos na grade da janela do terceiro andar.

- Sou baixa demais.

- Quão perto está? - ela pergunta.

- A uns cinco centímetros de distância. Estou nas pontas dos pés.

Ela tira uma mão do peitoril da janela e a ergue.

- Pise na minha palma e pule. Eu vou acabar caindo, então, é melhor fazer valer a pena.

Piso na sua mão, pulo e agarro o peitoril com minha palma direita. Levanto a esquerda e me seguro. Puxo meu corpo, contudo, não consigo me mover. Solto um grunhido poderoso e, como que por um milagre, dessa vez, consigo me erguer o bastante para passar um cotovelo e uma perna pelo peitoril.

Rolo para dentro do quarto de Ying e caio no chão, o que faz com que meus óculos saiam voando. Eu os coloco de volta.

A porta que leva ao escritório está aberta. Ao ver que ninguém está lá, fecho-a. Tiro os lençóis da cama e os joga pela janela. Ying volta a subir nos ombros de Scott. Quando ela pega o lençol, puxo-a para dentro do quarto.

Amarro dois lençóis, porém, quando Scott pega a ponta e tenta apoiar seus pés na parede, o peso súbito faz a corda improvisada deslizar de minhas mãos. Ele joga os lençóis para cima e tentamos novamente. Dessa vez, com Ying me ajudando.

Juntas, puxamos enquanto Scott sobe pela parede. Assim que todos estão no quarto, colocamos as mãos sobre nossos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

- De quem foi essa ideia maluca? - Scott diz.

- Maluca? - pergunto. - Chegamos no terceiro andar e ninguém foi pego.

Ele se endireita.

- Bom ponto. Vamos.

Scott vai para o escritório de Ying. A porta que leva para o corredor está aberta. Rapidamente, ele enfia a cabeça do outro lado.

Pego o crachá que tirei do guarda.

- Isso permitirá que entremos no escritório.

Scott ergue uma mão, mas eu toco em meus óculos.

- Eles só funcionam em mim.

A porta do quarto de Val fica no lado oposto. Um leitor se encontra na parede. Observo o corredor, tiro o Taser do meu bolso e gesticulo para que Scott e Ying me sigam.

Passo o crachá no ponto de acesso, pressiono o botão de resetar dos meus óculos modificados duas vezes e olho para as lentes, fechando meu olho direito.

É melhor que minha tecnologia funcione.

A porta dá um clique. Scott a empurra e corre para dentro. Ying e eu o seguimos.

Val está em sua mesa, com Adam Monarch ao seu lado. Assim que Scott está prestes a alcançá-los, um guarda – que provavelmente estava próximo à porta – usa um bastão para golpear a parte de trás de sua cabeça.

Scott cai no chão e Val grita. Aponto o Taser para o guarda. Puxo o gatilho e dardos voam, prendendo-se em seu uniforme cinza. Infelizmente, ele gira, não parecendo afetado. O cara deve estar usando um colete à prova de balas.

Ele olha para o Taser, aproxima-se e ergue seu bastão.

Ying voa em sua direção. Ela agarra o braço estendido dele e o joga por cima do seu ombro. O guarda cai com um baque, seu bastão deslizando no chão. Eu pego o objeto – é pesado – e golpeio sua testa com toda a minha força.

– Solte o bastão! – Adam passa seu braço direito em volta do pescoço de Val. Há uma faca de combate em sua mão esquerda.

Eu o encaro.

– Abaixе a faca.

Ele balança a cabeça.

– Cortarei a garganta dela se não soltar esse bastão agora mesmo. Solte-o!

– Se algo acontecer com Val, seu fluxo de dinheiro irá parar. Abaixе a faca e saia daqui.

Enquanto ele bufa para mim, Ying se aproxima da mesa, movendo-se por trás de Adam. Caminho até ele, mas sem chegar muito perto de seu alcance.

Val grita e pisa com força no pé de Adam. Ying pula e agarra seus pulsos, então, giro o bastão para bater em sua cabeça.

Ele deve ter me visto, porque gira o corpo e o golpe acaba colidindo com a bochecha de Val, fazendo um barulho doentio. Adam vem na minha direção assim que ela cai no chão. Ele passa os braços ao redor da cintura de Ying e coloca a faca na parte inferior das costas dela.

Ela deveria ter ficado ao meu lado.

- Esqueça-se do que eu lhe disse antes, Ying - Adam diz.
- Você não é dispensável. Quer dizer, ainda não. Acabei de receber a autorização de Valentina. A sua a tornará unânime.

Isso significa que a BiggerGuns não terá mais limitações.

- Acesse os pedidos de financiamento - ele fala. - Agora.

Ying digita por um momento.

- Aqui estão.

Adam se inclina sobre seu ombro e lê.

- Clique no primeiro. Esse é o pedido certo. Abra-o.

Ying dá um clique e chama a minha atenção.

- Sessenta e nove anos certamente é a idade de um velho
- ela diz.

O que isso significa?

Então, lembro-me de que Origen falou a mesma frase para Lillia antes de Tabitha matá-lo.

Ying está sinalizando para que eu entre no jogo. Contudo, por quê? Ambas sabemos como a história deles terminou e não foi como um final de contos de fada.

Balanço minha cabeça. Não tenho mais interesse em repetir o passado. Ying deve autorizar o pedido. Assim, todos nós sobreviveremos.

Dirijo-me para Adam:

- Você nos deixará em paz se ela conceder a autorização?

Ele pressiona a faca. Ying grita e uma mancha vermelha aparece em sua blusa.

- Vou cortar o rim dela ao meio se a autorização não for concedida.

Repetir a história é o único contexto compartilhado que possuímos no momento. Nossa única opção.

Olho para Ying e digo:

- Sessenta e nove anos é jovem o bastante para mim.

Uma lágrima escorre pela sua bochecha. Ela move o mouse e Adam se inclina novamente para frente.

- Sim, é esse - ele fala. - Autorize-o.

Ying fecha os olhos, permanecendo parada. Quando os abre, diz com uma voz clara:

- Nunca.

Adam torce a faca e ela solta um gemido. A mancha vermelha fica maior.

- Autorize o pedido. Agora - ele diz. - Ou eu matarei você e sua amiga.

- Tudo bem - Ying fala.

Ela toca no teclado e puxa o leitor com sua mão esquerda. Em seguida, se abaixa e se aproxima das lentes.

Adam a observa com um sorriso no rosto.

Então, Ying gira para a esquerda, quebrando o leitor sobre um dos lados da cabeça dele.

Adam tropeça e eu não deixo sequer um segundo passar, porque não permitirei, de forma nenhuma, que a história se repita. Eu não perderei Ying.

Que o passado se dane.

Giro o bastão o mais forte que posso e bato no nariz dele. Sangue jorra, o que faz Adam soltar Ying e sua faca. Ele coloca as mãos no rosto.

Eu giro o bastão novamente e, desta vez, atinjo sua têmpora. Adam cai no chão de lado, contudo, continuo a bater nele. Uma vez atrás da outra.

Ele vira de costas, levantando uma mão para bloquear meus golpes, mas golpeio-o bem no meio da virilha e, quando seus braços caem, atinjo seu nariz, seus olhos e seu

queixo até não conseguir mais distinguir cada parte de seu rosto.

Ying geme e seu corpo cai no chão.

Abaixo o bastão e agarro os ombros dela, colocando-a cuidadosamente de lado.

- Funcionou? - ela pergunta.

Chuto o corpo inerte de Adam. É como bater em um saco de pancadas.

- Funcionou - digo.

Ela cerra os dentes.

- Pode dar uma olhada nas minhas costas?

Não, não, não. Nós acabamos de dar o primeiro passo para resolver nossas diferenças.

Não sobreviverei se eu a perder.

Fecho meus olhos por um segundo, em seguida, verifico a parte inferior das costas dela. A mancha vermelha está um pouco maior, mas não há nenhuma faca lá. Vasculho o chão e encontro a lâmina próxima aos pés de Ying.

Inclino-me para frente e a pego.

- Você vai ficar bem, garota.

- Não estou morrendo?

Quando mostro a faca, ela solta uma risada vertiginosa.

- Somos melhores do que nossos antepassados.

- Origen e Lillia? Nós chutaríamos as bundas deles.

Sessenta e seis

Seis meses depois, estou de volta à Sterling.

Após uma rápida investigação policial, passei o resto do meu tempo no Rio, conhecendo minha prima Bianca, fazendo longas caminhadas na praia, superando meu recém-descoberto medo de barcos e fazendo as pazes com a ideia de Ying já ser uma feitora enquanto eu ainda tenho que esperar pela minha vez.

Durante esse tempo, não abri meu e-mail, não atendi meu celular, não li minhas mensagens e não assisti ao noticiário. Celebrei meu décimo oitavo aniversário sozinha.

Enquanto eu andava pelas praias da minha cidade natal, não remói os eventos do passado. Contudo, também não os reprimi. À medida que as memórias e as emoções faziam um caminho forçado até a minha mente, eu as analisava como se elas tivessem acontecido com outra pessoa. Fiz meu melhor, tentando nutrir a autocompaixão para que não acabasse me martirizando e dando tempo para que minhas feridas se curassem.

Não viquei. Eu sequer quis. Deixei o passado onde ele pertence.

Em vez disso, empanturrei-me com pão de queijo, churrasco e brigadeiros.

Os meses em que passei no Brasil foram maravilhosos e restauradores. Todavia, agora, estou pronta para ver o que eu perdi e para descobrir a melhor maneira de contribuir com o sucesso da Soul Identity.

Entro na sala de conferências e Ying, Simon, Scott e Val me cumprimentam com sorrisos e abraços calorosos.

Quando Simon finalmente me solta de seu abraço de urso, sorri timidamente.

- Senti sua falta mais do que consigo expressar.

Estendo uma mão - tendo que me esticar um pouco mais do que antes para alcançar o topo de sua cabeça -, bagunço seu cabelo e ajeito sua gravata borboleta.

Ele se inclina para sussurrar em meu ouvido e sinto o cheiro de seu perfume.

- Voltei a conseguir imaginar meus pais!

- Eles o visitam todas as noites? - sussurro.

Simon assente com os olhos brilhando. Dou um grande sorriso e aperto seu ombro.

Observo Ying fechar o livro que estava lendo, *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* de Dale Carnegie.

Passo um tempo apenas apreciando a visão de cada um deles.

- Parece que uma eternidade se passou desde que os vi - digo. - Estou pronta para trabalhar.

Assim que nos sentamos, Val pigarreja.

- Que rumores você ouviu?

- Não ouvi absolutamente nada.

- Então, vou começar com a notícia ruim - ela pega minha mão. - Zelly, o funeral do Sr. Morgan aconteceu na última terça-feira.

Abro a boca para dizer algo. Qualquer coisa.

Porém, nenhuma palavra deixa os meus lábios.

- Archie falou sobre você todos os dias - Scott diz. - Você se tornou sua heroína. Ele ficou extremamente grato pelo "tempo extra", como passou a chamar esses últimos meses, que lhe propiciou.

Sinto uma pontada de dor no peito. Val me entrega um lenço e eu limpo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

Ying desliza um envelope selado pela mesa.

- Ele lhe deixou uma carta.

Estudo o envelope. *Giselle Oliveira* está escrito em um dos lados com uma caligrafia trêmula.

Todavia, não o abro.

Quando o bolo em minha garganta desaparece, digo:

- É melhor que haja boas notícias ou vou voltar imediatamente para o Rio.

- Temos ótimas notícias - Simon fala. - No mês passado, você e eu nos tornamos feitores oficialmente!

- Val insistiu que fizéssemos isso - Ying diz. - O Sr. Morgan nos mostrou como usar o consentimento unânime para mudar o requisito de idade. A nova regra afirma que os feitores devem ter, no mínimo, catorze anos.

Fito Val com as sobrancelhas levantadas.

- Você estava certa - ela balança a cabeça. - Eu estava acorrentada pelos meus medos. Sinto muito, Zelly.

- Isso significa que, agora, nós quatro administramos a Soul Identity?

- Apenas vocês três - Val fala. - Após o falecimento do Sr. Morgan, perdi minha posição como sua administradora.

Uau. Ver nós três gerindo a organização era meu sonho. Porém, não posso deixar de admitir que o trabalho já não parece mais o mesmo após os seis meses que passei no Rio.

Pigarreio.

- Não sei bem como dizer isso, mas não quero mais ser uma feitora.

Isso chama a atenção deles.

- Quem é você e o que fez com a Zelly que conhecíamos?
- Simon pergunta.

Levanto as mãos.

- Ainda sou eu mesma, Sy, só que, agora, com um pouco mais de autoconsciência, muito mais confiança nos outros e sem me sentir presa pelo meu passado.

- Por que não quer servir? - Ying pergunta.

- Algum dia, eu servirei. Porém, só quando me sentir preparada.

Ela assente.

Dirijo-me para Val:

- Até lá, será que poderia servir no meu lugar, na posição de minha administradora?

Ela me encara com a boca aberta.

- Sei que me aperfeiçoei durante os últimos seis anos - Val fala -, mas tem certeza de que quer ter uma

administradora com pouca tolerância à tomada de riscos como eu?

- É exatamente disso que precisamos - eu digo.

Ela inclina a cabeça.

- Você continua a me impressionar, Zelly. Eu ficaria honrada em ser sua administradora. Obrigada.

Ying e Simon sorriem. Então, Scott e Val trocam olhares.

- Zelly, você deveria ler a carta de Archie - Scott fala.

- Você sabe o que ele escreveu?

- Todos nós sabemos - Simon diz.

- Deem-me um minuto - olho para Ying, que está fabulosa em seu terno sob medida e sua blusa de seda. - Você é uma feitora melhor do que seu ancestral?

Ela sorri.

- Eu chutaria a bunda dele.

- Garota, você vai continuar chutando muitas bundas - em seguida, fito Scott. - As fábricas fizeram alguma proposta?

- Sim. Tomei a liberdade de escolher a melhor - ele tira uma pequena caixa de sua bolsa-mensageiro e a entrega para mim. - Este foi o protótipo final. O primeiro lote chegará na próxima semana - Scott sorri. - E só para que saiba, consertei a falha de segurança dos meus pontos de acesso.

Abro a caixa, deparando-me com um par de óculos elegantes com aros salientes. Mal consigo notar as lentes das câmeras.

Sorrio.

- Eles são lindos.

Scott aponta para o envelope.

- Pare de enrolar e leia a carta.

Tiro uma única página escrita com uma caligrafia estreita e a leio em voz alta.

Prezada Sra. Oliveira,

Simon disse que eu deveria chamá-la de Zelly ou, ao menos, de Giselle. Ele afirma que, por meio de suas histórias, passei a conhecê-la bem o bastante para que tenha a liberdade de me dirigir a você informalmente. Infelizmente, sou demasiadamente antiquado para fazer isso sem ter a sua permissão.

O tempo extra que você me deu tem sido um grande e precioso presente. Fui capaz de conversar com seus colegas feitores, refletir sobre as histórias que ouvi e perceber que vocês três – jovens de uma geração tão especial – serão mais sábios e capazes do que qualquer um dos feitores anteriores.

Após você ter destronado o líder da BiggerGuns e eu ter descoberto que ele não se preocupou em realizar um planejamento sucessório, pude comprar a empresa por um valor muito abaixo do mercado. Vejo isso como uma retribuição pelo que eles tentaram fazer com a Soul Identity, algo que o motorista de Val, Boubacar, chama de Jeito Jola.

Depois de ter adquirido a BiggerGuns, cancelei todos os seus contratos militares, converti a empresa em uma organização sem fins lucrativos e a financiei com a maior parte da minha riqueza. Val e Ying também permitiram que eu adquirisse – a um bom preço – as equipes de pesquisa avançada da Soul Identity, bem como o projeto dos portais vike. Eu os transferi para minha nova organização sem fins lucrativos.

Meu último passo foi mudar seu terrível nome. Lembra-se da história que eu contei para você, Simon e Ying há cinco anos, antes da minha cirurgia? Agora, a BiggerGuns é conhecida como Magic Garden Systems.

E ela tem uma grande missão: melhorar o mundo. Ao contrário da Soul Identity, a Magic Garden Systems não carrega o fardo do passado. Você, Srta. Oliveira, é a primeira diretora-geral da organização, posição na qual permanecerá pelo tempo que desejar. Scott e Val ocupam

*as cadeiras do conselho, assim como seus colegas
feitores e minhas duas bisnetas, Rose e Marie. Você
possui um grande fundo operacional e uma equipe de mil
funcionários que está preparada para agir sob o seu
comando.*

*Por favor, dirija a empresa da maneira que achar
melhor. Lamento não ter tido a oportunidade de passar
mais tempo ao seu lado. Porém, após tudo o que ouvi ao
seu respeito, sei que será incrível.*

*Esta é minha retribuição para você. Suponho que eu
também seja um adepto do Jeito Jola.*

Por favor, sonhe o mais alto que puder.

Com toda a minha gratidão,

Archibald Morgan

Assim que meu olhar se ergue da página, vejo quatro pares de olhos me fitando.

- Que tipo de histórias você contou ao Sr. Morgan? - pergunto a Simon.

- Aquelas sobre as nossas aventuras na estrada e no ar. Ele gostou muito de saber como conseguiu superar Giovanni.

- Eu contei ao Sr. Morgan sobre você ter se recusado a me deixar para trás - Ying diz. - E sobre ter insistido que descobríssemos a verdade sobre Origen e Lillia.

- Mostrei-lhe seus óculos - Scott fala. - E ele literalmente levou um par para a cova.

- O Sr. Morgan acreditava em você, Zelly - Val diz. - Todos nós acreditamos.

A carta que ele me deixou ameaça a acabar com a paz que eu encontrei no Rio. Nesta manhã, tudo o que eu queria era apoiar Val e Ying. Até mesmo recusei a posição de feitora.

Contudo, agora, devo gerir uma grande organização sem fins lucrativos?

Esse é um trabalho que vai além de minhas habilidades. Não tenho uma visão muito ampla e sequer sei como fazer as interpretações mais respeitadas. Acabarei tropeçando de volta em meu passado e, em vez de aplicar o Jeito Jola, aumentarei a proporção dos problemas sempre que tiver que lidar com conflitos.

Ou seja, a Magic Garden Systems falhará se for deixada nas minhas mãos.

Ainda assim, tenho várias pessoas do meu lado. Cada um de nós possui histórias e linhagens de alma diferentes, porém, se não deixarmos que o passado dite nosso futuro, esses sempre serão os recursos mais preciosos que possuímos. Podemos utilizar a sabedoria que eles oferecem e forjar um amanhã muito melhor.

Não posso dirigir essa empresa, contudo, juntos, todos nós podemos.

Portanto, escolho sonhar o mais alto que posso.

Agradecimentos

Certa vez, tive uma ideia brilhante: eu passaria a escrever livros para o público jovem adulto, apresentando o mundo da *Soul Identity* para um novo grupo de leitores. Agora, após sete anos, vinte e oito rascunhos e uma pandemia louca... a primeira história de Zelly, *Lapso*, encontra-se nas suas mãos.

Obrigado por ler esta obra. Quer tenha conhecido Val e Scott por meio dos livros da série *Soul Identity* ou esta tenha sido sua primeira leitura, espero que tenha gostado de Zelly, Ying e Simon tanto quanto eu gostei de apresentá-los a você.

Obrigado, Bianca Candida. O brilho e o calor que você demonstrou ter por seus amigos e seus familiares, juntamente com seu intelecto afiado, foram a inspiração perfeita para Zelly. Espero que tenha gostado da personagem.

Durante os dias mais sombrios da quarentena, minha esposa, Irina, meu filho, Christopher, e meu genro, Matt, leram cada um dos capítulos à medida que eu os escrevia. Sua paixão pela história, suas perguntas perspicazes e até mesmo suas dúvidas me empoderaram a continuar. Se não fosse por sua insistência, Christopher, Simon nunca teria pilotado aquele jato.

O aprofundamento cultural trazido por Zelly e Ying advém de inúmeras leituras e discussões com Glaucia Young e com Hong Jia. Vocês as tornaram autênticas e fiéis às suas origens. Sou muito grato por isso.

Ao longo do romance, Zelly lida com a ansiedade, a inveja e a síndrome do impostor. Minhas filhas gêmeas, Holly e Alison, são psicólogas clínicas. Elas me garantiram que as ações, as reações e as formas encontradas por Zelly para lidar com seus traumas eram realistas e úteis. Obrigado por me darem suas opiniões durante nossas conversas animadas à mesa de jantar na quarentena,

momento em que todos os seus irmãos participaram e nós aprendemos grandes lições de vida.

Um agradecimento especial aos seguintes leitores, que me ajudaram a ampliar minha visão com suas respectivas perspectivas: minha mãe, Arlene, meu irmão, Jeff, minha irmã, Kristin, Arunabh Trivedi, Hermineh Sanossian e Gokcen Iskander.

Dois editores tornaram esta história mais sucinta. Obrigado, Kate Angelella, por moldá-la, e Hannah VanVels Ausbury, por poli-la.

Nós, autores, podemos não gostar de admitir, mas os livros são julgados por suas capas e por sua formatação. Obrigado, Anthony Morais e Andrew Tennant, por fazerem *Lapso* brilhar.

Por fim, agradeço à Rachel Cone-Gorham, por ter me ajudado a comercializar esta obra. Sem seu planejamento e suas sugestões, o presente leitor nunca teria conhecido Zelly.

Sobre o Autor

Dennis Batchelder é um especialista mundial no combate a cibercriminosos e cofundador de uma empresa em crescimento que trabalha com segurança na internet. Ele começou a escrever romances em 2006, após uma resolução de Ano Novo, jurando que não voltaria de sua nomeação de dois anos na Índia sem ter seu primeiro rascunho em mãos. *Lapso*, seu quarto romance após a série best-seller *Soul Identity*, é sua estreia no âmbito jovem adulto.

Dennis mora em West Seattle com sua esposa, sua sogra e seus três filhos mais novos. Ele escreve suas narrativas tanto em cena quanto em sua mesa com vista para o Puget Sound.